Ecoturismo & Conservação

Um periódico do Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação - PPGEC,
da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Encontros geopoéticos

Número especial
Dossiê temático



Pelos caminhos da Geopoética, Praia do Recanto, Itaipuaçu, Maricá (RJ)
Foto: Acervo Prof. Dr. Luiz Afonso V. Figueiredo

v. 5, n. 1, 2025.

ISSN 2675-8946

EXPEDIENTE

CORPO EDITORIAL

Editor-chefe

Dr. Rodrigo Machado Vilani (Univ. Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

Editores e Editoras Adjunto(a)s

Dr. André Scarambone Zaú (UNIRIO)

Dra. Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano (UNIRIO)

Dra. Maria Amália Silva Alves de Oliveira (UNIRIO)

Editoras convidadas para o Dossiê

Prof. Dra. Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano (Univ. Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO)

Comitê Avaliador do Dossiê

Prof. Dr. Fernando Amaro Pessoa (CEFET-RJ)

Prof. Dr. Georgios Dimitriadis (CGeo-ITM/UTAD)

Prof. Me. Lidiane Santos Barbosa (Jardim Botânico e UNIRIO)

Prof. Dra. Lirandina Gomes (UNEB)

Prof. Dr. Luiz Afonso V. Figueiredo (pós-doc PPGEC UNIRIO)

Me. Marise Campos de Souza

DIAGRAMAÇÃO E EDITORAÇÃO

Talita Beatriz Vallim

CAPA

Talita Beatriz Vallim

IMAGEM DA CAPA

Acervo Prof. Dr. Luiz Afonso V. Figueiredo

PERIODICIDADE

Anual

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECOTURISMO E CONSERVAÇÃO

ppgec@unirio.br

Endereço: Av. Pasteur, 458 / Prédio do IBio / sala 506-A

Fone: 2542-4278

CONDIÇÕES PARA SUBMISSÃO

Como parte do processo de submissão, os autores devem verificar a conformidade da submissão

em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

Ao enviar o artigo para submissão, o autor automaticamente cede os direitos de publicação à esta revista. O conteúdo dos artigos é de responsabilidade dos autores.

POLÍTICA DE PRIVACIDADE

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

SUMÁRIO

EDITORIAL

Encontros geopoéticos **5**

SESSÃO TÉCNICA

A geopoética: uma presença completa no mundo **9**

Itinerâncias geopoéticas brasileiras **23**

SESSÃO ARTÍTISCA

Rio Araguaia! Viagem de Água e Sonhos! **27**

Reflexões geopoéticas em encontros transatlânticos: sobre o marinho, o telúrico e as virtualidades afetivas **34**

Encontro Geopoéticos e virtualidades presenciais **41**

Geopoética e Literatura na escuta dos rios paraenses: pelos caminhos da Cobra grande **47**

Rererências **59**

SESSÃO CIENTÍFICA

Geopoética das águas como leito de encontro e encantamento: conservação das naturezas-rios n'um Rio de Janeiro **61**

(Carto)grafias geopoéticas: possibilidades para a integração de saberes locais e práticas sustentáveis em contextos de geoparques mundiais UNESCO **78**

Lugar de escuta: uma manifestação pedagógica geopoética **91**

Geopoesia como prática literária e cultural: um estudo sobre a Mata Atlântica na cidade de Salvador **103**

Geopoética pelas cosmopercepções originárias e afrodiaspóricas: na Conservação da Natureza, qual Terra te habita? **114**

Manifesto geopoético das paisagens arqueológicas: um ensaio crítico **127**

Geopoética e escolas de samba no ensino das Ciências da Natureza: a origem da vida na Cultura Afro-brasileira e Indígena **140**

Patrimônio Geológico Urbano e Geopoética: Memória da Terra, do imaginário ao concreto **154**

Geopoética e memória urbana na literatura de Zélia Gattai **169**

Geopoética e racismo ambiental: pelas águas no Parque Estadual Cunhambebe, o que nos conta a microbiologia? **181**

Marinhas e a Geopoética de Myriam Fraga **194**

EDITORIAL

Encontros geopoéticos

Visando contribuir com uma Conservação da(s) Natureza(s) que esteja associada com os ritmos, fluxos, Dinâmicas e Sistemas da Terra, foi realizado o evento online I Encontros Transatlânticos de LabGeopoéticos, nos dias 18 e 19 de Julho de 2024, quando a Prof. Dra. Luiza Corral M. O. Ponciano (UNIRIO), o Prof. Dr. Georgios Dimitriadis (CGeo-ITM/UTAD) e a Prof. Dra. Lirandina Gomes (UNEB), juntamente com o coletivo de discentes e docentes do PPGEC UNIRIO e com outras parcerias / colaborações, apresentaram as atividades realizadas pelos grupos associados com o tema da Geopoética no Brasil e exterior.

Destacamos a presença na organização do evento o Grupo de Estudo e Pesquisa em Geopoética: espaço, cultura, memória, literatura e artes da UNEB, coordenado pela Prof. Dra. Lirandina Gomes; pelo grupo de pesquisa, ensino e extensão GeoTales e Geopoética: pelo (re)encantamento do e com o mundo, coordenado desde 2015 pela Prof. Dra. Luiza Corral M. O. Ponciano na UNIRIO, associado também com o Mestrado em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO); e das atividades realizadas pelo Prof. Dr. Georgios Dimitriadis associadas com a Cátedra UNESCO "Geoparques, Desenvolvimento Regional Sustentado e Estilos de Vida Saudáveis" na UTAD, em Portugal. Nesta oportunidade, nos reunimos para compartilhar experiências com foco na Geopoética e encontrar possibilidades de estabelecer novas pontes para a realização de pesquisas.

Em formato online, de forma síncrona, transmitido pelo Youtube (Geo Tales UNIRIO - YouTube e @geotales), o evento teve em sua programação mesas redondas e de comunicações com rodas de conversa ao final de cada apresentação, sobre as correlações entre as pesquisas apresentadas e interações com o público online pelo chat do Youtube, além de um Sarau geopoético aberto, como encerramento.

A proposta central do evento foi ampliar as redes de pesquisa sobre Geopoética e conhecer as suas múltiplas abordagens, na busca por uma maior percepção das relações sensíveis e afetivas dos seres humanos com o planeta Terra. Mas é essencial destacar que no contato entre os diversos grupos essa possível integração das pesquisas pela Geopoética seja realizada sem a busca de uma universalização nem apagamentos, destacando que não estamos propondo reproduzir metodologias enraizadas na colonização nem padronizar a Geopoética, dado que o processo de criação em contato com a Terra é intrinsecamente diverso.

Complementando com as nossas apresentações, a Prof. Dra. Luiza Corral M. O. Ponciano tem suas origens por parte de Mãe estão nas águas e terras do interior do Rio de Janeiro, com os avós do povo indígena Puri, de São José do Turvo, Barra do Piraí. A família de terreiro está em Oyó, na Nigéria. Por parte de Pai, um avô homem preto cearense, com uma avó paterna mulher branca, filha de imigrantes espanhois. Iniciou as pesquisas em Geopoética na UNIRIO a partir de 2015, visando a Conservação das Naturezas, e desde 2020 tem focado nas analíticas de existência dos povos originários e afrodiaspóricos. Deste modo, foi sendo formada a Artista, Bióloga e Paleontóloga, com Mestrado e Doutorado em Geologia (UFRJ). Atualmente docente do Mestrado em Ecoturismo e Conservação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEC UNIRIO) e Coordenadora do Núcleo de Geociências e Geopoética nos Países Latino-Americanos e Lusófonos (Nu2Geo), sediado no Laboratório de Geociências e Geopoética (LabGeo(ciên)poética), no Instituto de Biociências (IBIO), Departamento de Ciências Naturais (DCN) da UNIRIO. Este evento foi o momento de inauguração do Nu2Geo.

O Prof. Dr. Georgios Dimitriadis é Investigador Integrado do CGeo/UTAD e membro da

Cátedra UNESCO "Geoparques, Desenvolvimento Sustentável Regional e Estilos de Vida Saudáveis" e da Cátedra UNESCO " Antropologia della Salute, biosfera e sistemi di cura" e ICOMOS/CAR & SDWG.

A Prof. Dra. Lirandina Gomes, que é geógrafa com Mestrado e doutorado em Geografia pela UFS , Professora dos cursos de Graduação de Urbanismo, Turismo e do Programa de Pós graduação em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Coordena o grupo de pesquisa geopoética da UNEB, e é pesquisadora da Cátedra Fidelino Figueiredo/ Instituto Camões.

Apresentações no evento I Encontros Transatlânticos de LabGeopoéticos

18 de Julho de 2024, das 9:30h às 12h - Mesa 1. 9:30h Prof. Dra. Luiza Ponciano, Prof. Dr. Georgios Dimitriadis, e Prof. Dra. Lirandina Gomes (Múltiplos enfoques na Geopoética: por uma integração sem universalizações nem apagamentos). 10h Prof. Dr. Regis Poulet, Presidente do Instituto Internacional de Geopoética (Geopoética: uma presença completa no mundo). 11h Camila Sant'Anna (O diálogo transatlântico entre Brasil e a França: a tradução do livro "Magna Carta", de Kenneth White e Dominique Rousseau). 11:30h Dominique Rousseau (Itinerâncias Geopoéticas Brasileiras).

Disponível em: *https://www.youtube.com/watch?v=QF-N-zrcGAo*

18 de Julho de 2024, das 13h às 17h - Mesa 2. 13h Prof. Dra. Mar Campos Fernández-Figares, Prof. Dra. Aitana Martos García y Prof. Dra. Estíbaliz Barriga Galeano (Ecoficciones: lectura para una educación meidoambiental) e Prof. Dr. Eloy Martos Núñez, Prof. Dra. Beatriz Durán González e Prof. Dra. Itaca Palmer Campos (Geopoética y resignificación de la mitología). 13:30 Prof. Dra Priscilla Menezes (Imaginar com a terra). 14h Bruno Oliveira e Priscilla Menezes (Pensamento-atlas: uma poética para pensar a terra). 14:30 Tessa Pisconti (A geopoética na poesia de Myriam Fraga / Leitura de poema; salsugem e Lançamento do livro: O que me disseram sobre o mar). 15h Maria Luiza Lopes, Júlia Mayer e Luiza Ponciano (Olhares geopoéticos na Educação Museal: do GeoTales UNIRIO ao Museu do Amanhã). 15:30h Brunna Elen e Luiza Ponciano (GeoAfetivArte: Geopoética nas obras de Clarice Lispector e Lygia Clark). 16h Mesa com Prof. Dr. Roberto Greco e Prof. Dra. Deusana Machado (Reflexões sobre Geopoetica, Patrimônio e Ensino de Geociências com Geoética)

Disponível em: *https://www.youtube.com/watch?v=8OwrMhiYZrI*

18 de Julho de 2024, das 19h às 22h - Mesa 3. 19h Renan Gomes Paiva (Geopoética e Patrimônio Geológico Urbano: memória da Terra, do imaginário ao concreto). 19:30h Prof. Me. Leonardo Cruz e Luiza Ponciano (Escrevivências geopoéticas no Vale Pedra Branca - Mendanha: das montanhas à escola, escutas sensíveis nas práticas pedagógicas). 20h Prof. Dra. Tatiana Henrique e Luiza Ponciano (Geopoética pelas cosmovisões originárias e afrodiaspóricas: na Conservação da Natureza, qual Terra te habita?). 20:30h Mitcay - Márcia Carvalho e Luiza Ponciano (Das águas do Rio Carioca aos mapas mentais geopoéticos: relações afetivas com as T(t)erras de onde viemos). 21h Luana Pitzer e Luiza Ponciano (Geopoética nas Trilhas do Afeto pelo Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ): Ecoturismo e Conservação nos Caminhos da Serra do Mar). 21:30 Prof. Rodolfo Reis e Luiza Ponciano (Geopoética e Geografia: uma abordagem interdisciplinar para a compreensão poética do Mundo).

Disponível em: *https://www.youtube.com/watch?v=k1v5iQbNXw4*

19 de Julho de 2024, das 9:30h às 12:30h - Mesa 4. 9:30h Profa. Dra. Renilda Rodrigues-Bastos (Geopoética e Literatura no encontro das águas paraenses). 10h Prof. Dr. Afonso Figueiredo (Geopoéticas das cavernas: instigações telúricas bachelardianas, com participação da Prof. Dra. Lúcia Helena Batista Gratão). 11h Lorenna Lemos Cardoso (Cartografia afetiva e memória urbana através da escrita de Zelia Gattai). 11:30h Prof. Dra. Lirandina Gomes (Salvador- Lisboa: paisagens dissonantes). 12h Prof. Dra. Josebel Akel Fares (Imagens poéticas das águas amazônicas).

Disponível em: *https://www.youtube.com/watch?v=2-ByP9H05B8*

19 de Julho de 2024, das 14h às 17h - Mesa 5. 14h Prof. Dra. Luiza Ponciano e Prof. Dr. Georgios Dimitriadis (Geopoética nas Geociências, Ecoturismo e Conservação da Natureza). 15h Prof. Lidiane Santos, Iara Oliveira, Prof. Dra. Luiza Ponciano e Prof. Dra. Anjuli Fahlberg (Fluxos das águas em Escrevivências geopoéticas na Cidade de Deus: bases comunitárias na Geopoética). 16:30h Prof. Dr. Artur Sá (Geoparques e Geopoética).

Disponível em: *https://www.youtube.com/watch?v=Y1ir3QC-u8U*

19 de Julho de 2024, das 19h às 22h - Mesa 6. 19h Roberto Pereira e Luiza Ponciano (Geopoética e escolas de samba no ensino das Ciências da Natureza: a origem da vida e do universo na Cultura Afro-brasileira e Indígena). 19:30h Prof. Me. Cristiane Souza (Pedagogias das Águas - encruzilhadas fluidas entre poéticas e pedagogias). 20h Prof. Me. Levi Puri (A cidade que esconde Rios: poética indígena pela conservação da memória e das naturezas). 20:30h Leonardo Martins (Salvador, Cidade da Música e sua Geopoética entre praças e muros). 21h Encerramento com Sarau Geopoético (apresentação de poesias autorais com o tema Geopoética, aberto a toda(o)s participantes).

Disponível em: *https://www.youtube.com/watch?v=lSNLwCEFZVc*

SESSÃO TÉCNICA

A geopoética: uma presença completa no mundo

Régis Poulet
Pesquisador independente, Institut Internacional de Géopoétique, Lyon, França. E-mail: *presidence@institut-geopoetique.org*. (Tradução do texto: Dra. Marise Campos de Souza. Texto original mantido em conjunto, no final deste trabalho).

Quero, antes de tudo, agradecer aos organizadores deste evento dedicado à geopoética[1], o segundo ao qual tenho a honra de ser convidado, a saber, a professora Luiza Ponciano, o professor Georgios Dimitriadis e a professora Lirandina Gomes, assim como suas respectivas instituições em Portugal e no Brasil — também agradeço a Lucila Moreira pela tradução (da palestra ao vivo, no evento online).

Este evento é uma oportunidade para mim de cumprimentar a vitalidade dos grupos geopoéticos formais ou informais de língua portuguesa que nomearam, muito apropriadamente, seus encontros 'transatlânticos' e para saudar todos os participantes.

Como vocês provavelmente sabem, Kenneth White faleceu há quase um ano. Embora nunca tenha vindo ao Brasil, ele esteve em Portugal várias vezes, sendo a última em 2019, em Lisboa, para o evento "As linhas da terra: percursos geofilosóficos e geopoéticos no Antropoceno", do qual foi o convidado de honra.

Esta breve introdução é também uma oportunidade para saudar a tradução em curso, por Camila Gomes Sant'anna, do livro 'brasileiro' de Kenneth White: *Magna Carta*. Este é um evento a ser celebrado, não somente porque a primeira edição deste livro será bilíngue português/francês, mas também porque apenas 1% da obra de Kenneth White está traduzida para o português, 2-3% em espanhol e 30% em inglês. A única maneira de conhecer melhor a obra de Kenneth White e de compreender todo o alcance da geopoética é encorajar e até mesmo ampliar o trabalho de tradução.

Antes de começar minha palestra intitulada "A geopoética: uma presença completa no mundo", gostaria de apresentar o plano:

1. Primeira abordagem
2. Às fontes da geopoética
3. O arcaico Novo Mundo
4. Mapas e cartas
5. A complexidade do lugar

É possível distinguir três níveis de realidade: o Cosmos, que é a totalidade do que existe em todas as direções e dimensões do universo/multiverso; a Terra, que é a parte do Cosmos onde vivem a humanidade e todos os seres vivos; um mundo, que é a representação que os humanos fazem da Terra e do Cosmos. A mudança é constante nesses três níveis: deste que nós sabemos, o Cosmos tem uma existência de cerca de quinze bilhões de anos, mas não se exclui que conheça ciclos de criação/destruição. O planeta Terra ele também tem uma existência já antiga, mais de quatro bilhões de anos durante os quais as mudanças incessantes em todas as escalas espaciais e temporais for

Quanto aos mundos, eles se sucedem ao longo da história humana. O mundo dos Neandertais

1 Palestra baseada no texto "A geopoética ou como abrir um mundo", disponível nos textos fundadores do Instituto Internacional de Geopoética.

provavelmente não era o mesmo dos *Homo sapiens* e, desde que esta última espécie se impôs, as civilizações se sucederam até a nossa época, onde o colapso generalizado ameaça devido ao domínio técnico-metafísico sobre a Natureza. O mundo em que vivemos é mortífero e moribundo. É necessário mudá-lo, mas para qual?

1. Primeira abordagem

Durante décadas, Kenneth White percorreu, como nômade intelectual, as culturas do passado e do presente, com a ideia de que cada cultura oferece um ponto de vista parcial e que, ao nomadizar de uma à outra em busca do melhor de cada uma delas no relacionamento com o mundo natural, onde se poderia desenhar os contornos de uma cultura completa em um mundo aberto.

Como escreve White em *Magna Carta*: "Difícil é a saída da Modernidade, sem regressão a velhos simbolismos, sem fuga para a frente". Para que haja uma cultura no sentido forte do termo, é necessário que os humanos, em todos os níveis da sociedade, compartilhem uma forte referência comum. Durante a pré-história, acrescentava ele, era a relação com o animal; durante a Idade Média cristã, a referência à Virgem. Na nossa época de globalização das trocas, de ruína técnico-capitalista que arrasta tudo para o nada, o único ponto comum possível é a relação com a Terra. Ponha os homens em contato com a Terra, diz ele, e eles terão entre si um vínculo mais forte do que se estivessem apenas em contato uns com os outros.

A continuação lógica do nomadismo intelectual é a geopoética. Talvez não seja inútil lembrar rapidamente o que ela é e o que não é.

A geopoética não é uma geografia literária, vagamente lírica. É um campo de convergência das artes, das ciências e da filosofia abrindo para uma refundação da relação entre os humanos e a Terra. Kenneth White e eu discutimos longamente, em entrevistas, a questão das diferenças entre a geopoética e as outras geo-: geopolítica, geocrítica, geofilosofia, etc., no livro *Panorama Geopoético* (2014).[2]

Gostaria, no entanto, de insistir um pouco mais sobre a relação entre ecologia e geopoética, e citar para isso Kenneth White:

> [...] Ser ecologista é se interessar pela maneira como os seres humanos e não humanos vivem em um espaço e também respeitar e querer preservar os espaços vivos. A geopoética pretende estabelecer a relação com esse espaço. Não apenas conservá-lo, preservá-lo, mas estabelecer uma relação sensível e inteligente. Isso demanda uma mudança da pessoa, uma mudança do ser, que vai mais longe. Em seguida, é preciso tentar dizê-lo, ou seja, é preciso mudar nossa linguagem. Há duas etapas a mais. (O lugar e a palavra)

A ecologia é uma das estratigrafias da geopoética, inegavelmente, mas a geopoética propõe e exige mais: uma mudança na pessoa que implica em se desfazer das obsessões identitárias, num caminho rumo ao conceito de um ser aberto aos fluxos do mundo; uma mudança na nossa maneira de dizer nossa relação com o mundo, que sabemos está envolvida na gramática. Isso começa, notadamente, por uma frase que não coloca em destaque "nem o eu, nem a palavra, mas o mundo". Em outras palavras, uma atenção à poética da Terra.

2 WHITE, Kenneth; POULET, Regis. Panorama géopétique: théorie d'une textonique de la Terre. 2. ed. Paris, France: Editions de la Revue des Ressources, 2017.

2. As fontes da geopoética

Concebida pelo poeta e pensador franco-escocês Kenneth White no final dos anos 1970 durante um périplo ao Labrador (*A Rota Azul*, 1983), a geopoética não surgiu do acaso, mas das premissas que remontam de suas experiências anteriores.

Entre os precursores de uma visão do mundo renovado e mais rico, destacado por White em seus ensaios, sinalizamos Victor Segalen, Henry Thoreau e Alexander von Humboldt. Kenneth White considera que a Viagem às regiões equinociais do Novo Continente de Humboldt (30 vol., 1807-1834) constitui "uma peregrinação geopoética por excelência", assim como *"Cosmos"*. Ensaio de uma descrição física do Mundo (4 vol., 1847-1859) é uma dessas sínteses magistrais que as mentes do século XIX podiam produzir. O que chama particularmente a atenção em Humboldt não são apenas suas contribuições abrangentes à ciência universal. Se ele foi um iluminado de grande precisão e de grande envergadura, não deveríamos vê-lo como um estudioso austero, mas sobretudo como um "amante fervoroso" (Baudelaire) do mundo.

Se ele percorreu durante cinco anos, muitas vezes em condições materiais mais do que difíceis, a Nova Granada e o Peru, a Nova Espanha, de Cumaná a San Carlos, de Cartagena a Quito, de Lima a Veracruz, é porque ele estava profundamente feliz. Veja o que ele escreveu ao chegar em Cumaná: "Estamos aqui, finalmente, no país mais divino e maravilhoso. Plantas extraordinárias, enguias elétricas, tigres, tatus, macacos, papagaios e muitos, numerosos índios puros, quase selvagens, uma raça de homens muito bonita e muito interessante. Desde nossa chegada, corremos como loucos... sinto que serei feliz aqui."

Em Humboldt, o saber está ligado ao ser, o ser está ligado ao ambiente e, graças a uma preocupação estética, sentimos que o espírito pode se projetar longe - lá onde uma visão do mundo, rica e habitável, um cosmos, se elabora: um conjunto de relações, escreve ele, que é mais fácil de compreender quando se está no local do que definir com precisão". Poder-se-ia dizer que Humboldt passa por uma "*Gaia Ciência*" para se aproximar da geopoética.

Mas é a Kenneth White que cabe ter fundado esta teoria-prática. Foi em 1994 que ele dedicou um primeiro ensaio exclusivamente à geopoética. *O Platô do Albatroz – Introdução à geopoética*, cujo nome é emprestado deste platô que mal emerge da água a mil milhas náuticas das Galápagos — "qual melhor símbolo para um pensamento (o da geopoética) em emergência?" O "*Platô do Albatroz*" não é um manual de geopoética: "A ênfase, aqui, não está na definição, mas no desejo, um desejo de vida e de mundo, e no entusiasmo." Não se trata de fundar um movimento literário, notadamente porque o "poético" deve ser entendido no sentido de "formação e dinâmicas fundamentais" suscetíveis de se manifestar tanto nas ciências quanto nas artes ou na linguagem — e não no sentido de "relação à poesia". Não se trata igualmente de fundar um sistema; ao contrário, permanece-se no aberto e na recusa ao dogmatismo, pois a teoria geopoética é inseparável de sua prática, é "uma ideia básica que não se deixa definir em abstrato, mas que se desenha ao vivo, a partir de vários contextos".

O projeto geopoético deve constituir, na história do espírito, uma nova ferramenta ou instrumento para compreender e expressar nossa relação com o mundo. Ele sucederá assim ao *Organon* de Aristóteles (da época clássica), ao *Novum Organum* de Bacon (da modernidade) e será um *organum* para hoje e para amanhã: *Organum Geopoeticum*. No *Panorama geopoético*, White esclarece:

> [...] O espaço de Aristóteles era o Mediterrâneo. O de Bacon já era um mar mais agitado, que se estendia além das Colunas de Hércules: o Atlântico ("o local menos fechado", disse Saint-John Perse), e, além, o Oceano mundial. Abertura total, com muitos riscos, muitas catástrofes no horizonte. Como diz Melville, em Moby Dick: 'Todo pensamento profundo vem do esforço intrépido da alma para manter a independência em um mar aberto'. (p. 99-100)

Dedicar-se à geopoética é abrir-se, intelectual e sensivelmente, à poética que opera na natureza, à poética natural espontânea. A metodologia do nomadismo intelectual ("norte, sul, leste, oeste — mundo antigo e mundo moderno") e o objetivo da geopoética são o estudo das complexas relações entre o eu, a palavra e o mundo, a busca por uma nova expressividade, uma poética da Terra. Para isso, "a abordagem geopoética explora o caminho arcaico e a voz anárquica, antes de se engajar em outros caminhos sem nome."

3. O arcaico novo mundo

A prática da deriva, do nomadismo e do errático é fundadora da geopoética, mas obviamente não se reduz a isso. A grande peregrinação americana começa bem antes dos pais peregrinos do Mayflower. Porque "os mundos em gestação e desenvolvimento tem a tendência de se cristalizar em impérios", White segue na história do Novo Mundo os rastros dos povos errantes. A questão do "Novo Mundo" é liberada de seus limites vespucianos para ser restituída à sua busca indefinida. Ao bem dizer que os conhecimentos relativos ao povoamento do continente americano estão em constante evolução.

Por muito tempo, o povoamento original das Américas foi concebido como uma grande migração de asiáticos que passaram pelo estreito de Bering durante o Paleolítico, graças a um corredor livre de gelo há 13.000 anos. Essa era a posição inabalável dos pré-historiadores norte-americanos. Mas as descobertas que se acumulam nas últimas décadas nos Estados Unidos, no Chile e no Brasil, tendendo a provar que a presença humana nas Américas não somente é muito mais antiga do que a teoria do estreito de Bering, mas que o povoamento teria ocorrido em várias épocas e por diferentes rotas.

Para resumir, o povoamento mais antigo, segundo a audaciosa teoria da pré-historiadora e antropóloga franco-brasileira Niède Guidon, teria ocorrido a partir da África Ocidental em direção à costa nordeste do Brasil há cerca de 100.000 anos AP. Descobertas no Brasil, como em Pedra Furada ou Pedra Pintada (estudadas, entre outros, por um dos meus antigos professores em paleontologia, Claude Guérin) mostraram que o povoamento ali é comprovado entre 11.000 anos AP e 38.000 anos AP. Hipóteses complementares sustentam com plausibilidade uma migração desde o norte da Ásia ao longo das costas ocidentais das Américas, a teoria da rota das florestas de Kelp (algas costeiras), há 16.000 anos, quando o escudo de gelo ainda impedia ainda o trânsito pelo Alasca e Canadá. Existe também uma teoria que afirma que o povoamento da América do Sul teria ocorrido a partir do Sondalândia (a província das ilhas de Sonda no Sudeste Asiático) passando pelo Pacífico Sul há 50.000 anos. Os diferentes clãs teriam se espalhado por todo o continente americano.

Por que valorizar tanto essas derivações? Porque "viagem e visão andam juntas, uma não é possível sem a outra". Assim como os fundadores de cidades, estados e impérios, ao se tornarem sedentários, são capazes de impor sua visão humana da existência aos humanos, da mesma forma os nômades em desejo-de-mundo têm consciência da ilusão da maioria dos objetivos humanos. Eles permanecem em contato com o mundo e não fundam sua cultura, como fizeram os gregos a partir de suas cidades, em uma desmesura que é apenas um buraco negro.

Passando dessas considerações antropológicas e arcaicas para considerações contemporâneas e individuais — é isso que o nomadismo intelectual permite fazer.

4. Cartas e cartografias

Em 2020, Kenneth e eu acalentamos a ideia de ir juntos à América do Sul, notadamente ao Brasil e ao Chile, onde a geopoética suscita um interesse marcante. Isso não foi possível. Kenneth visitou muito o arco caribenho e eu, por minha vez, visitei um país vizinho do Brasil: a Venezuela. Das minhas viagens de ambos os lados do Atlântico, tirei um poema muito longo (de mais de 100 páginas)

intitulado *Gondawana*.

Embora Kenneth não tenha pisado o solo sul-americano, ele leu muitos relatos de exploradores (Humboldt, Jean de Léry, Claude D'Abbeville, marcadamente) e avaliou mapas antigos. Deriva daí o livro *Magna Carta*, ilustrado por Dominique Rousseau.

Embora eu não coloque esses dois livros no mesmo plano, permita-me falar rapidamente do meu, do qual Kenneth disse que estava "em pleno na geopoética", considerando que era "enorme".

Vejam como o poema é apresentado:

> Na hora em que o destino coletivo dos seres vivos está ameaçado, este longo poema evoca a epopeia da espécie humana desde suas origens até nossos dias atuais em sua relação sempre estreita com os lugares marinhos e terrestres, com os seres vivos que os habitaram e ainda os habitam. A exploração física e mental contemporânea de várias regiões da antiga província geológica do *Gondwana* — com essa origem e dos novos começos que aparece no coração de *Gondawana* — dá a esses versos a força de uma experiência intensamente vivida em contato com os elementos, o mundo natural e os povos, na procura da ordem anarco-arcaica mais rica para abrir e fundar um mundo. (*Gondawana)*

A escrita segue a via dupla do nomadismo intelectual e da geopoética. A saber, aquela que repousa sobre a integração (a mais eficaz e discreta possível) de elementos de saberes naturalistas (geologia, paleogeografia, botânica, zoologia, astronomia) e humanos (etnografia, história, filosofia, linguística) que tratam de entrar em ressonância para obter uma palavra plena sobre esses lugares.

O caso de *Magna Carta* é bastante diferente, mas ilustra a dupla exploração da obra no binômio "nomadismo intelectual-geopoética". Contrariamente ao *Gondawana*, a exploração sensorial-física e a exploração mental-abstrata não são realizadas pela mesma pessoa, mas por duas: Kenneth White para o texto geopoético e Dominique Rousseau para o material visual geopoético, o conjunto sendo organizado pelo poeta. Assim, as longas estadas de Dominique Rousseau no Brasil permitiram-lhe assumir o papel de coletor de linhas do mundo, suas discussões com Kenneth White e seus papeis criados para ele, permitindo a este último entrar em um diálogo estético com as terras do Brasil. White assim especifica em *Magna Carta* a diferença entre percepção e sensação: a primeira captando as formas da matéria-mundo, a segunda, suas forças, ambas conjugadas visando a criar uma versão do mundo que constitui em si um mundo. Com este livro escrito sobre o Brasil para o Brasil com uma repartição inédita das tarefas, Kenneth White mostra de forma original como a questão do lugar pode ser abordada na geopoética.

5. A complexidade do lugar

Em seu tratado intitulado *A Física*, Aristóteles já assinalava que o lugar é algo complexo, que existe um lugar do lugar e que o lugar tem uma vibração. Para nos atermos aos fundamentos da geopoética, digamos primeiramente que nenhum lugar é isolado. Com alguns conhecimentos de geologia, é possível religar o presente ao passado mais distante e o aqui ao ali, uma leitura da paisagem permitindo compreender as forças que a moldaram. Da mesma forma, com conhecimentos sobre os animais, podemos seguir as migrações dos pássaros e dos insetos que nos introduzem aos fluxos e aos equilíbrios do ser vivo. Enfim, se assim podemos dizer, a observação das chuvas e dos cursos d'água, das brumas e das correntes marinhas, ou a atenção aos ventos, tornam não apenas inteligíveis, mas sensíveis, as relações no tempo e no espaço entre os elementos, o mineral, o vegetal e o animal, cujas fronteiras às vezes são tão desfocadas.

O problema que nós, humanos, encontramos em nossa leitura do real, é que "as nossas

representações não correspondem à totalidade complexa do real, que nossas estruturas mentais (erigidas em religiões, ideologias, filosofias) bloqueiam uma presença integral no mundo" (*Magna Carta*). Assim, um lugar é muito mais do que um conjunto de coordenadas físicas, históricas e climáticas. Um lugar não é apenas isso, mas também o jogo que as forças e formas que o percorrem incessantemente lhe fazem tomar, mesmo que brevemente, mesmo em uma escala pequena. O lugar é constituído por um conjunto do que poderíamos chamar de "dimensões da existência" abertas umas sobre as outras. Para reconhecer essas múltiplas dimensões da existência, é necessário primeiro conhecê-las, ou seja, sentir sua realidade em um corpo e em um espírito.

Adoraria finalizar, sem concluir, citando estes versos da última coletânea de Kenneth White, *Memorial da Terra-Oceano*, que dizem com toda simplicidade para o que a geopoética nos abre:

"Chegar a um lugar
onde não há
nem complicações

nem explicações
avançamos passo a passo
nos atendo inteiramente a
o que está ali."

RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS:

1. Qual é o alcance atual da geopoética?
2. Em quais áreas e por quais grupos ela é estudada, e como?
3. Quais são as metodologias utilizadas nas pesquisas que abordam a geopoética?
4. Quais são as vantagens e desvantagens de basear a pesquisa na geopoética?
5. Como a geopoética pode contribuir para a geoconservação e a geoeducação?
6. Como percebemos a relação geopoética-geoética?

Agradeço pelo interesse e pelas perguntas, às quais vou tentar responder da melhor forma possível.

Como eu dizia na minha introdução, 90 a 95% das fontes sobre a teoria-prática da geopoética estão em francês e inglês, com o inglês oferecendo apenas um terço dos escritos de Kenneth White. Assim, é perfeitamente compreensível que ainda não se tenha muitas informações se não se lê nessas duas línguas. No futuro, talvez geopoética = Kenneth White não seja mais verdade, porque autores importantes terão surgido neste campo transdisciplinar. Mas, por enquanto, essa igualdade é exata. Se trata de não se enganar quando nos informamos sobre a geopoética.

Do final dos anos 1970 até o ano de 2023, White elaborou e construiu toda uma obra geopoética (mais de 50 livros) que inclui ensaios, poemas e livros-itinerários. Ele tinha o hábito de comparar o conjunto a uma flecha, cujas penas (dando a direção) seriam os ensaios, a haste seria os livros-itinerários (propondo um percurso no espaço terrestre) e os poemas a ponta da flecha (capturando os momentos de maior intensidade existencial).

As perguntas sobre a relação entre geopoética e geoconservação, geoeducação e geoética, bem como aquela sobre o alcance da geopoética, são na verdade complementares.

Para aqueles que desejam (e imagino que isso só pode ser seu desejo) aprofundar seu conhecimento sobre geopoética, especialmente em língua portuguesa, um conjunto de textos fundamentais e artigos estão à disposição no site do Instituto Internacional de geopoética em português.

Em um desses artigos, intitulado "Precisões", extraído do livro *Panorama Geopoético*, Kenneth White explicou quais eram as diferenças, muitas vezes profundas, entre a geopoética e outras geos, como a geopolítica, a geografia literária, a geofilosofia, a geocrítica e também com a ecologia. Outras

geos surgiram depois, atestando o grande interesse que a geopoética exerce desde hoje.

Pode-se afirmar sem exagero que a geopoética constitui para o pensamento contemporâneo um atrator no sentido onde seu campo reúne todas as trajetórias epistemológicas tendo como horizonte a redução da fratura entre o homem e o mundo. Esse é o sentido da expressão "Amazônia do espírito" que encontramos em *Magna Carta*: a geopoética é como o grande rio que atrai toda a bacia hidrográfica para conduzi-la ao Oceano.

Não volto a falar sobre a diferença entre ecologia e geopoética, abordada em minha conferência. Lembro apenas que a ecologia é uma camada importante da geopoética e que esta última vai muito mais além. Da mesma forma que a geologia é uma camada fundamental da geopoética, mas não esqueçamos o que dizem as raízes das palavras: o lógos da geologia é o da ciência, enquanto o *poïetikós* da geopoética abrange não só a ciência, a filosofia, as artes, mas também uma qualidade de existência.

É realmente um novo paradigma que a geopoética propõe: não uma revolução, não uma ruptura. A geopoética evolui em um campo diferente dos saberes contemporâneos compartimentados. Um campo unitário e plural, um campo arcaico e novo, um campo caótico e harmonioso. Este campo está além dos paradoxos e das divisões.

Retomemos as inteligentes perguntas feitas pelos ouvintes. O que a geopoética pode trazer para a geoconservação é um amplo e vibrante quadro conceitual que permite, além da preocupação ecológica de proteção, dar um sentido e uma direção aos esforços realizados. Assim, evitaremos os desvios, sempre possíveis, da exploração da Terra, sempre a uma abertura do ser à história, às estruturas e aos fluxos do mundo que o sustentam.

A geopoética, como eu dizia, tem por objetivo uma harmonia entre os humanos e a Terra, e para isso é necessário não apenas compreender e respeitar a terra e a vida como um todo, mas também mudar o ser através de uma educação que segue uma ética. Para Kenneth White, que não tinha nada de um guru, trata-se de compreender e aplicar em sua própria vida a palavra das Upanisad: "Tat twam asi" "Tu és isso". Uma palavra que abre a concepção do ser aos fluxos do vivo.

Cuidadoso com a educação ao longo de sua vida, mas não proselitista, White considerava que a mudança devia ocorrer não por meio de injunções, mas numa mudança de si próprio, trabalhando em si mesmo e em círculos concêntricos, abrindo cada vez mais seu ser e propagando essa mudança a torno de si.

Esse é, em primeiro lugar, o papel da obra de White, mas igualmente pode ser a função dos grupos geopoéticos constituídos ao redor do mundo e é também o papel dos isolados, esses indivíduos através dos quais a mudança ocorre.

Espero ter respondido às suas perguntas e ter despertado em vocês o desejo de seguir este longo caminho no vasto espaço da geopoética.

Agradeço pela vossa atenção. Régis POULET

La géopoétique: une présence entière au monde

Régis POULET

Je voudrais tout d'abord remercier les organisateurs de ce colloque consacré à la géopoétique, le second auquel j'ai l'honneur d'être invité, à savoir la professeure Luiza PONCIANO, le professeur Georgios DIMITRIADIS et la professeure Lirandina GOMES ainsi que leurs institutions respectives au Portugal et au Brésil — je remercie également Lucila MOREIRA pour la traduction. ⇓

Ce colloque est l'occasion pour moi de saluer la vitalité des groupes géopoétiques formels ou informels de langue portugaise qui ont nommé, très à-propos, leurs rencontres 'transatlantiques' et de saluer tous les participants. ⇓

Comme vous le savez probablement, Kenneth White a disparu voici presque un an. S'il ne s'est jamais rendu au Brésil, il s'est rendu au Portugal plusieurs fois dont la dernière, en 2019, à Lisbonne, pour le colloque " As linhas da terra: percursos geofilosóficos e geopoéticos no Antropoceno " dont il était l'invité d'honneur. ⇓

Cette brève introduction est aussi l'occasion pour moi de saluer la traduction en cours, par Camila GOMES SANT'ANNA, du livre 'brésilien' de Kenneth White: Magna Carta.⇓

C'est un événement à saluer, non seulement parce que la première édition de ce livre sera bilingue portugais/français, mais aussi parce que seul 1% de l'œuvre de KW est traduite en portugais, pour 2-3% en espagnol et 30% en anglais. ⇓

La seule façon de mieux connaître l'œuvre de Kenneth White et de comprendre toute la portée de la géopoétique est d'encourager et même amplifier le travail de traduction.⇓

Avant de commencer mon allocution intitulée "La géopoétique : une présence entière au monde ", je voudrais vous en présenter le plan :

1. Première approche
2. Aux sources de la géopoétique
3. L'archaïque Nouveau monde
4. Des cartes et des chartes
5. La complexité du lieu

Il est possible de distinguer trois niveaux de réalité: le Cosmos, qui est la totalité de ce qui existe dans toutes les directions et dimensions de l'univers/plurivers ; la Terre, qui est la partie du Cosmos où vivent l'humanité et tous les êtres vivants ; un monde, qui est la représentation que des humains se font de la Terre et du Cosmos.

Le changement est constant sur ces trois niveaux: de ce que nous en savons, le Cosmos a une existence d'une quinzaine de milliards d'années, mais il n'est pas exclu qu'il connaisse des cycles de création/destruction. ⇓

La planète Terre, elle aussi, a une existence déjà ancienne, plus de quatre milliards d'années durant lesquelles les changements incessants à toutes les échelles spatiales et temporelles ont été et sont encore la règle. ⇓

Quant aux mondes, ils se succèdent au fil de l'histoire humaine. Le monde des Néandertaliens n'était probablement pas celui des Homo sapiens et, depuis que cette dernière espèce s'est imposée, les civilisations se sont succédé jusqu'à notre époque où l'effondrement généralisé menace à cause de l'emprise technico-métaphysique sur la Nature. ⇓

Le monde dans lequel nous vivons est mortifère et moribond. Il faut donc en changer, mais pour lequel ? ⇓

1 – Première approche ⇓

Pendant des décennies, Kenneth White a parcouru en nomade intellectuel les cultures du passé et du présent, avec l'idée que chaque culture offre un point de vue partiel et qu'en nomadisant de l'une à l'autre à la recherche du meilleur de chacune d'entre elles dans le rapport au monde naturel, on pourrait dessiner les contours d'une culture complète dans un monde ouvert. ⇓

Comme l'écrit White dans Magna Carta: "Difficile est la sortie de la Modernité, sans régression vers de vieux symbolismes, sans fuite en avant". Pour qu'il y ait une culture au sens fort du terme, il faut que les humains, à tous les niveaux de la société, partagent une référence commune forte. ⇓

Durant la préhistoire, ajoutait-il, c'était le rapport à l'animal ; durant le Moyen-Âge chrétien, la référence à la Vierge. À notre époque de globalisation des échanges, de ruine technico-capitaliste qui entraîne tout vers le néant, le seul point commun possible est le rapport à la Terre. ⇓

Mettez les hommes en rapport avec la Terre, dit-il, et ils auront entre eux un lien plus fort que s'ils sont seulement mis en rapport les uns avec les autres. ⇓

La suite logique du nomadisme intellectuel est la géopoétique. Peut-être n'est-il pas inutile de rappeler rapidement ce qu'elle est et ce qu'elle n'est pas. ⇓

La géopoétique n'est pas une géographie littéraire, vaguement lyrique. Elle est un champ de convergence des arts, des sciences et de la philosophie ouvrant sur une refondation du rapport entre les humains et la Terre. ⇓

Kenneth White et moi avons longuement abordé, dans des entretiens, la question des différences entre la géopoétique et les autres géos: géopolitique, géocritique, géophilosophie, etc. dans le livre *Panorama Géopoétique* (2014). ⇓

Je voudrais cependant insister un peu plus sur le rapport entre écologie et géopoétique, et citer pour cela Kenneth White: ⇓

"Être écologiste, c'est s'intéresser à la manière dont les êtres humains et non humains vivent dans un espace et c'est aussi respecter et vouloir préserver les espaces vivants.

La géopoétique, c'est établir le rapport à cet espace. Pas seulement le conserver, le préserver, mais établir un rapport sensible et intelligent. ⇓

Ce qui demande un changement dans la personne, un changement de l'être, ça va plus loin. ⇓

Ensuite, il faut essayer de la dire, c'est-à-dire qu'il faut changer notre langage.

Il y a deux étapes de plus." (Le lieu et la parole) ⇓

L'écologie est une des strates de la géopoétique, indéniablement, mais la géopoétique propose et demande davantage: un changement dans la personne qui implique de se défaire des obsessions identitaires, en chemin vers le concept d'un être ouvert aux flux du monde; un changement dans notre façon de dire notre rapport au monde, dont on sait qu'elle est enveloppée dans la grammaire. Cela commence, notamment, par une parole qui ne met en avant "ni le moi, ni le mot, mais le monde"(x2). Autrement dit une attention à la poétique de la Terre. ⇓

2 – Aux sources de la géopoétique ⇓

Inventée par le poète et penseur franco-écossais Kenneth White à la fin des années 1970 (mais les prémisses remontent très loin dans son expérience) lors d'un périple au Labrador (La Route bleue, 1983), la géopoétique n'est pas surgie de nulle part. ⇓

Parmi les précurseurs d'une vision du monde renouvelée et plus riche mise en avant par White dans ses essais, signalons Victor Segalen, Henry Thoreau ou encore Alexander von Humboldt. ⇓

Kenneth White considère que le Voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent de Humboldt (30 vol., 1807-1834) constitue "une pérégrination géopoétique par excellence", de même que Cosmos. Essai d'une description physique du Monde (4 vol., 1847-1859) est une de ces synthèses magistrales comme les esprits du XIXe siècle pouvaient en produire. ⇓

Ce qui retient particulièrement l'attention chez Humboldt, ce ne sont pas seulement ses contributions tous azimuts à la science universelle. S'il fut un savant d'une grande précision et de grande envergure, il ne faut pas le voir comme un savant austère mais plutôt comme un " amoureux fervent " (Baudelaire) du monde. ⇓

S'il a parcouru pendant cinq années, et souvent dans des conditions matérielles plus que difficiles, la Nouvelle Grenade et le Pérou, la Nouvelle Espagne, de Cumaná à San Carlos, de Carthagène à Quito, de Lima à Veracruz, c'est parce qu'il y était profondément heureux. ⇓

Voici ce qu'il écrit à son arrivée à Cumaná: "Nous sommes ici, enfin, dans le pays le plus divin et le plus merveilleux. Des plantes extraordinaires, des anguilles électriques, des tigres, des tatous, des singes, des perroquets et de nombreux, très nombreux Indiens purs, à demi sauvages, une race d'homme très belle et très intéressante. Depuis notre arrivée, nous courons comme des fous... Je sens que je serai heureux ici." ⇓

Chez Humboldt, le savoir est lié à l'être, l'être est lié à l'environnement et, grâce à une préoccupation esthétique, on sent que l'esprit peut se projeter loin — là où une vision du monde, riche et habitable, un cosmos, s'élabore: "un ensemble de rapports, écrit-il, qu'il est plus facile de saisir, lorsqu'on est sur les lieux, que de définir avec précision". On pourrait dire que Humboldt passe par une gaya scienza pour approcher la géopoétique. ⇓

Mais il revient à Kenneth White d'avoir fondé cette théorie-pratique. C'est en 1994 qu'il consacre un premier essai exclusivement à la géopoétique. Le Plateau de l'Albatros-Introduction à la géopoétique, dont le nom est emprunté à ce plateau qui émerge à peine de l'eau à mille milles marins des Galapagos — "quel meilleur symbole pour une pensée (celle de la géopoétique) en émergence?" ⇓

Le Plateau de l'Albatros n'est pas un manuel de géopoétique : " L'accent, ici, n'est pas mis sur la définition, mais sur le désir, un désir de vie et de monde, et sur l'élan. " ⇓

Il ne s'agit pas de fonder un mouvement littéraire, notamment parce que le 'poétique' est à prendre dans son sens de 'formation et dynamique fondamentales' susceptible de se manifester tant dans les sciences que dans les arts ou le langage — et non dans le sens 'en rapport avec la poésie'. ⇓

Il n'est pas davantage question de fonder un système, au contraire : on reste dans l'ouvert et dans le refus du dogmatisme parce que la théorie géopoétique est inséparable de sa pratique, c'est " une idée de base qui ne se laisse pas définir in abstracto mais qui se dessine in vivo, à partir de plusieurs contextes ". ⇓

Le projet géopoétique doit constituer, dans l'histoire de l'esprit, un nouvel outil ou instrument pour comprendre et exprimer notre relation au monde. Il succédera ainsi à l'Organon d'Aristote (celui de toute l'époque classique), au Novum Organum de Bacon (celui de la modernité) et sera un organum pour aujourd'hui et pour demain : Organum Geopoeticum. ⇓

Dans *Panorama Géopoétique*, White précise :

> "L'espace d'Aristote était la Méditerranée. Celui de Bacon était, déjà, une mer plus mouvementée, qui s'étendait au-delà des Colonnes d'Hercule: l'Atlantique ("le site le moins clos", dit Saint-John Perse), et, au-delà, l'Océan mondial. Ouverture totale, avec beaucoup de risques, beaucoup de catastrophes à l'horizon. Comme le dit Melville, dans Moby Dick: 'Toute pensée profonde vient de l'effort intrépide déployé par l'âme pour maintenir l'indépendance d'une mer ouverte.'" (PG 99-100) ⇓

Travailler à la géopoétique, c'est s'ouvrir, intellectuellement et sensiblement, à la poétique à l'œuvre dans la nature, à la poétique naturelle spontanée. ⇓

La méthode du nomadisme intellectuel ("nord, sud, est, ouest — monde ancien et monde moderne") et le but de la géopoétique sont l'étude des rapports complexes entre le moi, le mot et le monde, la recherche d'une expressivité nouvelle, d'une poétique de la Terre. ⇓

Pour cela, "la démarche géopoétique explore la voie archaïque et la voix anarchique, avant de s'engager sur d'autres voies sans nom". ⇓

3 - L'archaïque nouveau monde ⇓

La pratique de la dérive, du nomadisme et de l'errance est fondatrice de la géopoétique, mais elle ne s'y réduit évidemment pas. La grande errance américaine commence bien avant les Pilgrim fathers du Mayflower. ⇓

Parce que "les mondes en gestation et en développement ont tendance à se figer en empires", White suit dans l'histoire du Nouveau monde les traces des peuples errants. La question du 'Nouveau monde' est libérée de ses bornes vespuciennes pour être restituée à sa quête indéfinie. Et il faut bien dire que les connaissances relatives au peuplement du continent américain sont en évolution constante. ⇓

Pendant longtemps le peuplement originel des Amériques a été envisagé sous la forme d'une grande migration d'Asiatiques passés par le détroit de Béring durant le Paléolithique, grâce à un corridor libre de glace il y a 13.000 ans. C'était la position inamovible des préhistoriens états-uniens. ⇓

Mais des découvertes se sont accumulées depuis quelques décennies aux États-Unis, au Chili et au Brésil tendant à prouver que la présence humaine aux Amériques est non seulement beaucoup plus ancienne que la théorie du détroit de Béring, mais que le peuplement se serait effectué à plusieurs époques et selon des routes diverses. ⇓

Pour en dire quelques mots, le plus ancien peuplement, selon la théorie audacieuse de la préhistorienne et anthropologue franco-brésilienne Niède Guidon, aurait eu lieu depuis l'Afrique de l'Ouest vers la côte nord-est du Brésil aux alentours de 100.000 ans BP. ⇓

Des découvertes au Brésil, comme à Pedra Furada ou à Pedra Pintura (notamment étudiée par un de mes anciens professeurs en paléontologie, Claude Guérin) ont montré que le peuplement y est avéré entre 11.000 BP et 38.000 BP. ⇓

Des hypothèses complémentaires soutiennent avec vraisemblance une migration depuis le Nord de l'Asie le long des côtes occidentales des Amériques, théorie de la route des forêts de Kelp (des algues côtières), il y a 16.000 ans, lorsque le bouclier glaciaire empêchait encore le transit par l'Alaska et le Canada. ⇓

Il existe aussi une théorie qui affirme que le peuplement de l'Amérique du Sud se serait fait depuis le Sondaland (la province des îles de la Sonde en Asie du Sud-Est) en passant par le Pacifique Sud il y a 50.000 ans. Les différents clans auraient essaimé dans tout le continent américain. ⇓

Pourquoi tant valoriser ces dérives? Parce que " voyage et vision vont ensemble, l'un n'est pas possible sans l'autre ". ⇓

Autant les fondateurs de cités, d'états et d'empires, en devenant sédentaires, sont capables d'imposer leur vision humaine de l'existence à des humains, autant les nomades en désir-de-monde ont conscience de l'illusion de la plupart des buts humains. ⇓

Ils restent en contact avec le monde et ne fondent pas leur culture, comme le firent les Grecs à partir de leurs cités, sur une démesure qui n'est qu'un trou noir. ⇓

Passons de ces considérations anthropologiques et archaïques à des considérations contemporaines et individuelles — c'est ce que permet de faire le nomadisme intellectuel. ⇓

4 – Des cartes et des chartes ⇓

En 2020, Kenneth et moi avions caressé l'idée de nous rendre ensemble en Amérique du Sud, au Brésil et au Chili notamment, où la géopoétique suscite un intérêt marqué. Cela n'a pas pu se faire. ⇓

Kenneth a beaucoup visité l'arc caraïbe et j'ai, pour ma part, visité un pays voisin du Brésil : le Venezuela. De mes voyages de part et d'autre de l'Atlantique j'ai tiré un très long poème (de plus de 100 pages) intitulé Gondawana. ⇓

Bien que Kenneth n'ait pas foulé le sol sud-américain, il avait lu beaucoup de récits d'explorateurs (Humboldt cité tout à l'heure, Jean de Léry, Claude D'Abbeville notamment) et fréquenté d'anciennes cartes. Il en a tiré le livre Magna Carta, illustré par Dominique Rousseau. ⇓

Bien que je ne place pas ces deux livres sur le même plan, permettez-moi de parler rapidement du mien dont Kenneth a dit qu'il était "en plein dans la géopoétique", considérant que c'était "énorme". ⇓

Voici comment est présenté le poème:

> "À l'heure où le destin collectif des êtres vivants est menacé, ce long poème évoque l'épopée de l'espèce humaine depuis ses origines jusqu'à nos jours dans son rapport toujours étroit aux lieux marins et terrestres, aux êtres vivants qui les ont peuplés et les peuplent encore. ⇓
>
> L'exploration physique et mentale contemporaine de plusieurs régions

> de l'ancienne province géologique du Gondwana — avec ce -a de l'origine et des nouveaux commencements qui apparaît au cœur de Gondawana — donne à ces vers la force d'une expérience intensément vécue au contact des éléments, du monde naturel et des peuples, à la recherche de l'ordre anarcho-archaïque le plus riche pour ouvrir et fonder un monde." (Gondawana) ⇓

L'écriture y suit la double voie du nomadisme intellectuel et de la géopoétique. À savoir qu'elle repose sur l'intégration (la plus efficace et discrète possible) d'éléments de savoirs naturalistes (géologie, paléogéographie, botanique, zoologie, astronomie) et humains (ethnographie, histoire, philosophie, linguistique) qu'il s'agit de faire entrer en résonance pour en tirer une parole pleine sur les lieux. ⇓

Le cas de Magna Carta est assez différent mais illustre la double exploration à l'œuvre dans le binôme 'nomadisme intellectuel-géopoétique'. ⇓

Contrairement à Gondawana, l'exploration sensorielle-physique et l'exploration mentale-abstraite ne sont pas accomplies par la même personne mais par deux : Kenneth White pour le texte géopoétique et Dominique Rousseau pour la matière visuelle géopoétique, l'ensemble étant organisé par le poète. ⇓

Ainsi les longs séjours de Dominique Rousseau au Brésil lui ont-ils permis d'endosser le rôle de collecteur de lignes du monde, ses discussions avec Kenneth White et les papiers qu'il a créés pour lui permettant à ce dernier d'entrer dans un dialogue esthétique avec les terres du Brésil. ⇓

White précise ainsi dans Magna Carta la différence entre perception et sensation : la première saisissant les formes de la matière-monde, la seconde, ses forces, les deux conjuguées visant à créer une version du monde qui constitue en soi un monde. ⇓

Avec ce livre écrit sur le Brésil pour le Brésil avec une répartition inédite des rôles, Kenneth White montre de façon originale de quelle façon la question du lieu peut être envisagée dans la géopoétique.⇓

5 – La complexité du lieu ⇓

Dans son traité intitulé La Physique, Aristote signalait déjà que le lieu est quelque chose de complexe, qu'il y a un lieu du lieu et que le lieu a une puissance. ⇓

Pour nous en tenir aux fondamentaux de la géopoétique, disons tout d'abord qu'aucun lieu n'est isolé. Avec quelques connaissances en géologie, il est possible de relier le présent au passé le plus lointain et ici à là-bas, une lecture du paysage permettant de comprendre les forces qui l'ont façonné. ⇓

De même, avec des connaissances sur les animaux, on peut suivre les migrations des oiseaux et des insectes qui nous introduisent aux flux et aux équilibres du vivant. ⇓

Enfin, si l'on peut dire, l'observation des pluies et des cours d'eau, des brumes et des courants marins, ou l'attention aux vents, rendent non seulement intelligibles mais sensibles les rapports dans le temps et dans l'espace entre les éléments, le minéral, le végétal et l'animal dont les frontières sont parfois si floues. ⇓

Le problème que nous, humains, rencontrons dans notre lecture du réel, c'est que " nos représentations ne correspondent pas à la totalité complexe du réel, que nos structures mentales (érigées en religions, idéologies, philosophies) bloquent une présence entière au monde " (Magna Carta). ⇓

Ainsi un lieu est-il bien plus qu'un ensemble de coordonnées physiques, historiques, climatiques. Un lieu est non seulement cela mais aussi le jeu que les forces et les formes qui le parcourent sans cesse lui font prendre, même brièvement, même à toute petite échelle. ⇓

Le lieu est constitué d'un ensemble de ce qu'on pourrait appeler des 'dimensions de l'existence' ouvertes les unes sur les autres. Pour re-connaître ces multiples dimensions de l'existence, il faut d'abord les connaître, c'est-à-dire sentir leur réalité dans un corps et dans un esprit. ⇓

J'aimerais finir, sans conclure, en citant ces vers du dernier recueil de Kenneth White, Mémorial de la terre océane, qui disent en toute simplicité à quoi ouvre la géopoétique: ⇓

"Arriver dans un lieu
où il n'y a
ni complications
ni explications

on avance pas à pas
s'en tenant entièrement à
ce qui est là." ⇓

Je vous remercie pour votre attention. ⇓

RÉPONSES AUX QUESTIONS

1. Quelle est la portée actuelle de la géopoétique ?
2. Dans quels domaines et par quels groupes est-il étudié, et comment ?
3. Quelles sont les méthodologies utilisées dans les recherches qui abordent la géopoétique ?
4. Quels sont les avantages et les inconvénients de baser la recherche sur la géopoétique ?
5. Comment la géopoétique peut-elle contribuer à la géoconservation et à la géoéducation ?
6. Comment percevons-nous la relation géopoétique-géoéthique ?

Je remercie les auditeurs pour leur intérêt et pour leurs questions, auxquelles je vais essayer de répondre le mieux possible. ⇓

Comme je le disais dans mon introduction, 90 à 95% des sources sur la théorie-pratique géopoétique sont en français et en anglais, l'anglais ne proposant même qu'un tiers des écrits de Kenneth White. Aussi est-il bien compréhensible qu'on n'ait pas encore beaucoup d'informations si on ne lit pas ces deux langues. Dans le futur, peut-être que géopoétique = Kenneth White ne sera plus vrai parce que des auteurs importants auront émergé dans ce champ transdisciplinaire. Mais pour l'instant cette égalité est exacte. Il s'agit de ne pas se tromper quand on s'informe sur la géopoétique. ⇓

De la fin des années 1970 jusqu'à l'année 2023, White a élaboré et construit toute une œuvre géopoétique (plus de 50 livres) qui comprend des essais, des poèmes et des livres-itinéraires. Il avait l'habitude de comparer l'ensemble à une flèche dont les pennes (donnant la direction) seraient les essais, la tige serait les livres-itinéraires (proposant un parcours dans l'espace terrestre) et les poèmes la flèche (saisissant les moments de plus grande intensité existentielle). ⇓

Les questions portant sur le rapport entre la géopoétique et la géoconservation, la géoéducation et la géoéthique de même que celle sur la portée de la géopoétique sont en fait complémentaires. ⇓

Pour celles et ceux qui voudraient (et j'imagine que cela ne peut être que leur souhait) approfondir leur connaissance de la géopoétique notamment en langue portugaise, un ensemble de textes fondateurs et d'articles est à leur disposition sur le site de l'Institut international de géopoétique en portugais. ⇓

Dans un de ces articles intitulé " Précisions ", extrait du livre Panorama géopoétique, Kenneth White a expliqué quelles étaient les différences, souvent profondes, entre la géopoétique et d'autres géo-, telles que la géopolitique, la géographie littéraire, la géophilosophie, la géocritique et aussi avec l'écologie. D'autres géo- sont apparus depuis, attestant de l'intérêt majeur que la géopoétique exerce dès aujourd'hui. ⇓

On peut sans exagération affirmer que la géopoétique constitue pour la pensée contemporaine un attracteur au sens où son champ réunit l'ensemble des trajectoires épistémologiques ayant pour horizon la réduction de la fracture entre l'homme et le monde. C'est le sens de l'expression d'

"Amazonie de l'esprit" qu'on trouve dans Magna Carta: la géopoétique est comme le grand fleuve qui attire tout le bassin versant pour le conduire vers l'Océan. ⇓

Je ne reviens pas sur la différence entre écologie et géopoétique, abordée dans ma conférence. Je rappelle seulement que l'écologie est une strate importante de la géopoétique et que cette dernière va beaucoup plus loin. De même que la géologie est une strate fondamentale de la géopoétique. Mais n'oublions pas ce que disent les racines des mots : le logos de la géologie est celui de la science, alors que le poïetikos de la géopoétique embrasse non seulement la science, la philosophie, les arts mais aussi une qualité d'existence. ⇓

C'est bien un nouveau paradigme que propose la géopoétique : non pas une révolution, non pas une rupture. La géopoétique évolue dans un champ différent des savoirs contemporains compartimentés. Un champ unitaire et pluriel, un champ archaïque et nouveau, un champ chaoticiste et harmonieux. Ce champ est au-delà des paradoxes et des divisions. ⇓

Revenons aux intelligentes questions posées par les auditeurs. Ce que la géopoétique peut apporter à la géoconservation, c'est un cadre conceptuel large et puissant qui permet, au-delà du souci écologique de protection, de donner un sens et une direction aux efforts déployés. On évitera ainsi les dérives, toujours possibles, de l'exploitation de la Terre, tout en œuvrant à une ouverture de l'être à l'histoire, aux structures et aux flux du monde qui le portent. ⇓

La géopoétique, comme je le disais, a pour but une harmonie entre les humains et la Terre, et pour cela il s'agit non seulement de comprendre et de respecter la terre et le vivant dans son ensemble, mais aussi de changer l'être par une éducation qui suit une éthique. Pour Kenneth White, qui n'avait rien d'un gourou, il s'agit de comprendre et d'appliquer dans sa vie propre la parole des Upanisad : " Tat twam asi " " Tu es cela ". Une parole qui ouvre la conception de l'être aux flux du vivant. ⇓

Soucieux d'éducation tout au long de sa vie mais pas prosélyte, White considérait que le changement devait se faire non pas à coup d'injonctions mais en se changeant soi-même, en se travaillant et, par cercles concentriques, en ouvrant son être à toujours plus grand mais aussi en propageant ce changement autour de soi. ⇓

C'est en premier lieu le rôle de l'œuvre de White, mais cela peut également être le rôle des groupes géopoétiques constitués de par le monde et c'est le rôle aussi des isolatos, ces individus par qui le changement s'effectue. ⇓

J'espère avoir répondu à vos questionnements et vous avoir donné l'envie de poursuivre le long chemin dans le vaste espace de la géopoétique. ⇓

Régis POULET

Itinerâncias geopoéticas brasileiras

Dominique Rousseau
Pesquisador independente, Institut Internacional de Géopoétique, Lyon, França. Artista plástico, professor, geógrafo e arquiteto. E-mail: *domrousseau1@gmail.com*

Nesta comunicação eu vou falar sobre meu trabalho, minha relação com o Brasil e nosso projeto "Magna Carta". "Carta Magna" é um texto de Kenneth White que liga o seu conceito de geopoética ao contexto brasileiro.

Como artista visual, eu trabalho na confecção de papéis, realizados com cascas e raízes das plantas, que me conectam à terra.

Como leitor de Kenneth, encontrei na geopoética uma ressonância com minha pesquisa plástica, e em 2005 fui encontrá-lo no seu estúdio na região da Bretanha, na França, onde ele escreveu o prefácio da minha exposição "Lignes du monde".

Eis um trecho: "A arte de Dominique Rousseau é uma espécie de Gondwana estético, que reúne diversos elementos, tanto materiais (rugosidade, fibrosidade, motivos), quanto imateriais (sensações, atmosferas, ideias embrionárias), que ele recolheu pelo mundo. Esta arte oferece prazer imediato aos olhos e um terreno fértil para a meditação sobre as formas e metamorfoses das coisas da Terra."

Desse primeiro encontro nasceu uma forte amizade entre nós. Estávamos no mesmo comprimento de onda. Um encontro sintônico!

Em seguida, trabalhamos durante quase vinte anos na nossa obra comum "Opus cosmopoéticum", uma coleção composta por cerca de vinte livros e numerosos manuscritos.

Nossos encontros foram feitos de amizade, discussões, viagens, inclusive uma viagem memorável da Bretanha à Escócia para uma conferência, onde fomos até a vila de sua infância.

Kenneth descreve nosso trabalho da seguinte forma no texto "Encontro na Grande Paisagem":

> Diante desses papéis feitos de uma rica pasta que ele mesmo fabrica, à partir dentre outras coisas, de fibras de cânhamo ou bananeira, nas quais ele faz impressões, como por exemplo, utilizando cascas, corais, conchas, carapaças, e que em seguida colore com diversas tintas. Nesses trabalhos vi imediatamente as páginas de um grande atlas geopoético, combinando história natural e geografia espiritual. Não poderia ser um encontro vago entre 'arte' e 'poesia', como em tantos "livros de artista", mas chegavam fundamentalmente em minha mente como arquivos da Terra.

No meu estúdio atlântico retomei antigas leituras de Aristóteles, Buffon, Cuvier, lembrei-me de paisagens vistas e vivenciadas, para compor textos que depois caligrafei nos espaços brancos dos "papéis" rousseauistas".

Ao longo desse período falei com ele sobre minhas estadias no Brasil, sobre minha paixão por suas paisagens e por seu povo. A "Terra das Brasas" obviamente fazia parte dessas pesquisas, e ele acrescentou inúmeras leituras às nossas discussões.

Assim surgiram os livros "Amazonas", "Selva", "Carta a Blaise Cendrars" ou "O Caderno do Cabaneiro". Também contei a ele sobre meus encontros com Frans Krajcberg. Mas primeiro quero voltar às origens da minha relação pessoal com o Brasil.

Tudo depende do acaso e da resiliência. [MELHOR SERIA: Na base de tudo estão as coincidências da vida e resiliência]

Essa história começa em uma noite de 1989, em uma pequena cidade de Minas Gerais com minha companheira Odile, onde um bebê nos foi confiado. Então, alguns anos depois, em 1996, num orfanato no Rio, uma menina de 4 anos pulou em nossos braços.

Ao longo de 20 anos, cerca de dez viagens e estadias em família aprofundaram a minha paixão por esta terra e a impressão de ter sido, em troca, adotado pelos antepassados dos meus filhos. Em 2003, durante uma dessas estadias, fomos para Nova Viçosa onde conheci Frans Krajcberg. Com Krajcberg tudo foi incrível!

" Incrível ". Ainda o ouço dizer essa palavra, com esse "incrível" sotaque franco-brasileiro-polonês, diante de tudo que era "Incrível", a beleza de uma flor, a curva de um galho, o desenho de um coral, e a loucura dos homens e sua destruição.

Todos os anos ele vinha a Paris, e eu ia vê-lo no seu ateliê em Montparnasse. Eu tinha o hábito de trazer para ele meus papéis recentes para discutir. Ele fazia esse tipo de comentário: "é muito pequeno, faz maior " ou "faz mais relevo …". Depois conversávamos sobre a vida dele, nossos projetos, atualidades, e saíamos para ver exposições. Um dia ele me disse "Vem para Nova Viçosa, eu tenho uma casa pequena, perto de um rio, você trabalha lá, você vai ser feliz". Ele não precisou me dizer duas vezes!

Foi assim que em agosto de 2006 trabalhei em Nova Viçosa na série "Mata Atlântica". E não foram férias! Todas as manhãs Frans me dizia rindo: "Aqui, as preguiças estão nas árvores!"

O prazer de nos vermos em Paris cada vez que ele vinha continuava. Voltei para Nova Viçosa para comemorar seus 95 anos. Eu fiz alguns moldes de ossos de baleia na praia e criei a série "O sonho da baleia". A obra de Krajcberg é um grito, uma revolta diante da destruição, uma obra incandescente de protesto.

A geopoética de White é uma tentativa de abrir um campo, um espaço mental que possa responder às nossas questões atuais, à nossa relação com a terra. Ainda se trata hoje e sempre de "colocar o mundo para funcionar".

Em julho de 2023 no mesmo momento em que Lirandina encontrava Kenneth White em Trébeurden e ele lhe confiava a edição da "Carta Magna", eu estava na ilha de Marajó. Após uma viagem de Fortaleza a Belém onde integrei meus papeis geopoéticos com as paisagens do Nordeste.

Mandei para Kenneth um pequeno vídeo com o livro "Amazonas" na proa de uma canoa, deslizando em um igarapé entre os manguezais.

Em agosto instalei "A viagem dos papeis geopoéticos" na reitoria da UNEB. E poucos dias depois, durante um workshop na mata de Massarandupió, compartilhamos com emoção o anúncio da partida de Kenneth.

Ele nos deixa este texto "Magna Carta: uma abordagem artística, ecológica, filosófica e política do mundo geopoético". Ele ficou muito feliz com este projeto editorial. Este texto é como uma semente que, não tenho dúvidas, encontrará uma terra fértil aqui no Brasil.

Espero encontrar todos vocês em Salvador em 2025, quando da publicação deste livro. Obrigado a todas e todos, pelo prazer deste encontro.

Tudo de bom! Dominique Rousseau

Dominique Rousseau, artista plástico, professor, geógrafo e arquiteto, passou a sua infância como "nómada" entre o Vietnã, Camarões, a Costa do Marfim e a Tunísia.
Passou muitas temporadas no Brasil, especialmente na Bahia, onde conheceu Frans Krajcberg.
A sua pesquisa plástica evoluiu do desenho para a arte da fibra e do papel. Como artista que trabalha com papel, expôs em muitos países. Trabalha com papel feito de fibras vegetais para criar obras bi e tridimensionais e instalações imersivas.
Kenneth White, com quem criou vários livros de artista, reconheceu-o como um artista importante no domínio da arte geopoética. Depois de uma viagem ao Nordeste e a Belém do Pará, Dominique Rousseau veio a Salvador da Bahia em agosto de 2023. Participou da oficina de geopoética Encantos da Mata com nosso grupo de pesquisa e expôs "A viagem dos papéis géopoéticos" no hall da reitoria da UNEB.

Uma visão geral do seu trabalho pode ser vista no seu site *http://dominiquerousseau.com/index.php*

VERSÃO FRANCESA

" Magna carta " est un texte de Kenneth White reliant la géopoétique au contexte brésilien.

En tant qu'artiste plasticien, je travaille la matière papier, qui par ses constituants écorces et racines végétales me relie à la terre.

Lecteur de Kenneth, je trouvai dans son concept de géopoétique une résonnance à mes recherches plastiques et en 2005 je suis allé le rencontrer dans son atelier en Bretagne et il a écrit la préface à mon exposition " Lignes du monde ".

Voici un extrait :" L'art de Dominique Rousseau est une sorte de Gondwana esthétique, qui réunit les divers éléments à la fois matériels (rugosités, fibrosités, motifs) et immatériels (sensations, atmosphères, idées embryonnaires) qu'il a recueillis à travers le monde. Cet art offre à la fois une jouissance immédiate pour les yeux et un terrain propice à une méditation sur les formes et les métamorphoses des choses de la Terre. "

Dès cette première rencontre une forte amitié est née entre nous. Nous étions sur la même longueur d'onde. Une rencontre syntonique !

Nous avons ensuite, durant presque vingt ans travaillé à notre œuvre commune " Opus cosmopoéticum ", ensemble constitué d'une vingtaine de livres et de nombreux papiers manuscrits.

Nos rencontres étaient faites d'amitié, de discutions, de voyages ensemble, dont un mémorable de Bretagne jusqu'en Ecosse pour un colloque, où nous sommes allés dans son village d'enfance.

Kenneth dans un texte " Rencontre dans le grand paysage " décrit ainsi notre travail :

> Devant ces papiers faits d'une riche pâte qu'il fabrique lui-même à partir, entre autres, de fibres de chanvre ou de bananier, dans laquelle il fait des empreintes avec, par exemple, des écorces, du corail, des coquillages, des carapaces, et qu'il colore ensuite de diverses encres, je voyais tout de suite les pages d'un grand atlas géopoétique, alliant histoire naturelle et géographie de l'esprit. Il ne pouvait être question d'une vague rencontre entre " art " et " poésie ", comme dans tant de " livres d'artiste ", il s'agissait fondamentalement dans mon esprit des archives de la Terre.

Dans mon atelier atlantique, je repris mes anciennes lectures d'Aristote, de Buffon, de Cuvier, je me remémorai des paysages vus et vécus, afin de composer des textes qu'ensuite je calligraphiais dans les espaces blancs des " papiers " rousseauistes "

Durant toute cette période, je lui parlais de mes séjours brésiliens, de ma passion pour ses paysages et son peuple. La " Terre de braise " faisait bien sûr partie de ses recherches, et il ajoutait à nos discussions de nombreuses lectures.

C'est ainsi que sont apparus les livres " Amazonas ", " Selva ", " Lettre à Blaise Cendrars " ou " Le carnet du cabaneiro ". Je lui parlais également de mes rencontres avec Frans Krajcberg. Mais avant je veux revenir à l'origine de ma relation personnelle avec le Brésil.

A la base il y a les hasards de la vie et la résilience.

Cette histoire commence un soir de 1989, dans une petite ville du Minas Gerais avec ma compagne Odile, où un bébé nous est confié. Puis quelques années plus tard, en 1996 dans un orphelinat de Rio, une petite fille de 4 ans nous saute dans les bras.

Pendant 20 ans une dizaine de voyages et séjours en famille ont approfondi ma passion pour cette terre et mon impression d'avoir été adopté en retour par les ancêtres de mes enfants. En 2003 lors d'un de ces séjours, nous sommes allés à Nova Viçosa où j'ai rencontré Frans Krajcberg. Avec Krajcberg tout était Incroyable !

" Incroyable ". Je l'entends encore dire ce mot, avec cet " incroyable " accent Franco-Brésiliano-polonais, devant tout ce qui était " Incroyable ", la beauté d'une fleur, la courbe d'une branche, le

dessin d'un corail, et la folie des hommes et de leur destruction.

Chaque année il venait à Paris, j'allais le voir dans son atelier de Montparnasse. J'avais pris l'habitude de lui amener " mes papiers " récents pour discuter, il faisait ce genre de commentaires, " c'est trop petit, fais plus grand !! " ou " fais plus de relief là … " ensuite nous parlions de sa vie, de nos projets, de l'actualité. Nous sortions voir des expositions. Un jour il me dit " Viens à Nova Viçosa, j'ai une petite maison, à côté d'une rivière, tu travailles là, tu seras heureux ". Il n'a pas eu besoin de me le dire deux fois !

C'est ainsi qu'en Août 2006 j'ai travaillé à Nova Viçosa à la série " Mata Atlantica ". Et ce n'était pas des vacances ! Frans chaque matin me disait " Ici les paresseux sont dans les arbres ! " en riant.

Le plaisir de se revoir à Paris à chaque fois qu'il venait a continué. Je suis retourné à Nova Viçosa pour ses 95 ans. J'ai fait des empreintes d'os de baleine sur le rivage et réalisé la série " O sonho da baleia ". L'œuvre de Krajcberg est un cri, une révolte face à la destruction, une œuvre incandescente

La géopoétique de Kenneth White est la tentative d'ouvrir un champ, un espace mental qui peut répondre à nos questionnement actuels, à notre relation à la terre. Il s'agit encore et toujours de " mettre le monde à l'œuvre ".

En juillet 2023 alors que Lirandina rencontrait Kenneth White à Trébeurden et qu'il lui confiait l'édition de " Magna carta ", j'étais sur l'île de Marajó. Après un périple de Fortaleza à Belém où j'accompagnais mes papiers géopoétiques dans les paysages du Nordeste.

J'envoyais à Kenneth une petite vidéo avec le livre " Amazonas " sur la proue d'un canoë, glissant dans un iguarape parmi la mangrove.

En août j'ai installé " A viagem dos papeis geopoéticos " dans le rectorat del'UNEB. Et quelques jours plus tard en plein workshop dans la forêt de Massarandupió, nous avons partagé avec émotion l'annonce du départ de Kenneth.

Il nous laisse ce texte " Magna carta, Une approche artistique, écologique, philosophique et politique du monde géopoétique ". Il était très heureux de ce projet d'édition. Ce texte est comme une graine qui trouvera, je n'en doute pas, une terre fertile ici au Brésil.

J'espère vous rencontrer tous à Salvador en 2025 autour de la parution de ce livre. Merci à toutes et tous, pour le plaisir de cette rencontre.

Dominique Rousseau artiste plasticien, enseignant, géographe et architecte, a eu une enfance " nomade " entre le Vietnam, le Cameroun, la Côte d'Ivoire et la Tunisie. Il a fait de nombreux séjours au Brésil et notamment à Bahia où il a rencontré Frans Krajcberg. Ses recherches plastiques ont évolué du dessin à l'art de la fibre et du papier. Artiste de la matière papier , il a exposé dans de nombreux pays. Il travaille la matière papier issue de fibres végétales pour créer des œuvres en deux ou trois dimensions, ou des installations immersives. Kenneth White avec qui il a crée de nombreux livres d'artistes , l'a reconnu comme un artiste important de l'Art géopoétique. Dominique Rousseau après un voyage dans le Nordeste et à Belem do Para, est venu en août 2023 à Salvador de Bahia. Il a participé avec notre groupe de recherche à l'atelier géopoétique Encantos da Mata et exposé " A viagem dos papéis géopoéticos " dans le hall du rectorat de l'UNEB.

SESSÃO ARTÍTISCA

Rio Araguaia! Viagem de Água e Sonhos!

Lúcia Helena Batista Gratão
Universidade Estadual de Londrina - UEL
Grupo de Geografia Humanista Cultural - GHUM/UFF

Apresentação

A composição desta produção artística para a Revista Ecoturismo e Conservação, dedicada à Geopoética, é uma extensão da correnteza de projeção onírica bachelardiana aos vislumbres da geopoética, traçada e tracejada a partir de *"A Poética d' "O Rio" – ARAGUAIA! De Cheias... &... Vazantes... (À) Luz da Imaginação!* (GRATÃO, 2002) e da apresentação baseada no vídeo disponível no Youtube (https://youtu.be/nyX2vZmpm7w) realizada no evento 1º Encontro Transatlânticos de LabGeopoéticos, que de forma online reuniu diversas pesquisas associadas com Geopoética, todas registradas no Youtube do GeoTales em Geopoética UNIRIO.

O Araguaia expõe seu corpo de água
correnteza.
Correndo também vive o povo que nega o medo
enfrentando a luta maior
a terra de todos
um dia repartida.

Nas veias que temos
corre o sangue mais livre
da poesia que muda o destino dos homens.

Povo-Araguaia-luta-poema
c orrenteza de vida
- ninguém vai parar!

Nesta terra unidos
- Amazônia -
o Araguaia já somos

Poetas do Araguaia (1983)

Anúncio ao leitor... antes da travessia...

Aos leitores, este texto, estas linhas, são escrituras sobre a água...

Foi perto da água e nas suas flores que melhor compreendi ser o devaneio um universo em emanação, um alento odorante que se exala das coisas pela mediação de um sonhador. Se quero estudar a vida das imagens

> da água, preciso, portanto, devolver ao rio e às fontes de minha terra seu papel principal ... Nasci numa região de riachos e rios, num canto da Champagne, povoado de várzeas, no Vallage. (BACHELARD, 1989, p. 8)

A minha paisagem não é a de Gaston Bachelard. O meu imaginário brota dos trópicos. País Tropical! Brasil! Planalto Central! Sertão! Cerrado! Berço das Águas... Nasci em terras araguaianas de ipês amarelos, pequis, cocais, buritis... araras e tucanos... rios de duas estações... de cheias... &... vazantes... (GRATÃO, 2002, p. 3). A mais bela e esperada *Viagem*... seria para mim *"O Rio"* – *ARAGUAIA!* Passado o inverno, quando o canal transborda o sêmen da vida, aguardando quando julho chegasse para expor o seu belo corpo dourado estendido pelo extenso manto de areia. Araguaia de mistérios e sonhos!

Celebração à imaginação telúrica e hídrica!

> A terra natal é menos na extensão do que na matéria. É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental. Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água .... Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo sem rever a minha ventura... não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água autônoma sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes. (BACHELARD, 1989, p. 9)

Consagração à sacralidade e solidariedade!

Nossas Vidas são os Rios

Nossas vidas são os rios.
Minha vida é este Araguaia!
Indescritível,
indecifrável,
Que se ama e se agradece, e se teme e deseja;
ao qual se volta sempre,
Como a um lar, fatídico e feliz.

Exuberante e cruel,
maravilhosa,
A multiforme fauna,
presente ainda condenada ao extermínio.
...
E os peixes de todos os tamanhos e luzes,
Os peixes que dão vida,
...
Os pássaros, vestidos a rigor,

...
Essa fileira de patos colegiais,
que espera um ônibus ali na margem...
E, de súbito, o pulsar
frágil de uma canoa

E as nuvens, acima,

cansadas e fecundas

As famílias que chegam, retirantes;
...
as mulheres batendo a trouxa indiscreta;
os homens na popa, os homens no remo;
e os meninos banhando-se,
somando-se às águas, como peixes.
E eu, pela manhã, lavando-me do sono
com o espelho incandescente ao sol da outra margem;
eu, pela tarde, entrando,
reverente, estrangeiro,
vestido pela luz poente e pura,
Na liturgia destas grandes águas...

Pedro Casaldáliga, Antologia Retirante, 1979

Meu prazer é acompanhar *"O Rio"*, caminhar ao longo dos seus (per)cursos... no sentido da água que corre, correnteza que leva (à) vida – (à) luz da imaginação!

Saio em busca *d' "O Rio"* por caminhos poéticos (à) luz da imaginação – com o propósito de trazer *"O Rio"* no sentido de despertar em cada um de nós a alegria de viver e de lutar por um mundo melhor, mais amoroso e solidário. Onde a educação, a arte e cultura possam (con)fluir no campo da geografia para construir um canal de convergência geopoética. E no trabalho de construção desse canal, a correnteza se orienta em busca das águas da vida... fonte... nascentes... águas de infância.... Quando existe amor as almas se buscam. Assim, educação, arte e cultura se encontram na geografia que a recebe aos entrelaços de afetividade pelos seus (per)cursos... de topofilia e (à) luz da imaginação poética.

E *"O Rio" – ARAGUAIA!* recebe estas confluências e celebra a grande convergência geopoética.

Uma *Viagem*... ao Universo *d' "O Rio"* com a entrada no mundo "interior" imaginário das pessoas do lugar. Na bagagem leituras, experiências e vivências através de Encontros... & Conversas... amor e poesia. Um verdadeiro caminhar e olhar em direção ao *"Rio" – ARAGUAIA!*

Uma *Viagem*... embalada e entoada por *movimentos*... em *ānima*.

E, através do texto narra-se a vida dos homens com *"O Rio"* (cenas, músicas, poesias, falas; imagens... e... paisagens...). O texto traz ou procura expressar-se numa linguagem cênica-poética em que se complementam imagens... paisagens... música... palavra... poesia...

Uma *Viagem*... sonhada antes de contemplada.

> Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com uma paixão estética as paisagens que vivemos antes em sonho. Mas a paisagem onírica não é um quadro que se povoa de impressões, é uma matéria que pulula. (BACHELARD, 1989, p. 5).

Uma *Viagem*... em busca de imagens da água pela via da imaginação poética.

Da terra para a água... uma travessia de amor e poesia

O ENCONTRO DAS ÁGUAS! *"O Rio" – ARAGUAIA!* Chega ao seu mérito... ao seu destino... entregar suas águas ao Rio Tocantins no Bico do Papagaio num gesto de amor e poesia! Grande Abraço! Dois Rios... se entrelaçam... Na ponta de terra do Bico do Papagaio... *fusão* dos dois canais... transubstanciando as *duas águas*... Doação! Fusão! Comunhão! Celebração!

E os dois rios descem abraçados,
Sem se darem conta de que o homem civilizado,
Agredindo com fúria a Natureza,
Destrói, sem piedade, tanta beleza!

Murici de Medeiros, Citado em Breve História do Tocantins, 1997

Fazendo a travessia do mundo sertão...
O diabo não há!...
Existe é o homem humano.
Travessia.

Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas, 1985

> *Se algum dia alguém perguntasse que imagens dos muitos mundos... contém a cena do meu coração, eu deveria responder com palavras muito simples: estradas de terra, trilhas de montes... Às vezes, o meu desejo de amor por conviver com esses traços da vida sobre os cenários do mundo é tão persistente, que penso que as estradas e trilhas de terra dos sertões de meus tempos são os lugares onde eu sempre vivi...*
>
> *Vivi alguns anos nos sertões de dentro ou à margem de suas fronteiras... Por razões de algum trabalho, para chegar a um outro lugar na geografia do Planalto Central... o fato é que, de um então até hoje, o sertão me habita...*
>
> Carlos Rodrigues Brandão, Memória/Sertão, 1998

Ao gesto de amor e poesia, encerra-se a nossa "*Viagem de Água e Sonhos*" pelo *(Per)Curso d' "O Rio" – ARAGUAIA!* Múltiplos (per)cursos... imagens... paisagens... e... lugares. Cenário de múltiplas EnCenAções... falas e gestos; cantos e cânticos; cantos, recantos e encantos; múltiplos movimentos... Composição poética da "*Sinfonia d' "O Rio – ARAGUAIA!"* Ode à Alegria!

Transportando-nos à Sinfonia nº. 9 em Ré menor, Op. 165, *Coral* de Ludwig Beethoven (1770-1827), em especial, o último movimento, *"Coro Final da Ode à Alegria, de Schiller"*.

Ode "À Alegria"

Amigos, basta desses cantos!
Entoemos um outro mais alegre e agradecido:
O Cântico do Júbilo!

Alegria, fulgor de imortal flama,
filha do Eliseu!
Teu santuário invadimos,
divindade celeste, ébrios de fogo.
Que tua magia reúna os divididos.
Sob tuas asas ternas e amplas
Os homens todos serão irmãos.

Quem teve a boa sorte

Da amizade
E do amor
que se associe ao nosso júbilo.
E também quem encontrou alma afim.
Mas que tenha seu isolado pranto quem tanto
não alcançou.

A Natureza dá alegria a todos os seres.
Todos os homens, os bons e os maus,
por ele anseiam.
Beijos e vinho ela oferece
aos que na morte jazem.

A alegria da vida é dada ao verme
e com Deus habitam os anjos!
Como astros de luz a cruzar,
gloriosos, ao Céus,
correi, irmãos, em júbilo, qual cavaleiros
vitoriosos.

Por milhões incontáveis o amor se expande
e a todos beija.
Certamente, acima das estrelas,
um Pai cheio de bondade o Céu habita.
Perante Ele ajoelhai-vos.
Sentes, Mundo, o teu Criador?
Acima das estrelas é sua morada.
Procura-O nessas altitudes,
para além a acima das estrelas.

Friedrich Schiller, Ode à Alegria, 1803

Ao enlevo da alegria de revisitar *"O Rio"- Araguaia! (À) Luz da Imaginação!* Um amoroso convite a todos a *olhar* e a *pensar* sobre os lugares e as paisagens, com *olhos do coração* e da *alma*. O nosso interesse nos lugares e paisagens valorizadas não é apenas uma simples divagação poética d'*"O Rio"*. O que está se compondo poeticamente, são os sentimentos de afeição do Homem com os lugares e paisagens com os quais se envolvem, vivem e/ou (con)vivem. Sentimentos e valores que poeticamente, têm um significado relevante – *fluente* – de valor e de ações.

A essa *fluência*... trazendo no *coração o sonho real* de que o *"O Rio" – ARAGUAIA!* continuará existindo *(e)ternamente*, como grande artéria deste *"corpo hídrico"* que ocupa o "centro" do Brasil; continuará *pulsando* no *Coração do Brasil*, dando vida aos múltiplos sentidos reais, imaginários e simbólicos. As suas ***Nascentes...*** não morrem! Os seus encantos não se (des)encantam, mas se (re) encantam! Os seus mitos não morrem! *"O Rio"* dos *Karajá-Berohokÿ* – não pode morrer! *"A água do rio Araguaia é o sangue do Karajá. O rio Berohokÿ para o índio é vida. Sem água o Karajá não vive. A nossa história começa com o rio... 'bero-umy'* (Cacique/PIN Krehawa, T.I., São Domingos, Luciara/MT) *"O Rio"* é Vida! *Nascentes...* que brotam do chão Cerrado – *"Berço das Águas"* - Berço da Vida!

Antes de se *aportar*, um convite ao *olhar humanista* para o *Cerrado*; ao *olhar de cuidar* da grande *fonte* do nosso imaginário hídrico.

Que (À) Luz da Imaginação d'"O Rio" - ARAGUAIA!, se projeta em direção a todos os povos,

irradiando amor à Natureza, despertando a consciência humana e iluminando os caminhos... da geografia, da ciência, da tecnologia e da educação, no sentido da construção de Mundo. Que conduza ao (en)volvimento do Homem com a Terra/na Terra - do Homem como "ser com" - ("être- avec").

Ao encerrar a nossa *Viagem de Água e Sonhos,* um convite a ouvir a "Voz do Rio"!

No sopé da serra,
Das profundezas do chão,
Das águas que caem das chuvas,
Dos córregos e dos riachos
Eu saio, eu nasço, eu nasço
Nos baixos e nas chapadas,
No coração do sertão,
Nas vilas e nas cidades.
Nos pensamentos dos vivos
Eu passo, eu sirvo, eu passo.
Sou o som, sou sentimento,
Sou despacho e emoção,
sou parque pra meninada,
onde se aprende a nadar.
Meu corpo cortado em poço
É casa de muitos irmãos,
Fonte de muitas vidas,
Minhas pegadas no chão.
Meu corpo picado em cacimba
é o meu sangue minado.
Pra matar a sede de quem tiver
Sede.
Estão me matando, e são vocês,
Homens irmãos.
Me olhem, me sintam,
me usem,
me amem.
Deixem que eu seja um RIO VIVO.

Antônio Alencar Sampaio

Ao embalo da alegria e encantamento de revisitar "O Rio"- Araguaia!
Viagem de Sonhos!

Goiânia, 25 de Outubro de 2024!
Chuva em trasbordamento!

Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos:** ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GRATÃO, Lucia Helena Batista. **A poética d' "o Rio"- Araguaia:** de cheias... e...vazantes...(à) luz da imaginação. 2001. 354f + anexos. Tese (Doutorado em Geografia, área Geografia Física) –

Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

Ecoturismo & Conservação

Reflexões geopoéticas em encontros transatlânticos: sobre o marinho, o telúrico e as virtualidades afetivas

Luiz Afonso V. Figueiredo
Doutor em Geografia (USP). Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEC/UNIRIO) e pesquisador associado do Laboratório de Geociências e Geopoética. lafonso.figueiredo@gmail.com

Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano
Doutora em Geologia (UFRJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEC/UNIRIO). Coordenadora do Laboratório de Geociências e Geopoética. luiza.ponciano@unirio.br

Primeiros mergulhos: entre redes de águas e montanhas

> No início da jornada, por medo da queda no liso da pedra, recebo minha mãe pelo vento que brota das suas águas. (...) O próximo mergulho demanda encontrar-se em frestas cavadas lentamente, que somem de vistas que não se fluidificam. (...) Não me vejo mais só no poço de quartzo diluído na parede. Invento novos poços, lagoas, cachoeiras e Rios que refletem as mais profundas águas, enquanto me transformo em tudo que vejo. As sete-cores chegaram faz poucos dias, e seus ninhos já estão tomando forma. São elas que me lembram, é preciso gerar em novos ninhos, palha velha precisa é ascender em cinzas (PONCIANO, 2023).

Numa integração banhada pelas águas da Geopoética, na busca por "gerar em novos ninhos", surge o presente texto, a partir de uma inédita e forte conexão entre os autores em suas aproximações pelas rupturas que ambos procuram, visando encontrar rumos *indisciplinares*, tal como proferido pelo professor Attico Chassot (2016), quando diz acerca da necessidade seguirmos "transgredindo fronteiras". Isso quer dizer que propomos seguir por aquelas trilhas que estão fora dos compartimentos fechados do conhecimento, ainda predominantes no ambiente acadêmico.

Nesse sentido, pretende-se questionar alguns receios observados na academia sobre se o uso de abordagens geopoéticas diminuiria a objetividade científica. Trazemos uma outra compreensão: o que acontece na Geopoética é o alinhamento de pesquisas com uma proposta que permite a ampliação das abordagens pedagógicas, com a criação de novos espaços e possibilidades para o registro daquilo que é construído entre as ciências, as artes e o cotidiano, fluindo no que costuma ser chamado de relação sociedade humana e paisagem. Inclusive, o que se busca é ultrapassar essa dualidade que a própria nominação e definição destas palavras, como conceitos, geram.

Em "A invenção da paisagem", Anne Cauquelin (2007) destaca que "a constituição da paisagem em natureza foi algo que teve longos séculos de preparação". Ela sugere que a percepção da paisagem é resultante de uma estrutura cultural herdada pelo indivíduo, muitas vezes com forte apelo simbólico. Portanto, natureza não é paisagem. Mas, com as estruturas da percepção introduzidas por essa perspectiva, a natureza é oferecida, enquadrada e à distância, como paisagem (CAUQUELIN, 2007; SEBASTIÃO, 2021).

Krenak (2020) adverte sobre a importância das palavras e imagens para formular e legitimar visões de mundo, pensamentos e ações. Ele pontua que esse outro mundo possível não pode se referir apenas ao reordenamento dos espaços e de novos entendimentos sobre a relação com a natureza, por uma ideia de humanidade que ainda se considera separada, pois, assim, apenas "estão invocando

novas formas de os velhos manjados humanos coexistirem com aquela metáfora da natureza que eles mesmos criaram para consumo próprio" (KRENAK, 2020).

Na cosmopercepção indígena, uma das bases da proposta de uma Geopoética originária (PONCIANO; CARDOSO; SANTOS, 2024) que abordaremos a seguir, a distância criada por essa estrutura, de pensar uma paisagem separada dos seres humanos, também não faz sentido. Isso não se alinha com a busca pelo aprofundamento de relações sensíveis e afetivas com a Terra, assim como nos traz Ailton Krenak (2024), em escutas de parentes indígenas em cujas línguas não existe o equivalente ao que chamamos de Natureza. Desse modo, quando as existências estão integradas, não é necessária uma palavra que demonstre uma separação.

O presente trabalho surge como uma forma de apresentar nossos processos criativos artísticos-científicos-técnicos que fluem simultaneamente em cada um de nós. Assim, cada escrita nasce a seu tempo, reverberando internamente até se materializar, destacando a amplitude mais complexa e variável que alguns processos criativos demandam para se completar.

Parte-se, então, de uma aproximação que gerou produções que emanam reflexões imagético-geopoéticas de ambos autores, estimulada por dois momentos distintos na dinâmica acadêmica, a participação em eventos (híbrido, parcialmente presencial e outro, online) e reuniões em espaços abertos e "não acadêmicos", onde a busca pela integração de projetos associados com a Geopoética gerou um relato de experiências, culminando em um "produto artístico", sob forte influência das montanhas e águas cariocas.

O primeiro momento foi a realização de uma conferência híbrida sobre **Educação Ambiental, Ecoturismo em Áreas Protegidas e as Cavernas do Alto Ribeira (SP)**, na UNIRIO em maio de 2024, falando sobre potencialidades e conflitos socioambientais em regiões florestais paulistas de Mata Atlântica, durante o lançamento do livro ***"O 'Meio Ambiente' prejudicou a gente…"*** (FIGUEIREDO, 2022). E o outro momento foi um evento online que juntou pesquisadores de Geopoética de diversas regiões do mundo, durante o ***1º. Seminário Encontros Transatlânticos de LabGeopoéticos***, promovido também pela UNIRIO em julho de 2024, envolvendo diversas instituições parceiras.

No primeiro evento, promoveu-se uma discussão sobre variadas situações existentes entre populações humanas e áreas protegidas, demonstrando qual a essência de um estudo relacionado com a pedagogia do conflito, onde predomina a educação invisível; aquela que surge imbricada nas relações sociais, instigadas pelo título-tema do livro em destaque. O texto favorece voos que nos levam ao Vale do Ribeira, no Sul do estado de São Paulo, onde pessoas convivem diariamente entre florestas, montanhas, cavernas, rios, cachoeiras e a presença de um importante patrimônio natural e cultural, além do mais, elas esperam que o turismo seja o salvador de suas condições socioeconômicas precárias. Talvez um bom argumento de acercamento entre ecoturismo, conservação, educação ambiental e geopoética.

O evento foi parcialmente presencial em um auditório da UNIRIO, complementado com apresentação digital, que apesar de diversos contratempos e a ausência dos necessários olhos nos olhos, cumpriu o seu papel provocativo e difusão de conhecimento. A atividade ficou registrada no canal GeoTales-UNIRIO (YouTube).

O segundo momento, *1o. Simpósio Encontros Transatlânticos de LabGeopoéticos*, que também está disponível no canal do GeoTales da UNIRIO no YouTube, foi planejado pensando em estimular trocas de experiências entre pessoas que pesquisam a geopoética, ampliando a criação de redes colaborativas, baseadas na busca por uma maior percepção das relações sensíveis e afetivas dos seres humanos com o planeta Terra. Isso visa contribuir com uma conservação da(s) natureza(s) e culturas que esteja associada aos ritmos, fluxos, dinâmicas e sistemas da Terra.

O evento surgiu como fruto de uma parceria entre o PPGEC-UNIRIO, (com sede na Urca, RJ), a Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), de Portugal, e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), uma instituição baiana multicampi. Inesperadamente o evento foi tomando proporções muito mais abrangentes do que o previsto pela comissão organizadora, composta por docentes

integrantes do Núcleo de Geociências e Geopoética nos Países Latino-Americanos e Lusófonos (Nu2Geo), sediado no Laboratório de Geociências e Geopoética (LabGeo(ciên)poética), no Instituto de Biociências (IBIO) da UNIRIO. Tendo sido o momento de inauguração do Nu2Geo, quando a Prof. Dra. Luiza Corral M. O. Ponciano (UNIRIO), o Prof. Dr. Georgios Dimitriadis (CGeo-ITM/UTAD) e a Prof. Dra. Lirandina Gomes Sobrinho (UNEB), juntamente com o coletivo de discentes e parcerias/colaborações, organizaram esta união de pessoas/instituições que estão baseando suas pesquisas em geopoética, ou temas associados.

As temáticas foram as mais diversas, partindo da geopoética, em seus múltiplos enfoques, transitando pela geograficidade, geoconservação, geoturismo, ecoturismo, geoparques, participação e cultura popular, literatura, arte, cosmovisões/cosmopercepções indígenas e de povos de terreiro, performances artísticas de poesia e música, entre tantos outras.

Durante a programação do evento, predominou o ambiente virtual síncrono. Naquele momento a paisagem era constituída de pixels, dispositivos eletrônicos que aspiram aproximar pessoas de vários cantos do Mundo, algo extremamente difícil. Contudo, a poesia da paisagem, aquela em que vivemos e que nos une, foi o amálgama para as atividades, criando virtualidades com espírito presencial e afetivo.

Seguindo por esse entendimento do conceito de paisagem, trazemos o "pensamento-paisagem" de Collot (2013), referência bastante utilizada na geopoética, que tendo por base a interação entre sujeito e território, reforça que "a noção de paisagem envolve pelo menos três componentes, unidos numa relação complexa: um local, um olhar e uma imagem" (COLLOT, 2013, p. 17). Para essa ideia de paisagem em sintonia com a poesia, torna-se fundamental o "encontro entre o mundo e um ponto de vista", não sendo "nem pura representação, nem uma simples presença" (COLLOT, 2013, p. 18).

No entanto, como nos traz Soares (2024), é importante ponderar que a proposta de Collot (2013) está imbricada com o romantismo e na busca de um ponto de vista para adaptar esse fenômeno de ambivalência entre corpo e mundo com o pensamento e a sensibilidade europeus, sendo muito distante da realidade socioeconômica que permeia o entrelaçamento entre os contextos históricos, sociais e estéticos brasileiros, em especial aqueles advindos das periferias, onde a maior parte dos integrantes/descendentes dos povos indígenas e afrodiaspóricos convivem.

É importante destacar que estas oposições e complementaridades, que emergem do contato entre diversas referências com as duas existências que elaboram o presente texto, é considerada um exemplo de como pode ser possível uma pesquisa que não esconda a diversidade de caminhos que cada pessoa percorreu, que não busca uma homogeneização para alcançar pretensas padronizações demandadas no meio acadêmico. A repetição dessas metodologias, que apagam as múltiplas formas de existência e, consequentemente, de possibilidades de relações sensíveis com e no o mundo, propaga as violências/racismo estrutural contra o estar no mundo (do corpo, da poesia) que muitas vezes impede que os próprios projetos de Conservação da "Natureza" não sejam realmente eficientes (PONCIANO; CARDOSO; SANTOS, 2024, SOARES, 2024).

Como propõe Krenak (2021), não podemos apagar as "diferenças de cosmovisão que cada povo, (...) que cada ideia de comunidades que nós elaboramos pode expressar" e precisamos rever essa pretensa padronização, "de que nós vamos andar em direção a um comum, a um igual" (KRENAK, 2021), na academia, nas escolas, na vida.

Nessa parte final da nossa abertura deste texto híbrido, que numa tentativa de enquadramento foi escolhida como destaque a parte "artística", que veremos mais a seguir, convidamos Bachelard (1989; 1990a; 1990b; 1994; 1998), o homem das 24 horas, aquele que transita entre o racionalismo científico e os devaneios poéticos, permitindo um resgate do lado simbólico da paisagem; aqui, já em suas roupagens noturnas e sob os devaneios da chama de uma vela. Ele se aprofunda na relação do humano com elementos da natureza, por meio da sua devoração de livros, encontrando na essência da literatura, na profundeza dos escritores, os alicerces para o convívio e a exaltação da paisagem, promovendo reflexões sobre a relação entre ciência e poesia. De acordo com a visão bachelardiana "há

sempre um resíduo de poesia em toda abordagem científica" (CESAR, 1989, p. 70).

> Os eixos da poesia e da ciência são a princípio inversos. Tudo que a filosofia pode esperar é tornar a poesia e a ciência complementares, uni-las como dois contrários bem-feitos. É preciso, portanto, opor ao espírito poético expansivo o espírito científico taciturno, para o qual a antipatia prévia é uma saudável precaução. (Bachelard, 1994, p. 2).

Mas, será mesmo necessária essa antipatia? O que ela busca defender? É preciso deixar explícito, que quando falamos de geopoética, de poéticas da paisagem, não estamos falando de modo restrito à poesia nem à literatura, e sim de uma relação ampla, sensível, complexa e íntima com o mundo em que vivemos. Diversos autores de referência têm discutido isso, compondo o campo geopoético (WHITE, 1994, s.d.a; s.d.b; FIGUEIREDO, 2009; 2010; BOUVET, 2012; GRATÃO, 2016; 2018; WHITE, POULET, ANTUNES, 2023; PONCIANO, 2018; PONCIANO; CARDOSO; SANTOS, 2024).

Aportes poético-imagéticos

Respiro presenças que me chegam de todos os lugares. (...) A transformação chega pela diluição da minha visão, petrificada nos processos de litificação do cotidiano (...) é preciso continuar no balanço (PONCIANO, 2023).

Praia de Itaipuaçu: sobre mares e fragmentos de rocha

Ao final do primeiro evento aqui descrito, surgiu a gentil oferta de conhecer Itaipuaçu, propiciando momentos de serenidade para reflexões e dialogia, registradas nas escritas e fotos do presente trabalho, abrindo horizontes de continuidade para parcerias. Deixemo-nos emanar pela geopoesia desse momento, narradas "pelas histórias petrificadas da Terra" (PONCIANO et al., 2017; PONCIANO, 2018).

Estas mensagens e narrações chegaram por meio das histórias e ensinamentos dessas águas, e nos levam a caminhar por entre mar e terra (não tão) firme de areias grossas.

Assim, seguimos pelo além-terra, vislumbrando o além-mar, em seus olhares transatlânticos a partir do Rio de Janeiro, tendo como parte dos resultados o conjunto composto pelas fotos e textos, como na Foto 1, junto ao texto geopoético que surgiu desta foto: "Nesse Recanto, a 'minha' praia tem amendoeiras onde pousam carcarás… as aves que aqui fragatam, não gaivotam como lá…" (trecho de poesia autoral da segunda autora deste trabalho, 2024, inédita).

Foto 1- Ponte sobre o Canal da Costa, Bairro do Recanto, Itaipuaçu (Maricá-RJ)



(Fonte: Autoral, 28 maio 2024)

Nesse contexto, de águas compostas, mar e água doce, floresta e pessoas aí coexistentes, habitam inúmeras histórias. As montanhas ao redor compõem uma sintonia naquele momento, uma perfeita "educação pelas pedras", bem ao tom cabralino (MELO NETO, 1986). Constrói-se, assim, uma pluralidade de discursos, visões, relações, nem sempre concordantes, porém, que seguem acreditando em uma necessária poética da Terra. Como enfatiza Krenak (2021), não podemos sublimar "as diversidades, as complexidades, a diferença. Nós somos radicalmente diferentes uns dos outros. Apesar da gente fazer um movimento (...) de ser iguais (...) Tudo na Natureza explode em diversidade." (KRENAK, 2021).

Daqui em diante, nessa segunda parte do texto, o primeiro autor do artigo apresenta as suas impressões iniciais estabelecidas com Itaipuaçu, até finalizar com uma poesia criada também neste processo.

Bachelard nos alerta de partida que é fundamental sonhar antes de contemplar. "Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica" (Bachelard, 1990a, p. 5).

O azul-esverdeado do mar no Bairro do Recanto, em Itaipuaçu (Maricá-RJ), propõe diálogos com as esbranquiçadas e fortes ondas que ribombam e açoitam a praia de tombo sem piedade, e com os ventos alegres que despenteiam as nossas ideias, permitindo uma abundância de devaneios. Também participam do diálogo as esferas branquicentas e envidraçadas da areia grossa, contendo algo de colorido, predominando pardacentas, entremeadas por carapaças de antigas formas de vida. As pegadas deixadas contam mais sobre nós, do que a densa areia fala de si mesma, elas relatam e relembram jornadas, em todas suas adversidades, momentos, aprendizagens (Fotos 2, 3 e 4).

Foto 2- Pegadas em diálogo com o mar e a montanha, Praia do Recanto, Itaipuaçu (Maricá-RJ)



(Fonte: Autoral, 28 maio 2024)

Ao pisar a T(t)erra, suavemente, por essas areias massageadoras, mesmo que algo de movediças, ou mesmo definidas em suas lustrosas esfericidades, deparamo-nos imediatamente com paisagens devaneantes, no mesmo instante direcionam-se os olhares para onde surge com bastante intimidade a praia, a montanha rochosa, o mar em suas águas revoltas e os ventos. E, também, as vidas que dialogam e acompanham esses fluxos, que são diversas, extensas, intensas, imensas em descobertas (Foto 3).

Foto 3- Pés n´areia, detalhes, Praia do Recanto, Itaipuaçu (Maricá-RJ)



(Fonte: Autoral, 28 maio 2024)

Ainda estimulado por Bachelard (1989, 1990a, 1990b, 1994, 1998), percebe-se que nessas águas há algo de substância, em toda a sua potencialidade dissolvedora. Todavia, predomina o produto simbólico, entre o viscoso e o transparente, em sua mobilidade definida como fluidez e escoamento. Porém, o elemento alusivo mais estável desse contato entre vida e matéria, prima pela ideia de pureza, purificação. Propiciando a limpeza, para o lavar a alma, literal e metaforicamente, tão recorrente. Contudo, não sejamos ingênuos, há espaço para boas lamentações sobre a qualidade das águas que se encontram nesse território.

O ar, em sua sútil invisibilidade, transpassa com mobilidade efêmera, volúvel, entre a leveza da brisa úmida e a franqueza das lufadas, gerando respiração entrecortada, ora suave, ora afoita. A poesia sobe solta nas asas da imaginação, e nessa flutuação compõe mais uma leitura do mundo e dessa cotidianidade inusitada.

Não se preocupem, o telúrico não foge do analista, ao contrário, brinda-nos com a solidez de seu caráter, bramindo inaudível a história natural da Terra. Igualmente, apresenta-se em sua intimidade, sob a luz do investigador, desvestindo-se em sua alva ou cinzenta esfericidade. Evidente que os silêncios também precisam ser decodificados, classificados, esmiuçados, pois, na carnadura da sua materialidade, ocorre a coexistência entre substratos; rocha, minerais, solo, em uma profusão de reações que sucederam nesse laboratório da natureza. (Fotos 4 a 6).

Foto 4- Manifestações do telúrico em Itaipuaçu (Maricá-RJ)



(Fonte: Autoral, 28 maio 2024)

Foto 5 e 6- Ensaios sobre esfericidades, sob olhares e a luz do fotógrafo



(Fonte: Autoral, 27 set. 2024)

O sentir-se andante-pensante, pisado-pisante, respirado-respirante, põe a imaginação imediatamente para surfar nessas excepcionais ondulações marinhas. Os passos seguem titubeantes, pelo afofar arenoso, mas se revigoram pelo confidenciar com a paisagem, com as parcerias que se consolidam. Com isso vão se abrindo brechas tonificadas pelos tons azuis que enchem olhos, alma, existências. Aprendizagens no e com o lugar. (Foto 7).

Foto 7- Trajetórias entre mar e terra, Praia do Recanto, Itaipuaçu, Maricá (RJ)



(Fonte: Autoral, 28 maio 2024)

Encontro Geopoéticos e virtualidades presenciais

O desfecho celebrado no segundo evento, Encontros Transatlânticos de LabGeopoéticos, contou com a realização de um sarau de poesias. Neste contexto, registramos uma dessas poesias originais, preparadas especificamente para o evento, na qual se faz uma espécie de balanço geral durante esse momento de compartilhamento poético, em suas multiplicidades e empatias.

GEOPOÉTICAS D´INCONTROS[3]

Reunidos aqui, intercambiando trajetórias,
Tornamo-nos seres iluminados,
Sem nenhuma pretensão, ou pejorativos.
Somos seres de luzes, igualmente de sombras,
Que procuram o encontro das ideias, gentes,

3 Uma visão poética do 1º. Simpósio Encontros Transatlânticos de LabGeopoéticos (promovido pela UNIRIO-UNEB-UTAD e diversos parceiros/as). Um evento rico em diversidade e boas energias para nos renovar.

poéticas, e muito mais.

Seres que viajam, literal e metaforicamente,
Por paisagens naturais e urbanas,
Por povos e culturas,
Por imagens, textos, texturas,
Por descobertas, vivências, repletas,
Para o compartilhar de experiências, abertas.

Ciência e poesia aproximadas por Bachelard
e tantos outros autores/as.
Abrem espaços para irmos além dos muros da academia,
Permitindo voos, caminhadas ou navegações,
Por entre vários elementos do mundo material e simbólico.
Promovendo o encontro do diferenciado, diferente.
Levando-nos ao (re)encantamento da vida,
Em toda a sua amplitude, complexidades, referentes.

Geopoética é ruptura, indisciplinaridade,
É o prazer acoplado ao fazer, saber.
É inquietação, incerteza, dubiedades,
Mas, também, maravilhamento,
E um arrebatar-se pelo novo, o inédito, fraternidades.

Esses encontros são momentos raros, bonitos,
Proporcionam o tirar das mordaças,
Que tentam nos impor, em nosso *lócus* de trabalho,
Ou aprisionados no mesmismo da universidade.
Permitem manter energias renovadas,
Para seguirmos resolutos, em frente,
aprendendo-ensinando, sempre.

Geopoética, é manter conexões,
É compreender a importância dos coletivos aprendentes,
Abrindo incríveis horizontes para nossas dúvidas, vidas.
Em todas as existências, imensas resistências.

Luiz Afonso V. Figueiredo (poesia inédita)
Ab´Chuí, Santo André (SP), 19 jul. 2024

As Fotos 8 e 9, mesmo que de outros carnavais, garantem a presença carioca na base do evento. Em uma o Cristo Redentor dialoga com a paisagem noturna dos inselbergs da Tijuca no Rio de Janeiro. Na outra o Cristo ilumina e está iluminado, em tom difuso. E assim seguimos Rio adentro, geopoetizando.

Foto 8 - Corcovado e Morro Dois Irmãos-inselbergs cariocas (Rio de Janeiro-RJ)



(Fonte: Autoral, 23 jun. 2012)

Foto 9 - Cristo Redentor iluminado-iluminando (Rio de Janeiro-RJ)



(Fonte: Autoral, 23 jun. 2012)

Por entre chegadas e despedidas, até breve

Esse tema não tem fim, e antes de ser um fechamento, proporciona uma abertura, um reinício acadêmico, depois de um bom tempo, mas, agora com um tom assumidamente poético. Abrem-se

oportunidades para intercâmbio de ideias, experiências, em suas ricas vivências, unindo ciência e sensibilidade.

Nessa roda de conversa para uma despedida momentânea, um até a próxima, recuperamos momentos da cultura dos povos originários, tão importantes.

Tem uma passagem interessante no livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, do Ailton Krenak (2019), em que ele relata uma situação entre um pesquisador que queria entrevistar uma anciã Hopi, e ela ficava parada em frente de uma rocha e não sai dali. Desavisado, o pesquisador ficou chateado e reclamou porque ela não conversava com ele; quando, então, justificaram que ela estava falando com a sua irmã, o que ele não entendeu, em absoluto. Isso ocorreu por ele viver outra compreensão de mundo. O autor fala, ainda, da importância da conversa com a montanha em frente da aldeia Krenak, e que isso pode definir como será o dia da comunidade. São diálogos importantes com elementos da natureza, que só os povos originários são capazes de realizar em sua essência.

> Aqui, do outro lado do rio, há uma montanha que guarda a nossa aldeia. Hoje ela amanheceu coberta de nuvens, caiu uma chuva e agora as nuvens estão sobrevoando seu cume. Olhar para ela é um alívio imediato para todas as dores. A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a camada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial (Krenak, 2020. p. 15).

Outra contribuição para uma saudação final vem de Kaka Werá-Jecupé (2002), que traduziu o título do livro dele, *Oré Awé Roiru´a Ma,* como "Todas as vezes que dissemos adeus", o qual foi gestado a partir de uma epifania provocada pelo autor em pleno Vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo. Isso ocorreu no momento em que ele resgatava a sua verdadeira missão, ser um porta-voz para restaurar a memória de seu povo. Nessa publicação, ele nos ensina a importância das transformações pessoais, bem como do dizer adeus, mesmo que seja um até breve, um inté daqui a pouco…

> E nesse contar eu sou o espírito de cada folha, cada planta, cada brisa pronunciada. Eu sou cada pedra no caminho e cada vento, cada dia de sol e cada noite de lua e cada brisa; e cada brilho de cada estrela. Nesse contar eu sou o fluxo límpido da cachoeira e do rio, e de toda água que preenche o grande mar. Eu sou a voz da terra pisada assim como da terra tocada. (Werá-Jecupé, 2002).

Que nossas pisadas sejam mais sensíveis, que nossas palavras sejam de cura das relações, quando realmente escutadas por corpos abertos e permeáveis a novas abordagens, efetivamente geopoéticas.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990a.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 1990b.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CESAR, Constança Marcondes. **Bachelard**: ciência e poesia. São Paulo: Paulinas, 1989.

CHASSOT, Attico I. **Das disciplinas à indisciplina**. Curitiba: Appris, 2016.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

FIGUEIREDO, Luiz Afonso V. Cavernas como paisagens geopoéticas: contribuições bachelardianas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 8, 2009, Curitiba. **Anais** [...] Curitiba: ANPEGE, 2009.

FIGUEIREDO, Luiz Afonso Vaz de. **Cavernas como paisagens racionais e simbólicas:** imaginário coletivo, narrativas visuais e representações da paisagem e das práticas espeleológicas. 2010. 466 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-03012011-110013/pt-br.php. Acesso em: 14 out. 2024.

FIGUEIREDO, Luiz Afonso V. **"O 'meio ambiente' prejudicou a gente..."**: natureza e cultura na pedagogia dos conflitos socioambientais e nas histórias do Vale do Ribeira (SP). Curitiba: Appris, 2022. 545 p.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. O direito de sonhar em geografia: projeções bachelardianas. **Rev. Abord. Gestáltica**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 148-155, jul./dez. 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v22n2/v22n2a06.pdf. Acesso em: 14 out. 2024.

GRATÃO, Lúcia Helena Batista. O voo da imaginação: o enlevo de sonhar e o prazer de ensinar e aprender à luz de Bachelard. **Itinerarius Reflectiones**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-21, 2018. Disponível em: https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/53749. Acesso em: 14 out. 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Eating, drinking, dancing, singing and lifting the sky. *In*: **Paulo Freire Centennial: 7 Talks in Preparation for the Next 100 Years**. London: Loughborough University, 2021. Disponível em: https://repository.lboro.ac.uk/articles/media/Eating__drinking_dancing_singing_and_lifting_the_sky/14515704?file=27808233. Acesso em: 17 out. 2024.

KRENAK, Ailton; KUMAR, Satish. Canal Selvagem ciclo de estudos sobre a vida. Episódio: **Conversa na rede - Shiva e o beija-flor**. Exibido em 19 de junho de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VXpGFsMpcsM. Acesso em: 29 jun. 2024.

MELO NETO, João Cabral. A educação pela pedra. In: **Antologia poética**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

PONCIANO, Luiza Corral M. O. et al. Geopoética: a divulgação das geociências pelo reencantamento do e com o mundo. *In*: PONTES, Henrique S.; MOCHIUTTI, Nair Fernanda B.; MASSUQUETO, Laís L.; GUIMARÃES, Gilson B. (ed.). SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PATRIMÔNIO GEOLÓGICO, 4; ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE PATRIMÔNIO GEOMORFOLÓGICO E GEOCONSERVAÇÃO, 2, 2017, Ponta Grossa. **Anais** [...]. Ponta Grossa, PR: UEPG, 2017. Disponível em: https://www.ageobr.org/_files/ugd/14b974_28833dc9c388461eb67d5050afa543e7.pdf. Acesso em: 14 out. 2024.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Geotales: narrando as histórias petrificadas da Terra. **Revista Sentidos da Cultura**, v. 5, n. 8, p.34-48, 2018. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view/2010. Acesso em: 14 out. 2024.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Ninhos geopoéticos - (do)mar ao rio; Pedra liquefeita, espuma de quedas. In: PANTIN, Julia (org.). **A mulher não sou eu**: antologia. Goiânia: Mondru, 2023 Disponível: https://mondru.com/?download__file=14923&order=wc_order_ELaZQdKHAegah&email=lcmoponciano%40gmail.com&key=8b52ce39-a847-4903-b6ae-a98d160a3f31. Acesso em: 17 out. 2024.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira; CARDOSO, Ilana Ribeiro; SANTOS, Lidiane Barbosa. Geopoética e base comunitária: no encontro de nossas nascentes, as nossas bases na Terra. *In:* OLIVEIRA, Maria Amália Silva Alves de; VILANI, Rodrigo Machado (org.). **Turismo em quilombos**: do fortalecimento da memória à luta antirracista. [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2024. p.82-107. Disponível em: https://www.unirio.br/ccbs/ecoturismo/publicacoes-ppgec/livro-turismo-em-quilombos. Acesso em: 17 out. 2024.

SEBASTIÃO, Guilherme. A paisagem como forma simbólica: uma análise da teoria da paisagem de Anne Cauquelin. **ARS**, São Paulo, v. 19, n. 41, p. 493-521, 2021. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/174769. Acesso em: 14 out. 2024.

SOARES, Camilo. Geopoética da lama: dos alagados do mangue a uma estética de resistência. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 63, n. 2, p. 349-362, maio/ago. 2024. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/ index.php/tla/article/view/8675618/33960. Acesso em 17 out. 2024.

WERÁ-JECUPÉ, Kaká. **Oré awé roiru´a ma** [todas as vezes que dissemos adeus]. São Paulo: Triom, 2002.

WHITE, Kenneth. **Le plateau de l'albatros**: Introduction à la géopoétique. France : B. Grasset, 1994.

WHITE, Kenneth. O grande campo da geopoética. Tradução de Márcia Marques-Rambourg. **Textos Fundadores**, Institut International de Géopoétique, n. 56, s.d.a. Disponível em: https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/_56-o-grande-campo-da-geopoetica. Acesso em: 05 mar. 2024.

WHITE, Kenneth. No ateliê geopoético. Tradução de Márcia Marques-Rambourg. **Textos Fundadores**, Institut International de Géopoétique, n. 105, s.d.b. Disponível em: https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/105-no-atelie-geopoeti co. Acesso em: 05 mar. 2024.

WHITE, Kenneth; POULET, Régis; ANTUNES, Susana L. M. Nomadismo intelectual e geopoética-entrevista. **Gragoatá**, Niterói, v. 28, n. 61, e56454, mai.-ago. 2023. Disponível em: https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/56454. Acesso em: 12 mar. 2024.

Geopoética e Literatura na escuta dos rios paraenses: pelos caminhos da Cobra grande

Profa. Dra. Renilda Rodrigues-Bastos.
Docente no Departamento de Língua e Literatura da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Doutora em Ciências Sociais - área de Antropologia (UFPA). Mestre em Teoria Literária (UFPA). Especialista em Literatura Infanto Juvenil - PUC / MG. Graduada em Letras e Artes (UFPA). renildabastos@hotmail.com

Profa. Dra. Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano.
Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Doutora e Mestre em Geologia (UFRJ), Graduada em Biologia (UNIRIO). Coordenadora do Núcleo de Geociências e Geopoética nos Países Latino-Americanos e Lusófonos (Nu2Geo), sediado no Laboratório de Geociências e Geopoética (LabGeo(ciên)poética), no Instituto de Biociências (IBIO) da UNIRIO. luiza.ponciano@unirio.br

Múltiplas possibilidades podem ser criadas, ou restabelecidas, por meio da Geopoética (...) para isso "é preciso atravessar um caminho que passa por "dissolver" os nossos sentidos, petrificados pelos processos de litificação de nossas relações com o mundo" (PONCIANO et al., 2024a)... uma proposta que trazemos aqui é aprendermos a criar uma relação mais profunda com os rios e as outras existências que os habitam:

> "No final de uma tarde, a minha avó quis me ensinar a conversar com o rio. Estávamos ali, sentados, lado a lado, na beira do trapiche, vendo o rio passar. Bem baixinho, com aqueles seus olhos de vó, ela me disse, quase em sussurro, que o rio queria conversar com a gente. - Consegues ouvir o rio, meu filho? Quando o rio nasceu, meu filho, o rio estava aqui, vizinho da gente, respirando lá fora, perto da nossa casa, junto da gente. O nosso velho rio novo. Vivo, correndo as suas palavras e silêncios. O nosso rio, meu filho, as nossas histórias." (LEITE, 2013 p.40-42).

Nesta e em outras propostas sobre Geopoética realizadas na UNIRIO, associadas com as Geociências, Ciências ambientais, Museologia, Artes e Ecoturismo, buscou-se como particularidade de abordagem a aproximação com uma "Geopoética originária", baseada nas práticas, saberes e vivências compartilhadas por povos indígenas, de terreiro, quilombolas e outros povos "tradicionais" (PONCIANO et al., 2024b), por meio de uma jornada interna pela busca de inteirezas.

Como descrito por Ponciano (2018), este caminho teve um dos seus primeiros afluentes nas águas paraenses, quando a própria criação do grupo GeoTales na UNIRIO se deu a partir da sua "fecundação" pelas performances do Griot UEPA, grupo de Contadores de Histórias, da Universidade do Estado do Pará, a partir correlações entre a poética paraense e as Geociências.

No período de 25 de agosto a 02 de setembro de 2013, ao participar do evento XVII Encontro Internacional do IFNOPAP (O Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense) / VII Campus Flutuante da Universidade Federal do Pará (UFPA): Navegando entre o Rio e a Floresta com vistas à Biodiversidade, Cultura e Sustentabilidade, congresso embarcado a bordo do Catamarã Rondônia que navegou pelo Rio Amazonas até os municípios de Almeirim, Prainha e Monte Alegre (Estado do Pará), as duas autoras se encontraram, em meio a apresentações culturais e acadêmicas sobre a Cobra Grande e outras narrativas orais. A partir desse momento, a relação sensível e afetiva da segunda autora com as águas paraenses foi se ampliando, pois:

> "Os rios da Amazônia constituem uma realidade labiríntica e assumem uma importância fisiográfica e humana excepcionais. Dele dependem a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação e a destruição de terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a

economia, o comércio e a sociabilidade. O rio está em tudo". (LOUREIRO, 1995)

Tendo sido convidada originalmente para realizar palestras e oficinas sobre os fósseis e o Patrimônio Geológico da Amazônia, assim como estratégias de Geoconservação e propostas de Geoturismo para a região, os momentos mais marcantes do evento foram as performances do grupo Griot, coordenado pela Prof. Dra. Renilda Bastos (UEPA), que possibilitaram a descoberta da correlação das narrativas sobre a Cobra Grande com a Geologia, dado que quando a cobra se move faz a terra tremer (terremotos) e causa modificações na dinâmica dos rios paraenses, como vemos em:

> "Cobra Grande, não me abandone. A terra crescia na água. O rio secava. Os estirões, largos outrora, se estreitavam, se estreitavam e as margens se fundiram, balançando na rede dos cipoais. Cobra Grande não me abandone. A cobra dormia no fundo do rio e de repente acordou, era meia noite e deu um urro: vou-me embora prás águas grandes. Então os peixes, todos os bichos, os caruanas, as almas dos afogados, os restos de trapiches, as montarias também seguiam pras águas grandes. Os restos de cemitério que tombavam nas beiradas também partiam pras águas grandes. Adeus ó limoda cobra grande, adeus ó peixes, adeus, marés, tudo vai embora pras águas grandes. Até a lama há de partir, os aningais, as velhas guaribas, tudo seguindo pras águas grandes. O rio se queixava, se queixava, secando sempre: não me abandones, mea mãe cobra, me amamenta nos teus peitos, vomita em meu peito o teu vômito, enche os meus poços, alaga as margens, quero viver, quero as marés, mãe cobra grande" (Jurandir, 1979, p. 33-34)

No Pará as cobras são tão abundantes quanto os rios e florestas e estão poeticamente gravadas nas memórias e nas vozes dos mais velhos e dos escritores, como podemos observar na antologia de escritores paraenses sobre as cobras, que poeticamente saem das tantas realidades amazônidas (CORRÊA, 2016). No entanto, as serpentes não habitam apenas o imaginário dos paraenses, pois como nos diz Bachelard (1990, p.213):

> A serpente é um dos mais importantes arquétipos da alma humana. E a mais terrestre dos animais. É realmente a raiz animalizada e, na ordem animal (...) a serpente dorme embaixo da terra, na sombra, no mundo escuro. Sai da terra pela menor fissura, entre duas pedras. Torna a entrar numa rapidez assombrosa.

Vidal (2007) procura recuperar o significado histórico, político e estético destas narrativas sobre a Cobra grande e apontar suas potencialidades analíticas, trazendo que nas sociedades indígenas do norte amazônico, a cobra grande articula o cosmos com o mundo subterrâneo ou "do fundo", a terra e o céu. Algumas variantes da cobra grande também possuem relações de parentesco e concebem a carne humana como caça, num paralelo dos humanos com os macacos (caça favorita dos humanos). Em sua relação com o território, a Cobra Grande, habitante do "outro mundo", vira "dona" de algum lugar e assume o nome do local que habita.

No Pará, as serpentes além de serem terrestres, moram nos rios, passeiam nas duas margens e vivem na terceira margem do rio, que é de onde elas saem para as mais variadas histórias contadas e recontadas pela letra e pela voz. Nos rios e em suas matas elas são reais e imaginárias, são encantadas em pessoas que somem e jamais aparecem; se transformam em navio, se transformam em seres humanos para levarem para o fundo do rio os seus afetos…pensando nas margens dos rios e nos contornos ondulantes da cobra grande, lembramos que:

> "Um dia nós fomos crianças. E entre nossas vidas corria o rio. Tu moravas do outro lado da minha margem, em um braço de igarapé guardado pelos açaizeiros. Na passagem das águas grandes, eu aprendi que não se avistava a tua casa, mas tu estavas ali, nos campos inundados da tua

> várzea, quando todos os mundos se entrelaçavam e desaguavam histórias. Na curva das águas, caligrafia do rio no vento da preamar, ficava o teu endereço. Duas horas de canoa remada por qualquer criança, o teu lugar, o teu saber. Nas enfiadas do remo nas águas, o som do silêncio-solidão da maré no atravessar do redemoinho no perau. Nos vários passos aquíferos de uma correnteza, a tua estrada. Lá, no alto das águas, no norte do meu mundo, a tua margem dos açaizeiros. As tuas marcas. Entre nós o rio, um infinito de águas para se viver uma vida. Na minha margem, no lado de dentro da mata, no entremeio do caminho do junco, a maré-baixa revelava as gengivas barrentas das entranhas do nosso rio. Entre nossas histórias um trapiche: uma vontade, um caminho para se voltar. Sei que nos teus olhos tu guardas a lembrança viva das árvores de miriti que sustentavam os dias das nossas gentes. O meu lugar. Durante o tempo das águas mortas, algo me fazia acreditar que o rio estava na tua casa, aguardando a volta das águas do oceano. E a minha vista se fascinava com o brilhar do limo nas pernas-mancas de pau-d'arco do trapiche, na certeza de se estar perto do rio. Perto das águas. Perto de alguma felicidade (...)" (LEITE, 2008. p.35)

Em alguns lugares dos Pará, o rio é verdadeiramente a rua: "Este rio é minha rua", do poeta Ruy Barata, que em seus tantos poemas transforma a vida das águas em poesia e músicas. Outro poeta e estudioso da Literatura Amazônica, Paes Loureiro (2001, p. 220) nos diz o seguinte:

> O rio está vestido com a pele das águas, mas também a sua carne e a sua alma são a água. Seu corpo é de água. O que nele está mergulhado participa de uma união cósmica. O rio nasce de um olho d'água. Significa que o olhar desse olho é líquido. O olhar das nascentes, o mais antigo olhar, o olhar das origens e de onde o rio nasce. O olhar desse olho é a água corrente no ser do rio. Sendo assim, o rio é o grande olho que olha o céu e que também nos olha. Mas também é um olho que olhamos enquanto ele nos olha. Espelho de água (...) atrás do olho do rio, nas suas profundezas estão nas suas mil e uma noites imaginárias que encantam e aterram.

No Pará vivemos o regime das águas vindas do céu as tardes, no primeiro semestre os rios enchem, a maré chega às casas e viram quintais, inclusive na cidade grande.

> "Era pelas enchentes de março que ilhavam o chalé e as palhoças naquela rua da beirada. O menino espiava: o rio, com efeito, chegara até o soalho, crescendo e em sua escuridão poderia, de súbito e silenciosamente desaparecer o chalé. Também o rio, pela mesma fenda, espiava o telhado sem forro, a corda de roupa rente da janela fechada que dava para a despensa, aquele alguidar cheio d'água para apanhar as caturras à luz do candeeiro na mesa de jantar. Rio e menino continuavam se espiando". (Jurandir, 1979. p. 08)

Num belo texto sobre as Imagens poéticas das águas Amazônicas, Fares (2004) traça um mapa literário e vai margeando os rios nas mais variadas fontes e nos levando a muitos lugares praticados por e pelas águas. E nos ensina que a Amazônia tão falada e pouco conhecida se funda no Mito.

Mundiada por essa Amazônia, pelas histórias contadas pelo Grupo Griot em suas performances e as outras apresentações acadêmicas e artísticas sobre as narrativas orais no IFNOPAP, voltamos em 2014, em uma viagem de 10 dias pelos rios da Amazônia no Navio Amazon Star, durante o XVIII Encontro Internacional do IFNOPAP / VIII Campus Flutuante da Universidade Federal do Pará (UFPA): De volta ao Trombetas com vistas à Biodiversidade e à Cultura - "sob as bênçãos de Santo Antônio", que aportou em Santarém e Oriximiná, evento no período de 31 de julho a 09 de agosto.

Assim, mais águas foram entrando em contato com nossos corpos, quando a cada dia que

chegávamos num município, na convivência com os ribeirinhos, com os cientistas, poetas, músicos, gente de toda parte do país e de outros países, na convivência real no evento, o conhecimento se fazia mais poético e mais concreto também. A arte alfabetiza nossos olhares para o estranhamento e encantamento do/com o outro e algumas pessoas se juntam e se unem num pensar academicamente, mas fora da caixa. Durante o IFNOPAP, parecia que era…

> "Tempo do rio morando com a gente. Meses depois, o rio voltava para o seu lugar, ali, ao nosso lado, vizinho de águas. O rio se arredava um pouco, voltava para o nosso quintal. Tempo se cumpria, estio chegava, o rio emagrecia. Marés de quebra, lua mofina, rio miúdo, águas de tarrafas e tarefas Tempo tempo, água de rio. Velho tempo novo. Vinha a vida, vinham as águas mais uma vez. O rio era sempre o nosso relógio de águas." (LEITE, 2013 Pg. 19-20)

A partir dos encontros com os rios e com as narrativas orais do acervo do IFNOPAP (SIMÕES e GOLDER, 1995), Ponciano (2015) criou uma versão modificada da narrativa oral da Cobra grande, destacando os elementos que podem ser correlacionados com diversos temas das Geociências, por meio da fusão de diversas variantes e da inclusão de novas partes:

Cobra grande (variante criada para utilização pelo GeoTales UNIRIO em escolas, museus, e outros espaços educativos, atualizada):

"Num belo dia de Sol, Zelina, uma mulher indígena muito bonita, estava se banhando na beira do rio, quando sentiu uma forte dor no ventre. Neste momento, sem perceber, ela tinha sido engravidada por uma Sucuri enorme! Um tempo depois ela deu à luz a um casal de gêmeos, que eram na verdade duas cobras. Quando ela viu as cobras, resolveu procurar o conselho de um Pajé, que sabia tudo de plantas, de animais e dos encantados. O Pajé mandou Zelina devolver os frutos do seu ventre ao Rio Amazonas, afinal era lá que o Pai das cobrinhas morava... A moça ficou muito triste, porque não tinha outros filhos. Então, antes de jogar as cobras na água, deu nome a elas: o menino ganhou o nome de Honorato e a menina, Maria Caninana.

Naquela época ainda tinha muita fartura de comida na região, as duas cobras acabaram sobrevivendo e foram crescendo cada vez mais e mais, e de vez em quando visitavam Zelina na beira do rio. Honorato ajudava os pescadores e barqueiros que ficavam perdidos no meio da neblina a encontrar o caminho de volta para casa, resgatava crianças que não sabiam nadar e pessoas que se afastavam muito das margens, e até afastava jacarés que queriam atacar os banhistas.

Mas sua irmã, Maria Caninana... durante a noite seus olhos brilhavam como dois faróis. Os irmãos passearam muito e conheceram juntos todos os rios da Amazônia, mas Maria Caninana costumava virar embarcações de grande porte, sendo muito temida pelos ribeirinhos... até que um dia Maria Caninana arrumou um namorado poraquê no Rio Tocantins. Honorato ficou sabendo e eles brigaram muito, sabe como é briga de irmãos... foram 3 dias e 3 noites de disputa, e depois de muito se debaterem eles acabaram mudando até as curvas dos rios de lugar (Figura 1)...



Figura 1 - Imagem autoral criada pela equipe GeoTales UNIRIO da Cobra grande para ilustração dos jogos educativos e outros materiais. Fonte: acervo pessoal.

Apesar de ser muito velho, Honorato, em algumas noites de Lua cheia, adquiria a forma humana. Quando se transformava em gente, ele deixava na beira do rio a carcaça da cobra. Honorato gostava muito de dançar, e virava um moço alto e bonito. Costumava aparecer nos bailes, encantando a todos com a sua elegância. Porém, sempre antes do galo cantar, ele vestia sua pele de cobra e voltava para o rio! Certa noite, em uma dessas festas, ele avistou o Pajé, aquele que tinha mandado a mãe jogá-lo no rio. Percebeu que esta poderia ser a sua chance de descobrir uma forma de desencantar para sempre. Quando ele se aproximou, o Pajé já sabia quem ele era, pois o cumprimentou pelo nome. Ele disse a Honorato o que deveria ser arranjado para desfazer de vez o encantamento que o prendia nesta hibridez entre homem e encantado... era preciso que alguém tivesse muita coragem para derramar um pouco de leite dentro da boca da enorme cobra, e logo depois fazer um ferimento na sua cabeça até que saísse sangue. Depois disso Honorato começou a procurar todos os dias alguém para ajudá-lo, mas ninguém aceitava executar o seu pedido. Uns por medo, outros porque não acreditavam na sua história. Ninguém conseguia enfrentar a enorme carcaça, até que apareceu uma mulher muito corajosa, chamada Jarina, na cidade de Cametá.

À noite, Honorato ficou sabendo da fama desta mulher no baile, e após dançar com ela a noite toda, finalmente conseguiu ajuda para quebrar o encantamento. Ela acreditou na história dele, e não recuou por medo da cobra, como todos os outros. Valente como era, descendente de uma Icamiaba, colocou logo um pouco de leite na boca da cobra, e em sua cabeça deu uma cutucada com um punhal para sair sangue. O imenso corpo da cobra foi em seguida queimado e reduzido a cinzas, que logo se espalharam pelo rio. A partir daquele dia, Honorato finalmente desencantou e se transformou de vez em gente... um caboclo lindo que ainda adora dançar por aí...

Mas Zelina não foi a única indígena que engravidou daquela Sucuri enorme... além de Honorato e Maria Caninana, existem várias outras cobras grandes que ainda estão vivas por aí... Como são muito velhas, algumas delas resolveram encontrar uma toca para dormir um sono profundo e descansar durante uns séculos... No Pará, por exemplo, várias cidades foram criadas sobre a morada de uma cobra grande... E quando a cobra grande se mexe, meio que se arrumando na sua toca, para voltar

a dormir..... as cidades tremem! Até mesmo Belém, por exemplo, já tremeu na madrugada de 12 de janeiro de 1970 e no dia 29 de novembro de 2007. A cobra grande de Belém resolveu dormir perto do Rio Guajará, então a sua cabeça ficou embaixo da Catedral da Sé, mas como ela é uma das maiores de todas as cobras, a sua cauda ficou sob a Basílica de Nazaré. No dia em que esta cobra grande resolver finalmente acordar e sair de sua morada, toda a cidade de Belém irá afundar, junto com os seus habitantes, que serão levados pelas águas da Baía do Guajará!

É por isso que todo ano em Belém, no segundo domingo de outubro, o Círio de Nazaré dá origem a uma "serpente humana" formada por milhões de pessoas, que seguem a Virgem de Nazaré em procissão. Em 2013 o Círio de Nazaré foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. O percurso, de 3,6 km, vai da Catedral da Sé até a Basílica de Nazaré, ou seja, a mesma localização da cobra grande... será que o Círio faz com que a cobra grande não acorde?"

Ainda em Ponciano (2015), é destacada a correlação da Cobra grande com a "terra tremer", ou seja, a forma como vários povos registram a ocorrência de terremotos. Essas narrativas também podem ter tido a sua origem devido ao encontro dos povos indígenas com fósseis de animais de grande porte, que deixaram parte de seus restos e vestígios "petrificados" (fossilizados). Também foi incluída a questão da mudança de posição das curvas dos rios, para incluir o tema da dinâmica sedimentar nos ambientes fluviais.

Em 2016, a equipe do GeoTales viajou para participar do IFNOPAP que aconteceu em Belém e Mosqueiro nos dias 05 a 09 de dezembro, na Escola Professor Manuel Leite. Apesar desta vez não ter sido embarcado, o contato com as águas continuou sendo muito próximo, assim como o aprofundamento das criações integradas, artísticas-científicas-educativas, e sua aplicação em diversos espaços e faixas etárias, conforme descrito em Ponciano (2018).

A seguir, apresentamos um trecho da antologia poética focada nas águas, na cobra grande e nos rios, utilizada para inspirar tanto a criação de outros materiais autorais geopoéticos (como os textos e pinturas presentes logo a seguir) quanto a elaboração de atividades educativas/artísticas/científicas que visam a Conservação da(s) múltiplas Natureza(s) que podemos perceber por meio de uma abordagem Geopoética, como nos exemplos de Ponciano (2018), Ponciano et al. (2024) e Carvalho e Ponciano (2024).

> "O rio, uma cobra de prata, se desenrolava na sombra e ia urrar na baía. A curiaca deslizava no visgo da cobra de prata, a maré enchendo trazia o bafo áspero de mato podre e de bichos. O estirão foi se distanciando, com ele o medo daquelas trovoadas que arremessavam árvores contra homens. [...] A curiaca empinou, uma onda passou alta, Mala Real firmou a cana no leme. A vela debateu-se, a noite ondulou, o mato desapareceu e um primitivo mar surgia, botos sopravam, seguiu-se a esparsa murmuração da água espumando. [...] Mala Real parecia sumido na popa. A curiaca jogava. [...] O mar engrossava, lodo, limo, sementes, pedaços de ilhas desmanchadas, vômito das cobras grandes que rabeiam nos poços fundos. [...] Na popa, era o mudo homem domando a vela, o vento e o lodoso mar dos pesados rios da Amazônia" (JURANDIR, 2008, p. 282-283).

Maré Onírica (SIQUEIRA, 2010)

De primeiro, quando o Tempo
ainda era um menino
que corria nu nos campos
espantando passarinhos,
borboletas, capivaras
e comendo tucumã,

a ilha do Marajó
ainda não tinha rios
nem furos e igarapés.

Naquele tempo, menina,
os bichos reinavam livres,
os bosques tinham mais vida,
os campos muito mais flores
pois homem ali não havia.

Marinatambalo ainda
a ilha não se chamava
nem Analáu Hohinkáku
menos Tapuya Tetama
nem tampouco, Marajó.
Era ilha, simplesmente.

A ilha por excelência
eu cujo seio materno
abrigava um grande lago
além de outros menores
fartamente alimentados
pelas chuvas generosas
que caíam sem parar.

Nos entornos desses
lagos e dentro deles, a
vida
minava feito capim:
animais de pêlo e penas,
peixes de pele e de
escamas, crustáceos de
toda sorte, ostras, sapos,
jabutis
e jacarés aos milhares
dos mirins e dos açus.

Porém, menina, o que
havia por demais, eram
serpentes: das sucuris
gigantescas às boiunas
colossais!

Ah!, menina, se tu visses
o tamanho dessas
cobras!...

Mas o vento, de
repente, por maldade

ou distração, passou a
soprar as nuvens de
chuva pra outro lugar e
a seca, então,
sorrateira, veio
chegando, chegando,
trazendo a morte no
cós.

Folhas e flores
murchando, frutos
pecando nos galhos, as
águas evaporando
e muitos bichos morrendo.

Foi quando as cobras,
menina, sentindo o cheiro
da morte, começaram a
abrir caminho rompendo a
argila e o tijuco sempre em
demanda do mar.

Ah!, se tu visses,
menina, o desespero
das cobras!...

Como se fossem
tratores pela sede
enlouquecidas, abriam
sulcos no chão
derrubando, na passagem,
rochas, árvores,
barrancos...

Ouvindo o bramir do mar,
sentindo o cheiro das
ondas, as serpes
ganharam forças retiradas
das entranhas
de si mesmas e seguiram
rasgando a terra tapuia
em todas as direções.

Quando a primeira boiuna
venceu, enfim, a muralha
que a separava do mar,
este, ferido em seus brios,
invadiu campos e várzeas
enchendo todos os sulcos

que as cobras grandes fizeram
criando os primeiros rios,
dando vida nova aos lagos
e formando igarapés
nos rastros das sucuris.

Precisavas ver, menina,
a festa da Natureza!
Porcos-do-mato, veados,
antas, onças, jacarés,
pacas, iraras, quatis,
gaviões, garças, guarás,
quer presas ou predadores,
viveram, naquele instante
o reencontro com a vida
na paz da ressurreição.

Faz muito tempo, menina,
que esse fato aconteceu...

Hoje, perdido na mata
de asfalto e concreto armado
da metrópole confusa,
sem autoestima e memória
nosso povo, em desatino,
não sabe nem desconfia
que esses rios caudalosos
que correm serpenteando
as terras do Marajó,
são, nada mais nada menos,
velhos rastros de boiunas,
sucuris e boiuçus...

Ah!, menina, se eu pudesse
abrir os olhos do povo
para as belezas da vida,
para os mistérios do mundo!...
Ah!, se eu pudesse, menina!...

Esse Rio é minha rua (Paulo André e Ruy Barata)

Esse rio é minha rua,
minha e tua mururé,
piso no peito da lua,
deito no chão da maré.

Pois é, pois é,
eu não sou de igarapé,
quem montou na cobra grande,

não se escancha em puraquê.

Rio abaixo, rio acima,
minha sina cana é,
só em falá da mardita
me alembri de Abaeté.

Me arresponde bôto preto
que te deu esse pixé
foi limo de maresia
ou inhaca de mulhé.

Cobra grande, mestra das impermanências (Luiza Puri Corral, 2024, poesia inédita da segunda autora)

Em escutas de terras-de-elefantes-cobras, passos fundos e arenosos me pesam os pés… Acompanho uma trilha que não é minha, com um incômodo que se acumulou por baixo das casas que não habitei. Agora, a cabeça para cima equilibra o que sempre foi meu. Se piso em caminho já traçado, é por me servir bem, só por um tempo. Mudo a cada dia, permanências não me iludem mais… Da outra montanha, cabeça da Cobra Grande me chama para o movimento, apontando o outro gigante que me espera lá no fim daquela ponta de areia… Sigo, a cada dia um pequeno avanço... Essas montanhas agora são minha casa, um pedacinho de mundo encantado que me alegra mesmo em dias de ressaca, quando o manto branco das ondas também se torna mais um dos gigantes que me abraçam nas noites e me sacodem pelas manhãs… Elas me contam meus próprios segredos, trazidos à tona a cada maré cheia. Quando ela vazar, que leve nela tudo que já passou da hora de ir-se embora… Cada onda, que me dilui enquanto encaro os olhos do elefante entregue às águas, também me conta sobre os barulhos grandes que desperdicei falando com pedras que não se me reconheciam. Quando volto, pés na areia, entro pelas águas doces que me embalam saltitando de volta na lama até a esquina onde mamãe me assenta todos os dias.

Acima, é apresentada uma abordagem geopoética de possibilidades de percepção da praia do Recanto, num habitar em Itaipuaçu, Estado do Rio de Janeiro, com a Pedra do Elefante e também com a "Pedra da Cobra grande" (percepção/denominação específica da segunda autora, Figura 2), que fica na mesma serra que é utilizada como limite dos municípios de Niterói e Maricá. Mas para além de relatar apenas uma relação "externa" com a "paisagem", a segunda autora destaca que as percepções extremamente singulares que incluiu na poesia acima são associadas com múltiplas relações com a diversidade de existências com que teve contato ao longo da vida, aqui em especial com os rios e montanhas nos estados do Pará e do Rio de Janeiro (RJ).



Figura 2 - Cabeça da Cobra grande "do Recanto" na serra que é utilizada como limite dos municípios de Niterói e Maricá, em Itaiupuaçu, RJ. Fonte: acervo pessoal.

Além dos textos em que a cobra grande aparece explicitamente, também incorporamos outros textos sobre as relações com os rios, complementando esta antologia das águas:

> "andava ao longo da margem sem nenhum alívio, ao contrário, a paz do rio o atormentava mais (..). Contemplou o rio como se contemplasse o outro rio, o de sua vida, distante e obscuro, descendo do seu passado, o menino olhou o rio que se fechava na curva como se lhe dissesse: 'Por mim não sairás de Cachoeira.'" (Jurandir, 1979. p. 188)

> "Metia a ponta dos dedos n'água como no seu tempo de menino, quando imaginava bichos do fundo dormindo. O rio ao sol parecia com febre. [...] A terra lhe transmitia uma espécie de estupidez amorosa e invencível, lama gostosa na alma, o hálito de Alaíde, calor, frutas rachadas no chão" (JURANDIR, 2008, p.13)

> "Os rios têm os seus segredos, conforme ele rasga um campo, uma mata, atravessa ou penetra de mansinho na floresta. O igapó é o descanso do rio, embaixo das sombras das árvores. Nesses lugares parece que ele não precisa corrrer (...). Esses rios que eu tanto andei, que eu tanto espiei e que eu tanto nadei não tinham nada a ver com rios que eu contemplava lá do céu" (MONTEIRO, 1995, p. 106-107)

> "A gente morava lá onde o longe tinha os pés descalços, a nossa casa, de tão vizinha do rio, fazia a gente se sentir como num barco ancorado em suas águas. Para mim, águas Grandes eram um tempo do tempo quando o rio, ele mesmo – lua e sonhos – se via mar. O rio sonhando acordado, embaixo do chão da nossa casa" (LEITE, 2013 p.13).

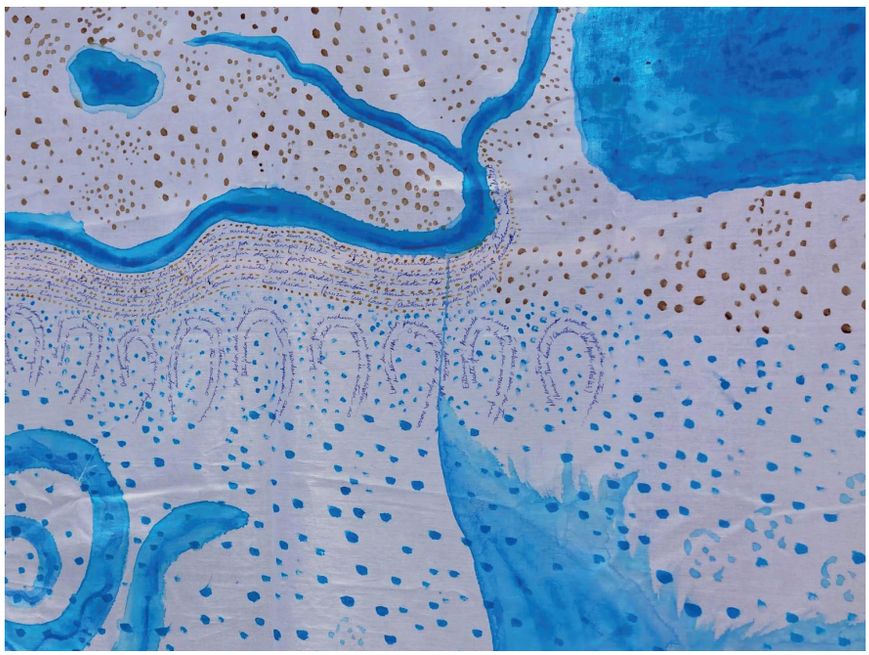
"Um dia pensei: será que o rio também sonha comigo? Será que ele sonhava os meus sonhos, a minha correria em suas margens, o meu andar de menino, o seu andar de rio, a gente ali, lado a lado, sonho a sonho, correndo juntos, vivendo uma vida de menino e rio? [...] Será que o rio sonhava barcos como se fossem brinquedos? Sonhava o rio com as casas da gente como se fossem caracóis. Em seus sonhos de rio, ele sonhava gentes como se fossem peixes, pássaros e outros bichos. Sonhava o rio os nossos sonhos de gente e águas?" (LEITE, 2013 p.32-35).

Mundifluências (SIQUEIRA, 1981)

Há um rio a correr dentro da vida
E uma vida a correr dentro do rio...
Quem gerou a vida dentro do rio
E fez o rio escorrer dentro da vida?
Quando nasce o rio?
Onde morre a vida?
No perau das mentes

"Entrava no barco como se entrasse na vida das histórias das mulheres da minha família. Mergulhava fundo na encantaria. As embarcações eram lugar estranho e ao mesmo tempo território. Os pés reconheciam o banzeiro e se deixavam levar. As histórias, que já circulavam ali como visagens ou bençãos, eram minhas bem antes da ideia de lar com quatro paredes. Os barcos eram o corpo da minha família, que construía, pintava e trabalhava neles. É preciso que se diga, sempre como empregados, nunca como patrões. Proprietários de barco, isso não éramos, mas tínhamos os nervos agarrados às nascentes dos rios que espichavam. (...). Viajar de barco era voltar para o que eu sou. Cortando o rio para chegar em casa, mas ali também era nossa casa". (MALCHER, 2023, pg 14-15)

E assim finalizamos, com imagens de partes das pinturas criadas a partir dos textos apresentados neste trabalho, utilizadas em instalações geopoéticas nas trilhas e exposições associadas com este tema realizadas pelo GeoTales UNIRIO em Unidades de Conservação do RJ (Figura 3).



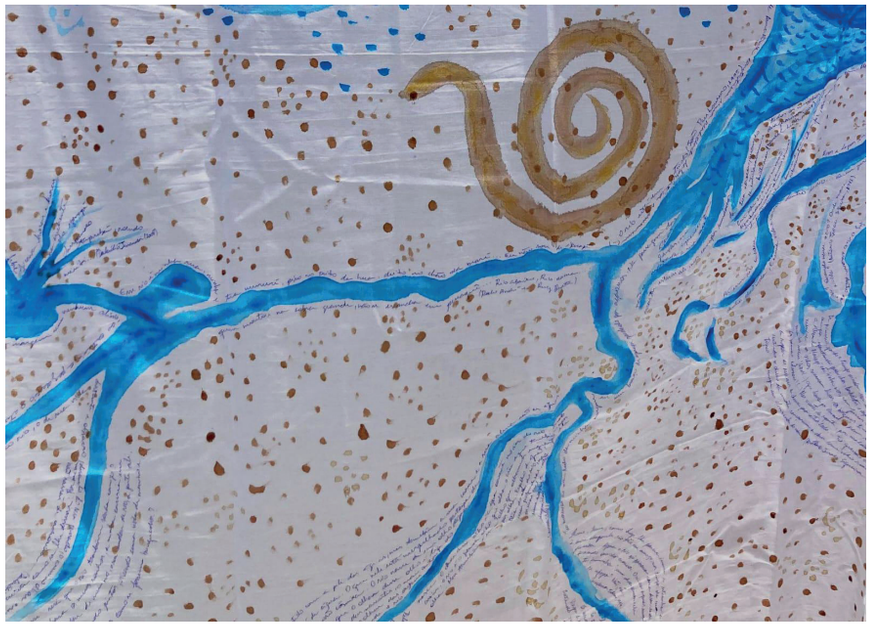


Figura 3 - Pintura de aquarela em tecido (da segunda autora) associando a Cobra grande com os contornos dos rios e mares dos estados do Pará e Rio de Janeiro com trechos dos textos presentes na antologia utilizada pelo GeoTales UNIRIO nas performances e exposições geopoéticas. Fonte: acervo pessoal.

Rererências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CARVALHO, M. C. P.; PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Museologia e Geopoética: reflexões para práticas sensíveis a partir da extensão universitária no Rio de Janeiro. Revista Museologia & Interdisciplinaridade. v.13, p.91 - 114, 2024.

CORRÊA, Paulo Maués. 2016. Cobra Grande - Terror e Encantamento na Imagens poéticas de águas amazônicas

FARES, Josebel Akel. 2004. Imagens poéticas das águas Amazônicas Asas da Palavra, Amazônia. Editora Paka-Tatu.

JURANDIR, Dalcídio. Três casas e um rio. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Catedra, 1979.

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. 2008

LEITE, Daniel da Rocha. A história das crianças que plantaram um rio. 2013.

LEITE, Daniel da Rocha. Girândolas. 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica:* uma poética do imaginário. Belém:CEJUP, 1995

MALCHER, Monique. Flor de gume. 2023, pg 14-15.

MONTEIRO, Benedicto. Maria de todos os rios. 1995.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Geomitologia: Era uma vez... na história da Terra. **Revista Sentidos da Cultura**. V. 2, n. 2, 2015, p. 22 – 42.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Geotales: narrando as histórias petrificadas pela Terra. **Revista Sentidos da Cultura**, Belém, 2018.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira; CARDOSO, Ilana Ribeiro; SANTOS, Lidiane Barbosa. 2024. Geopoética e Base Comunitária: no encontro de nossas nascentes, as nossas bases

Rererências

na Terra. *In:* **Turismo em quilombos [livro eletrônico): do fortalecimento da memória à luta antirracista** / organização Maria Amália Silva Alves de Oliveira, Rodrigo Machado Vilani. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2024a. p.82-107. Disponível em: *https://www.unirio.br/ccbs/ecoturismo/publicacoes-ppgec/livro-turismo-em-quilombos*

SIMÕES, Maria do Perpétuo Socorro Galvão; GOLDER, C. . Belém Conta.... BELEM - PA: CEJUP, 1995. v. 01. 191p .

SIQUEIRA. Antônio Juraci. Verde Canto. 1981.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira; SOUZA, Marise Campos; DIMITRIADIS, Georgios. CONTRIBUIÇÕES GEOPOÉTICAS NA GEO-LEGISLAÇÃO BRASILEIRA. n. 19, julho 2024, Instituto Politécnico de Tomar, 2024b.

SIQUEIRA. Antônio Juraci. **Marés – poemas de argila e sol**. 2010

VIDAL, Lux. A Cobra Grande: uma introdução à cosmologia dos povos indígenas do Uaçá e Baixo Oiapoque – Amapá. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2007. 68 p.

SESSÃO CIENTÍFICA

Geopoética das águas como leito de encontro e encantamento: conservação das naturezas-rios n'um Rio de Janeiro

Geopoetics of the waters as a bed of encounter and enchantment: conservation of river-natures in a Rio de Janeiro

Lidiane Santos Barbosa[1]
Leonardo Ramos Cruz[2]
Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano[3]

Resumo

Este trabalho apresenta uma Geopoética das águas com o potencial de perturbar as estruturas do projeto colonial de separação entre ciências, artes, natureza e humanidade. Na contramão da lógica estabelecida, a escrita visa propor o resgate da relação poética com o planeta Terra no centro das experiências, com nossos corpos-existências integrados numa Geo(bio)diversidade cultural. Sugere-se aqui, que tais encontros partam de pontos de contatos existentes entre diversas áreas do conhecimento, em que os resultados geram afetos mútuos (incluindo discordâncias) e novas possibilidades de criação de produções científicas, técnicas e artísticas. Discute-se ainda, acerca do direito ao acesso e uso das águas, explicitando nuances que caracterizam a manifestação de Racismo Ambiental em territórios e corpos-territórios periféricos. Por meio da pesquisa qualitativa, ações de campo, análise de dados, pesquisa-ação e Escrevivências geopoéticas, além de bases filosófico-conceituais alicerçadas na busca de publicações referenciadas em autorias indígenas e afrodiaspóricas, o texto se compõe de pesquisas que revelam e reconhecem as nossas existências-rio para além dos corpos hídricos, junto com as conexões espaciais, temporais, integrações e afetos histórico-identitários com os humanos às suas margens. Assim, trazemos a análise de ações coletivas socioambientais que integram educação, arte, cultura, saúde e lazer. Uma delas foi protagonizada pelo Grupo Alfazendo em escolas na Cidade de Deus e a outra aconteceu no Vale Pedra Branca-Mendanha, em uma escola de Realengo, por meio de atividades pedagógicas e artísticas em prol do aprendizado de crianças com/na e em favor da Natureza.

1 Mestra em Ecoturismo e Conservação (Egressa PPGEC / UNIRIO); coordenadora do Projeto Eco Rede (Alfazendo/CDD); integrante do Coletivo de Pesquisa Construindo Juntos. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. (PPGEC/UNIRIO), lidi_mcc@hotmail.com

2 Mestre em Ecoturismo e Conservação (Egresso PPGEC / UNIRIO). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Docente efetivo Colégio Pedro II, caminhodapoesia@gmail.com

3 Docente do Programa de Pós-graduação em Ecoturismo e Conservação PPGEC / UNIRIO, Instituto de Biociências, Departamento de Ciências Naturais, Laboratório de Geociências e Geopoética (LabGeo(ciên)poética). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. luiza.ponciano@unirio.br

Palavras-chave: Geoconservação; Cidade de Deus; Educação socioambiental; Objetivos do Desenvolvimento Sustentável; Racismo Ambiental.

Abstract

This work presents a Geopoetics of waters with the potential to disturb the colonial project structures of separation between sciences, arts, nature and humanity. Going against the established logic, the writing aims to propose the rescue of the poetic relationship with planet Earth at the center of experiences, with our bodies-existences integrated into a cultural Geo(bio)diversity. It is suggested that such encounters start from existing points of contact between different areas of knowledge, in which the results generate mutual affection (including disagreements), with new possibilities for creating scientific, technical and artistic productions. It also discusses the right to access and use water, explaining the nuances that characterize the manifestation of Environmental Racism in peripheral territories and bodies-territories. Via qualitative research, fieldwork, data analysis, action research and geopoetic writings, as well as philosophical-conceptual foundations based on the search for publications referenced by indigenous and Afro-diasporic authors, the text is composed by researches that reveals and recognizes our river-existences beyond the body of water, along with its spatial and temporal connections, integrations and historical-identity affections with humans on its edges. In this way, we bring proposals for collective socio-environmental practices that integrate education, art, culture, health and leisure. One of them led by the Alfazendo Group in schools in City of God and the other, in the Pedra Branca-Mendanha Valley, a school in Realengo, during actions carried out since 2021, with proposals for pedagogical and artistic activities in favor of the children's learning with/in and in favor of Nature.

Keywords: Geoconservation; City of God; Socio-environmental education; Sustainable Development Goals; Environmental racism.

Pedras de Rio: existências numa Geopoética das águas

Por meio de um encontro de águas que transbordam para o exterior de nossos corpos, buscamos registrar neste trabalho as diversas potências que a Geopoética condensa para perturbar as estruturas do projeto colonial, que sustenta uma separação tal como humanidade/Natureza e Arte/Ciência, para que as mesmas possam ser integradas por uma poética que coloque "o planeta Terra no centro da experiência" (WHITE, 1989).

Para isso, Escrevivências geopoéticas (LOPES; GOMES; PONCIANO, 2021), que emergem do contato com as (T)terras encobertas pelos pátios, prédios e muros de escolas e universidades no Rio de Janeiro são sensivelmente descritas como dados, em (escav)ações de base comunitária e de docências baseadas em práticas ancestrais, sendo apresentadas a seguir enquanto resultados.

Essas águas, que emergem em diferentes estados, de acordo com os projetos realizados por cada docente, analisam os processos criativos efetivados em escolas na Cidade de Deus e em Realengo, associados com projetos de pesquisa do mestrado em Ecoturismo e Conservação na UNIRIO, aprofundando nesses locais as relações sensíveis e afetivas dos participantes com o planeta Terra, que está na base da Geopoética.

Poulet (2022) destaca como objetivo da Geopoética estudar "as complexas relações entre o eu, a palavra e o mundo, à procura de uma nova expressividade, uma poética do mundo". Num contexto em que "o avanço das tecnologias subjuga as sensibilidades pela técnica, a Geopoética reafirma a sua potência de transformação por meio da participação política e poética" (ARAÚJO, 2021).

Ponciano, Cardoso e Santos (2024), trazemos que "as Culturas Afro-brasileira e indígena podem ampliar e aprofundar as referências teóricas da Geopoética, e desse modo criar em coletivo projetos mais efetivos de Conservação da Natureza". Estas autoras costuram experiências com Arte, Educação,

Turismo e uma proposta de Geopoética de Base Comunitária, conversando com reflexões despertadas pelo livro "Uma ecologia decolonial", de Malcom Ferdinand (2022), como "Pensar a ecologia a partir do mundo não pode ter como origem um local fora-do-solo, fora-do-mundo, fora-do-planeta nem se enunciar tendo por base um ser sem corpo".

Portanto, a nossa abordagem da Geopoética também prioriza "recompor nossos corpos fraturados, restaurando-os em suas relações com o mundo" (Ferdinand, 2022), para que as ações de Conservação e Restauração da "Natureza" sejam realmente efetivas.

Desde de Ponciano (2015, 2018), foram realizados na UNIRIO projetos de pesquisa, ensino e extensão associados com a Geopoética, tendo como base em comum destacar como as Culturas Afro-brasileira e indígena podem ampliar e aprofundar as referências teóricas das Geociências e a divulgação científica por meio das Artes, inicialmente focando na área chamada de Geomitologia na academia, nas rochas e fósseis, e depois incluindo e ampliando a análise para a Geopoética, numa integração de elementos/existências nomeadas na bibliografia em sua maioria como Geodiversidade, Biodiversidade e Cultura.

Esta linha na UNIRIO foi sendo estruturada a partir da observação que a Geopoética é uma visão/percepção de mundo muito "de base" para as Culturas Afro-brasileira/Afrodiaspóricas e indígenas, onde as pessoas vivenciam cotidianamente relações mais sensíveis, afetivas e íntimas com a Natureza (inclusive sem a separação entre os humanos e os demais elementos do planeta, como o uso deste termo usualmente implica).

Apesar disso, as referências bibliográficas mais citadas da Geopoética como conceito na academia estão na Europa. Neste contexto, Kenneth White, fundador do Instituto Internacional de Geopoética, em 1979 associou este termo com as diversas formas de relação sensível dos seres humanos com o planeta Terra. Segundo White (1989), a Geopoética é uma teoria-prática que pode embasar vários tipos de atividades (científicas, didáticas, artísticas, turísticas...) que tentam se libertar de disciplinas muito estreitas e estão em busca de uma base e dinâmicas duráveis.

A parte "Geo" se refere à Terra como base, "coisa com a qual, além de todas as diferenças (...) estamos de acordo", numa busca por o que é considerado como essencial, numa relação direta com as "coisas" da Terra. A "Poética" do termo pode ser resumida como um processo de criação e composição do mundo (exterior e interior) que emerge do contato com a Terra, mantendo a associação entre o pensamento e a emoção despertada no corpo, destacando as vivências (WHITE, 1989)

A Geopoética propõe um aprofundamento das nossas relações com o meio, em especial em atividades que envolvam o movimento de nossos corpos, como a "prática da deriva, do nomadismo e do vaguear" em ambientes "abertos" (POULET, 2022).

Em Elizabeth Povinelli (2023) também vemos que apesar do "Imaginário do Carbono biontológico" ainda ser predominante na academia, "mesmo nas ciências naturais o corpo encerrado e auto-organizado é, na melhor das hipóteses, uma ficção." Esta autora traz alguns princípios que emergem das analíticas de existência Karrabing (coletivo de pessoas de povos originários da Austrália), como as "coisas existem por meio de um esforço de atenção mútua. (...) As coisas nem nascem nem morrem, embora possam virar as costas umas para as outras e mudar de estado. Ao virar as costas umas para as outras, entidades interrompem o cuidado mútuo."

Assim sendo, por meio da Geopoética pode ser possível retomar estas relações sensíveis de cuidado mútuo, desde que as pessoas que trabalham nas mais diversas "disciplinas" acadêmicas estejam prontas para saírem dos seus espaços isolados e se encontrarem em ambientes aparentemente inusitados, numa busca por novas correlações e pontos de contato (Ponciano, 2018).

Podemos perceber que com uma combinação de conteúdos das Geo(Bio)Ciências com diversas formas de expressões artísticas/culturais, os resultados obtidos nesta busca da equipe da UNIRIO por novas formas de escutas e metodologias foram muito mais efetivos na criação de atividades interdisciplinares realizadas pelos projetos em diversas creches, escolas, universidades, museus e espaços públicos (PONCIANO, 2018; PONCIANO; CARDOSO; SANTOS, 2024).

Voltando a Malcom Ferdinand (2022), destacamos a sua constatação de uma dupla fratura, colonial e ambiental, da modernidade. A fratura ambiental decorre do dualismo que "separa natureza e cultura, meio ambiente e sociedade, estabelecendo uma escala vertical de valores que coloca "o Homem acima da natureza". Já a fratura colonial "separa os humanos e os espaços geográficos da Terra entre colonizadores europeus e colonizados não europeus, entre Brancos e não Brancos, entre cristãos e não cristãos". Seus "efeitos se manifestam na escravização dos povos originários da Terra", colocando o colonizador, sua história e seus desejos no topo da hierarquia de valores e subordinando as vidas e as terras, desde no mínimo 1492.

A proposta de uma Geopoética originária (PONCIANO; CARDOSO; SANTOS, 2024) visa justamente contribuir para superarmos estas dificuldades, em especial no meio acadêmico, pois as colonizações históricas, bem como o racismo estrutural contemporâneo, estão no centro das maneiras destrutivas de habitar a Terra pelo habitar colonial. Assim, "a Terra perde a qualidade fenomenológica de uma terra solo, um referencial a partir do qual repouso e movimento tem sentido" (FERDINAND, 2022).

Em projetos realizados a partir da UNIRIO (pela equipe do @GeoTales e do @PPGEC), este tipo de proposta de Conservação da Natureza por meio da Geopoética já foi efetivada em pesquisas na graduação em Museologia, Artes Cênicas, Biologia, Ciências da Natureza e Ciências Ambientais, e no mestrado em Ecoturismo e Conservação (PPGEC / UNIRIO), desde Santos (2019) até Ribeiro (2023) e Pitzer (2024).

Nelas, em resumo, foram criadas Trilhas geopoéticas com instalações artísticas em algumas Unidades de Conservação no Estado do Rio de Janeiro, junto com outras criações técnicas, artísticas e científicas baseadas na realização de diversas atividades baseadas na Geopoética em escolas, museus, creches e outros espaços diversos.

Segundo Ponciano, Souza e Dimitriadis (2024), para que essas abordagens geopoéticas possam ser alcançadas, "é necessário percorrer um caminho que passa pela "dissolução" dos nossos sentidos, petrificados pelos processos de litificação de nossas relações com o mundo". Ponciano também relata neste trabalho que durante atividades como a "roda de conversa durante o banho de Rio", pelo contato direto com a Terra por meio das águas e das histórias do local, "as vivências em campo possibilitaram um encontro que foi concomitantemente interno e externo com a Natureza".

O reconhecimento da multiplicidade das naturezas, em especial a relação das nossas, intrínsecas (e se fazemos ou não uma distinção delas) com as naturezas "externas", e a escolha das referências em que baseamos a proposta de análise de Natureza enquanto um conceito, são essenciais para conseguir promover a sua Conservação.

No entanto, sua identificação ainda está pautada em aspectos colonialistas que a separam, hierarquizam e a homogeneizam, guiados por uma lógica de exploração, que tenta simplificar os entendimentos para assim organizar melhor como extrair mais "resultados" de tudo que consegue explorar.

Visando buscar soluções múltiplas para estas separações, neste artigo, de forma proposital, a própria escrita científica também é elaborada com trechos de poesias, destacando como "a "água" da Geopoética mostra que é possível "fluidificar as rochas", escavando novas margens e restaurando antigos sistemas que já pareciam perdidos." (PONCIANO, SOUZA e DIMITRIADIS, 2024), como uma escrita também integrada, que não precisa se obrigar a ser "seca" para ser compreendida.

Ainda pela interação com as águas, visando uma reconciliação do ser humano com seu meio, Camilo Soares (2024) propõe a Geopoética da lama como abordagem analítica estética para a percepção do estresse ambiental e social, destacando como "o sujeito-eu abstrato prevalece sobre o objeto-mundo coisificado, subjugado e usado. Mais do que metáfora, essa confrontação eu-mundo acaba sendo um reflexo da atitude humana".

Evitando "cair no pitoresco ou na romantização da natureza, mas inserindo os aspectos geográficos no olhar crítico sobre as mazelas e contradições de uma sociedade", Soares (2024) traz

como a lama possibilita uma "mediação estética por sua elasticidade formal e material" atravessando e corrompendo a separação forçada entre corpo e pensamento, derivada da dualidade moderna ocidental.

Portanto, com base nas referências acima e na análise das experiências apresentadas a seguir, propomos uma Geopoética das águas como forma de abordagem analítica estética para a percepção do racismo (ambiental e estrutural), focando aqui em atividades de educação socioambiental e em práticas docentes baseadas na Geopoética.

As águas no Racismo Ambiental: "Criminaliza e suga existência ao mesmo tempo"

Racismo Ambiental é um conceito que especifica que a suscetibilidade das populações negras (pretos+pardos), quilombolas e etnias indígenas não é aleatória, e sim uma continuidade do sistema que privilegia pessoas brancas (BULLARD, 2013; CASIMIRO, 2021).

Bullard (2013) historiciza o surgimento do conceito, a partir das lutas de comunidades civis americanas, por seus territórios que eram "escolhidos" para serem vizinhos de aterros, onde descartavam-se resíduos tóxicos. A exposição e os malefícios subsequentes convergiam com maior fluxo para territórios e corpos-territórios de mães-afroamericanas.

Diversos estudos com a mesma temática vem sendo desenvolvidos para evidenciar a intensidade e os diferentes impactos que afligem os filhos deste solo mãe que vai perdendo a gentileza nos atravessamentos de cor (tonalidade da pele, traços negroides, colorismo), classe, gênero, religião que manifesta, modo de falar, de viver, de sonhar e o que compreende como (des)envolvimento, que como vemos em Santos (2023), abrange outros significados, como deixar de se envolver, de manter relações com as pessoas, outros seres e existências associadas.

O conjunto de esforços legislativos e constitucionais no nosso território não garante a proteção das Naturezas. Ao contrário, muitas revisões propostas, como no caso do PL 490, ameaçam o direito de existência dos povos indígenas. São leis que reforçam as fraturas coloniais apontadas por Malcon Ferdinand (2022), pois determinam uma Natureza a ser protegida "sem questionar as injustiças sociais, as discriminações de gênero e as dominações políticas ou a hierarquia dos meios de vida" (FERDINAND, 2022, p.22).

Soares (2024) também destaca que "diante do profundo fosso social brasileiro, o corpo não se torna apenas um vetor para a experiência da abertura para o mundo, mas é também capaz de absorver e representar uma consciência de impossibilidades (...) para certos corpos descartados" (SOARES, 2024).

Nas águas dos nossos rios, fora das Unidades de Conservação ou dos pontos de captação de água potável, há o despejo de esgoto, e não só o irregular, uma vez que muitas construções possuem, inclusive, alvará de licenciamento para tal. Desta forma, o despejo das águas residuais, em especial o grande volume proveniente das indústrias, provocam uma descaracterização dos corpos hídricos.

Somam-se a essa descaracterização pela poluição, outras alterações nos cursos d'água, como as canalizações dos rios, cobertura parcial ou total de seus leitos, que resultam em desastres ambientais associados com tragédias que afetam as vidas e geram apagamentos históricos de memórias e identidades.

Essa atitude "objetificante em relação ao mundo/natureza mas também consigo mesmo, como coletividade frustrada, numa contínua segregação da consciência do eu com o universo e com o outro" (Soares, 2024), dificulta a efetividade de projetos de educação socioambiental, pois amplia os apagamentos a que somos submetidos(as).

Repetindo esse padrão estruturado no país (CARNEIRO, 2011), os problemas sociais e econômicos resultantes dessa objetificação resultam no racismo ambiental, afetando territórios e

corpos racializados.

Corpos hídricos são considerados quaisquer trechos de curso d'água, superficiais ou subterrâneas do planeta. A sua conservação é uma preocupação ambiental mundial, sendo contemplada nos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) 6 e 14, estabelecidos pela Assembleia Geral das Nações Unidas. No ODS 6 objetiva-se "assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento", enquanto no ODS 14, a preocupação é com a "Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável para todos" (ONU, 2015, p. 19).

Ainda que orientado pela Agenda 2030, nos últimos anos, o Rio de Janeiro passou por um processo de privatização das agências responsáveis pela captação de água, seu tratamento, distribuição e o tratamento do esgoto. Uma taxa pelo serviço está prevista a partir da implementação de hidrômetros e ainda que a tarifa corresponda a um valor social, esta aplicação impacta na relação das populações periféricas com o uso e direito às águas (ZISLIS, 2020).

A mercantilização da água, do seu acesso, da qualidade e do cuidado com essa água após a interação com as pessoas, é o colonialismo tentando se impor. O mestre Nego Bispo percebeu e nos revelou na sua escrita que "o povo da cidade tinha relações de utilidade e importância, mas não tinha relações de necessidades" (SANTOS, 2023, p. 12).

O racismo ambiental não está restrito aos seres humanos racializados, ele se estende a outras existências compartilhantes do planeta Terra, pela exploração dos elementos na Natureza, se estendendo desde o reconhecimento enquanto Natureza até as nossas identidades:

> "As pessoas falam de racismo, mas discutem o racismo apenas dentro da espécie humana. Entretanto, a questão é muito mais ampla. Basta pensar nas variedades de peixes que tínhamos naquele tempo e em quantas temos hoje. Hoje, quando falamos em peixe, falamos em tambaqui e tilápia. Os outros peixes, que não são criados em cativeiro, não são mais considerados peixes em alguns lugares. Quando você oferece um peixe de água doce, pescado artesanalmente, as pessoas não querem. (...) O colonialismo vai começar a dizer que o nosso tipo de manga é ruim e começar a vender outro tipo de manga, a manga Thompson, a manga de avião." (SANTOS, 2023)

Além do documento que orienta as metas da agenda 2030 no Brasil (ONU, 2015) e do Guia Agenda 2030 (CABRAL, GEHRE, 2020), que propõe a inclusão de mais 3 ODS, voltados às demandas do Sul Global: ODS 18: Igualdade Racial; ODS 19: Cultura, Artes e Comunicação, e ODS 20: Direitos dos Povos Originários e Comunidades Tradicionais, diversas leis pretendem assegurar a manutenção das nascentes, recuperação de leitos e proteção das margens dos corpos d´água.

A Lei 14.653, de 23 de agosto de 2023, altera o Código Florestal Brasileiro (Lei 12651/2012), e dispõe sobre a intervenção e a implantação de instalações necessárias à recuperação e à proteção de nascentes, incluindo ações de recuperação da vegetação nativa, onde envolvam interesse social e baixo impacto ambiental.

Ao reconhecer as Naturezas é importante saber quem fala e de onde fala; e quem ou quais vozes estão falando através de nós. Quais memórias carregamos, que são passos e passados que vêm de longe. Num rio que nasce no colo de uma floresta, instituída ou não como Unidade de Conservação ambiental, refletimos sobre a compreensão de que as águas já habitavam o território-floresta e o corpo-território rio antes de receber uma nomeação.

As águas carregam consigo e em toda sua extensão memórias possíveis de serem lidas em registros físicos no espaço, que conferem e atribuem a si, identidade e propósito de existência originais.

Isso não pode ser reduzido a um "batismo" de um rio com um nome imposto e descontextualizado, ou a uma subcategorização (como valão/canal,...) para forçar seu esquecimento ou reduzir sua importância intrínseca.

A presença dessas memórias e a valorização desses conhecimentos é assegurado por lei, em contexto escolar, não se restringindo à uma disciplina curricular específica como "História" ou quaisquer restrições herdadas do sistema colonialista que (re)produz as injustiças, opressões e desigualdades.

As Leis 10.693 e 11.645 são sobre essas trajetórias, registros comunitários, cosmovisões, imagens que resistem e artes que são expressas. São de fato realizadas quando as ações são permeadas por "encontro n(d)os espaços de educação formal com os espaços de educação informal, destacando aqui a importância do movimento social de base comunitária e da possibilidade de construir e trilhar caminhos ancestrais de cuidado e (auto)emancipação" (REIS et al., 2022).

Esses encontros abrem espaço para uma construção coletiva com quem o faz cotidianamente, não por obrigação, mas como alternativa para manter suas existências, suas identidades, seus significados e seus afetos registrados.

Metodologia: "Colhi sorrisos e falei vamos"[4]

Este trabalho é o encontro de duas pesquisa-ações do mestrado profissional em Ecoturismo e Conservação (PPGEC/UNIRIO), uma intitulada "Escrevivendo a Conservação das Naturezas da (na) Cidade de Deus: A Geopoética das Águas em Movimento", da primeira autora, com "AS MONTANHAS FALARAM ALTO, EU, DA ESCOLA RESPONDI: Uma Escrevivência Geopoética para a Conservação da Natureza", do segundo autor, sendo ambas dissertações orientadas pela última autora, que começou essa linha de pesquisa com Geopoética no PPGEC desde 2017.

Três percursos que, ao se tocarem, originaram uma confluência das águas em leitos de encantamento pela "riqueza de significados densos (re)sublimados ao longo do tempo e em função da natureza dinâmica da vida" (CRUZ, 2021, p.17), da Geopoética e das relações afetivas com as nossas três práticas docentes e com o registrar de saberes na academia.

Por isso, cada pesquisa será apresentada em primeira pessoa a seguir, como condizente pela Escrevivência realizada pelos dois primeiros autores. Esta é uma abordagem contra-colonial (SANTOS, 2023) que abre caminhos para detalhar os resultados alcançados durante as oficinas de educação socioambiental e as práticas docentes no ensino público, e presentear com poesia as interações resultantes dos sujeitos e territórios em pesquisa.

As Escrevivências Geopoéticas (LOPES; GOMES; PONCIANO, 2021) consistem em uma metodologia descritiva, analítica e reflexiva, pois escreviver é uma ferramenta de sobrevivência preta (EVARISTO, 2021) e de posicionamento político na academia (XAVIER, 2019; CASIMIRO, 2021; REIS, 2021).

Ela ampara, em primeira pessoa, as inquietações corpóreas da mulher preta, diaspórica, nordestina e favelada e do homem-preto, professor suburbano, descrito em Cruz (2021) como aquele que veio de ventre e lar feminino ancestral, e que "traz oralidade, fatos para contribuir com o espectro epistemológico acadêmico", para legitimar a própria fala e as falas dos pares que se "identificarem com a narrativa ou com a trajetória que a produziu" (CRUZ, 2021).

Evaristo (2021) evidencia ser a Escrevivência uma "escrita de si, que não se esgota em si, mas sim, age "salvaguardando o espelho da coletividade". As narrativas poéticas oportunizam a expressão, nos seus múltiplos sentidos, e sua leitura possibilita nos reconhecer, nos inspirar e nos apaixonar pela gente, por nós mesmos e pela nossa história (EVARISTO, 2021).

4 EMICIDA feat. RAEL DA RIMA, **Levanta e Anda**. 2020. Disponível em: *https://www.youtube.com/watch?v=GZgnl5Ocuh8*. Emicida é tudo pra ontem - YouTube. Acesso em : 07 de julho de 2022.

Encontro das Águas: "Se o jogo é vida real, deixa na mão dos reais"[5]

No ano de 2022 o tema gerador do projeto da tecnologia social Rede Comunitária de Desenvolvimento Socioambiental, o Projeto Eco Rede, foi "Encontro das Águas" em movimento com as inquietações da pesquisadora-moradora e aqui primeira autora, diante das dificuldades imensas de encontrar na bibliografia informações publicadas na academia sem estigmatizar o território e as Naturezas presentes em Cidade de Deus.

O reconhecimento enquanto Natureza da(na) Cidade de Deus foi ressignificado e fortalecido ao adentrar no Alfazendo, uma importante instituição de base comunitária e do movimento social da Cidade de Deus, tendo como importante processo o contato com os mais velhos do território e com o conhecimento compartilhado a partir da oralidade.

Cada atividade, em diferentes áreas de atuação (hegemonicamente separadas em educação, saúde, cultura, geração de renda, meio ambiente e recursos humanos) são articuladamente integradas, buscando envolver os múltiplos atores do território, combinando a perpetuação da vida e do encantamento.

A seguir apresento (primeira autora) os registros que foram vividos durante 203 oficinas de educação socioambiental em 21 unidades escolares, a partir do livro Caminho das Águas: O Rio Grande, e do jogo cooperativo Encontro das Águas. O público alcançado foi de 5.962 alunos, da educação infantil ao ensino fundamental (CONCEIÇÃO, SANTOS, 2024).

As oficinas de educação socioambiental são criações dos educadores do projeto, sendo estruturadas em três etapas: sensibilização (dinâmicas, jogos pedagógicos, livros interativos), prática (interação na brinquedoteca sustentável, experimentos científicos) e registro coletivo (criação artística).

Estão envolvidos nos retratos dessa Escrevivência os desafios da elaboração do Jogo de Tabuleiro: Encontro das Águas, suas fichas de perguntas e o que ficou registrado em mim e nos alunos durante as interações nas oficinas. Desde o início o jogo flui através de 3 caminhos, representantes da trajetória dos rios. A jogabilidade precisou percorrer os meandros da competitividade socialmente imposta, evitando o individualismo e a vitória como centralidade.

O objetivo desaguou num leito de coletividade no acolhimento e na construção de saberes que desmontem as discrepâncias entre o que o referencial hegemônico disponbilizou e o que era vivenciado, entre as diferentes vivências e entre o peso da responsabilidade que cada conceito depositava sobre os corpos.

A arte do tabuleiro foi criada no Canva e impressa em lona de 2 x 3 metros. Ela tem 6 casas em cada rio, para possibilitar que 18 duplas ou trios respondessem às questões, após sortear a cor mediante ao lançamento conjunto de um dado. Cada casa tinha resíduos sólidos recicláveis, que a dupla depositava no Ecoponto (ponto de coleta seletiva solidária) mediante ao acerto da questão.

Como a missão de cada turma era contribuir para a limpeza dos rios, melhorando a casa onde os animais jacaré, capivara e garça habitam, todos os alunos se uniam para escolher a alternativa correta. As questões foram escolhidas após 3 meses de formações continuadas em Construção de Favela, Racismo Ambiental, Conservação da Natureza, Desenvolvimento Sustentável, Educação Socioambiental, Agenda 2030, Ciclos Biogeoquímicos, Ciclo Hidrológico, entre outras.

As 21 perguntas foram elaboradas de maneira a contemplar os aspectos sociais, econômicos e

5 BARBOSA, D. LOURENA & LUZ, C. Cabeça Erguida. Álbum: Nós. 2022. Laboratório Fantasma. Disponível em: (863) Drik Barbosa - Cabeça Erguida part. Cynthia Luz e Lourena - YouTube. Acesso em: 13 de novembro de 2023.

ambientais que atravessam a Cidade de Deus e que nas nossas formações promoveu muitos debates e mudanças no olhar para as problemáticas socioambientais.

Muitos desses debates, contemplados nas fichas, foram mobilizados pelos alunos durante a realização das oficinas, sendo as questões mais polêmicas: "Na Cidade de Deus (CDD) temos uma rede só para captar água da chuva separada da rede de esgoto?", "Quem não é responsável por fazer a separação dos resíduos sólidos para reciclagem?" e "Onde se desperdiça mais água?". Os alunos abriram mão da individualidade para alcançar o objetivo de limpeza nas relações do leito para as margens das águas da CDD.

Era necessário confiar nos saberes orgânicos da turma, que surpreendiam os professores regentes ao acertarem questões como: "Quantas escolas existem na Cidade de Deus?", "Quantas localidades diferentes existem na Cidade de Deus?" ou "No Rio Grande dava pra pescar, tomar banho e plantar nas margens?".

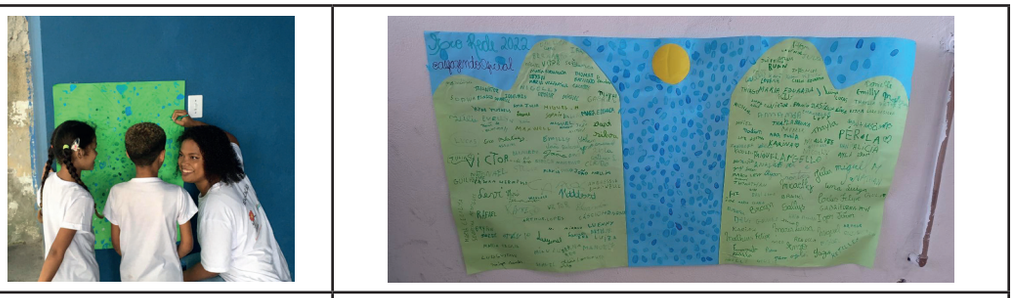
Assim, os saberes não se concentravam em um indivíduo, que tomava para si a intelectualidade. A construção de saberes era circular, horizontal, movimentava-se e aumentava com a dialogicidade. O coletivo pensava e discutia as "certezas absolutas" comparando e convergindo as informações que cotidianamente são desmerecidas e silenciadas.

Durante o jogo, minha função era só observar e registrar por meio de fotografias as oficinas, intervindo só se fosse necessário facilitar o percurso traçado coletivamente, para que de forma alguma o racismo ambiental fosse perpetuado ou reproduzido.

Já na construção coletiva do registro de cada escola, eu recebia cada dupla eufórica por contribuir positivamente com a missão, alguns ainda impactados com a resposta correta, e tinha alguns momentos de troca mais íntima onde os alunos explicitaram o que aprenderam, como estavam se sentindo, as impressões sobre a dinâmica e onde eles aproveitavam para tirar dúvidas acerca das próximas etapas do jogo, da oficina, do projeto, dos agentes, de mim, dos rios, das montanhas e da CDD.

Nas primeiras oficinas tínhamos uma base verde, onde registramos o nome de cada criança, no espaço das montanhas, e com o dedo pintado de tinta azul, elas deixaram suas digitais no leito do rio (Figura 1).

Figura 1 – (a) Construção do registro na Oficina de Educação Socioambiental E. M. Augusto Magne (b) Registro coletivo da Oficina de Educação Socioambiental na E.M. Joaquim Fontes.**Fonte:** Autoral, 2022.



(a) (b)

Essa metodologia foi modificada em 2022 e outros elementos foram sendo agregados, de acordo com a interação com os participantes. Desta forma, em 2023, a criação artística estimulava ainda mais a autonomia e expressão dos alunos. A orientação era "marcar que vocês participaram das oficinas" ficando como livre escolha deles escrever o nome, grafitar sua marca e até a identificação do instagram.

Muitos alunos, dos anos iniciais, mesmo inseguros com a escrita cursiva, arriscaram fazê-la e garantimos o tempo necessário para que o fizessem em um tempo confortável.

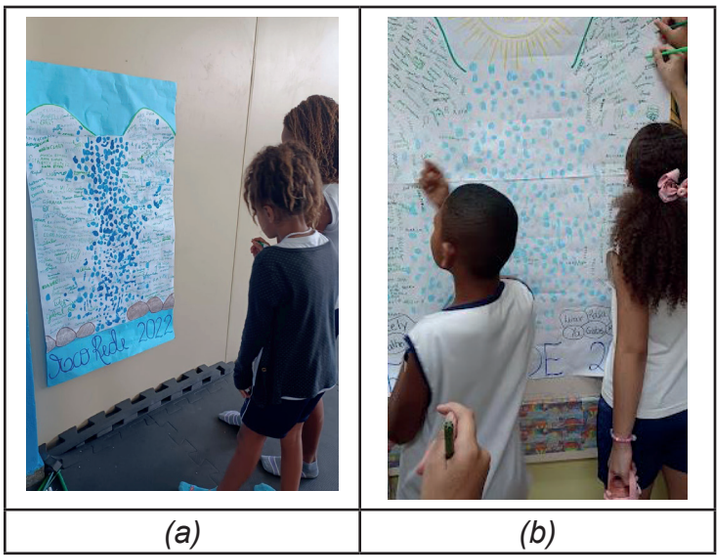
Trocamos as bases coloridas para um fundo branco onde os próprios alunos registravam seus

passos na oficina nas montanhas e depois as gotas de dedos iam brotando em cachoeira e enchendo o Rio Grande. As montanhas representavam o Maciço da Pedra Branca, único ventre que em uma unidade de conservação evita que a nascente do Rio seja engolida pelo processo de urbanização.

Segundo as falas dos alunos, "cada nome parece um mato diferente" e "parece que estamos reflorestando as montanhas". Essa concepção foi incorporada como provocação para os olhares e significados possíveis para o desenho. Os professores, que participavam das oficinas, se convidaram e foram bem-vindos a deixar suas contribuições.

Havia um dilema entre escrever seu nome de um tamanho de maneira que fosse fácil identificar sem ocupar um espaço que comprometa a identificação dos demais alunos. Não era um caminho fácil mas ao serem incentivados, inclusive a encontrarem suas marcas, eles elaboraram estratégias, como observar quais eram os nomes ao redor, se agrupar em turmas e grupos de amigos, observar qual parte do desenho estava mais próximo ou algum elemento que atraia mais a sua atenção (Figura 2).

Figura 2 – (a) Arte de registro da Oficina de Educação Socioambiental em 2022, na E. M. Frederico Eyer (b) Arte de registro da Oficina de Educação Socioambiental em 2023, no CIEP Luiz Carlos Prestes. **Fonte:** Autoral.



Os alunos eram os protagonistas da arte, questionando cada elemento presente ou ausente no registro, e iam atribuindo significados a eles. Eles queriam nossos nomes na cartolina, no entanto não aceitaram que estivessem em verde, quando prontamente escrevemos nas montanhas. Por sugestão deles, incorporamos nossos nomes nas pedras, que davam forma e eram formadas pelas águas dos rios, numa relação reflexiva de ensino e aprendizagem.

Nas oficinas posteriores eles questionaram a quantidade de nomes representados, pois só tinham contato com a coordenadora do dia e mais 3 agentes. Mas explicamos que toda equipe estava nomeada nas pedras, porque para cada oficina ser realizada, precisamos da contribuição de cada um deles.

Posteriormente, eles também sugeriram a identificação da escola, colocada em um Sol, que não nasce pra iluminar, mas sim para se pôr atrás do Maciço da Pedra Branca, opondo-se à visão colonialista da educação e que permite um horizonte à frente, empretecido pela noite e pela educação ancestral, coletiva e construída comunitariamente na CDD.

O maciço da Pedra Branca é, de fato, um ventre fecundo que dá vida à nascente, à floresta densa e a tantas outras existências. Este é um lugar de efervescência produtiva, tanto no corpo da montanha do maciço, quanto no Vale Pedra Branca - Mendanha, onde muitas criações e inovações também surgem. Neste Lugar, berço e base da prática docente do segundo autor deste trabalho, são realizadas

propostas para "devolver à sociedade" o aprendizado experienciado nas formações acadêmicas e da vida, em forma de "propostas de uma prática docente pela difusão do olhar poético, cheio de sensibilidade para uma melhor interpretação da Terra" (Cruz, 2021).

Com essa motivação, descreveremos aqui algumas ações de intervenção pedagógica, artística e cultural realizadas com estudantes de uma unidade escolar da rede pública do município do Rio de Janeiro, no bairro de Realengo, zona oeste da cidade, especificamente entre os maciços do Parque Estadual da Pedra Branca-PEPB e do Parque Estadual do Mendanha-PEM.

Atuando com crianças do 5° ano do Ensino fundamental, entre 10 e 13 anos de idade, lançou-se mão de estratégias de aprendizado mais livres e contra hegemônicas, como discussões em rodas de conversa, aulas passeio em museus, visitas técnicas em estação de tratamento de água, plantio de mudas no pátio da escola, reflorestamento em áreas de restinga, e outras ações com relatos e imagens registradas ao longo da pesquisa (CRUZ, 2021, p. 43-47), em cadernetas geopoéticas do professor-pesquisador.

Um exemplo pitoresco foi a roda de conversa onde a turma se sentou em círculo em torno de uma laranja podre para observá-la, analisá-la e se expressarem acerca do processo, desde a laranja sadia até aquele momento, com as possíveis correlações entre a sociedade global, o grupo social local, o familiar e a individualidade.

Houve expressões que relataram estas visões macro de mundo e sociedade, mas também interesses no mundo microscópico dos decompositores que atuaram no objeto do experimento. Neste dia, a discussão girou em torno do consumo irracional e seus efeitos no comportamento individual e coletivo. Uma das conclusões foi que, "manipulados pela lógica do capital e da produção, inserimo-nos todos em um falso ciclo do querer ter para ser" (CRUZ, 2021, p. 42).

Daí, o ritmo de produção de lixo e seu descarte indevido e poluidor tem destino conhecido e previsível, o rio. Se o rio está comprometido, a água está comprometida e consequentemente, as diversas existências de todo o planeta.

Depois dessa experiência, a turma decidiu estudar a letra da música "Hágua", do cantor Seu Jorge, ensaiar em canto coral e apresentar para as outras turmas e nas comemorações da escola, sempre com uma fala introdutória sobre o percurso desde a aula da laranja até a apresentação do coral. Este alerta deságua na consciência com a força destas palavras: "O seco deserto está tomando conta do planeta/ Água doce, bebível potável está acabando/ Poluição, devastação, queimadas/…/E água pra beber/ Não vai ter."

Estas propostas pedagógicas têm apresentado bons resultados em "formar pequenos cidadãos conscientes da Natureza como nosso lar comum, através do caminho lúdico, intuitivamente aprendente e potencialmente ensinante das artes" (CRUZ, 2021).

Na ocasião do reflorestamento de espécies nativas para a recomposição da vegetação de restinga (Figura 3), o envolvimento das crianças foi inesperado, pois para algumas delas o contato com o mar e a praia era tão raro, que não queriam parar de plantar. Tiveram também a oportunidade de brincar com a água e areia em total liberdade e sentiram-se com esse direito pela primeira vez. Isso gerou laço de afeto, desejo de cuidado e memória da experiência.

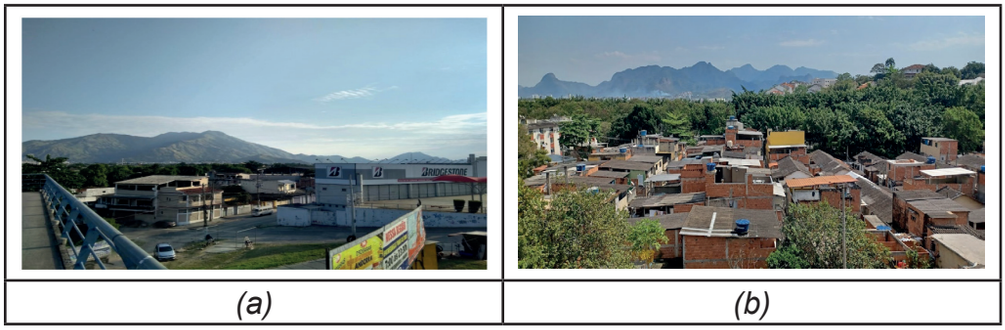
Figura 3 – Plantando vegetação de restinga. Projeto de restauração ambiental do Parque Municipal do Marapendi. Recreio dos Bandeirantes.**Fonte:** (Autoral, 2021).



Uma outra atividade emblemática é a intitulada "Panorâmica". Consiste em levar os estudantes para uma área alta e externa à escola, com visão ampla da região. Lá, todos escolhem livremente um ângulo diferente para ser o seu. Faz-se uma fotografia de cada uma dessas paisagens, e nomeia-se para identificação individual. Após a impressão da foto em tamanho A4, cada um faz a análise da paisagem, capturando e relatando tudo o que se pode observar dela.

Desde detalhes implícitos até acontecimentos óbvios, o exercício é tentar não deixar passar nada despercebido, registrar em tópicos, preparar um cartaz com a foto para exposição e, ao apresentar à comunidade, descrever a imagem realçando tanto a beleza cênica da paisagem, quanto os problemas sociais observados, lixo, poluição, pessoas em situação de rua, depredação do mobiliário, exagero ou escassez, além de outros parâmetros.

Figura 4 – (a) "De cima da estrada que costura o Vale Pedra Branca-Mendanha feito um rio. Paisagem que comunica, Montanha que fala alto." Fonte: (Autoral, 2021) e (b) Das frestas da Cdd, o Maciço da Pedra Branca (Autoral, 2021).



Em Cruz (2021), o próprio relata, "um ato originalmente social na sua raiz, e fundamentalmente político, devolvendo à comunidade parte do que ela mesma forjou em mim", sem desacreditar e consciente da demora natural do processo, "despertando um sentido de representatividade, cuja relação de pertencimento exalava em mais do que somente estar ali" e ser e comungar com ela, mas também "fertiliza-la para germinar gentes autônomas, emancipadas e conscientes em relação ao seu potencial."

Ainda como resultados, trazemos também uma análise dos processos que passamos por meio de poesias que criamos durante a elaboração das atividades acima, e da sua conformação no presente artigo.

Assim como vemos em Araújo (2021), quando ela traz como uma atitude geopoética, de retorno a nossa organicidade com a terra, as séries fotográficas de Edgar Kanaykõ, do povo indígena Xakriabá, refletimos aqui sobre a importância de considerarmos essas criações artísticas como resultados integrados aos demais elementos que incluímos neste tópico. Segundo o artista Edgar Kanaykõ, a série "Somos Rios" é um convite a uma (re)conexão com os rios, um modo de reavivar memórias guardadas através de contos, cantos e histórias, num mergulho aos "seres-rios" que somos.

Consideramos que Povinelli (2023) também apresenta essa proposta quando destaca que "Somos uma vasta gama de corpos (...) mas não apenas corpos biológicos. Por onde olhamos, enxergamos a dança de "um bando de vitalidades" (...) A tarefa passa a ser a identificação dos contornos do bando e dos tipos de relações obtidas entre seus elementos", que ela traz por meio de exemplos dos povos originários da Austrália que foram apresentados nos filmes do coletivo Karrabing (https://karrabing.info/karrabing-film-collective).

Assim sendo, trazemos como parte dos resultados quatro poesias autorais, refletindo as existências-rios-que-somos também na escrita deste trabalho. Este material será utilizado nas próximas atividades associadas aos projetos apresentados acima, retroalimentando as criações artísticas, científicas e didáticas que são produzidas de forma integrada e orgânica para a atualização e expansão das propostas realizadas pela equipe de Geopoética na UNIRIO.

Registro o Rio Grande vivo (Lidiane Santos)

Vivenciando suas margens a cada manhã / À pé as trilhas são sonoras / Abençoadas por trap, rap, funk, por sons dos crias. / São suadas e cada cor de flor apreciadas com atenção. / À garupa de uma moto para agilizar o corre / as trilhas são vultos, buzinas e um "oi tudo bem" que passam em uma fração / Mas, que pára ou volta / para tirar foto de mais um jacaré / Que aguarda, repara e avisa: Colega, Tem mais de um. / Pára o tempo e volta a sentir que está dentro (atrai os sentimentos). / Por alguns minutos dá ré no tempo, fecha os olhos e oferece o sorriso que o cansaço, às vezes, aprisiona. A jornada segue sentido nascente. / Sentindo o útero vívido da mãe-terra. / Aquecido pelo sol e pelo abraço ancestral. / Registrando das margens a resiliência marginal.

Nascente (Leonardo Cruz)

Nascente é aquele que está sempre vindo. Está permanentemente nascendo. Aliás, parece ser a sua essência e, quem sabe, aquilo que sabe fazer de único e perfeito. Nascer, nascer e nascer, continuamente. Nascente é um lugar? Pode um lugar praticar uma ação como essa? Nascente age, e por isso, reage. A movimentos, mudanças, agressões, descaso e desvio. Um Lugar Nascente é vivo. Fala calas, escuta gritos, sussurra gotas. Nascente teima e está sempre vindo. Acontecendo oculta. Avança no veio, atravessa. Paciente e secreta. Pulsando no coração da rocha. Rompendo escuridão de entranhas, fendas, frescas, frias e filtras… Quem conhece o lugar onde nasceu? Quem já visitou seu lugar de nascimento? Ainda há algo acontecendo lá? Quem visitou, se viu brotando da fresta continuamente? Seja um berço abundante ou ainda que pingue, Nascente não para. Insiste. Teima e está sempre vindo. Ó o eco do grotão, roncando do coração da rocha. Nascente de água está sempre vindo. Quem é feito de água vem da Nascente. Quem vem da Nascente está sempre vivo. Teima, força, pinga e rompe. Quem é de Nascente? Quem é de água? Está sempre vindo. Está sempre vivo.

Ser Marginal do Rio Grande - Cidade de Deus, Jacarepaguá, Rio de Janeiro - RJ (Leonardo Cruz)

A vida na Cidade de Deus - CDD apresentada como dança de serpente, em meandros pedagógicos, com uma potencialidade apresentada em cada curva-revelação. Navegar pelo Rio Grande só é possível pelas margens, pelas bordas, por fora. Na periferia do rio. Que também é o lugar de habitar. Na periferia do Rio. As margens do Rio Grande têm muros e avenidas, e no seu possível navegar, caminhamos. Curva a curva, se revelam histórias, casos de vidas e aprendizados. Lá, o chão é fértil pra criar e o solo é rico pra plantar. Tem arte, horta, festa e jogo. Um presente brinda quem passa. As águas do Rio Grande são mais escuras. Um corpo vivo de matéria orgânica se movendo em correnteza. Fecundidade e riqueza. Berçário de vida, abundante e nutrida feito lama do Mangue. Um olho alheio vê lixo e água suja. Um olho atento percebe a carência e vai à luta. Percebe que escuridão não é treva. Mesmo que nos tenham ensinado a temê-la. Das águas mais escuras surgirá a vida, e não precisa ir tão fundo. Essa Água é toda viva. Ela é toda força. Igual a margem do rio, tal como toda Marginal do Rio Grande.

Pedra de Rio (Leonardo Cruz e Luiza Corral Puri)

Brilho é a resposta furta-cor da rocha quando, toda molhada, olha pro sol. Ela se mostra, se exibe, para na pose e lança o olhar de quartzo. A rocha faz muita coisa em silêncio e só às vezes estala, em colapso. Ela se entrega ao abraço do vento e cria pó no segredo do tempo. Deste encontro aparece uma camada de lama, que ao balançar com as águas molda novas existências aos seus arredores. Crescendo nelas, raízes trazem revelações ancestrais das profundezas de águas negras. Convidam guaiamuns para habitá-las, escavando novos (L)ares. Em silêncios. Em marés calmas. Num dia desses, de resse(a)camentos, lá em cima na montanha um pedaço se desfaz, segue em viagem rápida seu destino de retornar. Lentamente, na água ele se quebra, na constante corrente polindo, se despede da montanha, e se (re)faz pedra de Rio, virando peixe sereia.

Considerações finais:"A missão é recuperar, cooperar e empoderar"

Os caminhos para a Conservação da Natureza em territórios urbanos têm meandros que podem se apresentar insalubres à vida, nas dimensões biológica e social. Um mergulho mais profundo é urgente e necessário para chegarmos além da superfície dos desafios, balizando as ações que pretendam cooperar com a continuidade do fluxo saudável em todo o contexto socioambiental.

As manifestações geopoéticas que perpassam diversas áreas do conhecimento oferecem contribuições valiosas e eficientes para encurtar a distância entre a tomada de consciência dos fenômenos e a ação efetiva de cada indivíduo ou coletivo, em prol da garantia justa ao seu direito de acesso e relação sustentável com as águas e com toda as naturezas, internas e externas.

Uma percepção mais amplificada sobre o território, suas influências e os afetamentos percebidos e provocados podem e devem se desdobrar em atitudes de reivindicação junto ao poder público ou às concessões do setor privado, além de iniciativas de movimentos sociais de base comunitária, para proteger as nascentes, matas ciliares e os corpos hídricos em todo o seu percurso, como nos exemplos citados por Ponciano, Souza e Dimitriadis (2024).

Tendo como guias as nossas relações geopoéticas com o planeta, a consciência do direito individual e coletivo às águas, o conhecimento da legislação dedicada à proteção das nascentes, e a percepção de que o trabalho com as infâncias alimenta a esperança de construção de uma consciência

coletiva e solidária para as gerações futuras, percebemos como a Geopoética contribui de forma muito eficaz e profunda para atingir a sensibilização e motivação para as mudanças de atitudes que buscamos estimular nestes projetos.

A ampliação da continuidade de um cuidado mútuo na Conservação das múltiplas naturezas reside na ampliação da sensação de pertencimento ao nosso Lugar na Terra, num habitar que busca não reproduzir as fraturas das violências coloniais, até finalmente alcançar a percepção que também somos o nosso solo/planeta em uma escala reduzida, pois quando realmente sentimos que fazemos parte dele, nós também podemos ser, escutar e conversar com as águas, os solos, a lama e todas as demais existências, estabelecendo relações geopoéticas.

Referências

ARAUJO, Danieli Barbosa de. Inexploradas entranhas: a geopoética enquanto um caminhar e (re)descobrir a terra. Anais do XIV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: *https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77984*

BARTHOLL, Timo. Por uma Geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta. Rio de Janeiro, Consequência. 2018. 168p.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir nocurrículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: *http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/lei10639.pdf*. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. Lei no 11.645, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".Disponível em: L11645 (planalto.gov.br) Acesso em: 20 ago. 2020.

BULLARD, Robert. JOHNSON, Glenn S. SMITH, Sheri L. KING Denae W. Vivendo Na Linha De Frente Da Luta Ambiental: Lições Das Comunidades Mais Vulneráveis Dos Estados Unidos. Revista de Educação, Ciências e Matemática, v.3 n.3 set./dez. 2013

CABRAL, Raquel; GEHRE, Thiago (org.). Guia Agenda 2030: integrando ODS, educação e sociedade. São Paulo: Unesp; Brasília, DF: UnB, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARVALHO, Francisco Fernando Livino. Varandarana, uma Arquitetura Geopoética: A importância da Arte para a gestão das áreas protegidas. 2020. 337f. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2020.

CASIMIRO, Pammella .S. Escre(vi)vendo a Baixada: (des)estruturação do Racismo

Ambiental no bairro de Campos Elíseos. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Ambientais)- UNIRIO, Rio de Janeiro, 2021.

CONCEIÇÃO, Gabrielle da.; SANTOS, Lidiane Barbosa. Encontro das Águas na Cidade de Deus: Projeto Eco Rede Fortalece Identidade e Resgata Memória dos Rios da Comunidade. RIO ON WATCH. 11/01/2024. Disponível em:Encontro das Águas na Cidade de Deus: Projeto Eco Rede Fortalece Identidade e Resgata Memória dos Rios da Comunidade - RioOnWatch. Acesso em: 31/05/2024.

CRUZ, Leonardo Ramos. As montanhas falaram alto, eu, da escola, respondi: Uma Escrevivência Geopoética para a Conservação da Natureza. 2021. 172f. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

EVARISTO, Conceição. Seminário A escrevivência de Conceição Evaristo. A Escrevivência de Conceição Evaristo: primeiro dia - YouTube. 2021. Disponível em: *https://youtu.be/bzwGCFEkEf4?feature=shared*. Acesso em: 15 out.2021.

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial. São Paulo: UBU, 2022.

LOPES, Maria Luiza da Costa Lopes. GOMES, Bernardo, PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. (2021) Escrevivências geopoéticas em Roteiros Geoturísticos no Rio de Janeiro: Metamorfoses para a Conservação da Natureza. Ecoturismo & Conservação 2(1) p. 193-198.

RIBEIRO, Maycom Lopes. Bionas e Geopoética na Conservação da Natureza: Uma Pesquisa-ação na Prevenção de Incêndios Florestais no Parque Estadual Cunhambebe. 2022. 39 f. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Brasil. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. 2015. Disponível em: *https://brasil.un.org/pt-br/sdgs*. Acesso em: 10 agosto 2024.

PITZER, Luana da Silva. 2024. TRILHA VIRTUAL E AFETIVIDADE: A NATUREZA

TURÍSTICA NA TRILHA DE LONGO CURSO NO PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ÓRGÃOS". 2024. 161 f. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Geomitologia: Era uma vez... na história da Terra. Revista Sentidos da Cultura. V. 2, n. 2, 2015, p. 22 – 42.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Geotales: narrando as histórias petrificadas pela Terra. Revista Sentidos da Cultura, Belém, 2018.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira; SOUZA, Marise Campos; DIMITRIADIS, Georgios. CONTRIBUIÇÕES GEOPOÉTICAS NA GEO-LEGISLAÇÃO BRASILEIRA. n. 19, julho 2024, Instituto Politécnico de Tomar, 2024.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira; CARDOSO, Ilana Ribeiro; SANTOS, Lidiane Barbosa. 2024. Geopoética e Base Comunitária: no encontro de nossas nascentes, as nossas bases na Terra. In: Turismo em quilombos [livro eletrônico): do fortalecimento da memória à luta antirracista / organização Maria Amália Silva Alves de Oliveira, Rodrigo Machado Vilani. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2024. p.82-107. Disponível em: *https://www.unirio.br/ccbs/ecoturismo/publicacoes-ppgec/livro-turismo-em-quilombos*

Poulet, Regis. 2022. A geopoética ou como abrir um mundo. Instituto Internacional de Geopoética. Disponível em: *https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/281-a-geopoetica-ou-como-abrir-um-mundo*

POVINELLI, Elizabeth. 2023. Geontologias: Um réquiem para o liberalismo tardio. Editora Ubu.

SOARES, Camilo. A geopoética da lama: dos alagados do mangue a uma estética de resistência. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 63, n. 2, p. 349–362, 2024. Disponível em: *https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8675618*. Acesso em: 18 out. 2024.

REIS, Camila Tomaz. Encruzilhadas Geopoéticas na Conservação da Natureza: Territorialidades e Guardas-Parques em Território Cunhambebe. 2021. 394f. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

REIS, Camila Tomaz; CASIMIRO, Pammella de Souza; SANTOS, Lidiane Barbosa; SILVA, Renato Mendonça. Barreto da.; LA VEGA, Bernardo Vinolo. 2022. SESC E O RACISMO RECREATIVO NA ESCOLA: RECREIO ANTIRRACISTA EM CURSO. Temas em Educação Física Escolar. 7. 1-20.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Lilaz. Beatriz Monteiro. D.O.S.S.E.L Jardim Sulacap: geopoética e conservação da Área de Preservação Ambiental do Morro do Cachambi. 2019. 192f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ecoturismo e Conservação) - Unirio. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: *http://www.unirio.br/ccbs/ecoturismo/produtos. Acesso em: 14 nov. 2023.*

SANTOS, Lidiane Barbosa; REIS, Camila Tomaz; PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Geopoética na Conservação da Natureza de Base Comunitária: Valão é racismo e canal não sustenta não, num Rio que é caminho Favela tem solução. Anais do II Seminário Tecnologia para Edificações e Cidades Inteligentes, Saudáveis e Sustentáveis. Salvador, Bahia. Set. 2022.

SANTOS, Antonio Bispo dos. a terra dá, a terra quer. São Paulo: UBU, 2023.

XAVIER, Giovana. Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história! Rio de Janeiro: Malê, 2019.

SEU JORGE. Hágua. Rio de Janeiro: Universal Music Publishing Group, 2001. Disponível em: *https://youtu.be/V2xfmNfG73c* Acesso em: 31 mai 2024.

WHITE, Kenneth. Textos fundadores (O grande campo da Geopoética). 1989. Instituto Internacional de Geopoética. Disponível em: *https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica*. Acesso em: 23 out. 2020.

Ecoturismo & Conservação

(Carto)grafias geopoéticas: possibilidades para a integração de saberes locais e práticas sustentáveis em contextos de geoparques mundiais UNESCO

Danieli Barbosa de Araujo 1[6]
Georgios Dimitriadis[7]
Jeani Delgado Paschoal Moura[8]

Resumo:

Nos últimos anos têm ocorrido um crescente reconhecimento dos múltiplos valores da natureza, incluindo seus aspectos culturais, espirituais e simbólicos, nas estratégias de conservação ambiental. Esse reconhecimento tem sido impulsionado por uma mudança nas abordagens globais de conservação, que estão cada vez mais integrando tais valores nas políticas e práticas voltadas para a preservação dos ecossistemas. Fóruns globais e debates sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) têm enfatizado a necessidade de envolver comunidades locais, especialmente povos indígenas e grupos tradicionais, nas decisões sobre a gestão de áreas protegidas e de conservação da natureza. A integração de saberes tradicionais e o respeito aos vínculos culturais e espirituais com a terra emergem como fatores cruciais para a eficácia dessas estratégias, pois reconhecem a natureza como um bem compartilhado, com implicações não apenas econômicas, mas também culturais e identitárias. O presente artigo busca explorar como a Geopoética, teoria desenvolvida por Kenneth White, pode contribuir para essa integração, oferecendo uma perspectiva de leitura e expressão da nossa relação com a Terra. O objetivo é demonstrar como a Geopoética, com sua abordagem crítica e criativa, pode enriquecer a gestão dos Geoparques Mundiais da UNESCO, fortalecendo conexões entre o patrimônio geológico, cultural e os saberes locais. Enquanto resultados, o artigo propõe que a geopoética pode ser um caminho para a gestão de riscos e a preservação dos Geoparques. Essa abordagem, ao incorporar as histórias, as narrativas e os significados atribuídos à paisagem, pode fortalecer as estratégias de conservação, respeitando e valorizando as interações entre as comunidades locais e os territórios, ao mesmo tempo que contribui para uma gestão mais sustentável.

Palavras-chave: geoparques; geo-patrimônios; geopoética; gestão integral e sustentável do território; valores culturais.

6 Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pós- doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: danieli.araujo@uel.br .

7 Doutor em História pela Universidade Autônoma de Lisboa (UAL), Portugal. Pesquisador no Centro de Geociências/GT3, Coimbra, Portugal (PT). E-mail: g.dimitriadis@hotmail.com.

8 Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Presidente Prudente/SP. Docente no Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina (UEL); jeanimoura@uel.br.

Abstract:

In recent years, there has been a growing acknowledgment of the multiple values of nature, including its cultural, spiritual, and symbolic dimensions, in environmental conservation strategies (Fernandes-Pinto, 2024). This recognition has been driven by a shift in global conservation approaches, which increasingly incorporate these values into policies and practices aimed at preserving ecosystems. Global forums and discussions on the Sustainable Development Goals (SDGs) have underscored the need to involve local communities, especially indigenous peoples and traditional groups, in decisions regarding the management of protected areas and nature conservation. The integration of traditional knowledge and the respect for cultural and spiritual ties to the land emerge as critical factors for the effectiveness of these strategies, as they acknowledge nature as a shared resource with not only economic but also cultural and identity-related implications. The present article aims to explore how Geopoetics, a theory developed by Kenneth White, can contribute to this integration, offering a new perspective for reading and expressing our relationship with the Earth. The objective is to demonstrate how Geopoetics, through its critical and creative approach, can enrich the management of UNESCO Global Geoparks by strengthening connections among geological heritage, culture, and local knowledge. As a result, the article proposes that Geopoetics can serve as a pathway for risk management and the preservation of geoparks. By incorporating stories, narratives, and the meanings assigned to landscapes, this approach may bolster conservation strategies, respecting and valuing the interactions between local communities and their territories, while simultaneously contributing to more sustainable management.

Keywords: geoparks; geo-heritages; geopoetics; integral and sustainable territorial management; cultural values.

INTRODUÇÃO

Muitos grupos sociais, especialmente povos indígenas e comunidades tradicionais, percebem a natureza como parte integrante de sua história, memória e identidade. Nessas culturas, a terra, os rios, as florestas e outros elementos naturais não são apenas recursos a serem explorados, mas sim entidades vivas, com as quais estabelecem relações simbólicas e espirituais. A memória coletiva desses grupos é entrelaçada com paisagens específicas, que servem de palco para narrativas situadas, rituais e práticas de cuidado que atravessam gerações.

Os valores culturais vinculados à natureza, embora fundamentais, ainda são subestimados nas estratégias de conservação e gestão ambiental. Fernandes-Pinto (2024) destaca que reconhecer e compreender os laços que conectam comunidades às paisagens naturais é essencial para fortalecer a efetividade dessas estratégias, contribuindo para a superação dos desafios inerentes à implementação de políticas ambientais. A autora ressalta que, nos últimos anos, essa discussão tem ganhado relevância em debates internacionais, incentivando uma aproximação entre a conservação da natureza e as comunidades locais, com ênfase na valorização dos aspectos positivos dessa interação. Nesse cenário, levantamentos e estudos que investigam a interrelação entre cultura e natureza têm sido conduzidos em diferentes partes do mundo, consolidando o entendimento de que a preservação ambiental está intrinsecamente ligada aos saberes e práticas culturais (Verschuuren et al., 2021).

No contexto brasileiro, Fernandes-Pinto (2024) enfatiza que o país, detentor de uma das maiores biodiversidades globais e marcado por uma rica pluralidade sociocultural, enfrenta desafios singulares. A autora ressalta que, embora as políticas de proteção sejam essenciais, muitas vezes elas entram em conflito com os direitos, as práticas e as tradições das comunidades locais. A separação entre natureza e cultura, tão presente em algumas abordagens conservacionistas, cria um distanciamento que ignora as relações profundas e simbólicas que povos indígenas e comunidades tradicionais mantêm com

a terra. Esse distanciamento, segundo Fernandes-Pinto (2024), contribui para a invisibilização de saberes e memórias que há gerações ajudam a moldar e preservar as paisagens naturais.

No Brasil, esse embate se reflete também na gestão dos Geoparques Mundiais da UNESCO, que hoje somam seis unidades no território nacional[9]. Esses territórios, que guardam histórias geológicas, culturais e ambientais, se tornam espaços de encontro - e por vezes de conflito - entre as políticas de conservação e as vozes das comunidades que ali vivem. Reconhecer e integrar esses saberes locais, como aponta Fernandes-Pinto (2024), não apenas fortalece as estratégias de preservação, mas também promove uma gestão mais justa e sensível às múltiplas narrativas que habitam os Geoparques.

A Geopoética, concebida pelo pensador franco-escocês Kenneth White, propõe uma abordagem interdisciplinar que une poesia, filosofia e ciência para aprofundar nossa compreensão e relação com a Terra. Enfatizando a importância de uma conexão mais profunda e consciente com os lugares que habitamos, a geopoética incentiva uma leitura crítica e criativa da realidade. Crítica, porque busca questionar o modo atual como habitamos o planeta, e criativa, pois propõe novas formas de interpretar e expressar a experiência humana com os espaços circundantes.

Essa criatividade emerge do desejo de decifrar a "textônica da Terra", termo usado por White (2014), em analogia à "Tectônica da Terra", para descrever a leitura das camadas de significado presentes na paisagem, sugerindo que a Terra é um texto vivo, em constante movimento, cujas camadas carregam narrativas, significados, experiências vividas que podem ser desvendadas por meio de uma sensibilidade geopoética. Ao propor uma leitura sensível e imagética da paisagem, a geopoética resgata as camadas de significados que os povos locais atribuem ao espaço, rompendo com a visão tecnicista que muitas vezes permeia as estratégias de conservação. Nos Geoparques Mundiais da UNESCO, essa perspectiva amplia o entendimento sobre a relação entre ser humano e natureza, permitindo que a gestão dessas áreas não apenas proteja formações geológicas, mas também reconheça e valorize os vínculos culturais e simbólicos presentes no território.

Dessa forma, entendemos que a geopoética oferece um caminho para integrar os saberes tradicionais nas práticas de gestão, tornando as comunidades locais agentes ativos na preservação de seus espaços. Ao considerar histórias, mitos e a memória coletiva, essa abordagem fortalece o sentimento de pertencimento e contribui para a mitigação de riscos, promovendo uma conservação que vai além do físico e se estende ao imaterial. O resultado é uma gestão participativa, que enxerga o território como um espaço experiencial, habitado por significados e experiências acumuladas ao longo do tempo.

Este artigo adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na teoria geopoética de Kenneth White (2014) e na fenomenologia geográfica de Eric Dardel (2012). A pesquisa foi conduzida por meio de revisão bibliográfica, priorizando fontes que investigam a interconexão entre geopoética, saberes locais, práticas culturais e a gestão dos Geoparques. Busca-se, assim, compreender como esses saberes e práticas se refletem na preservação e valorização do patrimônio geológico, cultural e imaterial, considerando a perspectiva geopoética e fenomenológica, que valoriza a experiência sensível e existencial do ser humano com o espaço. A metodologia permite uma análise crítica e reflexiva acerca de como as comunidades locais se apropriam desses territórios e de como suas narrativas contribuem para a gestão e significação dos Geoparques.

9 O Brasil conta atualmente com seis Geoparques Mundiais da UNESCO, distribuídos por diferentes regiões do país: o Geoparque Araripe, localizado no Ceará; o Geoparque Seridó, no Rio Grande do Norte; o Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul, abrangendo áreas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul; o Geoparque Caçapava, no Rio Grande do Sul; o Geoparque Quarta Colônia, também no Rio Grande do Sul; e o Geoparque Uberaba, em Minas Gerais. Além desses, o Brasil conta com diversas outras propostas e projetos de Geoparques. Atualmente, o Geoparque Costões e Lagunas, no Rio de Janeiro, é oficialmente reconhecido como "geoparque aspirante" e aguarda avaliação para o reconhecimento pela UNESCO.

Geoparques Mundiais da UNESCO no Brasil: preservando paisagens, saberes e experiências

> [...] o propósito de um Geoparque Mundial da UNESCO é explorar, desenvolver e celebrar os vínculos entre esse patrimônio geológico e todos os outros aspectos dos patrimônios naturais, culturais e intangíveis da área. Trata-se de reconectar a sociedade humana em todos os níveis ao planeta que todos chamamos de lar e celebrar como nosso planeta e sua história de 4.600 milhões de anos moldaram todos os aspectos de nossas vidas e de nossas sociedades (UNESCO, 2024).

A proposta de um Geoparque, em sua busca por integrar o patrimônio geológico aos demais patrimônios naturais, culturais e intangíveis, reflete a perspectiva de Eric Dardel (2012) sobre a relação existencial entre o ser humano e o espaço geográfico. Dardel (2012) concebe a Terra não apenas como um suporte físico, mas como um espaço vivido, onde a experiência humana se entrelaça com a materialidade do mundo, atribuindo-lhe sentidos e valores.

A noção de geograficidade, desenvolvida por Dardel (2012), aprofunda essa visão ao destacar que a relação entre o homem e a Terra não se limita à observação ou ao uso prático dos recursos naturais. Para Dardel (2012), existe uma reciprocidade entre o ser humano e o espaço que ele habita - uma troca constante em que a paisagem imprime marcas na memória e, simultaneamente, é moldada pelo olhar, pela palavra e pela presença daqueles que a percorrem.

Em consonância, um dos desejos fundamentais da Geopoética, teoria desenvolvida por Kenneth White, é justamente reconectar a sociedade humana, em todos os seus aspectos, "ao planeta que chamamos de lar". Em sua abordagem, assim como na perspectiva dardeliana, a Terra não é apenas o espaço físico onde habitamos, mas um espaço vivo, carregado de histórias, afetos e sabedorias. A Geopoética nos convida a perceber o mundo de forma sensível, a escutar a voz do lugar (*genius loci*) e a nos reaproximar das forças que moldam nosso existir.

Ao celebrar a história de 4,6 bilhões de anos do planeta e sua influência na vida e nas sociedades, os Geoparques evocam uma compreensão sensível e integradora do território, reconhecendo-o como um lugar de memória, pertencimento e continuidade, em harmonia com a visão de uma geografia que transcende a análise técnica e se abre à experiência poética do mundo.

Por definição, os Geoparques Mundiais da UNESCO, conforme sua conceituação oficial (Martini; Zouros, 2001), representam porções significativas de (geo)paisagens únicas que narram a evolução da história da Terra. Nesses territórios, a conexão entre a história geológica e a vida das comunidades locais promove um diálogo contínuo entre o patrimônio natural (biótico e abiótico) e cultural, imprimindo um modelo de desenvolvimento sustentável. Tal modelo mantém as atividades econômicas pré-existentes, corrige eventuais desvios e facilita, ao mesmo tempo que encoraja, a estruturação de novos paradigmas geopoéticos e geoéticos (Pociano; Dimitriadis, 2024). Além disso, proporciona ambientes de bem-estar (Guerci, 2007) e fomenta estilos de vida equilibrados e saudáveis para o futuro da humanidade.

De acordo com Silva et al. (2024), os Geoparques vão além da estratégia de conservação ambiental, constituindo-se como espaços dinâmicos, onde os atores sociais participam ativamente e, em sintonia com as instituições, promovem a valorização, proteção e desenvolvimento sustentável do território (gestão integral). Ou seja, adotam uma filosofia que reconhece a importância da geodiversidade (variedade de elementos geológicos) e, ao integrá-la à biodiversidade e ao patrimônio cultural, buscam o desenvolvimento sustentável das comunidades locais. Nesse sentido, a presença humana deixa de ser percebida como uma ameaça, passando a ser reconhecida como parte integrante

da paisagem e da história do território, contribuindo para a formação de geopaisagens culturais.

Assim, os Geoparques não se limitam a promover a conservação geológica, mas buscam estabelecer conexões entre saberes ambientais, culturais e sociais, ou revigorar aqueles tradicionalmente existentes. Essa perspectiva, como destacam Boggiani (2010) e Silva *et al.* (2024), reforça a importância da participação comunitária na preservação do geopatrimônio, promovendo um sentimento de pertencimento e incentivando práticas sustentáveis que beneficiam as populações envolvidas.

Para Silva *et al.* (2024), os Geoparques funcionam como pontes entre o passado geológico e as demandas do presente, impulsionando iniciativas que conciliam conservação com o desenvolvimento econômico e social. Assim, a valorização do geopatrimônio vai além da preservação de formações rochosas ou fósseis; ela se estende ao reconhecimento de que a paisagem geológica é um elemento vivo, que narra as transformações do planeta e as adaptações humanas a essas mudanças (geo-paisagens culturais).

Nesse sentido, os Geoparques criam oportunidades para o desenvolvimento de práticas de educação ambiental e para vivências imersivas com a paisagem, permitindo que visitantes e comunidades compreendam a evolução do território em que vivem e, a partir disso, desenvolvam um senso mais profundo de pertencimento e responsabilidade ou seja *memoryscapes* (Dimitriadis; Sá, 2024).

Em um contexto de crescente crise ambiental e mudanças climáticas, os Geoparques emergem como "laboratórios vivos", nos quais se experimentam novas formas de coexistência entre o ser humano e a Terra, resgatando o equilíbrio entre sociedade e natureza. Conforme Little (2002, p.33), os povos tradicionais são capazes de unir "fatores como a existência de regimes de propriedade comum, o sentido de pertencimento a um lugar, a procura de autonomia cultural e práticas adaptativas sustentáveis".

Até 2024 o Brasil registrou seis Geoparques Mundiais da UNESCO, espalhados por diferentes regiões do país, evidenciando a riqueza geológica e a diversidade cultural que caracterizam o território brasileiro. O Geoparque Araripe, no Ceará, foi o pioneiro na América Latina, sendo reconhecido em 2006 devido à sua relevância paleontológica e à presença de fósseis do período Cretáceo (Silva et al., 2024).

Em 2022, foram designados os Geoparques Seridó, no Rio Grande do Norte, e Caminhos dos Cânions do Sul, que abrange áreas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, evidenciando a importância das formações rochosas e da biodiversidade local (SILVA et al., 2024). Em 2023, os Geoparques Caçapava e Quarta Colônia, ambos no Rio Grande do Sul, foram integrados à rede global, destacando-se por seu patrimônio geológico associado à história da formação dos pampas (Silva et al., 2024).

O mais recente, o Geoparque Uberaba, em Minas Gerais, foi reconhecido em 2024, com um acervo geológico e paleontológico fortemente ligado à presença de fósseis de dinossauros (Silva et al., 2024). Esses territórios representam iniciativas fundamentais para a preservação do geopatrimônio, promovendo o desenvolvimento sustentável por meio do turismo, da educação e do fortalecimento das comunidades locais.

A essência dos Geoparques Mundiais da UNESCO, nesse contexto, reside na intrínseca ligação entre a preservação das paisagens geológicas e a salvaguarda dos saberes tradicionais. Não se trata apenas de conservar formações rochosas ou sítios fossilíferos, mas de reconhecer que a geodiversidade - incluindo rochas, formas de relevo, solos, hidrografia e fósseis - constitui repositórios de memórias, práticas e conhecimentos acumulados ao longo de gerações.

Janaina Luciana Medeiros (2023), diretora executiva do Geoparque Seridó, ilustra essa conexão ao compartilhar sua relação pessoal com a Mina Brejuí, localizada no município de Currais Novos, no coração do Geoparque Seridó, no Rio Grande do Norte. Sua fala está registrada no documentário *Seridó UNESCO Global Geopark*, disponível no YouTube.

Eu lembro que quando criança, criança é sempre danado, né? A gente

> vinha brincar nos morros da mina, nesses rejeitos que temos aqui, eram grandes morros, era como se fosse um parque de diversão para as crianças aqui da mina. Eu digo que minha infância foi marcada pelas brincadeiras que realmente fazem a criança ser feliz. E a mina Brejuí ela tem muito isso na minha história (Medeiros, 2023, 1min25s).

O depoimento de Janaina revela a dimensão afetiva que permeia as paisagens do Geoparque Seridó, destacando como a experiência cotidiana e as memórias construídas ao longo do tempo se entrelaçam com o território. A Mina Brejuí, que poderia ser vista apenas como um sítio geológico e histórico, ressurge em sua narrativa como um espaço de vivências, de infância e de pertencimento. Ela ainda acrescenta: "O geoparque Seridó faz parte de toda construção da minha vida, da minha identidade, seja como pessoa, como estudante, como pesquisadora e como profissional" (Medeiros, 2023, 30min15s).

Outro exemplo de pertencimento e memória é a Comunidade da Pedra Branca, formada pelos membros do Quilombo São Roque, um remanescente quilombola localizado no Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul. Em seu trabalho de mestrado intitulado *Entre margens e morros: a geografia narrativa dos filhos da Pedra Branca*, Steuernagel (2010) exemplifica como as narrativas locais e os sabres situados atualizam a geografia da região, associando os elementos naturais, como cânions e rios, a memórias e práticas culturais. Segundo o autor, essas narrativas não apenas descrevem o espaço, mas o ressignificam, transformando-o em um repositório simbólico de saberes e histórias.

A "geografia topográfica" da comunidade é moldada pela vivência cotidiana, em que cada elemento do território carrega significados históricos e afetivos, refletindo o pertencimento e a resistência da população. "[...] Ser 'filho de Pedra Branca' pressupõe não apenas ter nascido, morado no local ou ser parente, mas ter a comunidade e o espaço físico como lugar de pertencimento" (Fernandes *et al.*, 2006, p. 136).

Eliseu Pereira (2019), morador da Comunidade Quilombola São Roque, compartilha os laços afetivos e o compromisso que os quilombolas mantêm com a terra e o território que habitam. Seu depoimento, presente no documentário "A luta do Quilombo São Roque", disponível no YouTube, revela um forte senso de pertencimento e amor à terra, refletindo a conexão ancestral com o ambiente e as práticas de preservação.

No vídeo, Eliseu afirma:

> [...] Os quilombolas sabem como lidar com a terra, eles obedecem as leis ambientais. Já o pessoal que é imigrante não olha muito para esse lado, eles visam mais o lucro. Questão de pecuária, plantio de eucalipto, agrotóxico e assim por diante. E não é esse tipo de coisa que a gente quer aqui dentro do nosso território. Para nós é muito prejudicial isso aí. A gente procura 'amanter' as coisas por dentro do que a lei pede e também pela consciência. A gente só sabe viver dessa maneira, aqui na região de mata. A gente procura manter, pelo menos, se não puder ampliar, mas pelo menos manter o máximo de preservação pensando nas futuras gerações [...] (Pereira, 2019, 1min48s).

A fala de Eliseu demonstra um profundo senso de pertencimento, que se manifesta na defesa ativa do território contra práticas externas que comprometem o equilíbrio ambiental. Ao mencionar a forma como "os quilombolas sabem como lidar com a terra", Eliseu não apenas reafirma a relação respeitosa com a natureza, mas também aponta o contraste entre o saber tradicional e as práticas predatórias de agentes externos, que buscam o lucro imediato. Ele nos lembra que preservar não é apenas uma obrigação legal, mas um modo de existência, uma maneira de "viver na região de mata", orientada pela consciência e pelo respeito ao ciclo natural da terra.

Os Geoparques, nesse contexto, emergem como espaços vivos de pertencimento e continuidade, onde o patrimônio geológico se entrelaça com as narrativas e saberes das comunidades que habitam essas paisagens. Eles não apenas protegem as marcas do passado da Terra, mas também salvaguardam as vozes e os modos de vida que dão sentido e alma a esses territórios. É nessa convergência entre natureza e cultura que os Geoparques se tornam caminhos de preservação e esperança, garantindo que a memória e o legado das comunidades tradicionais sigam pulsando no presente e no futuro.

A abordagem geopoética na integração de saberes e na gestão sustentável dos Geoparques

A importância da geopoética, como proposta por Adam Bobbette (2023), se revela em sua capacidade de conectar diferentes esferas do conhecimento humano, especialmente as geológicas, cosmológicas e políticas. O autor destaca que a geopoética já era apreciada muito antes de se tornar um campo formalmente reconhecido, sendo fundamental para pensadores como Johannes Umbgrove e Harry Hess, geólogos de meados do século XX. Para esses autores, a geopoética não era uma técnica literária ou uma simples metáfora, mas uma abordagem profunda e cosmológica para entender a Terra, suas catástrofes e sua evolução.

Bobbette (2023) explora como esses geólogos viam a geopoética como essencial para compreender a planetaridade, traçando linhas de conexão entre as escalas cósmicas e planetárias e a experiência humana. A geopoética, segundo o autor, longe de ser uma prática marginal, foi central para o desenvolvimento de teorias fundamentais da geologia moderna, como a teoria da tectônica de placas.

Ao examinar as ideias de cientistas coloniais holandeses e suas interações com tradições espirituais locais e estudiosos javaneses, Bobbette (2023) demonstra que a teoria da tectônica de placas, ao revelar conexões entre vulcões e oceanos, dialoga com as geografias do espiritualismo javanês, que vê esses elementos como forças interligadas e sagradas. Para os javaneses, vulcões são moradas de divindades e os oceanos representam domínios espirituais. Cientistas holandeses, influenciados por essas tradições, perceberam que a subducção de placas tectônicas criava uma relação direta entre o fundo do mar e as erupções vulcânicas (Bobbette, 2023).

O autor mostra como essa fusão de saberes locais e científicos ajudou a moldar uma compreensão integrada da dinâmica terrestre, evidenciando que a ciência geológica não pode ser dissociada de contextos culturais, cosmológicos e espirituais, ampliando nossa percepção da Terra como um sistema complexo e interconectado.

Todavia, hoje, quando se fala em geopoética, observa-se uma percepção generalizada de que se trata de um campo vago, desprovido de rigor científico e frequentemente associado apenas à poesia e à subjetividade. Essa visão reduz a geopoética a um exercício literário, ignorando seu potencial como ferramenta epistemológica para compreender as relações entre o ser humano e o espaço habitado. Pouco se considera sua efetividade em processos de pesquisa e intervenção territorial, perpetuando a ideia de que ela carece de aplicabilidade prática e relevância acadêmica.

Ao superar essa visão reducionista, percebe-se que a geopoética oferece um campo fértil para a articulação entre diferentes formas de saber, como os científicos, locais, espirituais e sensoriais/psíquicos. A compreensão das suas potencialidades, reconhecida por estudiosos há muito tempo, mesmo antes de sua sistematização, permite vislumbrar sua aplicação em diversos campos do conhecimento, inclusive na gestão sustentável de Geoparques. Torna-se evidente que sua abordagem favorece uma gestão que valoriza os saberes e práticas locais, bem como as dimensões simbólicas e afetivas que permeiam os espaços habitados.

Sendo os Geoparques territórios vivos, moldados por narrativas geo-culturais e experiências históricas que ressoam com a própria identidade do lugar, a geopoética oferece um caminho para

unir essas camadas de conhecimento, promovendo práticas que respeitam tanto a materialidade da terra quanto as percepções e vivências humanas. Essa integração é essencial para que a gestão dos Geoparques não se restrinja à preservação dos aspectos físicos, mas valorize também a memória, os saberes tradicionais e o pertencimento das comunidades locais.

Ao abordar a geopoética, é importante trazer à luz alguns de seus pressupostos essenciais. Esse cuidado nos permite compreendê-la para além das interpretações superficiais que frequentemente a reduzem a uma expressão romantizada do espaço, reconhecendo-a como uma teoria importante para refletir sobre as relações entre ser humano, espaço e experiência. A geopoética surge como uma resposta à fragmentação do conhecimento e à exploração utilitária da Terra. White (2014) propõe uma reconexão profunda e sensível entre o ser humano e o mundo, defendendo uma abordagem que une a criação poética à reflexão crítica. Esse pensamento visa superar a visão mecanicista da natureza, enfatizando a importância de uma relação simbólica com o território. A geopoética, portanto, se apresenta como uma forma de repensar o espaço e a experiência humana, integrando saberes populares, vivencias cotidianas e ciência para uma compreensão mais ampla e sensível do mundo.

Assim, a geopoética, em seu movimento, promove a integração de saberes, rompendo as barreiras entre disciplinas como geografia, literatura, filosofia, artes e ciências da natureza. Essa abordagem crítico-criativa, como defende seu fundador, questiona a maneira atual de nos relacionarmos com a Terra, ao buscar novas formas de interpretar e expressar o espaço. Mais do que uma teoria-prática, a geopoética propõe um modo de habitar o planeta, ampliando as possibilidades de perceber e comunicar a complexidade do espaço geográfico (Araujo, 2022).

Todavia, como a geopoética pode contribuir com a gestão dos Geoparques e se tornar um caminho para a integração de saberes locais no processo de gestão? Enquanto forma de compreender e expressar nossa relação com a Terra, a geopoética pode seguir diferentes caminhos: das cartografias afetivas dos territórios às narrativas vividas, passando pela expressão em desenhos, músicas e outras formas de saberes situados. Cada uma dessas práticas produz formas de conhecimento que revelam as relações de pertencimento e o resgate da memória das pessoas com seus espaços.

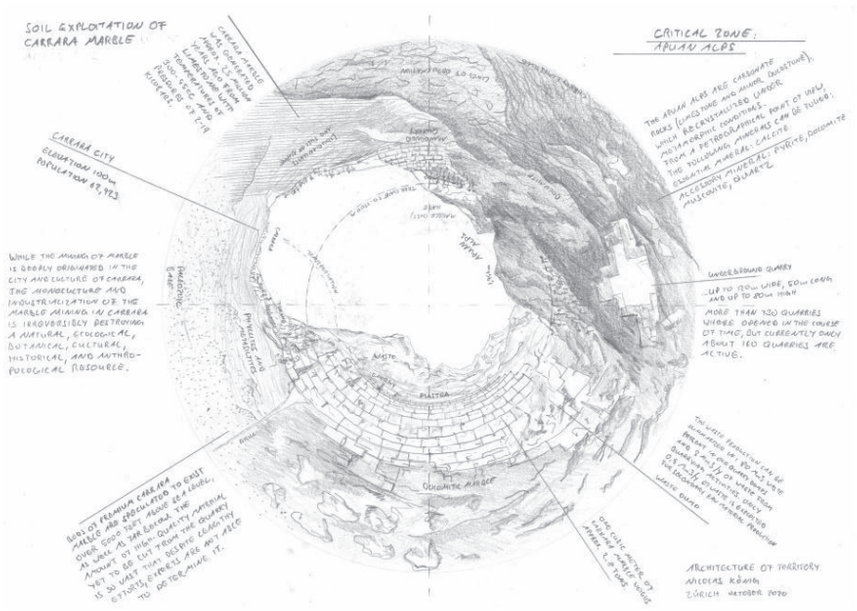
Nos Geoparques, onde a conexão entre o patrimônio geológico e as comunidades é essencial, essa dimensão sensível da geopoética se torna um elemento estratégico. Ela permite que a gestão vá além das questões técnicas, incorporando as histórias, os afetos, os saberes e as percepções de quem habita ou se relaciona com esses territórios. Assim, a geopoética fortalece o sentimento de cuidado e identidade, tornando o Geoparque não apenas um espaço de preservação, mas um lugar vivo, onde a ciência e a experiência humana caminham juntas em prol de um futuro mais sustentável.

O uso de técnicas de (carto)grafias geopoéticas, por exemplo, demonstra como a geopoética pode ser aplicada no contexto dos Geoparques. Ao falarmos em "(carto)grafias," estamos nos referindo à diversidade de representações possíveis sob a ótica geopoética, que busca explorar diferentes maneiras de expressar o espaço. Segundo Sperling (2023), as cartografias críticas podem ser entendidas como geopoéticas que visam uma espacialização da informação. Em contraste com as cartografias tradicionais, essas abordagens sugerem uma visão que vai além da mera descrição objetiva dos territórios, propondo uma exploração das suas dimensões sensoriais e simbólicas.

Por meio das (carto)grafias geopoéticas, é possível "mapear" sentimentos de estima, afetos, riscos e outras dimensões que habitam o espaço vivido das comunidades. Os mapas, sejam em desenhos, palavras ou outras formas de expressão, guardam informações essenciais, traduzindo subjetividades e experiências que não se capturam facilmente em representações tradicionais. Ao dar voz a essas camadas invisíveis, os mapas geopoéticos abrem novos caminhos para compreender e valorizar os territórios a partir da experiência e da sensibilidade daqueles que os habitam.

A figura abaixo, elaborada por meio das oficinas do grupo *Terra Forma*, projeto que propõe uma "reexploração" da Terra e incentiva a criação de novas representações cartográficas, desdobra-se em uma proposta de (carto)grafia geopoética.

Figura 1. "Architecture of Territory": 7º Ateliê do Projeto Terra Forma.



Fonte: Nicolas König (2020)

Com o propósito de criar novas formas de representação, o projeto "Terra Forma: Manual de Cartografias Potenciais"[10] (Aït-Touati; Arènes; Grégoire, 2019) surge como uma proposta para reinventar a maneira de (carto)grafar a Terra, valorizando diferentes formas de expressão e expandindo os limites do vocabulário cartográfico tradicional. Esse trabalho experimental busca construir um imaginário geográfico e político renovado, trazendo para os mapas fenômenos muitas vezes invisibilizados pela representação convencional, como as percepções subjetivas dos habitantes sobre seus territórios.

A figura 1, intitulada em sua tradução "Arquitetura do Território", não se limita a representar elementos técnicos e geológicos, mas incorpora também dimensões culturais, históricas e de risco, revelando as múltiplas camadas simbólicas e materiais que compõem os Alpes Apuanos. É possível observar referências à exploração do mármore de Carrara, destacando não apenas o impacto econômico dessa atividade, mas também suas implicações ambientais e sociais. Elementos como a descrição das formações geológicas, a distribuição dos recursos naturais e as relações entre o uso do solo e os riscos de erosão evidenciam a complexidade do território. Além disso, há anotações que dialogam com a noção de 'zona crítica', ressaltando a interdependência entre os sistemas terrestres e os impactos das atividades humanas na estabilidade ambiental.

As (carto)grafias geopoéticas reconfiguram o ato de mapear, convertendo-o em um processo criativo que dá valor à vivência pessoal e à subjetividade, incorporando elementos frequentemente esquecidos pelas representações convencionais. White (2014) argumenta que o verdadeiro valor da cartografia está em sua capacidade de capturar a essência fluida e viva da Terra, permitindo uma exploração aberta e contínua, em vez de fixar limites rígidos e absolutos (White, 2014).

Nesse mesmo horizonte, Martín (2021) também propõe uma leitura geopoética da cartografia, defendendo que os mapas não devem ser reduzidos a meras ferramentas técnicas de representação

10 Site oficial do projeto Terra Forma: Disponível em: *http://s-o-c.fr/index.php/terraforma/.*

espacial, mas vistos como dispositivos que carregam histórias, simbolismos e subjetividades. Em sua obra Leyendas de los mapas: una lectura geopoética de la cartografía, García Martín (2021) explora como as representações cartográficas transcendem sua função prática, transformando-se em narrativas que revelam tanto os aspectos físicos quanto os afetivos dos territórios. Para ele, os mapas possuem uma dimensão literária e emocional, atuando como pontos de encontro entre ciência, arte e imaginação. Essa abordagem reforça a ideia de que mapear não é apenas desenhar contornos em um papel, mas traduzir relações complexas entre o ser humano e a paisagem, reconhecendo os múltiplos sentidos que emergem dessa interação (Martín, 2021).

Neste contexto, a geopoética revela-se uma abordagem fundamental para a gestão sustentável dos Geoparques pois amplia as possibilidades de leitura e compreensão dos territórios. Os moradores, por estarem diariamente conectados às dinâmicas do território, têm a capacidade de identificar pontos críticos, áreas vulneráveis e riscos que muitas vezes escapam ao olhar técnico. Essa percepção, moldada pela convivência direta com o ambiente, traz à tona saberes que ultrapassam os dados quantitativos e revelam dimensões simbólicas do espaço. Assim, a geopoética se posiciona como uma ferramenta que não apenas registra o território, mas também escuta suas vozes, traduz suas narrativas e propõe caminhos para sua gestão e preservação.

Um exemplo concreto que ilustra esse caráter sensível e narrativo da geopoética no contexto brasileiro é o projeto "O Canto do Geoparque Seridó", do artista potiguar Leão Neto. Composto por nove músicas que abordam geossítios específicos, mascotes locais e a história da região, o álbum convida a uma imersão artística no Seridó Geoparque Mundial da UNESCO[11]. Além de despertar o interesse do público pela riqueza geológica, as canções reforçam o vínculo entre comunidade, história e paisagem, estimulando uma compreensão mais afetiva do território. Essa experiência estética contribui para a conscientização quanto à importância da conservação dos geossítios e da cultura local, pois traduz em linguagem musical o valor científico, cultural e ambiental da região.

Ao articular elementos como memória, geodiversidade e criação artística, essa iniciativa demonstra como a geopoética pode funcionar como estratégia de gestão e conservação de Geoparques, ampliando as possibilidades de leitura e compreensão dos espaços. A geopoética se inspira na noção de que existe uma "escrita do mundo" que integra aspectos físicos (geológicos, geográficos) a elementos simbólicos (histórias, memórias, culturas). Quando a arte, no caso, a música, passa a revelar esses elementos de modo sensível, surge a oportunidade de ler e interpretar o território de forma particular. "O Canto do Geoparque Seridó" concretiza essa ideia ao unir elementos da paisagem natural, histórias locais e expressões artísticas numa narrativa que fortalece a identidade e a valorização do Seridó.

Outro exemplo que evidencia práticas alinhadas a uma perspectiva geopoética, ainda no Geoparque Seridó, é a ação do artista e poeta curraisnovense Adriano Santori. Ele presenteou o Geoparque Seridó com um cordel que narra, de forma bastante original e característica do Sertão, as riquezas do território. O cordel[12], na perspectiva do autor, surge como estratégia lúdica para popularizar o conhecimento acerca do Geoparque Seridó, aproximando ainda mais a comunidade de sua história, paisagens e significados. Por meio do ritmo poético e da tradição oral, a produção de Santori dialoga com os preceitos da geopoética, ao transformar as experiências do lugar em versos que conectam memória, afeto e conservação.

Ainda é possível o reconhecimento de outras iniciativas existentes ou de possibilidades em potencial que explorem a sensibilidade geopoética no contexto dos Geoparques da UNESCO no Brasil. Trabalhos com fotografias participativas, em que moradores locais e visitantes são convidados a registrar visões pessoais dos geossítios e a criar exposições que dialoguem com a geodiversidade e

11 Link de acesso ao projeto musical "O Canto do Geoparque Seridó": *http://geoparqueserido.com.br/?page_id=9756.*

12 Link de acesso da versão digital do cordel de Adriano Santori. *https://issuu.com/getsonluis/docs/cordel_geoparque_serid__?utm_medium=referral&utm_source=geoparqueserido.com.br*

a memória oral, ilustram bem esse potencial. Um exemplo é o Concurso de Fotografias organizado em alusão ao Dia da Mãe Terra e aos 20 anos da Rede Global de Geoparques (GGN), com o tema "Geodiversidade e Biodiversidade nos territórios dos Geoparques Araripe e Caminhos dos Cânions do Sul". Ao convidar moradores e visitantes a "escreverem" o lugar por meio da lente fotográfica, o concurso reforçou a vivência sensível e a contemplação poética dos geossítios. A prática deixa de ser apenas um exercício estético, ganhando um caráter interpretativo e narrativo que conecta elementos geológicos, culturais e afetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adoção de abordagens que enxerguem o território como um lugar vivo, carregado de significados, emerge como uma via essencial para aprimorar a proteção das paisagens geológicas sem dissociá-las das experiências de quem as habita. Sob essa ótica, a geopoética manifesta-se como uma ferramenta propícia para integrar dimensões materiais e imateriais, ampliando a percepção sobre o valor sociocultural que está imbricado na natureza e no modo como as comunidades se relacionam com ela. Tal integração reforça a importância de um diálogo profundo entre os saberes científicos, as memórias coletivas e as práticas culturais, favorecendo a construção de soluções que respeitem a pluralidade dos vínculos afetivos, identitários e econômicos no contexto da gestão de Geoparques.

Em vez de tratar a paisagem como algo meramente observável, a perspectiva geopoética incentiva formas de expressão que reconhecem a presença humana e o universo simbólico como partes constitutivas do ambiente. Assim, produzem-se estratégias de conservação mais inclusivas, capazes de abarcar narrativas locais, práticas tradicionais e valores espirituais que, não raro, acabam negligenciados por modelos de planejamento excessivamente técnicos. Contribui-se, dessa forma, para um trabalho de gestão que promove a participação ativa de diferentes atores sociais, enaltecendo o sentimento de pertencimento e alimentando o compromisso coletivo com a sustentabilidade.

Nesse sentido, valorizar a multiplicidade de olhares que coexistem em cada território configura-se não apenas como um reconhecimento de direitos, mas também como uma forma de fortalecer a efetividade das ações de proteção e desenvolvimento humano. As perspectivas aqui apresentadas estimulam o surgimento de projetos que conectam história geológica, identidades culturais, conhecimentos situados e práticas cotidianas em prol de políticas ambientais que transcendam a simples tutela de bens naturais. Esse movimento de convergência torna-se, portanto, uma resposta promissora para a consolidação de Geoparques inclusivos, fortalecendo uma postura de corresponsabilidade entre sociedade e natureza e inspirando futuros estudos e intervenções comprometidos com a salvaguarda integral dos territórios.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Danieli Barbosa de. **Geo[Grafias]Poéticas**: entre educação e modos sensíveis de habitar. 2022. Tese (Doutorado em Geociências) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

AÏT-TOUATI, F.; ARÈNES, A.; GRÉGOIRE, A. **Terra Forma: Manuel de cartographies potentielles**. Paris: Éditions B42, 2020. Disponível em: http://s-o-c.fr/index.php/terraforma/. Acesso em: 15 nov. 2024.

BOBBETTE, Adam. **Geopoetics**: A new political history. Environmental Humanities, v. 15, n. 3, p. 235–250, nov. 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1215/22011919-10746112. Acesso em: 28 dez. 2024.

BOGGIANI, P. C. A aplicação do conceito de Geoparque da UNESCO no Brasil e relação com o SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação. ***Revista Eletrônica Patrimônio Geológico e Cultura***, p. 1-10, 2010. Disponível em: http://www.geoturismobrasil.com/001%20-%20revista.html.

Acesso em: 03 jan. 2025.

BRILHA, J. Rede Global de Geoparques Nacionais: Um instrumento para a promoção Internacional da Geoconservação. In: SCHOBBENHAUS, C.; SILVA, C. J. (org.). **Geoparques do Brasil**: propostas. Rio de Janeiro: CPRM, 2012. v. 1, p. 29-38. Disponível em: *https://rigeo.cprm.gov.br/handle/doc/1209*. Acesso em: 03 jan. 2025.

COSTA, Êndel Raul Pachêco da. **Geoparque Aspirante Seridó/RN e o processo de desenvolvimento local**. 2021. 183 f. : il. Dissertação (Mestrado em Turismo) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Turismo, Natal, RN, 2021.

DARDEL, Erique. ***O homem e a terra***. Trad. W. Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIMITRIADIS, Georgios; SÁ, Artur. **UNESCO Global Geoparks as Geological and Archaeological Culture Heritage Memoryscapes.** In: human challenges in a context of changing landscapes, Session 22: Memoryscapes: Monuments, materiality, and the memorialisation of the Landscape, LAC 2024, 10-14 jun. 2024, Alcalá de Henares (Madrid, Spain). 2024.

DIMITRIADIS, G. Manifesto geopoético das paisagens arqueológicas: um ensaio crítico. In: PONCIANO, L.; DIMITRIADIS, G.; GOMES, L. (Org.). Geopoética. **Revista Ecoturismo & Conservação** - PGEC/UNIRIO, edição especial de dezembro de 2024. 2024.

FERNANDES, Ricardo Cid; BRUSTOLIN, Cindia; TEIXEIRA, Luana. Relatório Antropológico: A comunidade São Roque. **Boletim Informativo NUER**, Florianópolis, v. 3, n. 3, p. 131-186, 2006.

FERNANDES-PINTO, Érika. Valores culturais da natureza: desatando nós e criando laços na implementação de políticas de conservação. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 63, p. 315-338, jan./jun. 2024. Disponível em: *https://revistas.ufpr.br/dma*. Acesso em: 28 dez. 2024.

GARCÍA MARTÍN, Pedro. **Leyendas de los mapas**: Una lectura geopoética de la cartografía. Madrid: Punto de Vista Editores, 2021.

GUERCI, Antonio. **Dall'antropologia all'antropopoiesi. Breve saggio sulle rappresentazioni e costruzioni della variabilità umana.** C. Lucisano Editore, Milano. 2007.

IDEMA (Rio Grande do Norte). **Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte.** Disponível em: *http://www.idema.rn.gov.br*/. Acesso em: 27 dez. 2024.

KÖNIG, Nicolas. Architecture of Territory. Zurique: ETH Zurich, 2020. **Oficina Terra Forma, Manuel de Cartographies Potentielles.** Disponível em: *http://s-o-c.fr/wp-content/uploads/2022/10/workshop-03-scaled.jpg*. Acesso em: 02 jan. 2025.

LITTLE, Paul Elliott. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade. Anuário Antropológico/Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro**: 251-290 Brasília, 2002-2003.

MARTINI, G.; ZOUROS, N. European Geoparks: Geological Heritage & European Identity – Cooperation for a Common Future. In: FREY, M.-L. (Ed.). **European Geoparks Magazine**, 2001.

MEDEIROS, Janaina Luciana. Seridó UNESCO Global Geopark - Periscópio Program. [S.l.]: Geoparque Seridó, 2023. Disponível em: *https://www.youtube.com/watch?v=eS1S6QZc5lg*. Acesso em: 28 dez. 2024.

PEREIRA, Eliseu. A Luta do Quilombo São Roque: entrevista. [S.l.]: YouTube, 2019. Disponível em: *https://www.youtube.com/watch?v=BElMJUdcfTs*. Acesso em: 28 dez. 2024.

PONCIANO, L., Dimitriadis, G. (2024). Geopoética: um portal para a disseminação e gestão de políticas culturais associadas ao patrimônio geocientífico brasileiro. In: XIII Seminário Internacional de Políticas Culturais, 20-24 de maio. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Brasil.

SILVA, J. G. S. da et al. Geoparques Mundiais da UNESCO no Brasil: novas formas de gestão integrada dos territórios. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 25, n. 100, p. 176-195, ago. 2024. Disponível em: *http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia*/. DOI: https://doi.org/10.14393/RCG2510070678. Acesso em: 28 dez. 2024.

STEUERNAGEL, Maicon Silva. **Entre margens e morros:** a geografia narrativa dos filhos da

Pedra Branca. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Curitiba, 2010.

SPERLING, David. **Cartografias e geopoéticas: grafias e poéticas de mundos-mais-que-humanos**. Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação, publicação em Ahead of Print, 2023. Disponível em: *https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/26387*. Acesso em: 15 nov. 2024.

UNESCO. UNESCO Global Geoparks. In: **International Geoscience and Geoparks Programme**, 27 mar. 2024. Disponível em: *https://unesco.org/en/iggp/geoparks/about.* Acesso em: 03 jan. 2025

VERSCHUUREN, B.; MALLARACH, J. M.; BERNBAUM, E. et al. ***Cultural and spiritual significance of nature:*** guidance for protected and conserved area governance and management. (Best Practice Protected Area Guidelines Series, n. 32). Gland: IUCN, 2021.

WHITE, Kenneth. Pano**rama géopoétique**. Paris: Éditions de la Revue des Ressources, 2014.

Ecoturismo & Conservação

Sessão Científica

Lugar de escuta: uma manifestação pedagógica geopoética

LISTENING PLACE - A GEOPOETIC PEDAGOGICAL MANIFESTATION

Leonardo Ramos Cruz
Mestre em Ecoturismo e Conservação (Egresso PPGEC / UNIRIO). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Docente efetivo Colégio Pedro II. leonardoramoscruz@edu.unirio.br https://orcid.org/0009-0008-9056-7196

Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano
Docente do Mestrado Profissional em Ecoturismo e Conservação, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEC / UNIRIO); Instituto de Biociências, Laboratório de Geociências e Geopoética.
http://lattes.cnpq.br/0519721250469036 https://orcid.org/0000-0001-6700-2391 luiza.ponciano@unirio.br

Resumo

Reunindo elementos para apoiar a investigação sobre o Lugar de Escuta, apresentamos esta proposta que se manifestou a partir de práticas baseadas na Geopoética. O objetivo é colaborar com a fundamentação do conceito investigado e ativar a escuta sensível nas relações com as múltiplas existências. A jornada epistemológica vai se revelando nos desdobramentos da pesquisa, conforme as falas que compõem a escrita se integram, numa trama de saberes produzidos e compartilhados por dois docentes, tanto em base acadêmica, quanto nas artes, literatura e conhecimentos dos povos originários e de terreiros. Nessa pesquisa-ação militante de ciência coletiva, percebemos o estabelecimento de práticas mantidas no cotidiano pelo hábito do aprender em fluxo contínuo. O aprendizado da escuta é detalhado e definido como movimento crucial e intrínseco à Geopoética. Como resultado, nas relações geopoéticas, são essas práticas de escutas ancestrais que apontam a existência do Lugar de Escuta. Ao assumir esse lugar de modo ativo, criamos novas possibilidades de uma manifestação pedagógica geopoética.

Palavras chave: Pedagogia; Lugar de Fala; Povos indígenas; Povos de terreiro; Conservação da Natureza.

Abstract

Gathering elements to support the investigation into the Listening Place, we present this proposal, which emerged from practices based on Geopoetics. Its aim is to contribute to the foundation of the concept under investigation and to activate sensitive listening in relations with multiple existences. The epistemological journey is being revealed in the unfolding of the research, as the speeches that make up the writing are integrated into a web of knowledge produced and shared by two teachers, both on an academic basis and in the arts, literature and knowledge of native peoples and people of terreiros. In this militant action-research of collective science, we see the establishment of practices maintained on a daily basis by the habit of learning in a continuous flow. Learning to listen is detailed and defined as a crucial movement intrinsic to Geopoetics. In geopoetic relationships, it is these ancestral listening practices that point to the existence of the Listening Place. By actively assuming this place, we create new possibilities for a geopoetic pedagogical manifestation.

Keywords: Pedagogy; Place of Speech; Indigenous Peoples; Terreiro Peoples; Nature Conservation.

Aberturas geopoéticas: escutas do planeta Terra em suas múltiplas existências

Eu não sei dizer nada por dizer/ Então eu escuto/ Se eu não entender, não vou responder/Então eu escuto/Eu só vou falar na hora de falar (Fala - Ney Matogrosso. Secos & Molhados, 1973)

A aprendizagem, seja formal, institucional, ou não, tal como a conhecemos hoje, obedece a um padrão de oferta de produtos no que diz respeito ao formato, apresentação, semelhanças de mecanismos de produção e metodologias de aplicação. Para além desse lugar comum, existem movimentos de inovação e de redescobertas acerca das múltiplas formas de aprender. Aqui partiremos de conhecimentos praticados pelos povos originários e de terreiro.

Pretendemos realçar que por meio da Geopoética, dentre os potenciais resultados que alcançamos com a elaboração de atividades baseadas em relações mais sensíveis, afetivas e saudáveis com nosso eu mesmo (também chamado de Natureza pela Cultura eurocentrada), como nos traz Ailton Krenak (2024) em escutas de parentes indígenas em cujas línguas não existe o equivalente ao que chamamos de Natureza.

O estabelecimento de uma atenção e cuidados mútuos nos conduz a práticas que são mantidas na vivência do dia a dia. Isso gera uma Cultura composta de hábitos que, além de nos transformar em comunicadores mais eficazes com o planeta, em fluxo constante de escuta e ação, também estrutura novas formas de cuidar e habitar a Terra diferentes do habitar colonial (Ferdinand, 2022). Aprender como "a Natureza" se expressa nos faz nos relacionar, escutar e agir no mundo de maneira geopoética.

Para selecionar melhor o que realmente queremos ouvir, Ailton Krenak traz uma proposta da Cultura Guarani, que entende ser possível acessar o silêncio ao se refugiar do excesso de barulhos do mundo exterior numa mata escura e profunda que se localiza em nosso interior, disponível a cada ser (Krenak e Kumar, 2024), proposta que correlacionamos aqui com uma escuta geopoética.

Aqui consideramos que a Geopoética pode ser associada a modos ancestrais de habitar o planeta, revelando no exercício individual e coletivo o entendimento que se tem sobre questões fundamentais como: Como essa base comum que habitamos nos sustenta? O que podemos realizar a partir das nossas relações com esse lugar? Como escolhemos quais ações vamos priorizar? E como fazer isso de modo a não nos destruir no processo?

Na composição da Geopoética, a Terra, esse planeta composto por uma malha de existências conectadas em rede está associada a uma "poética", resposta expressiva derivada de afetos gerados nas relações de interação e fluxos de compartilhamentos, que determina modelos de pensamento e de compreensão do mundo ao redor.

Assim, a Geopoética é um portal que permite visualizar e acessar interações e compreensões com um olhar transversal e interseccional, por sobre, por entre, no percurso do através. A ampliação das nossas porosidades (um aumento dos pontos de contato, de aberturas) é uma das qualidades inerentes dessa Geopoética originária (Ponciano et al., 2024) realizada a partir do contato íntimo com o chão que chamamos atualmente de Brasil, pois ela penetra e se deixa penetrar por diversas áreas, trazendo à tona, por exemplo, como se entendiam os fenômenos naturais antes da apropriação dos saberes pelo poder das elites colonizadoras advindas do norte global.

Por exemplo, essa ampliação das aberturas foi parte fundamental da criação de trilhas geopoéticas em Unidades de Conservação do Rio de Janeiro, baseada nas metodologias realizadas inicialmente nos projetos descritos por Ponciano (2018). Neles e nos projetos seguintes realizados na UNIRIO, ao invés de tentar repetir todas as atividades de forma "idêntica" com cada grupo, desenvolveu-se uma proposta aberta, estruturada numa base arejada e com porosidades para acolher adaptações

que foram necessárias a cada dia. Mesmo com mudanças foi viável manter a preparação e uma base comum que garantiram resultados eficazes e semelhantes, integrando as variações (PONCIANO, SOUZA e DIMITRIADIS, 2024).

A Geopoética também é uma fresta pela qual podemos olhar os fenômenos que nos cercam em toda sociedade e todo planeta. Essa fresta é imensa e tem o tamanho de toda a galáxia. No entanto, sempre foi diminuída, subvalorizada, submetida, subdimensionada. Por consequência, ela é intrinsecamente subversiva e contra-colonial, pois em um movimento de resistência, apoia as lutas para restabelecer a legitimidade e propriedade intelectual dos saberes de quem já os praticava outrora.

De Ponciano et al. (2024), trazemos que "Quem costuma ter mais contato com a terra/Terra em diversas escalas, enquanto solo/base e planeta são as pessoas que elaboram suas atividades mais na prática, nas vivências, com seus corpos integrados". Hoje, com o nome de Geopoética, as práticas ancestrais nas relações das existências entre si e com o planeta são uma base essencial do habitar a Terra pelos povos originários, que consideram que todas as existências são dotadas de "vida", em sentidos diferentes do usualmente definidos pela Biologia ou Geologia. Como afirma Krenak, "A ideia da vida atravessando… há vida atravessando o chão, [...] há vida no pássaro, [...] há vida em tudo. É tão maravilhoso que não sobra nada que não seja vida e nada que não seja natural" (KRENAK & KUMAR, 2024).

É importante destacar que, como também traz Povinelli (2023) por meio de exemplos dos povos originários da Austrália, essa percepção de "vida" é distinta das definições acadêmicas que estão sob o cercamento biontológico da existência (caracterização de todos os existentes como apenas aqueles dotados de qualidades associadas à vida, na escala de percepção que está confinada à um conjunto de cercamentos epidérmicos, de membranas que separam o ser do ambiente).

Portanto, seguimos estas propostas oriundas da cosmopercepção de povos originários e tratamos aqui como existências (Povinelli, 2023) todas as manifestações que ocorrem na Terra, incluindo as que usualmente são diferenciadas em biodiversidade e geodiversidade, ou em elementos bióticos e abióticos pelas Ciências que predominam nas universidades e escolas formais.

A escuta local dessas vozes ancestrais começou a ser realizada de forma mais frequente na UNIRIO em projetos de pesquisa, ensino e extensão pela segunda autora, com a criação do grupo @ GeoTales UNIRIO, coordenando essas iniciativas desde 2013.

A partir de 2020 (quando o primeiro autor passou a integrar a equipe), o aprofundamento das pesquisas em uma Geopoética originária foi sendo realizado de forma ainda mais acentuada, com a criação do Grupo de Estudos Saberes de Fresta (GESF / UNIRIO), em encontros semanais de duas horas de duração em cada dia (segundas e quartas, com participantes distintos), quando foram abertas frestas para dentro da academia, para que histórias e vozes de origens diversas (povos indígenas e de terreiro, Guardas-Parques, moradores de favelas e de comunidades tradicionais), ampliassem e (re) trabalhassem as nossas escutas continuamente.

Tendo como base inicial abrir frestas de acesso à pós-graduação na universidade pública por meio de leituras, escritas coletivas e oficinas de metodologias, esse grupo resultou em reflexões profundas sobre como expandir as escutas e repensar as estruturas da Educação em todos os níveis e abordagens.

Desde 2015, a relação com a Natureza e a sua Conservação foi um tema central das pesquisas. Segundo uma das discentes da UNIRIO que também coordenou o grupo e realiza pesquisas sobre o Racismo ambiental, Pammella Casimiro, "O GESF é um local de começo, caminhos de encontros e fim para novos inícios. Ciência com afeto, pesquisa coletiva, saberes que se (con)fundem, são apenas alguns exemplos das ações que ocorrem nos encontros. O GESF é ponte, pois possibilita o cruzo para além da academia com outros saberes, fazeres e não mais importante, com outras universidades. Um campo fértil onde se há possibilidade de florescer, aparecer e multiplicar com podas, mas sem corte. Lá é possível pôr em prática o Saber Viver, e o saber fazer. Pela liberdade e confiança, é possível compartilhar tempo, experiências e aprendizados."

Após a finalização do formato do GESF em 2023, essa proposta passou por uma metamorfose em 2024, dando origem ao Grupo de pesquisa Geopoética: pelo reencantamento do e com o mundo, também com sede na UNIRIO, a partir de onde as duas autorias daqui continuam a realizar pesquisas em coletivo, analisando os resultados de se realizar uma escuta mais sensível na Educação.

A Pedagogia conceitualmente pode ser definida como o "estudo sistemático da Educação" (LIBÂNEO, 2001) e, além de outras frentes, se ocupa da fundamentação epistemológica sobre o processo de ensino e aprendizagem, considerando uma possível inovação no eixo aprendizado, onde "educador e educando aprendem em comunhão" (FREIRE, 2009).

Aprendizado é justamente um verbete que carrega consigo maior potencial de alcance do objetivo que consideramos primordial no educar e neste trabalho, que é o de reativar uma escuta ativa e sensível nas nossas relações, para alcançar um Lugar de Escuta do planeta Terra em suas múltiplas existências. Aprender vem de "ad prehendere"[13], levar para junto de si, apoderar-se, apropriar-se. As experiências de encontros de si, consigo mesmo, com a Natureza, com todos e todo o planeta, dispara os sistemas sensoriais de capturas de sensações, e o conjunto de informações fica registrado na memória. Em seu livro "Jogos para atores e não atores", Augusto Boal corrobora dizendo que:

> Na batalha do corpo contra o mundo, os sentidos sofrem, e começamos a sentir muito pouco daquilo que tocamos, a escutar muito pouco daquilo que ouvimos [...] diminuir a distância entre escutar e ouvir. Finalmente, os sentidos têm também uma memória, e nós vamos trabalhar para despertá-la. (Boal, 2015, p.99)

Desse modo, insistimos que é nas relações horizontais, democráticas e afetuosas que realmente aprendemos, mutuamente e constantemente, havendo maior relevância e espaço para o termo aprendizado. Como destacado acima, desde 2015 temos trilhado diversas abordagens e experiências na UNIRIO, em escolas (creches, ensino fundamental e médio), em museus e Unidades de Conservação como um estudo de caminhos para alcançarmos a prática de uma Pedagogia geopoética, pois sentimos a necessidade de habitar essas práticas antes de fundamentar propostas teóricas que sejam realmente mais efetivas.

Numa prática de Pedagogia geopoética, há ênfase em fluxos mais abertos e horizontais de conhecimento. No entanto, o êxito só se observa mediante a criação de condições favoráveis, tal como a prática do Lugar de Escuta, que por sua vez, depende de atitudes de posicionamento, receptividade, cuidado e atenção mútua, como nos traz Elizabeth Povinelli (2023). Em seu livro Geontologias, ao relatar as abordagens utilizadas para que o mundo mais-que-humano continue em relação conosco, a autora traz como referências perspectivas ancestrais de povos da Austrália, que também temos na América Latina.

Metodologias: escava, minera, escuta, aprende e devolve!

> não é sobre o que se está vendo / é sobre o que se está ouvindo quando se está vendo [...]
> é sobre o que se está sentindo quando se está ouvindo o que se está vendo [...]
> (Luiz Zerbini em OSÓRIO, 2012)

Trabalhando para dissolver fronteiras e eliminar barreiras na interface sala de aula–Natureza e Natureza enquanto sala de aula (CRUZ, 2021) "a Geopoética torna-se ainda mais interessante no contexto atual por oferecer um terreno de encontros e estímulos recíprocos" (PONCIANO, 2018), originando correlações e pontos de contato entre a poesia, as Artes, as Ciências da Natureza e outros saberes.

13 Disponível em:: *https://origemdapalavra.com.br/palavras/aprender/* Acessado em 27 de junho de 2024.

Atualmente, não se revela mais como efetivo distanciar o pesquisador do seu "objeto" de pesquisa. Ou melhor, se ambos têm histórico, memórias, marcas de identidade e saberes, o potencial de conhecimento produzido e a produzir se materializa durante a ação da pesquisa, e se disponibiliza inédito, simultânea e mutuamente para as existências envolvidas. Tal conceito de pesquisa-ação tem origem nos estudos do colombiano Orlando Fals Borda, e encontramos apoio quando lemos que "a pesquisa-ação e a investigação militante são solos férteis para uma construção de uma ciência libertária em movimento." (BARTHOLL, 2018), que trazemos como metodologia entremeada ao longo do trabalho.

Quando nos debruçamos sobre as reflexões provocadas pela Geografia Cultural presentes nas palavras de Carl Sauer, percebemos que este ramo aponta para as obras humanas como marcadores locais e temporais que escrevem trajetórias e jornadas na superfície da Terra, e nela, "imprimem uma expressão característica" com "elementos da cultura material que conferem caráter específico à (cada) área" (SAUER, 1997).

Assim, a expressão "Meu Lugar" ganha forma, conteúdo e valor inefáveis, pois a autodeterminação de pertencimento de um ser (humano ou não-humano) ou outras existências ("elementos abióticos") tem seu registro nas entranhas do passado milenar da formação geológica do planeta, manifestado em ação cultural posterior. Em Ponciano (2018), a autora destaca como diferencial dos projetos associados com Geopoética e Geociências na UNIRIO a combinação de conteúdo científico com diversas formas de expressões artísticas, possibilitando uma estrutura mais eficiente para a realização das ações, ampliando e multiplicando as experiências, na busca de novas escutas e relações.

Em práticas de "sentipensar" diariamente, o fluxo dessa investigação desemboca numa questão evidente, que é a necessidade de se ter um Ouvido Pensante (SCHAFER, 1991) para que seja possível capturar a riqueza de elementos disponíveis na Paisagem Sonora (SCHAFER, 2001) oferecida pelo ambiente. Entre silêncios e sons, texturas e timbres, durações, alturas e intensidades, a sinfonia orquestrada pela Natureza comunica uma imensidão de falas. Pela floresta dentro do urbano, pelo urbano que adentra à Natureza, pela mata preservada em flora e fauna. Assim, Schafer (2001) traz que a Paisagem Sonora se traduz na atenção e análise do universo sonoro ao redor.

A influência do que se captura na escuta das paisagens se reflete no falar e no agir dos viventes daqui, de lá e dos que passam. São marcas registradas contadas nas narrativas, que servem de identificação para os que se reconhecem na fala de outros. Disto, resgatamos das palavras acima o "Meu Lugar", para somar a ele, no espectro das manifestações fenomenológicas de Cultura e Natureza, a autodeterminação associada a "Minha Gente". São partes da base epistemológica onde se alicerçam a minha Escuta, a Escuta do Meu Lugar, a Escuta da Minha Gente. O meu Lugar de Escuta.

Deste ponto em diante, mudamos a voz para a do primeiro autor, homem preto, morador de Bangu, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro, periferia da cidade e professor de crianças no ensino fundamental do primeiro ao quinto ano de escolaridade no Colégio Pedro II, a fim de destacar também seu Lugar de Fala, e a associação deste com a proposta aqui apresentada. A segunda autora é uma mulher de pele branca, de terreiro e de origem indígena por parte de mãe (povo Puri, do interior de Barra do Piraí, São José do Turvo), e por parte de pai, de um avô homem preto e cearense, e uma avó branca, filha de espanhois. Artista e Paleontóloga, é docente universitária desde 2013.

A materialização do Lugar de Escuta

Trago comigo algumas alianças preciosas. Formação dada por mulheres, elas, as seis que me forjaram. Este berço matriarcal de Fêmea Matriz revelado e poetizado por Evaristo (2008) se repete também para mim como Força Motriz que veio a me influenciar.

Assim, na medida em que fui mergulhando nas descobertas de epistemologias femininas, percebi os atravessamentos subjetivos que a compreensão do meu Lugar de fala ilustram e se sintonizam com a minha escuta (NOGUEIRA, 2017).

Venho dialogando com teorias e referências, que tal como Nogueira (2017) se alinham com a forma como escuto os lugares e com o lugar em que me coloco para escutar: a atenção que tenho ao escutar, o significado que apreendo, o que seleciono como escuta, e o que descarto, porque "mundo é muito barulhento em qualquer lugar." (KRENAK & KUMAR, 2024).

Neste caminho, foram se revelando estruturas de base que vão sustentar a definição do que vamos nomear aqui de Lugar de Escuta. A aparente mudez "abiótica" das montanhas do Vale Pedra Branca - Mendanha me fazia lembrar e associar essa cena quase estática com as vezes que presenciei Mulheres silenciadas diante de um imponente "não poder falar", mesmo tendo muito a dizer.

Figura 1: A protagonista da paisagem no Parque Estadual da Pedra Branca - PEPB



Fonte: Acervo pessoal.

Mulheres e Montanhas são igualmente imponentes, e não deveriam ser erodidas nem demolidas por algo ou alguém que as queiram calar. Reconhecendo-me em Evaristo (2017), eu me investi enquanto sujeito para narrar essas vozes que trazem consigo o mantra revolucionário "Eu fico com essa dor ou essa dor tem que morrer". Nesse verso, que ecoa do cantar de Luis Melodia (2006) até projetar-se em decisão, me apoiei, e desenvolvi, após essa consciência, já que "somos feitos de silêncio e som", consonante com Santos e Motta (1984), mais um pouco da minha habilidade de Escuta entre falas e silêncios de Mulheres e Montanhas.

Num contraponto à mudez e à cena estática sugeridas, fiz questão de usar os termos aparente e quase, justamente para deixar bem entendido que só parece e que é necessariamente um engano cogitar que uma Mulher ou uma Montanha não tenha algo muito relevante a dizer. Sempre têm. E revelam e ensinam tanto falando quanto em silêncio, mas constantemente dizendo que, se em silêncio for, este é por livre querer e significa que apenas alguns poderão escutá-las, pois "tudo o que cala fala mais alto ao coração", ainda reverberando Santos e Motta (1984).

Entre gritos de mudos brados e silêncios de retumbantes sussurros

> Obá é a essência viva da pedagogia escutatória, por isso ela tem aquela mão na orelha, porque quando a gente tampa o ouvido e fala, o que a gente fala ecoa dentro da gente, isso traz veracidade na sua fala, você sabe e compreende o que está falando, por isso ela nos ensina, escutar-se antes de falar. (Babalorixá Paulo de Ogum na Tese de Doutorado de Adriana Rolin, 2024).

Outra base importante para a construção dos pilares de um conceito de Lugar de Escuta é que estamos partindo de um arranjo harmônico da minha voz emitida do meio de um coro feminino, no pressuposto de que desse Lugar de Fala que tenho como meu, e que é definido com aportes teóricos sustentados em Djamila Ribeiro, Conceição Evaristo, Sobonfu Somé e Bell Hooks (RIBEIRO, 2017; EVARISTO, 2008, 2017; SOMÉ, 2007; HOOKS, 2013), vislumbro uma necessidade de elevar a Escuta à importância e urgência de perceber a relevância de oralidades que transcendem ao espectro audível em uma sociedade que habitualmente invisibiliza e cala.

Faço questão, e é necessariamente relevante acenar aqui, para construção epistêmica do conceito de Lugar de Escuta fundamentado nas colaborações acerca das definições de Lugar de Fala das autoras citadas acima. É a partir dos estudos delas que o conceito se torna tangível e encontramos fundamentos nas nossas realidades, nos fenômenos naturais e sociais próximos e compreensíveis a nós.

Com a Escrevivência, Conceição Evaristo (2017) nos presenteia com uma construção em primeira pessoa, narrando como que nossos pares dialogam generosamente, "buscando a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha" (EVARISTO, 2017). E a partir da leitura acessível destes conceitos, nos tornamos capazes de nos introduzir em cenários de discussões coletivas e outros lugares de resistência ou de enfrentamentos, onde não somos queridos nem esperados.

Escrevivência é a "escrita de si e dos outros" (EVARISTO, 2008), que comungam da construção de suas histórias, em atravessamentos de memória, identidade, aspectos culturais, ancestralidade, tempo e lugar. Conceição Evaristo definiu este termo ao nomear os seus textos originados a partir de suas vivências. Repleto de intersecções, afetam e representam muitas outras vidas ali relatadas.

Escrevivências geopoéticas são práticas de escrita que constituem a geração de dados qualitativos a partir de relatos das experiências vividas e de vivências experienciadas pelos autores, especialmente dos resultados de sua relação sensível com o planeta, "atuando como sujeito e tema de sua própria escrita" e como "quem escreve com várias outras formas de vida" (LOPES, GOMES, PONCIANO, 2021).

Quando utilizada como metodologia (CRUZ, 2021; SANTOS, 2024), que atualmente tem ocupado espaços no rol das produções acadêmicas, os relatos se cruzam com dados e fenômenos descritos em outras publicações compostas também como Escrevivências (ou não), ampliando a complexidade e possibilitando comparações de resultados, referenciamentos, análises de discursos, investigações em fontes de dados em função do tempo, do lugar e dos aspectos culturais.

Em Lopes, Gomes e Ponciano (2021) as Escrevivências geopoéticas foram inicialmente propostas "para abarcar os escritos" "em verso ou prosa, que são produzidos por conta das vivências dos autores nas suas relações com a Natureza", sendo depois ampliadas por outras produções acadêmicas que revelaram a escuta das Montanhas do Vale Pedra Branca - Mendanha, traduzidas em compromisso com a Educação por meio de práticas pedagógicas geopoéticas (CRUZ, 2021) e também na Conservação das Naturezas da Cidade de Deus, bairro da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro - RJ, relatando a Geopoética das águas em movimento de criação e revitalização dos movimentos sociais da região

(SANTOS, 2024). São Escrevivências atravessadas pelas relações de afeto com o planeta e pela escuta sensível das múltiplas existências, destacadas por meio da Geopoética.

Estas Escrevivências compõem um arcabouço de conhecimentos que são evocados a partir das mais diversas áreas epistêmicas, e quando assim atraídos, passam a integrar as experiências vividas durante a prática das etapas de pesquisa e o fazer profissional de cada existência envolvida, inclusive ao longo de suas vidas pessoais. São experiências vividas e escritas.

A Geopoética contém e compõe uma riqueza de conhecimentos empíricos, tradicionais-originários, e também científicos, teórico-metodológicos, com os quais podemos aprofundar o nosso olhar para os fenômenos que nos cercam. Essa estrutura epistêmica ainda costuma ser colocada numa posição de estranheza e menor relevância científica na hierarquização dos saberes.

Ribeiro (2017) nos convoca a romper com uma voz única que, na maioria das vezes, vem pré-determinar e nos impor não-espaços e não-lugares dentro de nossas próprias jornadas. Por estas ocupações novas, por emancipações, por legitimações devidas, tomamos conhecimento de que nossas vozes podem chegar além do que visualizamos, existindo além do "silêncio instituído para quem foi subalternizado" (RIBEIRO, 2017).

As bases conceituais das epistemologias femininas, pretas, marginais, avançaram de representação das nossas causas para construtoras de caminhos, por onde estamos também avançando e chegando, subindo e evoluindo. No nosso caso aqui, subindo as Montanhas e as escutando, devolvendo à sociedade novas formas de relacionamento, criando "condições para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e mais íntimo" (HOOKS, 2013) com o ambiente, na certeza de que qualquer um pode aprender, se utilizarmos práticas de liberdade na Educação, como ainda ensina Hooks (2013), e concordando com a forte crítica da educadora Léa Tiriba ao emparedamento infantil, que é um "conceito relativo à condição de aprisionamento das crianças em espaços entre paredes a que são submetidas nas instituições escolares" (TIRIBA & PROFICE, 2023).

Movimentar e promover tal "desemparedamento" e tais liberdades são estratégias pedagógicas geopoéticas que reduzem e evitam o "distanciamento das crianças e jovens do cosmos/ da natureza", e inclusive, convergem para a uma consciência de Conservação do planeta.

Uma ligação aqui se faz com o texto de Somé (2007), quando ela relata que em seu povo, os Dagara de Burquina Faso, "cada pessoa escolhe seu propósito de vida antes do nascimento." Isso se torna público quando ainda no ventre, pois os anciãos se aproximam da barriga da grávida e perguntam ao espírito que está a caminho, quem ele é; por que está vindo; e qual é a sua missão aqui. E os anciãos o Escutam. Mas ao tomarmos posse do conhecimento necessário para ocuparmos nossos espaços e lugares legítimos, temos nossos saberes confrontados com discursos "mais" estabelecidos, ditos hegemônicos.

Resultados de Aprender, Escutar, Sentir o Coração... Ação!... Ação!... Ação!...

Por esses pilares, a partir do estabelecimento de uma atenção mútua em práticas que são mantidas no dia a dia e no transcorrer das minhas Escrevivências, o Lugar de Escuta está sendo definido a partir dos primeiros resultados dessa nossa investigação, como uma condição multidimensional, inicialmente de quatro eixos, conduzida primordialmente pela Postura Atitudinal; Oportunidade Geográfica; Conduta Social; e Posicionamento Político (Figura 2).

Assim, os quatro eixos dimensionais do conceito de Lugar de Escuta foram se revelando: Dimensão Postura Atitudinal: o que o motiva, o impulsiona em ação prática profissional. Dimensão Oportunidade Geográfica-Temporal: o que a geografia local disponibiliza em cada região, em função do reconhecimento das potências e das vulnerabilidades territoriais ambientais. Dimensão Conduta Social: identidade individual e sua afirmação quanto a ser do, e com o coletivo. Traz luz à memória

enquanto valor de afeto e de historicidade, na construção da estrutura de (con)vivência entre pessoas e personagens não humanos na comunidade. Dimensão Posicionamento Político: reconhecimento das pautas comuns que compõem as lutas por justiça e manutenção da saúde das existências diversas presentes e das relações entre essas existências.

Figura 2 Diagrama infográfico da gênese do Lugar de Escuta.



Fonte: (CRUZ, 2021)

Davi Kopenawa, explicando sobre como se dá o processo de aprendizado entre os yanomami em uma entrevista, entre paciência e sabedoria, responde entre risos "contidos" e "cansados":

> …tem que dar tempo pra vocês e nós ensinar, pra dar aula, nós não temos tempo pra ficar falando tudo tempo para você aprender escutar, ouvir. Olhar, ouvir e sentir o coração da gente. O homem da mercadoria, da cidade, ele gosta de ler no papel, ele não quer escutar. Escuta, mas ele não acredita, dizendo que tá mentindo, isso aí. Ele só acredita assim, pelo escrito formal, é pra o homem da cidade entender e respeitar um pouco. (Kopenawa, 2024)

A essa Escuta ainda devo acrescentar a expressão "Lugar de", pois daí compreendem-se questões relativas à posicionamentos e comportamentos sociais, também questões de representatividade, memória e identidade local com o espaço geográfico, sendo e escrevendo histórias suas em outras. O texto de Rubem Alves intitulado Escutatória revela seu pensamento em oferecer um curso de escutatória, onde acredita que não haveria matrículas, pois em suas palavras, "Escutar é complicado e sutil." (ALVES, 2003).

Evaristo (2016, p.103) nos ajuda contando que a fala e a mudez moram juntas "e que de vez em quando uma pisa no pé da outra" e se esbarram, se machucam acidental ou intencionalmente, sendo, no segundo caso, a demonstração de um ato político de opressão à expressividade, ora silencioso e não menos perigoso. Por isso, quando dizemos acima sobre a ação da Mulher que "não quer falar, ou não pode falar", faço um sinal de realce comparando as habilidades de escutar a Natureza e de escutar silêncios gritantes de falas represadas.

Diferente de uma posição passiva de ouvinte, como afirma Bastos (2009), Escutar exige e se desdobra em atitude, desde a captura do que se ouviu até a interpretação, fazendo correlações, associações e inferências, podendo então, responder-se com fala, ação corporal, ação social, impulso,

estímulo ou outras formas.

Encontro nas palavras de Nogueira (2017) sintonia e acordo, quando também "penso que o conhecimento não é neutro, mas situado, e que minhas reflexões se articulam a partir deste lugar e da forma como dou significado à ele", enquanto eu, no processo de ressignificação desse lugar, percebo que a minha escuta não se furta à neutralidade, mas emerge "situada, e plena de subjetividades" (NOGUEIRA, 2017).

Em Boff (2011), ele nos conta que o camponês do altiplano da Bolívia o diz: "eu escuto a natureza, eu sei o que a montanha me diz". Aqui eu faço um aceno ao corpo das Montanhas, pois o seu cume, o famigerado topo, é normalmente objeto de conquista e aparentemente aí se encerra a oferta de potencialidade delas. No entanto, estar sob a proteção das sombras delas, ou estar abrigado no Vale aos seus pés, pode ser tanto quanto ou tão mais prazeroso e gratificante.

De Somé (2007) compartilhamos a ideia de iniciar relacionamentos pela sua base, assim como uma trilha de subida às Montanhas. E, ainda segundo Alves (2003), "Nossa incapacidade de escutar é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade."

Concluindo que é parte da nossa tarefa enquanto sujeitos históricos, pisando o mesmo chão de opressão com nossos pares, disputar os imaginários, pergunto: você já escutou a montanha mais próxima da sua casa?

Continuações das práticas de escutatória

O Lugar de Escuta ultrapassa limites regionais geográficos, porque está intimamente ligado ao estabelecimento de conexões comunicativas sutis, sensíveis e profundas com o ambiente, resultantes de uma maneira geopoética de habitar e ser em rede na/com a Natureza.

Para se obter uma Escuta, antes alguém precisa oferecer uma fala. Em conversas com as Montanhas e outras existências ao longo dessa jornada até aqui, confirmamos infelizmente que a maioria das pessoas não mais se considera capaz de perceber a Natureza neste nível mais sensível. Portanto, precisamos aprender a escutá-la mais atentamente, buscando cada vez uma maior abertura de sentidos para alcançar de volta as escutas originárias.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua.** 8.ed. Campinas: Papirus, 2003. 214 p

BARTHOLL, Timo. **Por uma Geografia em movimento: a Ciência como ferramenta de luta.** Rio de Janeiro: Consequência, 2018. (Saberes, Territórios, Movimentos; v.1)

BASTOS, Alice Beatriz B. Izique. **A escuta psicanalítica e a educação.** Psicólogo informação, v. 13, n. 13, p. 91-98, 2009.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores.** Tradução: Bárbara Wagner Mastrobuono e Célia Euvaldo. São Paulo, Cosac Naify, 2015. 416 pp.

BOFF, Leonardo. **Outro paradigma: escutar a natureza.** 2011.

BORDA, Orlando Fals, 1925-2008. **Una sociología sentipensante para América Latina.** Victor Manuel Moncayo Compilador. Bogotá : Siglo del Hombre Editores y CLACSO, 2009. 492 p.; 21cm.

COSTA, Rafael Nogueira. SÁNCHEZ, Celso. LOUREIRO, Robson. SILVA, Sergio Luiz Pereira da. **Imaginamundos: Interfaces entre educação ambiental e imagens** / Rafael Nogueira Costa... [et al.]. – Macaé: Editora NUPEM, 2021.

CRUZ, L. R. **As montanhas falaram alto, eu, da escola, respondi: Uma Escrevivência Geopoética para a Conservação da Natureza.** 2021. 172f. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da Recordação e outros Movimentos.** Belo Horizonte.

Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças.** Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória.** Pallas Editora, 2017.

FERDINAND, M. **Uma ecologia decolonial**. São Paulo: UBU, 2022.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.** 21.ed. São Paulo: Olho d'Água, 2009.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KRENAK, Ailton; KUMAR, Satish. Canal Selvagem ciclo de estudos sobre a vida. Episódio: **Conversa na rede - Shiva e o beija-flor.** Exibido em 19 de junho de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VXpGFsMpcsM Acesso em: 29 de junho de 2024.

KOPENAWA. Davi. **Entrevista ao Programa Roda Viva.** TV Cultura. Abril de 2024. Disponível em: https://youtu.be/davOEBFhU0U . Acesso em: 29 de junho de 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas.** Educar em revista, 2001, 17: 153-176.

LOPES, Maria Luiza da Costa Lopes. GOMES, Bernardo, PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. (2021) Escrevivências geopoéticas em Roteiros Geoturísticos no Rio de Janeiro: Metamorfoses para a Conservação da Natureza. Ecoturismo & Conservação 2(1) p. 193-198.

MATOGROSSO, Ney . **Fala.** Compositor: João Ricardo e Luhli. In: Secos & Molhados. São Paulo: Continental, 1973. Disco vinil, lado B, faixa 13, (2:07 min)

MELODIA, Luiz. **Dores de amores.** Relíquias. EMI Brasil – 2006.

NOGUEIRA, Isabel Porto. **Lugar de fala, lugar de escuta: criação sonora e performance em diálogo com a pesquisa artística e com as epistemologias feministas.** Revista Vórtex, Curitiba, v.5, n.2, 2017, p.1-20

OSÓRIO, Luiz Camilo. **Tudo ao mesmo tempo e cada coisa no seu lugar: a exposição Amor de Luiz Zerbini no MAM-RJ.** *Catálogo da exposição Amor. MAM RJ*, 2012.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. **Geotales: narrando as histórias petrificadas pela Terra.** Revista Sentidos da Cultura, v. 5, n. 8, p. 34-48, 2018.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. CARDOSO, Ilana Ribeiro. BARBOSA, Lidiane Santos. **Turismo em Quilombos: Do fortalecimento da memória à luta antirracista. Geopoética e Base Comunitária: no encontro de nossas nascentes, as nossas bases na Terra.** 2024. Disponível em: *https://www.researchgate.net/publication/380911025_Turismo_em_quilombos_do_fortalecimento_da_memoria_a_luta_antirracista* Acesso em 30 de junho de 2024.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira; SOUZA, Marise Campos; DIMITRIADIS, Georgios. **Contribuições geopoéticas na Geo-legislação brasileira.** n. 19, julho 2024, Instituto Politécnico de Tomar, 2024.

POVINELLI, Elizabeth. **Geontologias: um requiém para o liberalismo tardio.** Ubu Editora, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é: lugar de fala?** – Belo Horizonte(MG): Letramento. 112 p. Coleção Feminismos e Plurais. 2017

ROLIN, Adriana. **Teatro de Artaud e Mitologia Yorubá, influxos Artaudianos como prática cênico-pedagógica.** 238f. Tese (Doutorado em Artes - Departamento de Artes Cênicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, 2024.

SANTOS, Lulu. MOTTA, Nelson. **Certas Coisas.** Tudo Azul. Universal Music Publishing Group, 1984. Disponível em *https://www.youtube.com/watch?v=0c7F3yKns6k* Acesso em: 03 de julho de 2021.

SAUER, Carl O. **Geografia cultural.** Espaço e cultura, n. 3, p. 1-7, 1997.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante.** R. Murray Schafer; tradução Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal - São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora.** R. Murray Schafer; tradução Marisa Trench Fonterrada. 2ª edição. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da Intimidade, Ensinamentos Ancestrais Africanos sobre maneiras de se relacionar.** São Paulo: Odysseus, 2007.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. **Desemparedar infâncias: contracolonialidades para reencontrar a vida.** *O Social em Questão*, 2023, 26.56: 89-112.

Geopoesia como prática literária e cultural: um estudo sobre a Mata Atlântica na cidade de Salvador

Darluce Silva Oliveira[1], Luciano Souza Santos[2]

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a geopoesia como uma prática literária e cultural, com foco em geografias específicas, fazendo fluxos e interconexões sociais, ambientais e políticas, entre o poético e a natureza, inspirados no bioma da Mata Atlântica na cidade de Salvador, Bahia, Brasil. O estudo investiga atividades educativas que promovem a apreciação de poemas que celebram a beleza e a importância das árvores e da vida vegetal das florestas urbanas. Assim, o trabalho enfatiza a exemplificação de geopoemas voltados para a valorização do conhecimento etnobotânico em atividades educativas e eventos culturais, bem como apresentações teatrais, declamação de poesias e mensagens comunitárias.

Os locais de estudo incluem os parques urbanos: Parque da Cidade Joventino Silva – Parque da Cidade, tendo como localização o bairro da Pituba; Jardim Botânico de Salvador, localizado no bairro de São Marcos e o Parque Pedra de Xangô, situado no bairro de Cajazeiras (Figura 1).

Figura 1 - Mapa de localização das áreas de estudo



Fonte: Google MyMaps

A metodologia utilizada para a pesquisa foi de caráter qualitativo, de cunho etnográfico, permeada por descrições ou reconstrução analítica das formas costumeiras de se viver e desenvolver práticas educativas de produção literária, nos espaços naturais de aprendizagem estudados. Essa abordagem alternativa nos permite a exploração e compreensão da realidade desses locais pesquisados.

Considerando ser a flexibilidade uma característica fundamental da análise qualitativa, tendo como ponto central sua capacidade de adaptar-se a cada momento e circunstâncias, seguindo as mudanças que acontecem na realidade estudada, elegemos a poesia e os textos literários como foco básico para esta pesquisa no sentido de que poderemos viajar por outros mundos e vivências, percebendo formas diferentes de ver e viver as realidades.

Caracterizando o contexto desta investigação buscamos nos apoiar nos espaços ricos em cultura

e biodiversidade, onde desenvolvemos nossas atividades de estudo e pesquisa – os parques e jardins da cidade de Salvador e também, das comunidades dos entornos, pelo interesse demonstrado quando das Oficinas e atividades realizadas nesses ambientes.

Selecionamos para esta pesquisa como material para análise, as produções literárias (poesia), material produzido por técnicos dos parques e jardins e que compõem a cartilha do Programa Etnobotânico, incluindo monólogo, textos e poesias produzidos por estudantes de escolas públicas, como também, nossas observações *in loco*, anotadas durante todo o período de desenvolvimento das atividades educativas, realizadas com os participantes das comunidades locais e de outras comunidades, vindas de diferentes recintos urbanos. Na verdade, utilizamos a observação participante, pois participamos, observamos e vivenciamos todo o processo, uma vez que estamos "imersos" (FERRANDO, IBÁÑEZ e ALVIRA, 2010), no contexto da vida cotidiana dessas comunidades e nas realidades institucionais e administrativas dos parques e jardins de Salvador, Bahia.

Dessa maneira, a nossa presença constante de funcionário e pesquisador nos locais investigados, nos oportunizou uma análise interpretativa das realidades desses lugares de estudo, não por acreditarmos que a partir dessa investigação possamos resolver todos os problemas inerentes à conservação, preservação e manutenção da flora e da fauna dos parques e jardins, mas por compreender que as mudanças e conscientização do que existe, necessitam ser refletidas pelos poderes públicos em nível regional e local.

Tomando como eixo norteador deste estudo, as práticas educativas nos espaços investigados, contemplamos as atividades literárias no Jardim Botânico, enfocando os projetos de Oficinas de escrita criativa e leitura de poesias; socialização e estudo da cartilha do Programa Etnobotânico, socializando o material produzido com a comunidade local, visitantes e funcionários; apresentação de peças teatrais e declamação de poesias organizadas e produzidas por técnicos e estudantes em diferentes espaços educativos. Acrescentam-se a essas atividades os eventos culturais promovidos no Parque da Cidade e em Pedra do Xangô, onde foram realizadas comemorações, espetáculos e festivais com declamação de poesias e atividades teatrais, enfatizando o conhecimento tradicional das comunidades afrodescendentes urbanas.

Vale mencionar que ao analisarmos os resultados desse estudo, numa abordagem interpretativa, compreendemos que os significados demonstrados através das produções literárias e apresentações teatrais em todas as suas modalidades, envolveram uma multiplicidade de ideias sobre a temática ambiental, potencializando o valor da geopoesia como centro de produção de conhecimento do que se vive no contexto comunitário, "na intenção de não se estabelecer separação entre o espaço do aprendizado e o espaço da existência" (OLIVEIRA, 2023, p. 185).

Concluímos o trabalho apontando algumas perspectivas para pesquisas futuras, enaltecendo e valorizando os criadores das produções literárias nesses ambientes naturais dos Parques e Jardins de Salvador, bem como nas escolas públicas, evidenciando a importância da formação e contribuição dos técnicos e discentes com a produção literária, destacando-a como uma alternativa rica que pode desempenhar um papel significativo na educação ambiental, no resgate do saber tradicional sobre as plantas e na apreciação da geopoética da natureza em diferentes ambientes urbanos.

Organizamos esse artigo em quatro seções. A primeira, situando o leitor no estudo, fizemos uma introdução do artigo, a segunda seção abordamos a geopoética contribuindo como eixo transformador para a produção do conhecimento, a terceira, fizemos a descrição das atividades educativas desenvolvidas nos espaços pesquisados e a quarta seção tratamos dos resultados e conclusões dessa investigação.

A GEOPOÉTICA COMO EIXO TRANSFORMADOR PARA A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

No intuito de aprofundar nosso estudo sobre a temática pesquisada buscamos, inicialmente, tomar como fio condutor para o binômio geopoética e produção do conhecimento, a crise civilizatória que afeta os modelos e uso de gestão dos bens comuns, mas também os valores e paradigmas que sustentam a atuação humana sobre a Terra.

Para compreender melhor esse momento de constantes crises em todos os aspectos e lugares, analisamos que no aspecto econômico, o sistema de dominação sofre mudanças profundas, incidindo de maneira substancial, na mundialização da economia no auge do capital financeiro com seu enorme poder concentrador. Presenciamos as "revoluções gêmeas da tecnologia da informação e da biotecnologia possibilitando a reestruturação não apenas de economias e sociedades, mas também dos nossos corpos e mentes" (HARRARI, 2019, p. 25).

À medida que vamos compreendendo esse momento de crise global, uma crise de vida, caracterizando-se como uma cultura do nosso tempo, seguindo a lógica do "mercado todo-poderoso" (POULET, 2022), percebemos a natureza ameaçada, mas também, o nosso lugar de existência nela. Na verdade, é uma ameaça a nossa sobrevivência que não se trata de "mais uma crise" do mundo moderno, mas de simultâneas crises dos processos de regulação social e de seu possível potencial emancipador (OLIVEIRA, 2003). Temos uma multiplicidade de áreas e espaços envolvidos na nossa territorialidade planetária, que diante do processo de entropia emergente, necessita caminhar rumo à sintropia para buscar a sustentabilidade das comunidades locais pelo mundo inteiro. Dessa forma, estaremos contribuindo para a não alienação dos sujeitos sociais, da sociedade humana, como também, para a não destruição e falta de conservação e preservação dos diversos ecossistemas em sua relação com a Natureza.

Leff (2002) nos alerta que precisamos abrir novas pistas para o saber, no sentido de reconstrução e reparação do mundo e, dentro dessa premissa é que precisamos entender a complexidade da crise enfatizando, também, a crise ambiental que estamos imersos, que implica um processo de desconstrução e reconstrução do pensamento, nos oportunizando a compreender e analisar às suas origens e às suas causas.

Nesse campo do conhecimento, entendemos que a complexidade do mundo e dos problemas que o afetam só poderá ser explicada, através de uma nova ciência ou paradigma que aceite o conceito de sistema como princípio básico que nos permita interpretar a realidade em termos de relações. Assim sendo, a ampliação da visão sistêmica na perspectiva de Giddens e Habermas, segundo Capra (2005), integra ideias das ciências da natureza, das Ciências Sociais e das Filosofias cognitivas, na tentativa de integrar o estudo do mundo externo e do mundo interior e rejeitar, portanto, as limitações da visão positivista.

Nesse sentido, a relação entre o ser humano e a natureza de forma poética e reflexiva, vem nos oferecendo estimulações não somente entre poesia, pensamento e ciência, mas entre disciplinas das mais diversas áreas, contribuindo para discussões, para uma visão de conhecimento que não se volte contra nós mesmos e contra o mundo, mas que possa proporcionar um conjunto de relações em que a "mente pode projetar-se para longe como nos enfatiza Humboldt, desenvolvendo uma cosmovisão rica e habitável" (POULET, 2022).

Assim sendo, diante do ritmo da nossa vida moderna, precisamos conseguir novas formas de resistência, novas maneiras de entender e vivenciar nossos espaços cotidianos, como também, enquanto "nômades intelectuais", segundo Kenneth White (1989, s. p.) necessitamos caminhar por diferentes territorialidades possibilitando

> [...] uma necessidade de sair, a fim de captar, graças à viagem, toda a

> beleza do mundo, que se encontra, dentre outras coisas, em sua diversidade, e de explorar, graças ao nomadismo intelectual, os diferentes saberes e as diferentes obras artísticas e literárias desenvolvidas nas mais diversas culturas (WHITE, 1989, s.p.).

Fica claro para nós que a geopoética como eixo transformador para a produção do conhecimento pode proporcionar momentos de debates, análises e atividades práticas, atentando para as "convulsões contemporâneas" como nos afirma Guattari (1998), que exigem uma modelização mais voltada para o futuro e a emergência de novas práticas e estéticas em todos os domínios. Nesse contexto, vale dizer, que a "poesia tenha mais a nos ensinar do que as ciências econômicas, sociais e humanas" (GUATTARI, 1998, p. 33). Ainda sob a ótica do autor citado,

> [...] não se pode conceber resposta ao envenenamento da atmosfera e ao aquecimento do planeta, devido ao efeito estufa [...], sem uma mutação de mentalidade, sem a promoção de uma nova arte de viver em sociedade [...]. Não se pode conceber disciplina internacional nesse domínio sem trazer uma solução para os problemas da fome no mundo. [...]. Não se pode esperar uma melhoria das condições de vida da espécie humana sem um esforço considerável de promoção da condição feminina (GUATTARI, 1998, p. 33).

Com base nesse discurso, trazemos a geopoética como sendo uma teoria-prática que pode contribuir para a produção de um conhecimento transformador, de forma a conduzir a humanidade não só para uma reconciliação com o mundo natural, mas também para mostrar o espaço onde se poderia criar de acordo ao potencial de cada um (POULET, 2022). Seria, portanto, um mundo mais humano, integrado com uma visão global e complexa, atentando para as múltiplas dimensões e interconexões entre diversas áreas geográficas, ambientais, sociais, culturais, políticas e filosóficas, desde uma dimensão ética e comprometida e não exclusivamente a dimensão racional-analítica. Dessa forma, estaríamos comprometidos com a produção de um conhecimento voltado para a problemática sócio natural, atentando para os problemas da fome, da mudança de mentalidade, do respeito à condição feminina, levando em consideração os diversos aspectos globais e as diversas áreas nas quais as comunidades se sustentam constituindo, assim, um processo mediador entre o mundo interior com o mundo exterior, buscando uma conexão para ligar a poética ao ego, reconectando o pensamento à Terra de uma forma contemporânea, complexa e sistêmica (WHITE, 1989).

Nessa vertente, a produção do conhecimento perpassa por uma perspectiva rizomática, entre as coisas (DELEUZE; GUATARRI, 1995) e lugares, fazendo interconexão a qualquer ponto, para que sejam desenvolvidas novas maneiras de criar e de produzir, saindo do campo limitado para envolver a geopoesia no mundo das coisas, atentando para novas formas de sentir o mundo, de valorização dos significados que os seres humanos têm sobre determinados lugares, dando um novo rumo para os acontecimentos e para a produção do conhecimento. Sem dúvida alguma, a produção do conhecimento através desse "chamado de fora", tanto da poética, da arte, da música, dos diferentes espaços, torna-se rica de experiências ao utilizar essas ferramentas para conectar as pessoas aos seus corpos, aos sentidos e aos seus entornos físicos (HARRARI, 2019), contribuindo para um *holos* integrador planetário.

Nessa perspectiva, é premente a necessidade de valorização das práticas educativas nos diferentes espaços de aprendizagem, que poderão contribuir para a produção de um conhecimento transformador, que utilize a expressão poética partindo da interação entre o ser humano e o ambiente natural, dentro de uma visão sistêmica e construcionista, numa relação sensível com o espaço geográfico. Assim sendo, buscaremos entender a interação entre todos os aspectos dos contextos vividos, como por exemplo: o resgate dos saberes tradicionais das comunidades afrodescendentes, a arte poética, ou seja, a arte literária nos diferentes espaços do entorno dos parques e jardins e a produção de peças teatrais

claramente imbricadas nas questões sócio ambientais, culturais e políticas, não perdendo de vista as problemáticas contextuais, inclusive, identificando e enfrentando as contradições e localizando as prioridades comunitárias.

Essa forma contemporânea de "reconectar o pensamento à Terra" como nos diz (WHITE, 1989), representa uma nova expressividade do mundo, uma nova abordagem transformadora que enfatiza a ordem e a desordem, a complexidade dos espaços comunitários e como nos afirma (LEOPOLD, 2000, p.155), "[...] deixa de pensar que o uso adequado da terra é só um problema econômico, [...] é correto quando se preserva a integridade, a estabilidade e beleza da comunidade biótica [...]" (tradução dos autores). Essa reconexão à terra, constitui uma valiosa crítica ao antropocentrismo, aos valores materialistas de uma sociedade voltada para o consumo, inconsciente dos limites, ignorante de sua inserção ecológica.

Prigogine e Strengers (1997), quando falam sobre a escuta poética da natureza, levam-nos a compreender as possibilidades e as incertezas próprias do universo, mas também do ser humano. Nessa perspectiva, devemos ficar atentos para que o conhecimento produzido por nós seja sempre voltado para o entendimento de uma construção contínua do universo, marcada por mudanças, novidades e criatividades constantes. Essas ideias apresentam-nos possibilidades para uma apropriação da relação de complementaridade entre os diversos domínios do conhecimento, oportunizando a união entre povos, ideias, poéticas, artes e acima de tudo, entre tradições culturais e visões fenomenológicas que buscam, essencialmente, distinguir o sentido das coisas, tomando como ponto de partida os fenômenos, compreendendo-os e interpretando-os, dentro de um contexto plural e cultural amplo, reconhecendo e priorizando a construção de uma cultura poética desses parques, jardins e seus entornos da cidade de Salvador, Bahia.

A raiz desse debate, geopoética e produção de conhecimento, leva-nos a refletir sobre a desterritorialização, caracterizada como o desenraizamento das pessoas com suas localidades, comunidades e sociedades, na maioria das vezes excluindo categorias, grupos e indivíduos de suas relações, tanto materiais como subjetivos, podendo contribuir para a retirada de referenciais contextuais e ricos de vivências experienciais. Nesse foco, é que pensamos a reterritorialização, uma intenção relacionada à geografia e à poética, onde os saberes tradicionais das comunidades afrodescendentes e outras, do entorno dos parques e jardins de Salvador se inserem, buscando a conexão com os saberes locais etnobotânicos e demais saberes, dentro de uma perspectiva rizomática e arborescente (DELEUZE; GUATARRI, 1995), pois esse binômio estará sempre presente, nesse processo de relações múltiplas, perpassando por uma visão de complementaridade.

Nesse movimento de multiplicidade que poderá acontecer entre comunidades, povos, culturas e relações, podemos pensar em geografia e poesia como uma ferramenta de produção do conhecimento multirreferencial (MACEDO, 2000), tanto nos territórios originários e enraizados nas suas comunidades, como também, nos diferentes e longínquos espaços territoriais de parques e jardins e seus entornos.

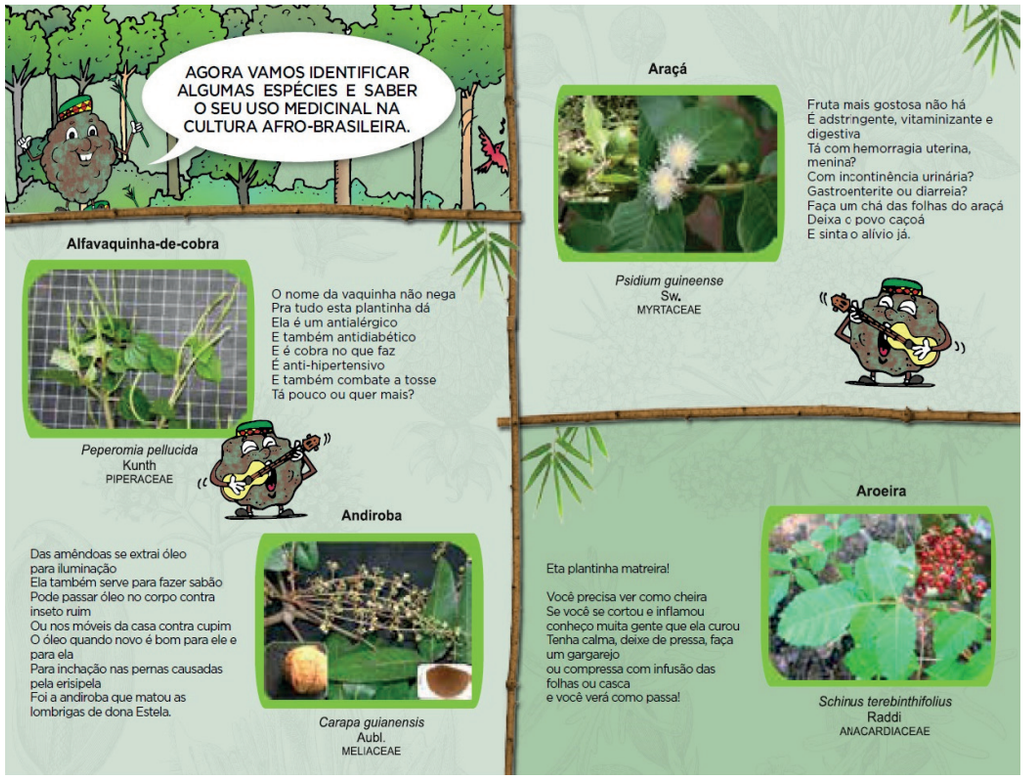
Buscando sustentar a originalidade deste estudo, abordaremos a seguir a descrição das atividades educativas desenvolvidas nos espaços pesquisados.

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS CONTRIBUINDO PARA A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM POESIAS E TEXTOS LITERÁRIOS

Iniciando nossas análises sobre a produção de poesias, textos literários e diálogos por meio de escritas apresentadas nos poemas da cartilha e nas diversas atividades educativas desta pesquisa, buscaremos compreender os significados dados pelos atores sociais, participantes deste estudo, elencando algumas poesias e mensagens.

A seguir visualizaremos uma parte da Cartilha do Programa Etnobotânico, onde se encontram algumas poesias que foram selecionadas para nossa interpretação (Figura 2).

Figura 2 - Cartilha Programa Etnobotânico do Jardim Botânico de Salvador



Fonte: Prefeitura Municipal de Salvador, SECIS (2013).

ANÁLISE INTERPRETATIVA DE POEMAS EXTRAÍDOS DA CARTILHA DO PROGRAMA ETNOBOTÂNICO, DESENVOLVIDOS E APRESENTADOS EM FORMATO DE LITERATURA DE CORDEL

Ao fazer uma análise sobre essas produções vimos que as poesias representam um material educativo exemplar, cujo propósito é disseminar informações etnobotânicas e valorizar o conhecimento tradicional. Este recurso literário ilustra como a literatura pode ser utilizada de maneira eficaz, para promover a educação ambiental. Elaborada com texto, redigida em linguagem de cordel e ilustrações do cartunista Paulo Serra[14], a cartilha foi desenvolvida pelos técnicos do Jardim Botânico com o objetivo de divulgar o conhecimento sobre as plantas.

1. **Alfavaquinha-de-cobra** (Peperomia pellucida Kunth – PIPERACEAE)

14 Paulo Serra é um renomado cartunista, publicitário e ambientalista em Salvador, Bahia. Ele é conhecido pela criação do personagem Mero, que surgiu em 1976 para criticar e alertar sobre a devastação do meio ambiente. Além de seu trabalho como cartunista, Paulo Serra também é reconhecido por suas contribuições à arte-educação socioambiental, frequentemente realizando palestras e atividades educativas.

O nome da vaquinha não nega
Pra tudo esta plantinha dá
Ela é um antialérgico
E também antidiabético
E é cobra no que faz
É anti-hipertensivo
E também combate a tosse
Tá pouco ou quer mais?

No caso, a "alfavaquinha-de-cobra", mostra-nos suas aplicações medicinais, com ênfase especial à cultura afro-brasileira. Observamos também, nesses versos expressados pela poesia de Cordel, as valiosas contribuições para a área médica da "alfavaquinha-de-cobra", o que nos desperta para a importância da preservação e conservação ambiental, bem como para a necessidade de disseminação desse conhecimento tradicional da cultura afro-brasileira.

Fica explicitado nesses versos a importância da valorização dos saberes tradicionais próximos às realidades das comunidades e dos estudantes que participaram dos momentos literários com a leitura e comentário das poesias. Esses saberes também podem exercer importantes funções em processos de recuperação e preservação de culturas populares em diferentes territorialidades, envolvendo a geopoesia no mundo das coisas, oportunizando conexões entre saberes e fazeres comunitários.

2. **Andiroba** (Carapa guianensis Aubl. – MELIACEAE)
Das amêndoas se extrai óleo para iluminação
Ela também serve para fazer sabão
Pode passar óleo no corpo contra inseto ruim
Ou nos móveis da casa contra cupim
O óleo quando novo é bom para ele e para ela
Para inchação nas pernas causadas pela erisipela
Foi a andiroba que matou as lombrigas de dona Estela.

Tomando como referência uma outra poesia, "Andiroba", enaltecemos como os versos conduzem para uma visão de educação e conhecimento sobre as propriedades e uso dessa planta, celebrando a rica tradição oral e escrita da literatura de cordel, transformando o aprendizado em uma experiência culturalmente enriquecedora. Na escrita da poesia, o autor esclarece a importância da "Andiroba" para a indústria, para os cuidados com o corpo, para a limpeza doméstica, para problemas de circulação e verminoses. Uma produção que impulsiona à discussão e análise do cuidado que devemos ter em preservar nossas plantas, pois muitas delas têm poderes medicinais que devem ser estudados e reverenciados por todos, inclusive, para entender na oportunidade da leitura e compreensão poética, o grande potencial da nossa biodiversidade para a produção de produtos medicinais no meio científico.

3. **Araçá** (Psidium guineense Sw. – MYRTACEAE)
Fruta mais gostosa não há
É adstringente, vitaminizante e digestiva
Tá com hemorragia uterina, menina?
Com incontinência urinária?
Gastroenterite ou diarreia?
Faça um chá das folhas do araçá
Deixa o povo caçoá
E sinta o alívio já

Analisando um outro poema – "Araçá," podemos perceber a motivação que o tema da poesia desperta para essa "escuta poética" como nos falam Prigogine e Strengers (1997), bem como para a visão de complementaridade, ao aproveitar o conhecimento medicinal estudado, com o conhecimento e os saberes do que o povo fala. É nessa ambiência de escuta, leitura e diálogo sobre a fruta araçá que o autor consegue esclarecer as utilidades da fruta para diversas situações, de desconfortos digestivos, urinários, ginecológicos e até para aproveitando os versos, comentar sobre os sabores das frutas e os cuidados que devemos ter ao ingerir os chás. Vale também, ressaltar, que nesse processo educativo de "escuta sensível" (BARBIER, 1992) à literatura poética, é importante visualizar a conexão do que se faz com a terra, no sentido de avaliar a sua preservação, "sua integridade e a beleza da comunidade biótica" (LEOPOLD, 2000, p. 155).

4. Aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi – ANACARDIACEAE)
Eta plantinha matreira!
Você precisa ver como cheira
Se você se cortou e inflamou conheço muita gente que ela curou
Tenha calma, deixe de pressa, faça um gargarejo
ou compressa com infusão das folhas ou casca
e você verá como passa!

Complementando as interpretações das poesias de Cordel enfocaremos a "Aroeira", uma planta bastante utilizada na medicina natural, mas que precisa ser analisada com cuidado, assim como as demais, pois a sabedoria popular nos traz algumas verdades sobre o uso dessa planta como também, nos traz algumas crendices que precisam ser desmistificadas. Usada tradicionalmente como um anti-inflamatório, a aroeira, é um vegetal de forte cheiro e bastante indicado para compressas em locais inflamados. No entanto, na poesia, a linguagem popular para identificar o vegetal como uma planta "matreira" nos conduz para o entendimento de que ela é astuciosa e cheia de utilidades às vezes inimagináveis e questionáveis. Então, os cuidados sempre serão necessários.

Através da herança cultural que herdamos dos nossos pais, avós e vizinhos sobre o uso das plantas medicinais, precisamos estar atentos para entender a qualidade e a segurança da utilidade desses vegetais, pois nem sempre os remédios caseiros conseguem dar conta de determinadas enfermidades, porém, o uso dos mesmos muitas vezes é eficiente e complementa os tratamentos alopáticos.

Certamente, as poesias apresentadas aos estudantes e as comunidades do entorno nas suas visitas ao Parque do Jardim Botânico, contribuíram para uma reflexão sobre a necessidade de todos conservarem a diversidade biológica das suas comunidades, bem como seus modos de vida, contribuindo para a valorização de referenciais contextuais e ricos de vivências experienciais nos diferentes contextos.

Vale lembrar que o uso e o conhecimento de plantas medicinais passados de geração para geração devem ser analisados pelos professores, técnicos e a comunidade em geral, que participa das atividades educativas nesses espaços de pesquisa, pois essas informações e compreensões, através das poesias podem auxiliar sobremaneira para a produção de um conhecimento transformador imbuído de uma multiplicidade de ideias populares que se complementam aos estudos científicos.

Após a leitura dessa poesia abaixo, feita por Elisa Maria, estudante de escola pública da 6ª série do ensino fundamental, uma pessoa da comunidade pediu para falar e disse: "O mundo precisa mudar agora, em vários aspectos, não só a gente respeitando e cuidando das plantas, dos animais e do Planeta, mas cuidando de todos nós".

Cuidado com nós e com as plantas
Veja o jardim
Como está lindo!

Cuide dele e de nós
Cuide das plantas!
Precisamos mudar com respeito e cuidado
E conversando, para termos dias melhores,
Com vida boa e saúde
Cuidando das plantas e dos animais

Vale fazer uma análise da mensagem dessa visitante quando da participação nas práticas educativas no Parque Pedra de Xangô, após se envolver nas leituras e discussões das poesias. No momento das discussões sobre as poesias que foram lidas e comentadas pelos técnicos, professores, estudantes e comunidades, a visitante que pediu a fala para comentar sobre a poesia acima mencionada, nos transmitiu uma mensagem que nos remete para uma leitura crítica e reflexiva sobre o que foi abordado nas poesias de um modo geral. Foram lidas várias poesias, todas enfocando a necessidade de mudanças para melhoria da conservação e preservação dos recursos naturais.

Na leitura dessa poesia, "Cuidado com nós e com as plantas", a participante da comunidade demonstrou-nos compreender perfeitamente as mensagens dos seus versos, ao enfatizar a importância de mudanças de atitudes para com nosso Planeta, para com nós mesmos e com todos.

Essa compreensão abarca uma perspectiva de prática educativa socioambiental, buscando atender a uma diversidade de situações e posturas individuais e coletivas, que contribuem para processos autônomos de produção de conhecimento, partindo da vivência de uma realidade, onde respeito, diálogo, qualidade de vida, solidariedade, cuidado e entendimento se complementam num todo complexo e sistêmico.

Retomando a mensagem da participante, quando fala: "o mundo precisa mudar agora [...] a gente respeitando e cuidando das plantas, dos animais e do Planeta [...]", é uma afirmativa que aponta o interesse e o entendimento de que a poesia desperta uma visão política e de consciência ambiental, do valor da leitura, da escuta e do interesse pelo cuidado de todos. Reafirma a satisfação pessoal e um salto qualitativo do envolvimento dessa e de outras participantes, num processo construtivo e de compreensão, para um novo devir, um novo pensar e uma nova cultura de mudanças em todos os aspectos, sociais, educativos, ambientais e políticos.

Dando continuidade às interpretações, faremos uma análise do Monólogo – "Um Mundo para mim" de autoria dos técnicos do Jardim Botânico de Salvador e que foi apresentado pela estudante **A** da 5ª série, do ensino fundamental quando do encerramento do Curso para Educadores, como parte do Projeto - O Jardim Botânico vai à Escola. A peça teatral representa um exemplo importante de prática em geopoesia, utilizando a arte do teatro para transmitir mensagens significativas sobre a conservação ambiental e a interdependência dos seres vivos.

Na interpretação desse monólogo, é pertinente abordar pontos fundamentais, com uma análise detalhada, inferindo-se sobre a temática e a criação de geopoesia, o sentimento de pertencimento e a sensibilidade aos recursos naturais em termos globais. Além disso, destaca-se a preocupação com a conservação dos recursos naturais e o envolvimento tanto da comunidade local quanto dos visitantes, em relação ao impacto da apresentação das atividades, uma vez que, a geopoesia é uma forma de expressão artística que combina poesia e geografia para criar uma consciência mais profunda sobre o mundo natural e nosso lugar nele.

O monólogo apresentado utiliza uma abordagem para sensibilizar o público sobre a importância da conservação dos recursos naturais e a interdependência entre todos os seres vivos. Selecionamos alguns extratos retirados do monólogo para nossa interpretação. Quando relata: "Se não preservarmos os seres humanos e todos os seres vamos acabar com as espécies, vamos entrar em extinção". Nessa frase, temos claramente enaltecida nossa sensibilidade e sentimento de preservação ambiental. Em se comentando sobre o sentimento de pertencimento e a sensibilidade aos recursos naturais, ao interpretarmos no monólogo, a pergunta: "Qual o mundo que vocês vão deixar para mim?" enfatiza-

se a responsabilidade coletiva de cuidar do planeta para as futuras gerações. Essa abordagem cria um sentimento de vinculação e de urgência com relação à preservação ambiental.

Referindo-nos a valorização e conservação dos recursos naturais, a peça aborda a necessidade de ação imediata, criticando a inércia dos adultos quando dizem no monólogo: "Por que vocês não fazem isso agora? Mudar para ter um mundo melhor"! E quanto à questão da violência que destrói tanto a natureza quanto a humanidade, o monólogo esclarece: "proteger as pessoas das próprias pessoas, um mundo onde as pessoas se respeitem e sem violência"! para a não destruição. Seria pensar o respeito às pessoas, o cuidado, a proteção, o direto à dignidade humana, enfim, uma responsabilidade individual e coletiva para se cuidar do planeta como um todo complexo e sistêmico.

Ainda enfatizando a responsabilidade de todos, a apresentação do monólogo enuncia: "Vocês têm obrigação de cumprir o seu papel", enaltecendo o envolvimento comunitário, o interesse e participação nos processos de cuidado com a preservação e conservação ambiental, bem como, a valorização de todas as espécies e todos os seres vivos.

Quanto a arte teatral, apresentar essa peça no Jardim Botânico de Salvador e envolver a comunidade local e visitantes, amplia o alcance das mensagens, promovendo uma maior conscientização e engajamento em questões ambientais. Essa e outras peças teatrais, como por exemplo o "Oitizinho e seus Amiguinhos" que também foi socializada no Jardim Botânico e Parque da Cidade, não só educam, mas também inspiram ação, mostrando que a arte pode ser um catalisador para mudanças positivas na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, o estudo apresentado traz abordagens ricas e bastante reflexivas sobre a grande contribuição que podemos obter através das atividades educativas tomando como ponto de referência a geopoética e suas práticas literárias. No sentido de buscar uma possível conclusão para esta pesquisa, vale ressaltar a multiplicidade de ideias, significados, concepções, enfim, a pluralidade de saberes e referenciais, explicitados nas poesias, nas dramatizações teatrais, nas mensagens e mesmo nas ações observadas por nós pesquisadores, que vivemos o cotidiano de trabalho nos Parques e Jardins de Salvador, Bahia, Brasil.

O trabalho nos apresenta argumentos que podem ser considerados de grande valia para a produção de um conhecimento transformador, tendo como referência a geopoética. Vimos através das poesias, "Alfavaquinha-de-cobra", "Andiroba", "Araçá" e "Aroeira" a riqueza da diversidade biológica como também, o cuidado e o respeito que devemos dispensar aos saberes etnobotânicos, destacando-se um censo de comunidade responsável, compartilhada e incentivando através da poesia, ações concretas e reflexões, sobre o valor e à importância da biodiversidade e dos saberes tradicionais de comunidades afrodescendentes.

É interessante mencionar que as abordagens contidas em toda a produção apresentada nesse estudo, contribuem para sensibilização, compreensão e entendimento sobre a importância da conservação dos recursos naturais bem como, sua preservação e interdependência entre todos os seres vivos. No intuito de conduzir os argumentos aqui colocados, quando da interpretação das informações coletadas para esta pesquisa, apresentamos algumas contribuições que poderão representar fatores determinantes, tanto para a produção de um conhecimento transformador e multirreferencial, como para a consequente autonomia comunitária e enfrentamento de desafios. Isto nos leva a refletir sobre a necessidade de se pensar coletivamente a preservação e conservação ambientais no âmbito dos parques e jardins, como também nos seus entornos.

Dessa forma, as poesias, apresentações teatrais e as mensagens expressadas nessa pesquisa, reforçam aspectos imprescindíveis dessas atividades educativas, que servem de suporte para possibilitar-nos elencar alguns elementos pontuais, que de certa forma contribuíram para nossas análises interpretativas e para o reconhecimento dos valores, saberes e práticas de comunidades,

técnicos, professores, estudantes e até mesmo, de nós pesquisadores, que vivenciamos o dia a dia dos parques e jardins de Salvador, Bahia. Assim, acreditamos ter ampliado um leque de possibilidades da geopoética no campo da produção do conhecimento, pautando-nos nessas categorias: criação de geopoesias, sentimento de pertencimento e sensibilidade aos recursos naturais, valorização, conservação e preservação dos recursos naturais, envolvimento das comunidades e uso da arte teatral.

Esses elementos servirão de sugestão para futuras pesquisas na área da geopoesia e podem facilitar a elaboração de um diagnóstico que possa propor atividades educativas, onde haja articulação de saberes e fazeres, juntamente com as comunidades dos entornos dos parques e jardins, bem como das escolas, dos técnicos, dos professores e pesquisadores das universidades e de outras instituições públicas e privadas.

REFERÊNCIAS

BARBIER, L. **L' Écoute sensible en education**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 15, 1992, Caxambu, MG. Caxambu, MG, 1992.

CAPRA, F. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2005.

DELEUZE, G; GUATARRI, F- **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. 2.ed. v.01. Rio de Janeiro: Ed.34, 2012.

FERRANDO, M. G.; IBÁÑEZ, J.; ALVIRA, F. **El análisis de la realidad social:** Métodos y técnicas de investigación. 3.ed. Madrid: Alianza, 2010.

GUATARRI, F. Caosmose- **Um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1ª Reimpressão, 2019.

HARRARI, Y.N**. 21 lições para o século 21**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KENNET, W. **Textos fundadores**. Instituto Internacional de geopoética.1989. Disponível em *https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores*. Acesso em: 26 de ago. 2024.

LEEF, E. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.

LEOPOLD, A**. Una ética de la tierra**. Madrid: Editorial Los Libros de la Catarata. 2000.

MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

OLIVEIRA. D. S. **Discursos e práticas educativas em comunidades do sertão nordestino.** 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Salamanca, Salamanca: 2008.

_____**. Práticas educativas contribuindo para o desenvolvimento sustentável no semiárido do sertão nordestino- Bahia- Brasil. In**: Política, Gestão e Práticas Ambientais. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia- EDUFBA, 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. **Conheça e Participe do Programa Etnobotânico do Jardim Botânico de Salvador.** Salvador: SECIS, 2013. Cartilha.

PRIGOGINE, I.; STRENGERS, I**.; A nova aliança.** 3.ed. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1997.

POULET, R**. A geopoética ou como abrir um mundo**. Texto lido no 1º Seminário Internacional em Geopoética. Salvador, Bahia, Brasil. Tradução: Camila Gomes Sant'Anna e Lirandina Gomes, 2022.

_____**. As fontes da geopoética**. Texto lido no 1º Seminário Internacional em Geopoética. Salvador, Bahia, Brasil. Tradução: Camila Gomes Sant'Anna e Lirandina Gomes, 2022.

Ecoturismo & Conservação

Geopoética pelas cosmopercepções originárias e afrodiaspóricas: na Conservação da Natureza, qual Terra te habita?

Tatiana Henrique Silva
Artista da Presença; Doutora em Artes (UERJ); Professora nos cursos de Pedagogia e Teatro da Faculdade CESGRANRIO; Pesquisadora de tradições orais e contação de histórias. obalufon. artes@gmail.com

Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano
Doutora em Geologia (UFRJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEC/UNIRIO). Coordenadora do Laboratório de Geociências e Geopoética, do Grupo de Pesquisa de Geopoética e de projetos de extensão do grupo GeoTales UNIRIO luiza.ponciano@unirio.br

Resumo

Nas perspectivas de conviver dos povos originários e afrodiaspóricos, a relação com a Terra, o habitar, é um fundamento existencial, a partir de sensações que constroem sentidos na/para/entre as pessoas. Basear nestas cosmopercepções uma Geopoética originária traz as criações que realizamos a partir de perspectivas étnicas nas terras que habitamos e que nos habita, buscando formas não apenas sensíveis e afetivas de se relacionar com o planeta, mas incluindo também uma esfera curativa que amplifique a vida nas comunidades, espaços e tempos ancestrais, visando a Conservação das múltiplas naturezas. Para isto, nas confluências do que é chamado de artístico, educativo e curativo, foram realizadas performances artísticas com base em histórias sobre Nanã, Ikú, o Baobá, os ciclos do Sol, da Lua e dos seres humanos, além dos espetáculos "Terra sem acalanto" e "Ei, mulher", junto à Coletiva Agbara Obinrin e ao projeto de extensão Geopoética do Orun ao Aiyê, na UNIRIO. Numa constante aprendência por meio das Artes, as criações apresentadas foram correlacionadas com temas das Geociências como a formação dos primeiros continentes, com o ciclo das águas, a lama e as rochas como o argilito, onde podem ser encontrados vários tipos de fósseis. Por meio da Geopoética, aprofundando as nossas relações com a Terra, estas performances foram apresentadas em espaços variados, como escolas, universidades, museus e eventos culturais e científicos diversos, unindo a também a divulgação das Geociências com a valorização da Cultura afrodiaspórica.

Palavras-chave: Geopoética, Nanã, Natureza, Artes Cênicas, Geologia.

Abstract

From the perspective of indigenous and Afro-diasporic peoples, the relationship with the Earth, with inhabiting it, is an existential foundation, based on sensations that construct meaning in/for/among people. Basing an indigenous Geopoetics on these cosmoperceptions brings the creations we make from ethnic perspectives in the lands we inhabit and that inhabit us, seeking not only sensitive and affective ways of relating to the planet, but also including a healing sphere that amplifies life in communities, spaces, and ancestral times, aiming at the conservation of multiple natures. To this end, at the confluence of what is called artistic, educational, and healing, artistic performances were held based on stories about Nanã, Ikú, the Baobá, the cycles of the Sun, Moon, and human beings, in addition to the plays "Terra sem acalanto" (Land without cherish) and "Ei, mulher" (Hey, woman), together with the Agbara Obinrin Collective and the Geopoética do Orun ao Aiyê project at UNIRIO. In a constant learning process through the arts, the creations presented were correlated with geoscience themes such as the formation of the first continents, the water cycle, mud, and rocks

such as claystone, where various types of fossils can be found. Through Geopoetics, deepening our relationship with the Earth, these performances were presented in various spaces, such as schools, universities, museums, and various cultural and scientific events, combining the dissemination of Geosciences with the appreciation of Afro-diasporic culture.

Keywords: Geopoetics, Nanã, Nature, Performing Arts, Geology.

"Atraca, atraca, que vem Nanã, eh eh / Atraca, atraca, que vem Nanã, eh ah
É Nanã, rainha do mar / É Nanã, mamãe Iemanjá
É Nanã, que eu vou Saravá, ê aaa"
(Clementina de Jesus)[15]

Por meio das correlações dos fenômenos e elementos da natureza presentes nas culturas afro-brasileiras e no conteúdo das Geociências, na busca por criar materiais que sejam realmente efetivos para a conservação da(s) natureza(s) em múltiplos sentidos mais aprofundados que aqueles trabalhados geralmente considerados como "Educação Ambiental" pelas "Ciências Ambientais/Biológicas/da Natureza", a Geopoética foi escolhida para a criação de projetos que afloram no contato afetivo com a Terra.

Novas formas de escutas e interações, entre as Artes Cênicas e a Geologia/Biologia/Museologia na UNIRIO, viabilizaram a composição das performances geopoéticas de Obá e Oyá apresentadas em Ribeiro et al. (2023) e a de Nanã, descrita abaixo e em parte divulgada pela rede social do GeoTales (Figura 1).

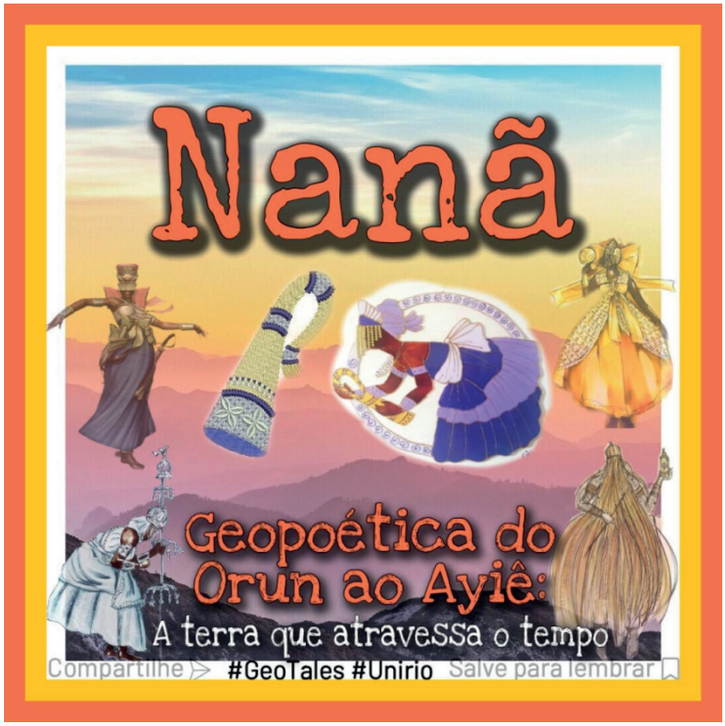


Figura 1 - Capa do post sobre Nanã. Fonte: @geotalesemgeopoetica.

Iniciamos destacando que as definições atuais sobre a Geopoética ainda são baseadas em autorias

15 Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ij87g3eQmEo

em sua maioria de origem teórica, acadêmica e europeia, que ainda colocam as cosmopercepções dos povos originários e afrodiaspóricos numa posição hierarquicamente "inferior" na realização das pesquisas acadêmicas. Mas quem não pisa na terra sem sapatos, quem não toca a cabeça no chão, quem não acaricia as folhas, conseguirá sentir a Geopoética até qual "nível", para além da teoria? Para esse aprofundamento não é necessário extremos como "viver na mata", sair das grandes cidades, mas sim se abrir para novas formas de escutar, ler, sentir a Natureza em si, em toda a rede que fazemos parte.

Nossa proposta neste trabalho é continuar, ampliar e diversificar a pesquisa iniciada por Ponciano (2018) e nas conversas que deram origem ao Podcast Geopoética[16] (disponível em diversas plataformas de músicas, em especial o último episódio de 2020, intitulado "Geopoética das raízes e rizomas! Qual terra que te habita?[17], das duas autoras aqui presentes), junto ao trabalho de Ponciano et al. (2024), que trazem mais reflexões sobre este conceito ser usualmente apresentado como uma teoria que é uma prática intrínseca e ancestral de povos indígenas e de terreiro, mas ensinada a partir de diversos outros nomes e perspectivas.

Pelas veredas da Geopoética: em busca das nossas terras

Resumindo este caminho na Geopoética pelo grupo da UNIRIO, Ponciano (2018) apresentou diversos projetos que abarcavam a Geopoética em sua vertente mais abrangente. A inclusão das Geociências dentro da Geopoética (focada na Geografia) está presente na linha proposta por Kenneth White, que em 1979 associou este termo com as diversas formas de relação sensível dos seres humanos com o planeta Terra. Apesar disso, ainda são raros os trabalhos que associam outras áreas das Geociências, como a Geologia e Paleontologia, com Geopoética, sendo este um dos diferenciais das propostas realizadas na UNIRIO.

Continuando e ampliando essa proposta, Ponciano et al. (2024 a,b) destacam que mesmo morando em cidades é possível vivenciar uma intimidade, um tipo de enraizamento imaterial, um chamado ao sagrado, uma sensação de retorno às nossas origens, que pode ser mais ou menos percebida pelos seres humanos quando em presença e escuta de outras existências da Terra. Assim sendo, a Geopoética pode ser considerada como diversas imagens e sensações de intimidade com a Terra que nos chegam de diferentes formas, antes de serem transformadas racionalmente em explicações e teorias científicas.

Em uma relação direta com a Natureza, de acordo com Kenneth White a parte "Geo" da Geopoética se refere ao planeta Terra como base, "coisa com a qual, além de todas as diferenças (...) estamos de acordo", na busca por um consenso no grupo social em relação ao que é considerado como essencial. A "Poética" do termo pode ser entendida como uma "dinâmica fundamental do pensamento" associada com a emoção despertada no corpo (num processo de criação e composição que emerge do contato com a Terra) (WHITE, 1989).

Pensar a nossa conexão com a Terra a partir de uma relação Geopoética amplia as possibilidades de nos aproximarmos dos territórios que habitamos com uma "abertura" e "porosidade" que permita uma absorção mais "integral" dos múltiplos significados que o ambiente pode expressar para cada um de nós (PONCIANO et al. 2024 a,b).

Neste trabalho, continuamos a conversa iniciada no Podcast Geopoética citado acima, em setembro de 2020 e já no contexto da pandemia de covid-19, trazendo uma proposta de pensar a Geopoética a partir das cosmopercepções dos povos indígenas e de terreiro. A primeira autora - mulher preta de ascendência africana e originária, Iyapetebi de Orunmilá, e Ìyàwò de Òsàálá - trouxe

16 Disponível em *https://open.spotify.com/show/2HAB7ddUyQ2IKSL5IjgLoR*

17 Disponível em *https://open.spotify.com/episode/2z9ZEj3tIYkrydGNY6am1X*

no Podcast que, dentro das perspectivas de conviver dos povos indígenas e de terreiro em relação ao "Geo", ao planeta Terra, não há a posse da terra, mas a relação com esta, como fundamento existencial.

Estes povos trazem um entendimento intrínseco de relações com a Terra a partir de sensações que constroem sentidos na/para/entre as pessoas. Contudo, quando esta relação é atravessada pela ação do colonizador/escravocrata, iniciam-se as dinâmicas entre as ideias de aterramento, desterramento e enterramento de seus saberes e suas noções de pessoa, de pertencimento intra, extra e intersocietárias.

Mesmo em diáspora, em movimentos forçados de deslocamentos/desterramento da terra primordial/ancestral, esses povos conseguem resistir às inúmeras tentativas de serem enterrados pelos colonizadores (em diversas esferas de apagamentos), ao se aterrarem em novas terras. Já a "poética" da Terra traz as criações que realizamos a partir de perspectivas étnicas nas terras que habitamos e que nos habita, buscando formas não apenas sensíveis e afetivas de se relacionar com o planeta, mas incluindo também uma esfera curativa que amplifique a vida durante as nossas reverberações nas comunidades, espaços e tempos ancestrais, criando assim uma nova proposta de abordagem para a Geopoética.

Aprendências ancestrais pelas Artes: reverberações geopoéticas

Como embasamentos para esta proposta de abarcamentos ancestrais da Geopoética trazemos as confluências do que agora é chamado de artístico, educativo e curativo (e que estabelecem as nossas humanidades, os nossos assentamentos existenciais) por meio de histórias sobre Nanã, Ikú, o Baobá, os ciclos do Sol, da Lua e dos seres humanos, que nos trazem diversas sabedorias e cosmopercepções de povos afrodiaspóricos e originários voltados para uma gestão e observação honesta da vida, uma convivência não predatória e o entendimento de cada aspecto da Natureza, numa constante aprendência por meio das Artes. As criações analisadas são da primeira autora, sendo aqui correlacionadas com a Geopoética em conjunto com a segunda autora.

Também abordamos a pesquisa que foi realizada para conceber o espetáculo "Terra sem acalanto[18]", baseado no que a terra em volta de Mariana sentiu, ouviu e quis contar aos atores após o rompimento da barragem, numa vivência na região. A terra nos conecta, nos mantém em contato, e podemos sentir essa conexão por meio dos abalos sísmicos por exemplo, resultantes dos terremotos. O que o poder hegemônico e fóbico quis esconder, apagar das memórias da terra após o crime de Mariana, tentando destruir até mesmo as reverberações das interrupções de diversas jornadas das pessoas que ali viviam, foram ouvidas de outros modos, na escuta e no contato em si com a própria terra.

Na sua dissertação "RAÍZES E RIZOMAS: Performances e Memórias do Candomblé no Teatro do Brasil", a primeira autora já destacava que cada encontro rizomático pode ser referenciado como "raiz", inclusive a terra onde pisamos, onde nascemos ou de onde vieram nossos ancestrais. O rizoma possui em cada um de seus nós o desejo da diáspora, do contato com outras realidades. Desse modo, as dimensões de tempo e espaço se encontram e produzem um organismo com diferentes significações (SILVA, 2013).

Também trazemos as pesquisas que foram realizadas junto com a Coletiva Agbara Obinrin sobre Nanã[19], junto aos projetos de extensão do @GeoTales[20] na UNIRIO – um deles intitulado Geopoética do

18 https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/12-10-2018/peca-inspirada-na-tragedia-de-mariana-estreia-em-jf-nesta-sexta.html

19 Disponível em https://hi-in.facebook.com/EiMulheeer/posts/3220425971326726

20 Disponível em https://www.instagram.com/geotalesemgeopoetica

Orun ao Aiyê[21] -, onde novas performances nasceram do encontro da Geopoética com performances baseadas nas iabás, apresentadas em espaços variados, como escolas, universidades, museus e eventos culturais e científicos diversos, unindo a divulgação da História da Terra com a valorização da cultura negra, com questões e vivências de mulheres negras. Tatiana nos trazia Nanã nesta performance, que na correlação que fizemos com as Geociências e Geopoética pode ser associada com a formação dos primeiros continentes, com as águas dos mangues, a lama e as rochas como o argilito, onde podem ser encontrados vários tipos de fósseis, que também são a memória da Terra. Trazemos a seguir aprofundamentos destas correlações.

Aprendências geopoéticas no colo de Nanã

De todos os orixás, iabás (mulheres) e oborôs (homens), Nanã é aquela cuja representação presentifica a própria dinâmica da diáspora. Do Reino do Daomé ao Reino Ioruba, atravessada para as Américas e chegando ao Brasil; de vodun a orisá, a inquice e orixá, sua mitologia, o silêncio peculiar a seus ritos, as definições e descrições realizadas no Ocidente são de uma complexidade e profundidade nem sempre compreendida, levando muitas pessoas, inclusive, a temê-la, tanto praticantes religiosos quanto pessoas a partir do senso comum. A seguir o texto traz a fala da primeira autora, e por isso segue em primeira pessoa.

No Daomé, Nànà Buluku é uma deidade primordial, isto é, da mesma ordem que Olodumare: a não criada e que cria por si mesma, nem feminina nem masculina e ao mesmo tempo as duas energias. Por isso mesmo, o vocábulo "Nana" refere-se não somente a esta força, mas também é um título honorífico direcionado a toda pessoa idosa e respeitável, ou um chefe de uma determinada sociedade.

Segundo Verger (2002), os orìkí dedicados a Nana, recolhidos em Keto e Abeokutá, descrevem algumas de suas características:

> "Proprietária de um cajado.
> Salpicada de vermelho, sua roupa parece coberta de sangue.
> Orixá que obriga os fon a falar nagô.
> Minha mãe era inicialmente da região bariba.
> Água parada que mata de repente.
> Ela mata uma cabra sem utilizar a faca."

Aqui confirmam-se as qualidades de grande mãe, de sua senhoridade e poder (cajado); o encontro entre as sociedades fon e nagô, as quais no Brasil serão representativas nas nações de Candomblé Jeje e Ketu, respectivamente; seu reinado nas águas pantanosas, nas lagoas, isto é, no encontro silencioso entre terra e água. Neste lugar onde os animais encontram o lugar para um nascedouro seguro para seus filhotes... mas que também nos lembra de seguir adiante para não ser presa de animais famintos e da própria Morte, Iku, filha de Nanã. Em Soares (2024), pela Geopoética, vemos que essa água torna-se "lama espessa que, sobre o corpo, faz aflorar uma segunda pele, uma nova matéria, novo ser, novo olhar".

Sem dúvida, todas as operações de amálgamas e perdas de deidades acontecem ao longo do tempo, já em África e aqui em espaço diaspórico. Isso sem citar as influências do ritos congo-angola e das religiões monoteístas abraâmicas. Por isso mesmo, a meu ver, é impressionante uma deidade tão antiga quanto Nanã ter sobrevivido a todo esse movimento cultural, entre fusões, apagamentos e silenciamentos. É de um espanto peculiar... típico de uma guerreira mítica.

21 Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Bo41vuNzLgc

Conta o mito vodun, que Nanã, ainda Nana Bùrúkù, vivia no infinito, e de sua dança nasceram todos os corpos do universo e seus dois filhos gêmeos, Mawu e Lisa. Tão holística quanto Nanã, MawuLisa, ou simplesmente Mawu, é a filha cósmica de Nanã, abrigando em si mesma o Pai, Lisa. Juntos, criariam e manteriam a continuidade da vida e do universo. Assim é descrita: Mawu é uma, mas possui duas faces. A primeira é a de uma mulher, e os olhos daquela face de mulher são a Lua. Essa face recebe o nome de Mawu. O outro lado é o de um homem. Essa face tem em seus olhos o Sol, e recebe o nome de Lisa. A parte chamada de Mawu rege a noite. Aquela onde está o Sol, Lisa, rege o dia.

Ao criar a Terra, Nanã a deixa sob os cuidados da filha-gêmeos; no entanto, estes vivem a disputar, pondo em risco toda a criação e seu destino. Assim, Nanã resolve separá-los. Mawu se torna a Lua, e Lisa, o Sol. Originam-se, assim, as rotações e os ciclos diurnos e noturnos. Os eclipses são, miticamente, os momentos em que os dois se encontram e se unem sexualmente. Até a separação acontecer, toda a vida já havia sido criada e dotada da força de vodun.

Ao se trasladar para o panteão Ioruba, Nanã não poderia continuar em seu posto de deidade suprema, lugar de Olodumare. No entanto, seria impossível destituí-la de seu poder criador e de sua antiguidade. A força da oralidade não permitiria.

A operação da tradição reinventada arquetipifica Nanã como iabá, uma orixá feminina, um ventre criador e poderoso, mais ou tão antiga quanto as Iyami Oshoronga iorubanas. De tão mãe se torna avó. Contudo, ainda como mãe, seus principais filhos são carregados consigo. Segundo muitas práticas de acolhimento interétnico em África, casa-se com um oboró, um orixá masculino, legitimando sua presença como orixá. Seu ileeshin se torna ibiri, sua face guerreira cede-se a orixás mais novas, seu vermelho se torna o azul e o roxo.

É assim que contaremos, segundo Ifá: no exato momento em que Olodumare acaba de criar o universo e mundo que habitamos, ele faz com que uma chuva flua do Orun até aqui. É nesta chuva que Nanã, já nascida, desce aqui. Ela é a nossa primeira Mami Wata. Quando Odudua vem com seu saco de terra para criar a firmeza para os que virão a nascer ainda, é ali, na junção entre terra e água que Nanã vai escolher estar.

No entanto, somos nós, seus filhos, suas filhas – sua filha – responsáveis por que seu rastro não seja apagado em sua totalidade. Juntar pistas, colher as marcas de seu cajado e ileeshim deixados no chão, os salpicados de vermelho, as vozes dos antigos. Voltamos e damos volta em torno de odan, a figueira que permanece verde, com sombra fresca, ainda que em meio à aridez, para relembrarmos a poesia silenciosa de Nanã, sua dança de criação, os olhos vivos e observadores das cabras que pastoreiam em seu redor.

Uma geopoétnica primeva para Nanã

"Arua nona kò jina, a sin wa nona kò jina"
("Enganaram-me dizendo que não era longe, acompanhem-me, não é longe")

As primeiras informações que podemos coletar ao pesquisar informações sobre Nanã no território brasileiro vai nos levar à terra, não a terra seca, mas aquela umidificada, a terra porosa e que borbulha: a terra moldável, a lama, a argila, os mangues. A matéria prima a partir da qual o ser humano foi moldado, segundo estas narrativas.

Elas contam que Nanã já havia descido ao Aiyê e vivia nas águas cujo fundo se confundia com a lama, o nascedouro dos peixes, dos répteis, dos caranguejos. Ali, Obatalá foi se sentar, perdido, sem saber com que material criar o ser humano. Foi então que Nanã surgiu do fundo das águas oferecendo o barro como elemento... No entanto somente como empréstimo – ao final do tempo de cada pessoa na Terra, Iku, a Morte, sua filha, iria buscar a matéria para retornar ao reino de sua mãe.

Miticamente, é como se cada um de nós fossemos todos feitos de uma só matéria, a qual se

recicla e guarda memórias ancestrais impressas em si, conforme as reflexões realizadas nos encontros na UNIRIO com a Coletiva Agbara Obinrin por meio da criação do projeto de extensão "Geopoética do Orun ao Ayiê: a Terra que atravessa o Tempo", onde novas pesquisas e performances foram criadas durante encontros quinzenais à noite, com cerca de 2h cada, ao longo do ano de 2018 (RIBEIRO et al. 2023).

A partir dessas narrativas com um enfoque mítico-biológico sobre esse ciclo que envolve a lama, geologicamente também encontramos seu similar. Esta imagem primordial vai nos levar direto aos argilitos, assim definidos: rocha sedimentar detrítica, resultante da consolidação de grãos predominantemente de argila (minúsculos fragmentos de rochas e mineirais menores que 0,004mm). Eles podem apresentar cores variadas (de cinza até preta, amarelada, esverdeada, avermelhada, branca) que refletem a natureza dos argilominerais presentes, de óxidos e hidróxidos de ferro, e da maior ou menor proporção de matéria orgânica.

Uma característica dos argilitos que coaduna com a mítica de Nanã está no local onde comumente são encontrados: em ambientes aquáticos de baixa energia, como lagos e mares calmos. Podemos imaginar o processo de criação do fóssil... o corpo – uma folha, uma concha, uma espinha de um peixe – encontra a argila... encontra repouso perfeito, a tranquilidade e serenidade do reino de Nanã, para poder atravessar o tempo e chegar até as mãos dos pesquisadores atuais, nos contando memórias da história da Terra que pela Geologia e Paleontologia podem ser escutadas quando temos intimidade com esses registros nas rochas.

Poderíamos terminar aqui, certo? Ledo engano! Dada a complexidade histórica sobre as origens da iabá Nanã, percebemos que, como divindade primordial, ou seja, devolvendo a ela o lugar de criadora, entendemos que a sua presença se dá para além da terrágua, mas abrange a atmosfera e o fluxo de relações entre esses elementos.

De fato, vou além: também proponho que Nanã seja observada como aquela que conhece o poder do fogo... mas que o mantém em silêncio, que não precisa exibir a ninguém como um conhecimento seu. Vamos voltar ao tempo anterior ao do primeiro argilito.

Segundo Teresa Washington (2005), "quando Nana Bùrúkù veio para a Terra, todas as deidades pararam o que faziam para testemunhar a geração espontânea desta Àjé". Portanto, essa é a beleza e o poder de Nanã: ela é sublime, de uma força auto-geradora. Por isso mesmo, sua energia protetiva é individual e coletiva e de uma supremacia da ordem do irrevogável: ninguém deixa de se curvar diante de Nanã.

Junto a Òkè Ìlú e Orélú, Nanã representa as mães ancestrais, "as três sagradas" que zelam pela administração da comunidade, asseguram a plenitude dos ventres e a responsabilidade no manejo da terra. Nàná é uma força da terra que precisa ser aplacada a fim de assegurar a saúde e a produtividade contínuas.

Como presentificação da prosperidade, Nàná Bùrùkù partilha suas benesses com os seres humanos e com os orixás. A estes, Nàná oferta importantes presentes de proteção, os quais se tornaram seus signos totêmicos. Teresa destaca quatro deles: Obalúaiyé, Obàtálá, Òsun e Ògún! Respectivamente, quatro representações dos elementos terra, ar, água... e fogo!

Segundo os textos iorubanos originais, Nàná pede a Olódùmarè todo o necessário para causar e curar a varíola, e foi atendida. Assim que isso acontece, chama a Obalúaiyé e ensina a ele todo esse conhecimento, sobre a saúde e a doença. Para Obatalá, Nàná o presenteia com uma grande quantidade de òjé (um metal similar a chumbo), para que ele o usasse contra seus inimigos. A Oxum, ela presenteia com ide wewe (braceletes de cobre). Ao lhe entregar os braceletes, Nanã diz a Oxum "toda vez que você se sentir ameaçada, toque, atinja seus inimigos com estes braceletes; imediatamente, eles ficarão com os braços, as pernas e o estômago inchados!". E a Ogun, Nàná o presenteia com o próprio ferro! Ainda, é ela quem diz ao orixá da tecnologia "utilize-os para libertar a si mesmo de seus inimigos e de suas maquinações".

Ou seja, o ìtàn que nos chega aos dias atuais e conta sobre a intriga entre Nanã e Ogun, vai para

além de uma disputa entre a mais velha e o mais novo, ou, dentro de um pensamento de eras humanas, a passagem de uma época artesanal para a era dos metais. Esses documentos nos confirmam que, sim, Nanã se preenche de razoabilidade ao não se curvar a Ogun, diante do banquete dos Orixás: é a ela a quem o oboró deve o seu reinado.

Também compreendemos aqui que o reino de Nanã compreende não apenas a argila, a lama, a terra úmida aparente e seus produtos, mas o próprio conhecimento sobre aquilo que está abaixo da terra: como grande mãe, como a primeira a chegar aqui, ela conhece todo o planeta, todo seu reino, e não se localiza apenas sobre a crosta terrestre, mas é a própria terra, guardando em si suas preciosidades e os metais. Ela domina as qualidades de cada um deles e os dá à luz, isto é, revela e distribui com precisão de sábia ancestral a cada deidade dinamizadora da vida no Aiyê, para que todos os elementos cumpram sua função de ser.

Simbolicamente, inferimos que Nanã, como grande terra-ventre, precisa conhecer e produzir o calor, a energia do fogo, do equilíbrio do fogo interno e do calor que cria a vida. Geopoetnicamente, elaboramos Nanã, portanto, como, também Nanã-magma, a vermelha, vulcão que rompe o limite, que não cabe dentro da casca, que entra em erupção, rompe-se, vive em si, e segue, refeita.

Devolver a Nanã o seu lugar de ser infinito: Nanã-Magma-Crosta-Mangue-Buluku. A que nos faz rever o próprio conceito de tradição, não a tradição-argilito, a que se sedimenta no tempo, mas a tradição que vive o tempo, que sente o calor dos seres viventes em si. Aquela que se edifica como memória para ser projeto de continuidade.

Nanã em "Ei Mulher"

Para a criação do texto sobre Nanã para a performance "Ei, Mulher", foram considerados os seguintes conceitos/ideias: (1) seu lugar de criadora do universo ao mesmo tempo feminina e masculina; (2) a importância de identificar seu nascedouro geopoétnico; (3) sua antiguidade ancestral-cronológica; (4) as disputas de poder em relação a Obatalá e Ogun; (5) a relação com os filhos.

Ao longo deste texto, tentei articular a compreensão entre as quatro primeiras questões. Assumirei que foram suficientes até agora, não descartando, sem dúvida, a possibilidade e o desejo de continuar descobrindo mais, o que me faz suspeitar de que, a partir de agora, seja necessário, debruçar sobre os textos sagrados iorubanos antigos, a fim de compreender, a partir de itans e orikis e práticas rituais, outras faces belas de Nanã.

No entanto, ainda que estes quatro primeiros temas nanaísticos tenham sido costurados ao texto de Nanã em Ei, Mulher, foi indubitavelmente o quinto ponto o catalisador de toda a aproximação e elaboração da dramaturgia performática de TatiaNanã (Figura 2).



Figura 2 - TatiaNanã (@Tatiana_Henrique) na ponta do lado direito, junto com a Coletiva Agbara Obinrin.
Fonte: @coletivaagbaraobinrin e *https://www.facebook.com/EiMulheeer*

Este entremear acontece antes mesmo de eu descobrir que sou sua descendente espiritual; ele acontece pelo que temos de mais em comum de imediato: nossos filhos, e nossos filhos com algum tipo de deficiência diante do olhar do mundo.

Apresento o texto autoral criado para a performance (Tatiana Henrique, 2016):

"Nem a querela com Ogum.

Nem o abandono de Oxalufã...

O mundo com os homens não me interessa.

Não preciso deles. Irrito-me com eles.

Deles? Deles eu só quero...

minha filha...

meus filhos...

Eu me lembro... longe... do tempo mais velho que eu... como foi de mim, da minha própria carne, que todos seres criados por Oxalá, foram e são e serão feitos.

Eu sei que o caminho entre a vida e a morte é o que importa... eu: a senhora da vida e da morte, de onde todas nascem e pra onde todas voltam.

Então, por quê? Por quê? Por quê?

Porque todas elas têm seus filhos perfeitos?

E os meus?!

Olho daqui de cima e vejo a mulher na Terra... mais fortes que eu...

Quem são as deusas?

Não importa se em cadeiras de rodas, cegos, ou surdos... autistas... mulheres que carregam seus filhos nos braços se for preciso, que vivem suas vidas como danças eternas ao redor de hospitais, de médicos, de milagres...

Tão fortes!

Quem são as deusas?

Talvez... se ela tivesse sido a primeira, eu saberia.

Iwa l'ewa... a beleza não está em sua forma... na palavra com a qual definimos... mas nos sopros

que nossos corpos carregam dentro deles.

Talvez... talvez seja essa a última coisa que eu ainda preciso aprender, como na prece que sempre me fazem:

Odí Nànà ayó

A felicidade está lá: transformar o luto pela imperfeição em luta pela aceitação."



Figura 3 - Performance sobre Nanã realizada por Tatiana Henrique no Espaço Travessia - Instituto Nise da Silveira, 2018). Fonte: Autoria de Marcelo Valle, acervo pessoal da @coletivaagbaraobinrin e *https://www.facebook.com/EiMulheeer*

Como dito no início, segundo diversos contos transmitidos oralmente, e alguns registrados em escrita, a Nanã Iorubá é referenciada como mãe de Obaluaiyê, Oxumarê e Ewá. Pelas mesmas narrativas, ouvimos que estes deuses também têm seu pai: Obatalá. O grande orixá funfun (de branco/sob o alá branco/albino) seria em si um interdito a Nanã.

Numa operação, talvez, de distinção étnico-ancestral, os descendentes nascidos da mãe daomeana e do pai iorubano sofreram alguma intervenção em seu físico – para nós mortais denominadas como deficiências. Obaluaiyê nasce com a pele marcada profundamente; Oxumarê, nasce bonito aos olhos de Nanã, contudo se transforma em serpente (sem braços e sem pernas). As narrativas se repetem em dizer que Nanã age com ação de rejeição aos seus filhos. Logo ela, a dona do material da criação dos seres, a que saberia dizer como.

Como mãe de duas pessoas, Agnes e Apolo, neurotípica e neurodiverso/autista, eu pude conversar com a minha Nanã sobre essa experiência. A Ewá da minha mito-lógica já havia nascido. De algum modo, como artista-educadora, pude entender a tradição reinventada sobre perfeição e sabedoria, antes mesmo de Apolo nascer, vendo as danças de tantas mães e pais e crianças com deficiências, para os quais pude sorrir em retorno por aprender com eles. E depois, vendo como Agnes lidava com ele, o Apolo. Uma poética das deficiências e transtornos e do aprender com as mesmas!

Por poética, eu retomo e refiro à etimologia da palavra, do grego poiesis, em português, criação, ato de criar, característica que na performance sobre Nanã vemos destacada na Figura 4, com a modelagem da lama. Partindo daí, entendo poética também sob a concepção de Glissant (2005), não como "uma arte do sonho e da ilusão, mas sim uma maneira de conceber-se a si mesmo, de conceber a relação consigo mesmo e com o outro e expressá-la. Toda poética constitui uma rede".



Figura 4 - Criação com o barro / a lama, momento parte da performance sobre Nanã realizada por Tatiana Henrique no Espaço Travessia - Instituto Nise da Silveira, 2018). Fonte: Autoria de Marcelo Valle, acervo pessoal da @coletivaagbaraobinrin e https://www.facebook.com/EiMulheeer

Esse processo não se dá em isolamento, mas em ciclos de recompreensão de vivências e dos afetos gestados. Por isso, também trago à baila o conceito autopoiesis, cunhado por Maturana e Varela (2001), isto é, a condição aprendente do ser humano: à medida de suas experiências e 'encontros de vista', conseguir modificar seu espaço imaginário e vir a ser mais um... com o que antes já o era.

Para Nanã, sua Ewá era a filha mais nova, a que chegou depois de tudo, de todos os acontecidos. No processo de presentificação ancestral, diferente de Nanã que é primeira e passou pelas experiências primeiras, eu pude aprender e preparar o meu saber e compreender sobre as deficiências antes de passar pela experiência. Nanã me legou a oportunidade de aceitar, me erguer e caminhar com orgulho junto à minha cria.

Nem sempre é assim com todas as mulheres. A saúde mental muitas vezes falha. O silêncio ancestral e sábio de Nanã é substituído pelo silenciamento e recolhimento diante de um mundo e de pessoas muitas vezes agressivas com as famílias que lidam cotidianamente com deficiências, transtornos e síndromes. Tratadas como estrangeiras à vida social. Nanã chove. Nanã, orixá sobre a justiça, grita por estes: é preciso recriar, é preciso deixar viver!

Nanã e ato poético desde sempre rimaram. O primeiro verso deste haikai mítico já estava criado. Para que se forme o segundo verso, o da aprendizagem com a experiência, é preciso Ewá, para desenhar o ato autopoético.

Ewá: esta deusa-filha possui uma mítica tão controversa, misteriosa e intrigante quanto a de sua mais velha. Assumo a distância de aprofundar aqui sobre ela, mas quero dizer sobre como a compreendo: Ewá é o imaginário sobre o porvir: é a deidade do renascimento de todas as coisas e seres, da possibilidade, da novidade, das transformações sutis e profundas, dos pensamentos renovados. Por isso... deusa menina.

É filosófico e esteticamente belo pensar em Nanã sendo mãe de Ewá. Contudo, eu havia mencionado haikai, e todo haikai se fundamenta com a estrutura de três versos. Ainda falta o terceiro e último verso dessa dança da recriação da tradição. Não falta mais: lembrar Nanã também como a

mãe de Iku, a Morte, e a partir daqui entendermos esta tríade como a formadora de um grande ciclo de princípios e fins, parte inexorável de tudo que existe e vive e de todas as mutações e transformações inevitáveis e esperadas no tempo morte-vida atravessado por todas nós.

Ewá Vida... Iku Morte... Nanã Ventre... onde tudo se engole, se guarda e se oferta e se expele e se retoma e se refaz infinitamente... Nanã entende. Nanã aprende. Nanã volta a orquestrar universos. Nanã volta a ser bonita com e por eles. Nanã é Sã.

O exercício dramatúrgico sobre Nanã em "Ei, Mulher" (Figura 5) nos chama a esse desafio: acordar a sensibilidade dessa memória corpOral como um exercício poético cotidiano que nos reconecta psiquicamente com nosso eixo ancestral de reconstrução íntima, espiritual e social, restabelecendo nossa saúde coletiva. Nanã é aquela que transforma a cicatriz em escarificação, é a orixá, ainda que daomeana, que me faz compreender a experiência amefricana.

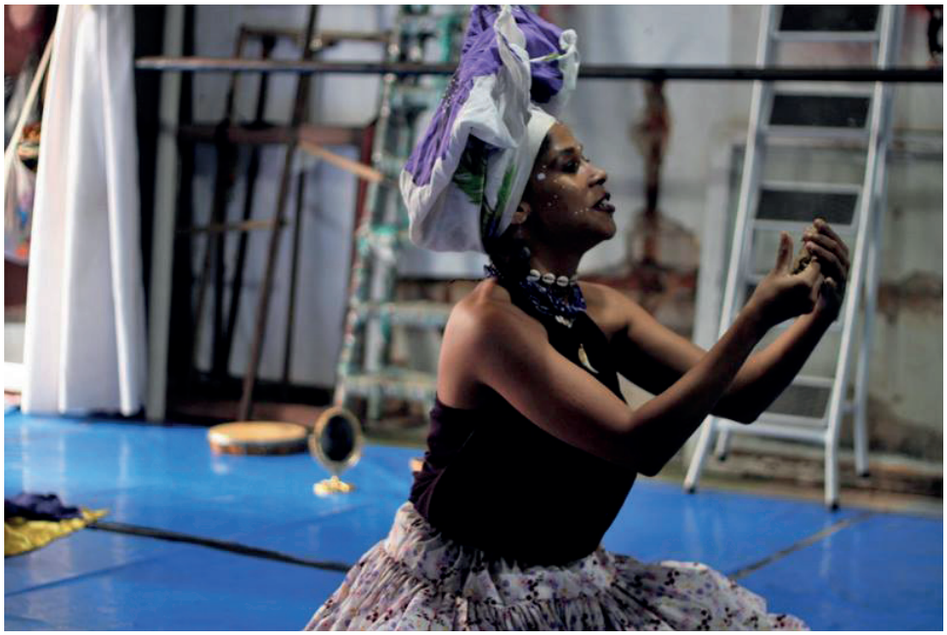


Figura 5 - Evento CorpAs no Terreiro Contemporâneo, 2018. Fonte: Acervo pessoal da @coletivaagbaraobinrin e https://www.facebook.com/EiMulheeer

Geopoética da lama: habitando o mundo

E neste ciclo de integração entre temas e autoras, inspiradas pelos ensinamentos de Nanã na junção entre terra e água, trazemos de Carvalho e Ponciano (2024) a atividade "Geopoética das águas habitando o mundo", como mais uma possibilidade que também pode ser associada com as narrativas sobre Nanã apresentadas acima, tendo por objetivo refletir sobre: "Como as águas habitam o mundo?" e "Qual é a sua maneira de habitar o mundo?", em complementação com o título utilizado neste texto. Essa associação de performances geopoéticas e atividades "educativas" que envolvem músicas, danças e narrativas orais são realizadas pela equipe do GeoTales desde 2015, e demonstraram sua eficácia em abrir para uma escuta mais profunda e sensível em diversas faixas etárias (PONCIANO, 2018).

Concluindo, trazemos da Geopoética da lama (SOARES, 2024) a reflexão de que a "lama possui, devido ao poder de expressão artística de sua elasticidade formal e simbólica, potência política (...) para propor resistências e possibilidades, (...) pela reconciliação do ser humano com seu meio". Assim sendo, quando você teve contato com a lama? O que ela te desperta? A lama te habita?

Esperamos que estas confluências do que costuma ainda ser separado em atividades científicas, artísticas, educativas e curativas, especialmente na academia, possam vir a inspirar novas correlações

que criem outras propostas amalgamadas nesta lama cria(cura)tiva associada com uma Geopoética originária e afrodiaspórica aqui nestas terras.

Referências

CARVALHO, M. C. P.; PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Museologia e Geopoética: reflexões para práticas sensíveis a partir da extensão universitária no Rio de Janeiro. Revista Museologia & Interdisciplinaridade. v.13, p.91 - 114, 2024.

GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora. UFJF, 2005.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. GeoTales: narrando as histórias petrificadas pela Terra. Revista Sentidos da Cultura, 5 (8): 34-48, 2018.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira; CARDOSO, Ilana Ribeiro; SANTOS, Lidiane Barbosa. 2024. Geopoética e Base Comunitária: no encontro de nossas nascentes, as nossas bases na Terra. In: Turismo em quilombos [livro eletrônico): do fortalecimento da memória à luta antirracista / organização Maria Amália Silva Alves de Oliveira, Rodrigo Machado Vilani. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2024a. p.82-107.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira; SOUZA, Marise Campos; DIMITRIADIS, Georgios. CONTRIBUIÇÕES GEOPOÉTICAS NA GEO-LEGISLAÇÃO BRASILEIRA. n. 19, julho 2024, Instituto Politécnico de Tomar, 2024b.

RIBEIRO, A. R. L. O.; AMANCAI, L.; PONCIANO, L.C.M.O. Geopoética do Orun ao Ayiê: a Terra que atravessa o Tempo, pelos caminhos de Obá e Oyá. REVISTA SENTIDOS DA CULTURA. v.10, p.36 - 57, 2023.

SILVA, Tatiana Henrique. Raízes e rizomas: performances e memórias do candomblé no teatro do Brasil. 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SOARES, Camilo. A geopoética da lama: dos alagados do mangue a uma estética de resistência. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, SP, v. 63, n. 2, p. 349–362, 2024.

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás deuses iorubas na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio, 2002.

WASHINGTON, Teresa N. Our Mothers, Our Powers, Our Texts: Manifestations of Àjé in Africana Literature. Indianapolis: Indiana University Press, 2005.

WHITE, Kenneth. Textos fundadores (O grande campo da Geopoética). 1989. Instituto Internacional de Geopoética. Disponível em: *https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica*. Acesso em: 23 out. 2020.

Ecoturismo & Conservação

Sessão Científica

Manifesto geopoético das paisagens arqueológicas: um ensaio crítico

Georgios Dimitriadis
Ph.D. Centro de Geociências /GT3, Universidade de Coimbra, Coimbra, PT. Laboratório de Geociências e Geopoética (LabGeo(ciên)poética), UNIRIO. g.dimitriadis@hotmail.com

Resumo

A geopoética, um conceito que combina geografia e poética, emerge como uma abordagem poderosa para compreender as paisagens não apenas como formações físicas, mas como geopalimpsestos que guardam histórias e culturas humanas (geopaisagens). Já a arqueoantropologia estuda as interrelações entre as sociedades e suas práticas culturais ao longo do tempo, abrangendo desde os vestígios deixados por civilizações antigas até as narrativas contemporâneas que moldam nossa percepção do espaço. Neste texto, exploraremos como a geopoética e a arqueoantropologia se entrelaçam, oferecendo uma perspectiva mais profunda e interdisciplinar sobre as paisagens que habitamos.

Palavras chave: arqueoantrolopologia, civilizações antigas, geopaisagens, geopatrimônio, geopoética.

Abstract

Geopoetics, a theoretical framework that bridges geography and poetics, provides a nuanced approach to interpreting landscapes as geopalimpsests—complex layers of human histories and cultural narratives rather than mere physical formations. Archeoanthropology complements this perspective by analyzing the multifaceted relationships between human societies and their cultural practices across temporal scales, encompassing both the material remnants of ancient civilizations and the contemporary discourses that shape spatial perception. This study aims to investigate the intersection of geopoetics and archeoanthropology, offering a comprehensive and interdisciplinary framework for understanding the landscapes that humans inhabit and transform.

Keywords: archaeoanthropology, ancient civilizations, geolandscapes, geoheritage, geopoetics.

Introdução

As paisagens estão em constante transformação, refletindo um diálogo dinâmico entre o passado e o presente. A arqueoantropologia nos auxilia a compreender os fatores que moldam essas mudanças, desde processos naturais até intervenções humanas, revelando como o ambiente físico e as atividades humanas se entrelaçam ao longo do tempo.

Mais do que simples cenários, as paisagens são narrativas vivas. Cada elemento — colinas, rios, ruínas — conta histórias de interações humanas, adaptações e transformações. Ao observar uma paisagem, é possível identificar camadas de história. Cidades antigas frequentemente coexistem sob metrópoles modernas, com cada período deixando sua marca. A leitura dessas camadas permite entender como as sociedades se adaptaram ao ambiente, como crenças religiosas influenciaram a organização dos espaços e como relações de poder se manifestaram no uso do solo. Nesse contexto, a arqueoantropologia utiliza métodos como escavações, análise de artefatos e estudos de sítios arqueológicos para decifrar essas narrativas.

A memória coletiva de um povo está intrinsecamente ligada às paisagens que habita. Locais que foram palco de eventos históricos, como batalhas ou rituais, tornam-se símbolos de identidade e pertencimento. A arqueoantropologia investiga como essas memórias são preservadas, reinterpretadas e ressignificadas ao longo do tempo.

Um exemplo disso são as "terras sagradas", que, em muitas culturas, carregam significados que vão além de sua geografia física. Esses espaços, descritos em mitos, poemas e narrativas orais, revelam a profunda conexão emocional entre as pessoas e o ambiente. A geopoética, nesse sentido, explora as relações simbólicas que as comunidades estabelecem com suas paisagens, destacando o impacto emocional e cultural dessas conexões.

Cada paisagem é, assim, uma composição de histórias e significados, refletindo a relação dinâmica entre seres humanos e o ambiente. Elementos como montanhas, rios e florestas não possuem apenas uma presença física, mas também simbolizam tradições, interações humanas e adaptações. As camadas de uma paisagem podem ser vistas como estratos de memória, onde ruínas antigas sob cidades modernas contam histórias de continuidade e mudança.

As transformações das paisagens, frequentemente provocadas pela urbanização ou degradação ambiental, também são objeto de estudo. A arqueoantropologia revela não apenas as consequências ambientais dessas mudanças, mas também suas implicações sociais e culturais. Já a geopoética convida à reflexão sobre como as comunidades respondem a essas transformações: como lidam com a destruição de suas paisagens, que narrativas emergem e quais formas de resistência cultural surgem em resposta.

Por fim, a relação entre paisagem e identidade é fundamental. Os espaços que habitamos são o palco onde a cultura se manifesta e onde identidades são moldadas. O sentimento de pertencimento está profundamente enraizado na paisagem física e nos significados que ela carrega. A maneira como as comunidades reivindicam seus espaços — por meio da arte, música, arquitetura ou modelos sociais — expressa sua identidade coletiva e individual, evidenciando como a cultura resiste, se adapta e se transforma ao longo do tempo.

Da Geo-História à Geo-Filosofia

Fernand Braudel em 1949 foi o primeiro historiador a utilizar o termo "geo-história" para descrever a origem da experiência humana, relacionando o território, a intensidade e a qualidade das interações humanas com o espaço que estas ocupam, alteram e/ou manipulam. O termo foi empregado em sua obra *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, especificamente no capítulo intitulado *L'histoire, mesure du monde*.

Por um lado, a análise historiográfica braudeliana é considerada "epidérmica", pois se fundamenta na relação dinâmica entre geomorfologia, paleoclimatologia e os condicionantes ambientais dos processos históricos e sociais. Por outro lado, a arqueologia ambiental parte do pressuposto de que as culturas arqueológicas e antropológicas interagem com o ambiente, que é visto como sua causa primária. Trata-se de uma espécie de narrativa dos lugares, onde as relações sociais se cristalizam no terreno: "[...] il racconto del paesaggio corrisponda alla storia delle società che in quel paesaggio hanno proiettato il loro agire materiale e la loro cultura"[22] (Turri, 2004:168).

Especificamente, o conceito de "cultura arqueológica" refere-se a grupos recorrentes de artefatos encontrados dentro de uma área delimitada (Gordon, 1936; Clarke, 1968). Assim, para compreender as estratégias do habitar humano e a formação de determinadas culturas, é fundamental conhecer o ecossistema no qual essas manifestações ocorreram (Renfrew, 1976; Evans, 1978).

22 Trad.: "[...] a história da paisagem corresponde à história das sociedades que projetaram as suas ações materiais e a sua cultura nessa paisagem".

Nesse sentido, Fedele (1976) propôs um esquema integrado, no qual o sítio arqueológico é compreendido como a soma de diversos componentes antrópicos, zoológicos, botânicos e geológicos.

De forma resumida, em consonância com Deleuze e Guattari (1991), a geo-história braudeliana apresenta similaridades com a definição de filosofia como geo-filosofia.

"*Spacescape*" como *Umwelt*

Cada ser humano vive sua própria experiência, situado e condicionado no interior de uma estrutura espaço-temporal (sistema Universo-*Umwelt*). Contudo, a percepção do tempo e do espaço não foi sempre a mesma ao longo do processo de aculturação humana. Durante os séculos XIX e XX, a humanidade passou por mudanças tecnológicas e ideológicas radicais na compreensão da natureza do espaço-tempo (Mach, 1906; Ortega y Gasset, 1916). Estudos ambientais recentes sobre o tema apontam para uma nova dimensão, como assinala Lévy (1994:129):

"[...] nowadays space conception is not geographic space, is not national states or institution space one rather a space of mind potentialities which modify the way to made society. [...] A qualitative and dynamic space where humanity invents its own world[23]."

A questão da investigação é clara: no passado, os seres humanos habitavam o 'horizonte espacial' (=*spacescape*)[24] com um sentido de perspectiva. Qual era seu significado e quais eram suas implicações?

Tim Ingold formula uma ideia similar com o conceito de "perspectiva de moradia", que não se baseia em uma oposição estéril entre uma visão original da paisagem, considerada neutra e alheia à atividade humana, mas em uma concepção cultural, onde cada paisagem apresenta uma ordem particular, cognitiva ou simbólica, do espaço (Ingold, 1993).

Para ilustrar essa posição, este texto recorre aos filósofos da paisagem que associam o cultural ao natural, criando o conceito de *reinstalação* (Thoreau, 1854; Snyder, 1990; Naess, 1995). A percepção bidimensional riemanniana da superfície geométrica foi descrita por Henri Poincaré (1898) e Ernst Mach (1906) como a epiderme do espaço. Mach, eminente físico, considerava que a ideia de espaço está vinculada à estrutura fisiológica humana e é facilmente identificável, tal como o tato, a visão e a audição. Posteriormente, essas ideias foram corroboradas por estudos sobre a percepção do spacescape (ou horizonte espacial) em animais e humanos (Uexküll, 1908), na tentativa de responder à pergunta sobre como cada espécie responde ao chamado do mundo externo (=*Umwelt*).

Cada espécie responde a esse chamado através de uma organização do seu espaço interno (=*Innenwelt*). Dessa forma, o *horizonte espacial* de grupos sociais segmentários e frequentemente ágrafos apresenta-se conceitualmente como a questão da "criação ou produção do espaço" (Dimitriadis, 2006).

À luz disso, a resposta reside em considerar o conceito de horizonte espacial como isomorfo a todas as dimensões possíveis e perceptíveis do espaço como Natureza (=*Unheimliche)*. A Natureza manifesta-se aos observadores humanos como uma experiência de revelação e admiração.

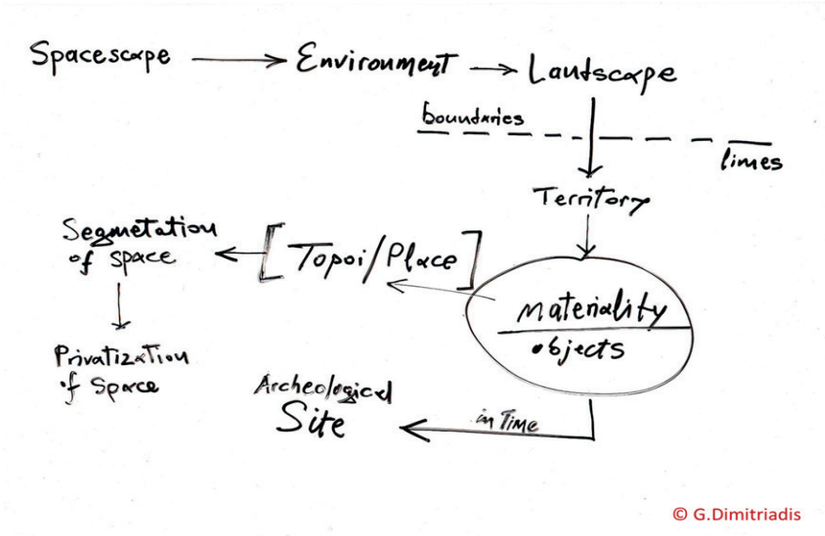
As palavras *Spacescape = Natureza = Unheimliche* estão rigorosamente ligadas ao conceito de *Der Sandmann*, conciliando os seminários lacanianos de 1968 e a teoria de *hospitalité* de Derrida (1997). Ou seja, o *horizonte espacial* hospeda o invisível (cf. geopoética), que contém em seu núcleo

23 Trad.: "[...] hoje a concepção de espaço não é um espaço geográfico, não é um espaço de estados nacionais ou de instituições, mas sim um espaço de potencialidades mentais que modificam a forma de fazer sociedade. [...] Um espaço qualitativo e dinâmico onde a humanidade inventa o seu próprio mundo".

24 Para um aprofundamento do conceito ver Dimitriadis, G. Uma abordagem filosófica baseada em modelos matemáticos para uma percepção "qualitativa" do horizonte espacial. Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 77-90, jun. 2024 (edição extra). ISSN 1981-4089 2024

um caráter selvagem, revelando-se através de "admiração e espanto".

Tendo em vista essas implicações filosóficas, é possível classificar gradualmente as entidades antropológicas "do espaço" (Esquema 1) como o *horizonte espacial* (Χώρος ou Gaia; cf. Klages, 1979), o ambiente (segundo a teoria da ecologia radical, cf. Nash, 1982), a paisagem (entendida culturalmente, Skolimowski, 1981), o território (onde uma teia de relações, macro e micro, ocorre) e o lugar (topos). Este último remete às qualidades manifestadas na região selvagem (=*wilderness*), na tecnologia e cultura, na identidade e na temporalidade, permeadas pela operatividade (=*knowledgeability*).



Esquema 1. Descrição conceitual dos conceitos apresentados neste artigo.

Deste processo, nasce o território antropomorfo, uma construção simbólica para o clã tribal que habita os limites circunscritos das formas ambientais (colinas, rios, árvores, vales, montes, etc.), isomorfas ao corpo do antepassado (cabeça, busto, braços, pernas, etc.). Assim, estabelece-se uma hierarquia topológica, no cerne da qual se garante a coesão social do clã em harmonia com o sistema do mundo.

Geo-Topografia: discurso sobre os Lugares Naturais.

Após traçar a definição de *horizonte espacial*, delineiam-se os elementos que constituem sua identidade. Avaliam-se quatro categorias: ambiente, paisagem, território e lugar, que compartilham o conceito de liminalidade (*limes*, que etimologicamente significa "linha imaginária convencional, estabelecida de modo artificial ou em correspondência aos limites fixados pela natureza"). Este conceito inclui as variantes de *confim* (derivado do latim, composto de *con-* + *finis*, que denota um fim comum e delimita uma propriedade ou território) e fronteira, bem como a ideia de singularidade. Estas duas características determinam o status e o modo de simbolização da natureza no âmbito das construções culturais (Bonesio, 2000:15).

O confim manifesta seu caráter fundamental: assinalar o lugar de uma diferença, real ou presumível. Para os antigos, traçar um confim era narrar a relação entre a terra e o céu; o lugar não era escolhido pelo homem, mas dado pelos deuses (Zanini, 1997). Assim, estabelecer um confim, seja por meio de um sulco ou fratura, significava redesenhar na terra a ordem cósmica, instituindo as relações entre o sagrado e o profano.

Quais seriam, então, os atributos do confim no contexto de um espaço que intervém entre as coisas, conferindo espessura e corporeidade ao limite, separando ou unindo, como uma margem externa? A este respeito, Claudio Magris (1986) escreve:

"[...] i confini muoiono e sorgono, si spostano, si cancellano e riappaiono inaspettati. Segnano l'esperienza, il linguaggio, lo spazio da abitare, […], il pensiero e le sue mappe dell'ordine."[25]

Fundamentalmente, é o senso de territorialidade que evidencia o fato de que "essere alloggiati significa cominciare ad essere"[26] (Raffestin, 1992: 174). Assim, o confim é compreendido como um território que contém a dimensão humana, suas histórias e seu relacionamento com os outros. Frequentemente, o confim transforma-se em fronteira (*borderlands*) ou *finis terrae*, adquirindo um caráter restritivo como o último limite. Ultrapassar a fronteira assemelha-se a um salto para o desconhecido, uma aventura por terras selvagens. Abandonar o espaço familiar e conhecido desafia as qualidades físicas e psíquicas do indivíduo.

A transição do conceito de confim para fronteira é marcada, ao menos nas línguas latinas, pela predisposição de "encarar o outro", medir-se frontalmente. Significa "permanecer imóvel frente a...", ou seja, deter o avanço sem necessariamente ultrapassar os limites. A fronteira manifesta precariedade e, ao mesmo tempo, abertura à mudança. A mobilidade da fronteira, como um confim transladável, é observada na geografia étnica e cultural do deslocamento de rebanhos por nômades nas estepes da Mongólia. Ali, o marcador da fronteira está vinculado ao próprio animal, que modela a delimitação conforme se desloca. O nômade permanece dentro dessa fronteira móvel, traçando e seguindo um mapa mental interno manifestado praticando a composição territorial com poesia!

Bradley, em seus estudos sobre paisagem, desenvolve arqueologicamente essas transformações em termos de singularidade e liminalidade. Ele observa que a singularidade emerge como uma qualidade intrínseca de determinados lugares naturais, pois:

"[...] acquire a significance in the mind of people in the past [...] but one way of recognizing the importance of these locations is through the evidence of human activity that is discovered there"[27] (Bradley, 2000:35).

Ele também esclarece que a liminalidade está relacionada às transformações culturais da paisagem, seja por meio da fundação, modificação ou alteração de estruturas monumentais e das atividades humanas associadas:

"[…] having faced this difficulty, we must address a still more basic question: what do monuments in places where they built? This deceptively simple question has many answers. The first development is perhaps the most basic of all. The construction of monuments in places with an established significance transforms the entire way in which those locations are experienced. The building of walls and terraces at the peak sanctuaries changed the character of these places[28]" (Bradley, 2000: 104).

---

25 Trad.: "[...] as fronteiras morrem e surgem, mudam, apagam e reaparecem inesperadamente. Marcam a experiência, a linguagem, o espaço a ser habitado, [...], o pensamento e seus mapas de ordem".

26 Trad.: "estar alojado significa começar a ser".

27 Trad.: "[...] adquirir um significado na mente das pessoas no passado [...] mas uma forma de reconhecer a importância desses locais é através da evidência da atividade humana que ali é descoberta".

28 Trad.: "[...] tendo enfrentado esta dificuldade, devemos abordar uma questão ainda mais básica: o que significam os monumentos nos locais onde foram construídos? Esta pergunta aparentemente simples tem muitas respostas. O primeiro desenvolvimento é talvez o mais básico de todos. A construção de monumentos em locais de significado consolidado transforma toda a forma como esses locais são vivenciados. A construção de muros e terraços nos santuários de pico mudou o caráter desses lugares".

Traduzido em termos arqueo-antropológicos é o ponto de partida de uma visão geopoética.

Do ponto de vista filosófico, a relação entre lugares e história foi abordada por Paul Ricoeur (1998) em seu *Das Rätsel der Vergangenheit. Erinnern-Vergessen-Verzeihen*. Ricoeur explora o *reenactment* do passado através do texto, entendido aqui como as estruturas monumentais que separam os espaços sagrados dos profanos, os lugares dos mortos das áreas dos vivos. Revisitar tais espaços produz recordações, estrutura memórias e, frequentemente, indica o caminho do perdão.

Esta concepção ricoeuriana foi vivenciada geopoeticamente pelo autor em 2003, quando, a convite do Dr. Andreas Tvauri, professor do Instituto de Arqueologia da Universidade de Tartu, na Estônia, ministramos aulas sobre arte rupestre. Após o seminário, visitamos um cemitério situado em um bosque próximo à fronteira russa, às margens do lago Peipsi. A área do cemitério praticamente coincidia com o bosque, onde árvores seculares apresentavam entalhes em forma de cruz, ora profundos e cicatrizados, ora frescos e abertos. Cada visitante, ao deixar o cemitério, fazia uma cruz na casca de uma árvore, traçando um limite intransponível para as almas dos mortos. Marcar o território, nesse contexto, não é apenas um gesto de testemunho e memória, mas também de esquecimento (Foto 1 e 2).



Foto 1: na entrada de cemitério rural na proximidade do lago Peipsi, Estónia**.** Fonte: novembro de 2003; arquivo fotográfico HERAC – AUTOR.



Foto 2: os troncos das árvores têm sinais de crucifixos. Fonte: novembro de 2003; arquivo fotográfico HERAC – AUTOR.

Fenomenologia da Paisagem Arqueológica

Do ponto de vista geográfico, cada paisagem é um cenário cultural: "Il paesaggio viene concettualizzato solo se pensato in termini di 'luogo' e di visibilità dell'identità culturale"[29] (Bonesio, 2000:14).

Por conseguinte, é imprescindível, antes de interpretá-la, captar sua dimensão simbólica, sobretudo porque não existe paisagem sem observador. Surge, então, uma pergunta: como seria a protopaisagem percebida pelo homem pré-histórico?

Bonesio, citando Berque (1995:39), busca formular uma resposta ao escrever que a protopaisagem é definida pela relação visual que ocorre necessariamente entre os seres humanos e o seu ambiente. Para o período pré-histórico, a Arqueologia da Paisagem ilustra, de maneira satisfatória, a longa duração das interações entre o homem e o ambiente, em que a relação com a natureza não é paisagística, mas mágica ou mítica, e sempre imediata (Cambi; Terrenato, 1994, p. 285). Isso ocorre porque, nos primeiros estágios da cultura humana, não existia uma paisagem propriamente dita, mas sim uma dimensão geo-simbólica e mitológica para os homens primitivos.

Na prática, as relações humanas desenvolvem-se em rizomas ambientais e, posteriormente, em rizomas sociais, dentro da perspectiva de um panorama praxiológico (*scape of praxis*, Ingold, 2000). Portanto, qualquer investigação arqueológica deve basear-se na possibilidade de verificar, por meio dos elementos da paisagem, a evolução do pensamento praxiológico humano: reconstruir os gestos, os caminhos e os pontos de vista de uma época (desde que a paisagem não tenha sofrido modificações ambientais substanciais).

O projeto de pesquisa de Hamilton e Whitehouse (2006:31) no sítio neolítico de Gargano (Puglia, no sul da Itália) exemplifica essa abordagem ao aplicar o processo de "escavação fenomenológica" para revelar o *genius loci* (tensor geopoético) ou a "fisionomia da paisagem" (geopoética), demonstrando teorias e métodos subjetivos:

"Phenomenological approaches in archaeology have cast light on aspects of past human experience not addressed by traditional archaeological methods. So far, however, they have neither developed explicit methodologies nor a discussion of methodological practice and have laid themselves open to accusations of being 'subjective' and 'unscientific'. [...] Our aims are both to develop explicit methods for this type of fieldwork and to combine phenomenology with other more traditional approaches, such as those concerned with technological, economic and environmental aspects of landscape and sites. Our work also differs from other phenomenological approaches that focus on exceptional, special experiences in ritual contexts. We consider how our particular approach might be used to further understanding of past lives[30]."

29 Trad.: "A paisagem só é conceituada se pensada em termos de 'lugar' e visibilidade da identidade cultural".

30 Trad.: "As abordagens fenomenológicas em arqueologia lançaram luz sobre aspectos da experiência humana passada não abordados pelos métodos arqueológicos tradicionais. Até agora, porém, não desenvolveram metodologias explícitas nem uma discussão da prática metodológica e expuseram-se a acusações de serem "subjetivos" e "não científicos". [...] nossos objetivos são desenvolver métodos explícitos para este tipo de trabalho de campo e combinar a fenomenologia com outras abordagens mais tradicionais, como aquelas preocupadas com aspectos tecnológicos, econômicos e ambientais da paisagem e dos sítios. Nosso trabalho também difere de outras abordagens fenomenológicas que focam em experiências excepcionais e especiais em contextos rituais. Consideramos como a nossa abordagem específica pode ser usada para uma maior compreensão de vidas passadas".

Nesse sentido, a experiência sensorial pode servir como um *guia* geopoética para a compreensão dos lugares e dos monumentos (Norberg-Schulz, 1984).

Geopoética: a relação entre pesquisa arqueológica, projeto arquitetônico e paisagem (*poiesis*) - uma definição

Tanto a poesia quanto a poética derivam do verbo grego *ποιῶ*, cujo significado original remete ao que o artesão faz (cria) com suas mãos, como o oleiro ao moldar um vaso de cerâmica. Nesse contexto, este verbo, que rapidamente transitou da habilidade técnica para a realização artística, distingue-se principalmente de *πρᾶττειν*, que verbaliza qualquer tipo de ação, seja ela o amor ou a guerra. Isso significa que *ποιῶ* e seus derivados (poema, poesia, poeta, poética) não têm propriamente um valor "prático". Trata-se de uma função construtiva, estreitamente relacionada ao que habitualmente chamamos de "cultura" e, consequentemente, "civilização" (Maronitis, 2008).

Definição da Geopoética:

Se define como geopoética a intensidade da percepção relacional entre o ser humano e o ambiente — seja ele natural (biótico e abiótico) ou artificial (*urbis*= a história + a sedimentação = história da sedimentação das ações da geo-humanidade). Em essência, a geopoética é entendida como *εκφαντική ποιήσις* da Gaia (Dimitriadis, Ponciano, 2024)

Análise da definição

As paisagens constituem *locais intertextuais* (Terkenli, 2001:198), nos quais emergem variados tipos de unidades espaciais. As composições visuais e espaciais manifestam-se em diversas formas e escalas, moldando o caráter do ambiente percebido. Elementos como topografia, relevo, vegetação, água, estruturas arquitetônicas e artefatos formam a essência visual da paisagem. Essas paisagens estão em constante transformação ao longo do tempo, o que exige considerações cuidadosas para avaliar sua integridade.

O termo "textual" é particularmente relevante aqui, pois enfatiza a legibilidade da paisagem, expressa por meio de suas qualidades visuais e representacionais. A estrutura visual das paisagens é analisada pela medição de variáveis significativas, como luz, profundidade e distância, com o objetivo de identificar os valores ideais para alcançar a imagem desejada.

No processo de cognição da paisagem, os elementos culturais e naturais não podem ser percebidos de forma separada. A importância visual da paisagem reside em sua composição, no impacto das cores e formas sobre a visibilidade e atratividade visual (Higuchi, 1983:65).

Interpretação Geopoética dos Sítios Arqueológicos e suas Paisagens

Os sítios arqueológicos não são apenas locais de escavação, mas também espaços de profunda interpretação cultural. A maneira como esses locais são percebidos e utilizados pelas comunidades contemporâneas reflete suas histórias e tradições culturais. A arqueologia antropológica oferece entendimentos (=*insights*) sobre como diferentes culturas perceberam e valorizaram as paisagens ao longo do tempo. Por exemplo, em várias tradições indígenas, a terra é vista como um ente vivo, merecedor de respeito e cuidado. Esse entendimento se traduz em práticas que promovem a

sustentabilidade e a preservação ambiental, uma perspectiva que se torna cada vez mais relevante diante das mudanças climáticas e da degradação ambiental.

A compreensão estética das paisagens também se relaciona com práticas de sustentabilidade. Comunidades que valorizam sua relação com a terra tendem a adotar práticas que respeitam e preservam o meio ambiente. A arqueologia antropológica revela como as tradições culturais podem ser fontes de conhecimento ambiental, promovendo práticas que garantem a conservação dos recursos naturais.

No contexto da análise das paisagens históricas, a percepção pode ser dividida em três grandes categorias:

1. Aspectos visuais: formas de recursos culturais e naturais, além do ambiente físico.
2. Aspectos cognitivos: qualidades intangíveis, como história, religião, associações mitológicas ou ideológicas, bem como informações transmitidas.
3. Aspectos funcionais: usos passados e contemporâneos desses espaços.

Ao analisar a percepção visual e simbólica dos sítios históricos e suas paisagens, além das imagens visuais e físicas, as imagens simbólicas — tanto as do passado quanto as do presente — e seus valores reforçam os significados e moldam a percepção das paisagens conforme três fatores derivados do conceito de imagem:

- Identidade: características que distinguem uma paisagem ou local dos demais.
- Estrutura: o modo como as partes estão conectadas, organizadas ou dispostas, formando um arranjo específico.
- Significado: a ideia ou conceito representado, que varia de usuário para usuário, de acordo com as qualidades e valores buscados.

Em 2006, visitei novamente Micenas, que fica próxima à minha cidade natal. A minha atenção não se concentrou nem na estrutura da antiga cidadela nem na localização dos antigos túmulos, mas sim no ambiente e na paisagem. Durante minha lenta aproximação à área da Acrópole, me perguntei por que aquele local foi escolhido. Qual seria a "qualidade" emergente dos afloramentos rochosos onde foi construída a Acrópole de Micenas e como ela se relaciona com a paisagem envolvente? Lembro-me então que a Acrópole de Tirinto foi construída num afloramento semelhante.

Minha curiosidade pela simbologia dos afloramentos rochosos foi aprofundada pela leitura do texto de Bradley (2000), no qual ele menciona que "[...] os afloramentos rochosos que caracterizam os santuários no pico podem ter sido vistos como construções artificiais: obra dos ancestrais ou dos deuses".

No nosso caso, tanto a fortaleza de Micenas quanto a Acrópole de Tirinto foram construídas pelos ciclopes, uma entidade mítica com poderes sobrenaturais. Na verdade, as paredes de pedra seca ainda hoje são chamadas de "*paredes ciclópicas*". (Foto 3).



Foto 3. Muralha ciclópica da acrópole de Micene, Argólida, Grécia. Fonte: arquivo fotográfico autor.

Olhei para o horizonte e para as terras agrícolas ao redor, tentando perceber a emoção daquele lugar. Sabia pela minha experiência no estudo da arte rupestre que alguns afloramentos naturais podem se tornar significativos, pois funcionam como "atratores" para os humanos ao longo do tempo. A ideia de que a mentalidade pré-histórica segue modelos de uma lógica não aristotélica já está consolidada (ver Mithen, 1998; Clottes, Lewis-Williams:1998; Dimitriadis 2004, 2005), e as características naturais estimulam uma apropriação cultural disso (Tilley 1991; Bradley 2000; Dimitriadis 2007). Como Tuan (1974) afirma: "[...] O poder dos símbolos em lugares depende da profundidade das emoções humanas experimentadas nos campos do cuidado".

Como menciona Pausânias em sua *Ελλάδος Περιήγησις* (160-176 a.C.): "uma árvore de carvalho particular foi escolhida observando o comportamento das aves..." Essa observação da natureza, transformada em símbolo, é um exemplo de como elementos naturais têm um papel central na formação do espírito de um lugar.

Percebo, portanto, que algumas categorias cognitivas elementares, como claro/escuro, seco/úmido, próximo/longe, oculto/aparente, participaram da minha percepção emocional do sítio arqueológico e na construção da beleza da cidadela micênica. No mesmo tempo, René Thom (1990) em sua *Apologie du Logos*, explica que toda existência é simplesmente a expressão de um conflito entre os elementos decadentes e um princípio abstrato de permanência que garante a estabilidade dos *Λόγοι* (Logoi). Em outras palavras, ele descreve a realidade como uma condição de catástrofe permanente entre *saliência* (definição das formas) e *gestação/significância* (definição da qualidade das formas: o espírito do lugar).

A reflexão sobre a *reciclagem do existente* define um amplo campo de investigação, explorando como as transformações contemporâneas na cidade e na paisagem, incluindo o patrimônio histórico, podem ser guiadas pela compreensão dos vestígios arqueológicos. Um vestígio arqueológico, enquanto emergência, condiciona a morfologia urbana da cidade contemporânea e, portanto, estabelece, pelo contrário, uma fratura, que só pode ser recomposta e traduzida em um projeto no quadro de um programa cognitivo envolvendo diferentes olhares.

Conclusão

A geopoética das paisagens nos oferece uma lente única para explorar a interseção entre o ambiente, a cultura e a memória. Ao considerar as paisagens como narrativas em constante evolução, somos convidados a refletir sobre nossas próprias experiências e identidades em relação ao espaço que habitamos. Através da pesquisa arqueo-antropológica, aprendemos a valorizar as histórias que

as paisagens carregam e a importância de preservá-las. A compreensão de que cada lugar é um testemunho das interações humanas e das adaptações ao longo do tempo nos lembra da fragilidade e da riqueza das relações que estabelecemos com o mundo ao nosso redor.

Por meio da geopoética, podemos cultivar uma sensibilidade estética que nos permite apreciar a beleza e a complexidade das paisagens, ao mesmo tempo em que reconhecemos a necessidade de cuidar e proteger esses espaços para as futuras gerações. Assim, a geopoética e a arqueoantropologia se entrelaçam, oferecendo uma abordagem rica e multifacetada para a compreensão das paisagens que moldam nossas vidas.

A geopoética das paisagens são mais do que simples cenários; são entidades vivas, repletas de história, significado e memória e nos convida a refletir sobre nossa relação com o mundo, incentivando uma apreciação profunda da beleza e complexidade das paisagens que habitamos.

A geopoética não se resume à estética de vivenciar o m/Mundo ou a uma apreciação superficial das paisagens, mas à compreensão da presença/permanência integral e integrada dos seres humanos no m/Mundo.

A geopoética nos permite desvendar o conceito de coabitação com o mundo, permitindo a compenetração entre um e outro. A geopoética entende-se como sentinela do *Genius Loci*, operando em termos de Análise-Síntese (AS); ou seja, a geopoética é o ritmo, a pulsação (sopro vital) que justifica, ou seja, ATMA — a Alma do Mundo, segundo Schopenhauer.

A geopoética é a chave de leitura para a compreensão do posicionamento humano no espaço-tempo, ou seja, a bússola que nos auxilia no norteamento existencial de nossa presença no m/Mundo e no desabrochar da poética enquanto deslumbramento de estar no mundo, conjugando Ciências e Artes, Teoria e Praxes.

Assim, agir geopoeticamente entende-se como o ato de captar os elementos constituintes daquilo que nos rodeia, atribuindo significação à matéria e aos elementos, libertando as forças (re)generativas da Vida no m/Mundo e em nós.

Referências bibliográficas

BERQUE, A. **Les raison du payssage**: de la Chine antique aux environnements de synthèse. Paris: Hazan, 1995.

BONESIO, L. (ed.). **Orizzonti di geofilosofia**: Terra e luoghi nell'epoca della mondializzazione. Casalecchio: Arianna Editrice, 2000. p. 15.

BRADLEY, R. **An archaeology of natural places**. London: Routledge, 2000. p. 35, 68, 104.

BRAUDEL, F. **La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II**. Paris: Armand Collin, 1949.

CAMBI, F., TERRENATO, N. **Introduzione all'archeologia dei paesaggi**. Roma: Carocci, 1994. p. 285.

CHILDE, V. G. Changing methods and aims in prehistory: presidential address for 1935. **Proceedings of the Prehistoric Society**, v.1, p. 1-15, 1935.

CLARKE, D. **Analytical archaeology**. London: Methuen & Co. Ltd., 1968.

CLOTTES, J.; LEWIS-WILLIAMS, D. **The shamans of prehistory**: trance and magic in the painted caves. New York: Harry N. Abrams, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Qu'est-ce que la philosophie?** Paris: Editions de Minuit, 1991.

DERRIDA, J. **De L'hospitalité**. Paris: Calmann-Lévy, 1997.

DIMITRIADIS, G. Rock art geological distribution in Val Camonica Valley-Italy: a preliminary study. CHATZIPETROS, A.A.; PAVLIDES, S.A. (ed.), *In*: **Proceedings International Symposium on Eastern Mediterranean Geology-ISEMG, 5**, Thessaloniki, Greece: Aristotle University; University of Macedonia, p. 743-746, 2004.

DIMITRIADIS, G. Rock art, binary logic and archaeoastronomy. *In*: Zedda, M.P.; Belmonte, J.A.

(ed.). **Lights and shadows in cultural astronomy**: proceedings of the SEAC 2005. Isili, Sardegna: Associazione Archeofila Sarda (AAS); Instituto de Astrofisica de Canárias, 2007.

DIMITRIADIS, G. Bronze Age cosmology and rock art images: solar ships, deer and charts. **Mediterranean Archaeology and Archaeometry**, v. 6, n.3, p. 143-148, 2006.

DIMITRIADIS, G. Valcamonica sandstone and culture landscape (Italy) Härtel, H., Cilek, V., Herben, T.; Jackson, A., Williams, R. (ed.) Sandstone landscapes. Praga: Academia, 2007. p. 380-384.

DIMITRIADIS, G.; PONCIANO, L. C. M. O. Geopoética e geoparques: uma relação de geoética. *In*: SIMPÓSIO LATINOAMERICANO DE GEOÉTICA, 1, 2024, Lima, Peru, **Proceedings**... Lima, Peru: International Association for Promoting Geoethics, 2024. (forthcoming).

EINSTEIN, A. Die Grundlagen der allgemeinen Relativitätstheorie. **Ann. Phys.** 4th ser., v. 49, p. 769-822, 1916.

EVANS, J.G. An introduction to environmental archaeology. Ithaca: Cornwell University Press, 1978.

FEDELE, F. Sediments as paleo-land segments: the excavation side of study. In: DAVIDSON, D.A., SHACKLEY, M.L. (ed.). **Geoarchaeology**. Liverpool: Ducworth, 1976. p. 23-48.

HAMILTON, S.; WHITHOUSE, R. Phenomenology in practice: towards a methodology for a "subjetive" approach. **European Journal of Archaeology**, v. 9, n. 1, p. 31-71, 2006.

HIGUCHI, T. **The visual and spatial structure of landscapes**. Boston: MIT Press, 1983.

INGOLD, T. Technology, language, intelligence: a reconsideration of basic concepts. In : GIBSON, K.R., INGOLD, T. (ed**.). Tools, language and cognition in human evolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

INGOLD, T. **The perception of the environment**. London: Routledge., 2000.

KLAGES, L. (a cura di Colla U.). **Do eros cosmogônico**, Milano, Multhipla p.144.1979. [original: Vom kosmogonischen Eros. München: Georg Muller Verlag, 1922].

LÉVY, P. **L'intelligence collective**: pour une anthropologie du cyberspace. Paris: Éditions La Découverte, 1994. p. 129.

MACH, E. **Space and geometry in Light of physiological, psychological and physical inquiry**. Chicago: The Open Court Publishing Company, 1906.

MAGRIS, C. **Danubio**. Milano, Italia: Garzanti, 1986.

MARONITIS, D. *BHMA*, Οκτωμβριος. Αθηνα, 2008.

MITHEN, S. **The prehistory of the mind**. London: Phoenix, 1998.

NAESS, A. The Third World, wilderness, and deep ecology. *In*: SESSIONS, G. (ed.). **Deep Ecology for the twenty-first Century**. Boston: Shambhala, 1995.

NASH, R.F. **Wilderness and the american mind**. New Haven: Yale University Press, 1982.

NORBNERG-SCHULZ, Ch. **Genius Loci: towards a Phenomenology of Architecture**. New York: Rizzoli, p.18. 1984

ORTEGA Y GASSET, J. Confesiones de "El Espectador": verdad y perspectiva (1916). In: **El Espectador I: Obras Completas de José Ortega y Gasset**. Madrid: Revista de Occidente, 1946.

POINCARÉ H. La mesure du temps. **Revue de Métaphysique et de Morale**

T. 6, No. 1, pp. 1-13. (Janvier 1898), Published By: Presses Universitaires de France.

RAFFESTIN, C. L´immagine della frontiera. **Volontà: Laboratorio de Richerchi Anarchiche**, Milano, n.4 (Geografia senza Confini), p. 45, 1992.

RENFREW, C. **Before civilization**: the radiocarbon revolution and prehistoric Europe. Cambridge: Cambridge University Press, 1976. p. 1-5

RICOEUR, P. **Das Rätsel der Vergangenheit**: Erinnern-Vergessen-Verzeihen, Göttingen: Wallstein Verlag, 1998.

SKOLIMOWSKI, H. **Eco-philosophy**: designing new tactics for living. Salem, New Hampshire: Marion Boyars Publ. Salem, 1981.

SNYDER, G. **The practice of the wild**. San Francisco: North Point Press, 1990.

TERKENLI, T. S. Towards a theory of the landscape: The Aegean landscape as a cultural image. **Landscape and Urban Planning 57**, 197-208, 2001.

THOM, R. **Apologie du logos**. Paris: Hachette, 1990.

THOREAU, H.D. **Walden or life in the woods**. Boston: Ticknor and Fields, 1854.

TILLEY, C. Constructing a ritual landscape. *In*: JENNBERT, K., LARSSON, L., PETRÉ, R.; WYSZOMISKA-WERBART, B. (ed.). **Regions and Reflections**: in honour of Märta Strömberg. Stockholm: Almquist and Wiksell, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Topophilia**: a study in environmental perception, attitudes and values. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1974.

TURRI, E. **Il paesaggio e il silenzio**. Venezia: Marsilio Editori, 2004. p. 168.

UEXKÜL, J. von. **Umwelt und Innenwelt der Tiere**. Berlin: Verlag von Julius Springer, 1909.

ZANINI, P. **Significati del confine**. Milano: Bruno Mondatori, 1997.

Fontes Complementares

Παυσανιας, Ελλαδος Περιηγησις, Μεσσηνιακα – Ηλιακα (2009), Εκδοτικη Αθηνων: Αθηνα.

Fontes Iconográficas

Arquivo Fotográfico Hellenic Rock Art Center-HERAC, Fílipi, Grécia.

Arquivo Fotográfico do Autor.

Ecoturismo & Conservação

Geopoética e escolas de samba no ensino das Ciências da Natureza: a origem da vida na Cultura Afro-brasileira e Indígena

Roberto de Souza Pereira Junior
Mestrando em Ecoturismo e Conservação (PPGEC / UNIRIO). E-mail: roberto.soupe@gmail.com

Dra. Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano (UNIRIO)
Docente do Programa de Pós-graduação em Ecoturismo e Conservação PPGEC / UNIRIO, Instituto de Biociências, Departamento de Ciências Naturais, Laboratório de Geociências e Geopoética (LabGeo(ciên)poética). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. luiza.ponciano@unirio.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo abordar as escolas de samba por meio da Geopoética, ou seja, como uma forma de se relacionar com a Terra de maneira sensível e afetiva. Os diversos saberes divulgados por meio dos desfiles são analisados, com destaque para os científicos, sociais, históricos e culturais, principalmente dos povos afro-brasileiros e indígenas. A fim de compartilhar esses saberes nas salas de aula, associamos uma análise geopoética de desfiles das escolas de samba com Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, que instituiu o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Foram analisados quatro desfiles (1978, 1998, 2006 e 2022) do Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis sobre a origem da vida (destacando a cosmopercepção dos povos Iorubás (Nagô) e Caruanas), numa proposta de enriquecimento do currículo escolar por meio da diversidade cultural. A influência da colonização no ensino de Ciências da Natureza também é discutida, propondo uma ruptura, tendo em vista que os desfiles das escolas de samba tem origem na Cultura Afro-Brasileira. Por fim, foi desenvolvida uma atividade educativa, baseada nos desfiles e nas propostas prévias elaboradas e realizadas pela equipe do GeoTales UNIRIO. Palavras-Chaves: Geopoética, Ciências da Natureza, Escola de Samba, Cultura Afro-brasileira e indígena.

Abstract

This paper aims to examine samba schools through the lens of geopoetics, that is, as a way of relating to the Earth in a sensitive and affective manner. The various forms of knowledge disseminated through the parades are analyzed, with an emphasis on scientific, social, historical, and cultural knowledge, particularly that of Afro-Brazilian and indigenous peoples. In order to share this knowledge in the classroom, we associate a geopoetic analysis of samba school parades with Law No. 11,645, of March 10, 2008, which established the teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture. Four parades (1978, 1998, 2006, and 2022) by the Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis on the origin of life (highlighting the cosmoperception of the Yoruba (Nago) and Caruanas peoples) were analyzed in a proposal to enrich the school curriculum through cultural diversity. The influence of colonization on the teaching of Natural Sciences is also discussed, proposing a break with tradition, given that samba school parades have their origins in Afro-Brazilian culture. Finally, an educational activity was developed, based on the parades and previous proposals prepared and carried out by the GeoTales UNIRIO team.

Keywords: Geopoetics, Natural Sciences, Samba School, Afro-Brazilian and Indigenous Culture.

Introdução

A maneira usual de apresentar as Ciências da Natureza, de forma "neutra" e sem vínculos afetivos com os discentes, acaba por afastar os mesmos dessa área, ao se depararem com uma espécie de 'muro' construído por uma maneira acadêmica e colonial de se transmitir "o conhecimento" da "Ciência" no ensino formal, sem trocas nem interações com quem está participando do ensino e aprendizagem sobre as suas percepções das Ciências.

Quando chegamos na escola, muitas vezes somos despidos das nossas próprias histórias, memórias e experiências, sendo forçadamente sobrepostos por "conhecimentos científicos", que são apresentados de modo hierarquicamente superior e sem o estabelecimento de um vínculo por meio das nossas sensibilidades.

A fim de buscar caminhos diferentes para realizar e apresentar as pesquisas acadêmicas nessa área, de forma integrada com um ensino e atividades de extensão que realmente sejam eficazes na disseminação de diversos conhecimentos, escolhemos analisar como a Geopoética pode ser uma ponte para cruzar estes muros que costumam separar as Ciências das Artes.

As escolas de samba trazem à tona assuntos que são abordados na sala de aula de formas mais amplas ao correlacionar com várias áreas, e a Geopoética pode ser um caminho para destacar a relevância desta forma diferenciada de ensino por meio de apresentações artísticas, apontada previamente nos trabalhos de Ponciano (2018), Ponciano et al. (2024) e Araújo (2021), pois por meio dela pode ser construída uma educação que adote uma postura crítica, ética e criativa de ser e estar no mundo.

Para analisar como as escolas de samba podem contribuir para a estruturação de novas formas de ensino, o presente trabalho passa a ser apresentado na voz do primeiro autor daqui em diante, por ele trazer para esta análise tanto as suas vivências pessoais, "no chão" da escola de samba selecionada, quanto com a sua formação acadêmica no ensino das Ciências da Natureza, esta parte sendo uma experiência compartilhada com a segunda autora.

Por isso, as Bionarrativas Sociais (BioNas), fundamentadas pelos pesquisadores da Caravana da Diversidade (KATO, 2021) em aspectos sociais e da biodiversidade, também foram selecionadas para esta construção. As BioNas são descritas como a interação entre sujeitos e suas singularidades, com a disponibilidade para escuta de vozes que desejam narrar suas próprias histórias (KATO, 2021).

Destaco os aspectos baseados em Nilópolis, cidade da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, onde nasci e fui criado. Sendo a quadra do Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis (Figura 1), o local principal que concentra a percepção das associações com a biodiversidade local, pois por meio dela consigo narrar minhas singularidades, conforme a proposta de Kato (2021).



Figura 1: Entrada da quadra da Beija-Flor. Fonte: Beija-Flor arrecada mantimentos para famílias de Nilópolis que foram vítimas de chuva

Reflexões sobre Educação e Geopoética associadas às escolas de samba

Segundo Kato et al. (2021), pela "necessidade de considerar aspectos da diversidade cultural na elaboração dos currículos e práticas pedagógicas", estes autores enfatizam a importância de "não dissociar os processos educativos das práticas socioculturais que envolvem os sujeitos".

Este trabalho também destaca a ocorrência de uma lógica da diversidade que dá lugar a uma perspectiva de uniformização e homogeneização na política curricular brasileira, com um discurso da diversidade que serve à manutenção de uma "cultura normal". O contexto sociocultural do qual faz parte a comunidade escolar revela não somente aspectos identitários, mas também contradições materiais de existência que perpassam elementos das culturas vinculadas aos diferentes territórios. Por conseguinte, também marcam uma história de intensas assimetrias socioeconômicas, construídas sob a óptica do colonialismo de poder, que precisam ser consideradas no cotidiano escolar (QUIJANO, 2009).

Considero muito importante o acompanhamento dos desfiles das escolas de samba para a minha educação, pois eu conseguia por meio deles aprender sobre a geografia do Brasil, com enredos sobre Norte, Nordeste e também outras regiões do Brasil. Aprendi sobre a história brasileira e até mesmo do mundo, e acima de tudo aprendi a valorizar a cultura popular.

A cultura popular pode relacionar a Educação, com a Geopoética, a relação sensível do ser humano com a Terra (WHITE, 1989), e a memória Biocultural, que é definida por Toledo e Barrera-Bassols (2015, p. 39) como um "[...] complexo biológico-cultural originado historicamente e que é produto de milhares de anos de interação entre as culturas e os ambientes naturais". Assim, podemos constatar que a manifestação cultural é uma maneira do ser humano adquirir memórias, ou seja, aprendizados.

Krenak (2019, p.14), no trecho "Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. [...] vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos" nos aponta a necessidade de criar novos métodos e maneiras de lidar com o modo de vida atual, não de maneira utópica que nega a queda, mas sim reais que encontram mecanismos em elementos já existentes. Sendo importante observar e estudar vivências, espaços em que a Geopoética pode ocupar, mesmo que não seja inicialmente conceituado como tal. Buscando assim, trazer de histórias como a minha, mais correlações com a Geopoética.

Ponciano et al. (2024) destacam que a Geopoética é uma visão de mundo muito "de base" para as Culturas Afro-brasileira e indígena, pois elas vivenciam cotidianamente relações mais sensíveis e íntimas com a Natureza (inclusive sem a usual separação entre os humanos e os demais elementos). Desse modo, as Culturas Afro-brasileira e indígena podem ampliar e aprofundar as referências teóricas da Geopoética, e desse modo criar em coletivo projetos mais efetivos de Conservação da Natureza.

A percepção do que é natural, ou não, pode modificar a relação do indivíduo com o espaço e o entendimento do conceito de Ciências da Natureza. Eu não considerava a cidade em que moro como um espaço natural, por ser muito urbanizado, a minha percepção do que é natural veio mudar com o contato com a matéria "Conservação do Patrimônio Geológico" da docente que aqui também é autora, na minha graduação, que mudou a minha ótica ao questionar os motivos de se colocar o ser humano e suas criações como algo não natural? Sendo que somos sim parte da natureza, mesmo que muitos pensamentos tenham tendência a nos colocar como algo à parte. Além disso, ela foi a responsável por me fazer refletir sobre o contato com outras culturas como a Afro-brasileira e indígena por meio das

reflexões sobre a Geopoética.

A cultura diversificada de um país ajuda no aprofundamento do que pode ser Geopoética, vários países apresentam centro de trabalho, como Bélgica, Alemanha, Suíça, Itália, Sérvia, Quebec no Canadá, Nova Caledônia, França e Escócia, tendo em vista que:

> "Tais centros são vistos como ilhas, dando corpo a um grande arquipélago Geopoético. Cada país busca desenvolver e aplicar, ao seu modo, práticas que se aprofundem na temática Geopoética, apostando em sua força e potencial frente às problemáticas do Antropoceno." (ARAUJO, 2021, p. 4)

Levando em conta que cada país apresenta uma cultura diferente, a Geopoética pode se dar de diferentes modos, assim permitindo identificar a mesma em diferentes manifestações. Encontrando-a até mesmo onde não se espera, a Geopoética se mostra como uma área importante a ser estudada pela forma em que se enxerga o mundo, pois "o projeto Geopoético constitui, na história do pensamento, uma nova ferramenta ou instrumento para compreender e expressar nossa relação com o mundo" (POULET, 2014, n.p. tradução Araujo, 2021).

Então entender a Geopoética se apoia no entendimento cultural de qual maneira aquele povo se entende e se expressa, pois a cultura manifesta a forma que ser humano lidar com a natureza, inclusive com si mesmo, pois o ser humano em si é a natureza. POULET (2022) aponta a correlação dessas áreas:

> "Em Humboldt, o conhecimento está ligado ao ser, o ser está ligado ao meio ambiente e, através de uma preocupação estética, sente-se que a mente pode projetar-se para longe - onde se desenvolve uma cosmovisão rica e habitável, um cosmos: 'um conjunto de relações', escreve ele, 'que é mais fácil de aprender, quando se está no local, do que de definir com precisão'. (POULET, 2022)

Entre tantas culturas, irei destacar neste trabalho a que está no meu convívio, a das escolas de samba, que são patrimônio cultural do nosso país. 'As escolas de samba surgiram no final da década de 1920, inventadas e organizadas pelos grupos mais pobres da cidade do Rio de Janeiro, que saíram de seus subúrbios, bairros e favelas para conquistar a grande festa da capital do país e se tornar, ao final da Segunda Guerra Mundial, o símbolo mais original e conhecido da representação nacional brasileira' FERNANDES (2012).

Essas instituições se caracterizam por trazerem diversos temas para a Sapucaí (Figura 2), como os que abordam os estados brasileiros, cultura afro-brasileira, história mundial e científica, que foram trazidas respectivamente em "Aquarela Brasileira" - Império Serrano, 2004/1964; "Áfricas: Do Berço Real À Corte Brasiliana" - Beija-Flor, 2007; "Catarina de Médicis na corte dos tupinambôs e tabajeres" - Imperatriz, 1994 e "Poços de Caldas derrama sobre a Terra suas águas milagrosas: do caos inicial à explosão da vida, a nave mãe…" - Beija-Flor, 2006.

Essas temáticas acabam criando uma relação com as comunidades das escolas, por meio de sambas, fantasias e alegorias que ilustram por meio de imagens, palavras, movimentos e sons, o que aquele tema quer abordar, proporcionando momentos inesquecíveis para aqueles que se permitem envolver, não necessariamente presencialmente e em temporalidade.

Essa relação é semelhante à proposta na Geopoética, que torna sensível a relação com determinados assuntos, no caso com o planeta Terra em si. Com isso levanto a hipótese desse trabalho: 'é possível associar a Geopoética e as escolas de samba no ensino das Ciências da Natureza?'



Figura 2: Visão aérea do Sambódromo, onde ocorrem os desfiles. Fonte: Cezar Loureiro/ Riotur.

As escolas de samba ajudam a trazer o pensamento afro-brasileiro e indígena, refletindo a importância dessas culturas e seus saberes, reconhecendo suas histórias. Apresentar o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena coloca em prática o que é previsto pela Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, instituindo que "nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena." (Brasil, 2008)

Essa lei abarca todas as disciplinas escolares, inclusive a de Ciências, e 'Infelizmente, a diversidade étnico-racial ainda não é considerada uma questão central na formação de professores/as dessa área, tanto inicial quanto continuada '(VERRANGIA, 2009).

Verrangia (2010) aponta a importância das interações entre ensino de Ciências e cidadania, o autor destaca que 'formação do cidadão/ã é um processo em que também se aprende a repudiar todas as formas de injustiça, inclusive aquelas relativas à discriminação racial'. Apontando a Lei 9394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que no Art. 22 reafirma que:

> "[...] A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores." (BRASIL, 1996, grifo nosso)

Consideramos também que as PCN's propõem que os estudantes devem se cidadãos capazes de:

> "[...] conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. "(Brasil, Secretaria de Educação Fundamental, 2008).

A Lei nº 14.567, de 4 de maio de 2023, também deve ser citada, pois ela "reconhece as escolas de samba como manifestação da cultura nacional". Essa Lei se torna fundamental devido às escolas de samba serem consideradas muitas vezes como um movimento marginalizado. Essa lei ajuda no reconhecimento dessas instituições como entidades culturais, que precisam e devem ser respeitadas, podendo estar presente nas escolas, universidades e outros espaços de saberes.

Além de ser previsto em lei, aprender sobre a cultura afro-brasileira e indígena por meio da narrativa das escolas de samba é uma forma de proporcionar uma cosmopercepção, oposta à visão

colonial, para a realidade das salas de aula, tendo em vista que em seus enredos são apresentadas diversas formas de habitar a Terra, mostrando diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto, sem inferiorizar ou hierarquizar, se tornando um espaço democrático para os diversos saberes.

A Beija-Flor, por exemplo, em 1978 trouxe a criação do mundo na tradição do povo Nagô, e em 1998, esse enredo foi segundo os povos Caruanas e em 2006 o mesmo tema foi abordado pela teoria do Big Bang. Nas agremiações cada saber e cultura tem sua importância e espaço de destaque. Em sua monografia, Leme (2017) destaca a importância da diversidade de novos saberes para uma produção intelectual e cultural, apresentando exemplos de atividades criadas pelo GeoTales UNIRIO baseadas em narrativas orais dos povos indígenas junto com conceitos das Geociências para trabalhar o Patrimônio Natural e Cultural de forma integrada em setores educativos de museus.

Ao trazer diferentes visões e percepções sobre a origem do mundo, de povos que geralmente não costumam a serem mencionados, ocorrendo o apagamento, trazemos a valorização de diversas culturas, como a africana e indígena, além de proporcionar o sentimento de pertencimento, pois são visões que eram dos nossos ancestrais, mas que foram desacreditadas e inferiorizadas.

E trazer essas narrativas orais indígenas e afro-brasileiras para o ensino de Ciências da Natureza, como aponta Delduque (2022), são maneiras de resistir, pois a "visão colonizadora sobre nós e o nosso lugar, não nos representa". Além de despertar interesse no assunto, trazendo uma discussão que pode gerar diversas atividades, a fim de conectar os estudantes com o tema e suas origens, como nesta outra monografia que também foi baseada nas atividades do GeoTales UNIRIO, desta vez realizadas de modo virtual pelas redes sociais do projeto de extensão.

Trazer outras Cosmopercepções não significa fazer um ataque a outros tipos de visão, como aponta SANTOS (2023) "Não precisamos destruir os colonialistas. Deixemos que vivam, desde que vivam com o sol deles e não venham roubar o nosso sol ou o nosso vento." É sobre trazer essas Cosmopercepções para as discussões dentro das escolas e universidades, já que muitas das vezes, elas ainda são apagadas ou ditas como inferiores, para que a diversidade dos povos que nos originaram sejam respeitados. Dantas (2022) aponta que:

> "Uma hierarquia proporcionada justamente, segundo Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí (2020), pela restrição ao campo visual: "A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao 'ver'. O olhar é um convite para diferenciar." (OYĚWÙMÍ, 2021, p. 29). Por isso, a "cosmopercepção" (worldsense), para a autora, adequa-se aos povos que não se restringem à visão e sim compreendem uma conexão sensorial para perceber o mundo e organizá-lo. Então, o ato de criar uma linguagem para afirmar um "eu" (KILOMBA, 2017) e de organizar o mundo na combinação dos sentidos (OYĚWÙMÍ, 2021) será nosso guia para construir um diálogo filosófico entre África e Brasil."

Em seu texto, que aborda a filosofia advinda da Diáspora presente nos Terreiros, Dantas (2022), reflete sobre a presença do corpo preto em alguns territórios, destacando como funciona a forma de habitar:

> "o intuito de criar histórias, a dinâmica do corpo negro nas Américas e, principalmente, no Brasil, acontece em territórios que tendem a resgatar a ancestralidade africana em novas terras. Entre tais territórios, destaca-se o terreiro, pois nele circula a experiência daqueles que ali habitam, seja no campo visível, seja no invisível. Aliás, para Muniz Sodré (2019, p. 54) o terreiro "[...] é uma África 'qualitativa' que se faz presente, condensada, reterritorializada." Tal África "qualitativa", no contexto brasileiro, compõe um Trans/Form/Ação, lugar de resistência e de humanidade, o qual reserva

> o significado de memória coletiva da cultura africana: "[...] um patrimônio simbólico consubstanciado no saber vinculado ao culto aos muitos deuses, à institucionalização das festas, das dramatizações dançadas e das formas musicais." (SODRÉ, 2019, p. 53).

Assim sendo, as escolas de samba também podem ser consideradas extensões dos terreiros. Para entender essa relação, é necessário entender um pouco da história do povo preto e das próprias escolas. E um dos principais nomes para entender esse vínculo é Tia Ciata. Pai Rodney (2017) nos conta que Hilária Batista de Almeida nasceu em Santo Amaro da Purificação e, embora seja lembrada como a grande mãe do samba, foi uma eminente mãe de santo. Filha de Oxum, iniciada ainda na Bahia, foi Iyá Kekerê do terreiro de João Alabá.

Tia Ciata, a mais famosa entre as ialorixás que aportaram no Rio de Janeiro e deram origem ao samba como gênero musical. No quintal de sua casa, em festas que reuniam gente do samba, da capoeira e do candomblé, abrigou grandes nomes da música. Tornou-se a maior referência no surgimento do ritmo que identifica o Brasil no mundo. Na casa de Tia Ciata foi composto "Pelo Telefone", o primeiro samba gravado na história, em 1916. A área onde Tia Ciata residia, na Praça Onze, era chamada de Pequena África, pois abrigava negros e negras nascidos no Nordeste e em outras regiões em busca de emprego e melhores condições de sobrevivência. Vale ressaltar que o primeiro desfile foi organizado oficialmente e reconhecido pela prefeitura municipal, na Praça Onze, em 1935 (Fernandes, 2012), lar de Tia Ciata.

Portanto, muitas da filosofias de terreiro apontadas por Dantas (2022), são refletidas nas escolas, mesmo que muitas das vezes sejam afastadas das práticas de Terreiro como aponta, Claudia Alexandre (2021) em sua participação no podcast Papo Preto:

> "O sistema colonial tentou fazer uma separação violenta entre as práticas religiosas e as práticas festivas dos negros a partir de meios de controle, leis do período colonial. Tentou separar capoeira, batuque, macumba, samba, mas não conseguiu" (PAPO PRETO, ep. 30, 2021, a partir de 33:25)

Portanto é muito importante exaltar esses elos, entre terreiros e escolas de samba, demonstrando toda a força que esses dois espaços têm de produzir saberes, culturas, manifestações artísticas e festas, referenciando o intelecto preto e suas produções.

A ideia de utilizar o enredo de 2022 da Beija-Flor como inspiração inicial e finalização da atividade proposta ao final, veio do vídeo "Mesa Principal - Produção de uma Filosofia Africana em solo brasileiro: Primeiros Passos - SOFiA XVII", que mostra como a escola abordou os conhecimentos pretos, destacando que muitas das vezes apagam e inviabilizam esses pensamentos, devido à colonização, que nos impôs adotar o pensamento europeu. Utilizar os próprios desfiles como uma referência, como o da Beija-Flor de 2022, mostra que o que desejamos fazer aqui nesta proposta é ouvir os ensinamentos pretos e indígenas. Em sua fala, Katiúscia Ribeiro, a partir de 01:24h do vídeo, diz:

> "As filosofias africanas, no Brasil, elas estão dentro dos terreiros, elas estão dentro do quilombo, elas estão dentro das escolas de samba, das rodas de rima, dentro das rodas de rap, do funk, porque o corpo quando está em movimento ele expressa a relação de pertencimento das comunidades, então para estudar filosofia africana, nós vamos precisar sair da academia para os territórios africanos no Brasil, que são os territórios que vão estar os povos que construíram uma herança. E um exemplo do carnaval, em 2022, a Beija-Flor de Nilópolis homenageou a mim e a diversos povos pretos, trazendo o enredo 'Empretecer o pensamento é ouvir a voz da Beija-Flor'" (YOUTUBE, 2023, Transcrição do autor)

Ela fala da importância de reconhecer os locais que esses povos estão presentes, verificando a presença dessa filosofia nesses espaços de herança africana, que representa os saberes africanos. É citada a maneira que a escola abordou o enredo durante todo o passar do ano, fazendo rodas com as crianças da comunidade para apresentar as ideias, e aponta que as escolas de samba têm esse nome por de fato passar os ensinamentos pretos.

Com o intuito de compartilhar esses saberes nas salas de aula, por meio de uma análise da Geopoética nos desfiles das escolas de samba, sendo respaldado pela Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, foram realizadas análises dos desfiles de 1978 e 1998 do Grêmio Recreativo Escola de Samba Beija-Flor de Nilópolis que contaram sobre a origem da vida na Cosmopercepção dos povos Iorubás (Nagô) e Caruanas, numa proposta de enriquecimento do currículo escolar, por meio da diversidade cultural e fortalecimento da cidadania dos alunos.

A influência da colonização no ensino de Ciências da Natureza também é discutida, propondo uma ruptura, tendo em vista que os desfiles das escolas de samba tem origem na Cultura Afro-Brasileira e Africana, e são majoritariamente pretos (a comunidade).

A origem da vida para o povo Nagô

No carnaval de 1978 a Beija-Flor de Nilópolis, com um enredo sobre a origem do mundo, trouxe a Cosmopercepção do povo Nagô em seu desfile (Figura 3), contando sobre a formação do planeta Terra segundo o povo Iorubá. O enredo em síntese é definido no trecho abaixo:

> "Conforme o enredo da Beija-Flor, o senhor do infinito Olorum ordenara a Obatalá que criasse o mundo. Os continentes foram formados por cinco galinhas d'Angola (Yaôs), o mar nasceu dos caracóis (Olokum e Iemanjá), o fogo veio de um camaleão (Xangô, Ogum e Iansã) e o céu surgiu por intermédio de pombas brancas (Oxum)." (Jorge Júnior, 2020)



Figura 3: Desfile da Beija Flor em 1978. Fonte: https://cn1brasil.com.br/e-o-primeiro-tricampeonato-da-beija-flor-de-nilopolis-veio-com-a-criacao-do-mundo-na-tradicao-nago/

O povo Nagô acredita que os animais estavam presentes para dar origem aos elementos existentes na Terra. Eles acreditam que após um duelo de amor, surgiu a vida, uma forma de entender que após o caos, surgiu o mundo, remontando que aquele povo acredita que vida se originou desse caos primitivo. Nos versos do samba é citado a participação dos animais:

"Cinco galinhas d'Angola e fez a terra

Pombos brancos criou o ar
Um camaleão dourado
Transformou em fogo
E caracóis do mar"
(Beija-Flor, 1978)

Verificamos nesse trecho que o povo Iorubá atrelou a cada animal a criação de um elemento, o que pode nos trazer em sua Cosmopercepção uma forma de habitar o mundo, com o pensamento de respeito, afinal se o animal foi responsável por criar, ele acaba se tornando sagrado, e assim preservado e respeitado. Na Figura 4 é observado algumas representações de animais na alegoria ao fundo, que parecem antílopes e búfalos, provavelmente o antílope-negro (*Hippocampus niger*) - símbolo da Nigéria - e o búfalo-cafre (*Syncerus caffer*) - um dos cinco grandes da África do Sul. Que estão bem presentes nas artes Africanas.



Figura 4: Desfile da Escola de Samba "Beija-Flor de Nilópolis", com o enredo "A CRIAÇÃO DO MUNDO NA TRADIÇÃO NAGÔ", do carnavalesco Joãosinho Trinta. Fonte: Luiz Pinto, Rio de Janeiro, Brasil.

A origem da vida para os Caruanas

Em 1998, a Beija-Flor trouxe o enredo "Pará o mundo místico dos caruanas, nas águas do patuanu" baseado no livro "O mundo místico dos Caruanas e a revolta de sua ave" lançado em 1993, escrito pela Pajé Zeneida Lima, oriunda da Ilha de Marajó, localizada no Estado do Pará, no norte do Brasil, onde abordou diversos assuntos do universo da pajelança cabocla (Vieira, 2020), como na comissão de frente (Figura 5). Nesse desfile a escola aborda o mundo por meio da cosmopercepção do povo Caruana, guiado pela liderança Zeneida, a qual recebe seu devido destaque de protagonista no último carro do desfile.



Figura 5: Comissão de frente representando os povos Caruanas. Fonte: http://www.apoteose.com/siteantigo/fotos_98/beija-flor2.htm

Entre as várias narrativas e histórias do povo da ilha de Marajó, a primeira abordada é a da origem do mundo, onde é utilizada uma narrativa desse povo para contar como seria os primórdios do mundo, sendo correlacionada aqui com uma abordagem Geopoética.

O desfile aborda a gênese do planeta. Nos seus primórdios, os Caruanas acreditam que o planeta era composto apenas por água, sendo habitado apenas por seres espirituais, entre eles Auí e o Girador. O Girador foi o ser criador, que deu origem às setes cidades, que foram terras emersas nessa grande porção de água. Já Auí teve a missão de governar o povoamento dessas terras, tendo uma única proibição, não poder observar o que existia nas profundezas do Girador. Mas por curiosidade ele verificou o que lá existia e acabou sendo tragado, junto ao próprio Girador e os seres viventes que lá habitavam, fazendo com que o mundo virasse do avesso, surgindo tudo que existe atualmente. Os seres espirituais e tudo que habitava a Terra antes de Auí olhar para as profundezas, tornou-se sete cidades encantadas. Resumido no trecho do samba-enredo:

"Contam que no início do mundo
Somente água existia aqui
Assim surgiu o girador, ser criador
Das sete cidades governadas por Auí
Em sua curiosidade, aliada à coragem
Com seu povo ao fundo foi tragado"
(BEIJA-FLOR, 1998)

A origem da vida para as Ciências da Natureza

O último desfile a ser analisado é o de 2006 da Beija-Flor de Nilópolis, no qual defendia o enredo 'Poços de Caldas: Derrama sobre a terra suas águas milagrosas - Do caos inicial à explosão da vida'. A escola a princípio iria homenagear a cidade de Poços de Caldas, famosa por suas águas termais, porém essas águas levaram os carnavalescos da agremiação para outras reflexões e caminhos. Podemos dizer que intuitivamente os pensadores do desfile fizeram uma análise Geopoética da água durante a trajetória da humanidade, trazendo as relações que os seres humanos estabeleceram com a água, desde os aspectos culturais até a importância para a própria sobrevivência.

Verificamos então a agremiação tentando manter uma relação de equilíbrio entre o ser humano e o planeta, denunciando e transmitindo sua mensagem em forma de arte. Ou seja, seguindo vários conceitos que pensadores da Geopoética definiram, pois a escola traz uma mensagem buscando que essa forma de habitar seja a mais harmoniosa, retomando as relações sensíveis que o ser humano teve com a Terra no passado, como na alegoria da (Figura 6).



Figura 6: Alegoria que representava a relação do ser humano com água em períodos passados, no desfile de 2006 da Beija-Flor de Nilópolis. Fonte: Espaço Aberto - Beija Flor 2006 - Poço de Caldas - Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro

A Escola reflete então sobre a importância da água para a vida, da sua origem até a existência atual. E para iniciar essa história, a escola decide ir além e buscar não somente a origem da vida, mas também a origem do universo. Em sua sinopse a escola demonstra como será a setorização (organização) de seu desfile. Os setores são nomeados da seguinte forma: Setor 1 - A Grande Explosão no Caos Inicial e a Estrela de Fogo; Setor 2 - A Terra Primitiva e a Água - O Gênesis da Vida; Setor 3 - As Antigas Civilizações se banharam nas Águas da Vida; Setor 4 - Reino de Netuno - Lendas, Mitos e Mistérios; Setor 5 - Atlântida - A Força das Águas e o Poder da Mente; Setor 6 - Brasil - O fantástico Reino de todas as Águas; Setor 7 - Poços de Caldas - A Cidade das Águas - A Nova Atlântida; Setor 8 - O retorno de Atlantes - O equilíbrio do Planeta e o Futuro da Humanidade.

Observamos então que a escola irá falar sobre o Big Bang (Figura 7), a origem da vida e a importância e influência das águas nas vivências humanas, colocando por fim uma narrativa como uma representação do equilíbrio do planeta, ou seja, uma maneira Geopoética de representação.



Figura 7: Abre-alas Da Beija Flor representando a teoria do Big Bang, no ano de 2006. Fonte: Espaço Aberto - Meu Top 10 dos melhores abre alas da Beija Flor - Galeria do Samba - As escolas de samba do Rio de Janeiro

6. Atividade proposta

Por fim, é desenvolvida uma atividade, baseada nas propostas elaboradas e realizadas pelo GeoTales, grupo de extensão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro que estuda a Geopoética, coordenado pela Prof. Dr. Luiza Ponciano.

A aplicação da atividade apresenta um saber coletivo baseado no compartilhamento de Cosmopercepções e Filosofias Africanas e Indígenas que trazem uma diversidade sociocultural para os alunos, com intuito do respeito a culturas diferentes, além de demonstrar uma forma sensível dos povos Indígenas e Afro-brasileiros de habitar a Terra.

Na atividade, os participantes formam três grupos, separados aleatoriamente. Cada grupo ficará com um samba dos desfiles analisados anteriormente. Cada grupo será convidado a fazer uma audição ativa das gravações, prestando atenção e analisando a letra e melodia do samba. Após essa audição, eles poderão conversar internamente em seus respectivos grupos, para saberem o que cada samba despertou em cada pessoa, trazendo trocas e discussões sobre suas percepções, formando uma produção coletiva para apresentar para os integrantes dos outros grupos.

Essa apresentação pode ser no formato de um poema, dança, desenho, ou até mesmo uma narração que conte o que aquele samba transmitiu para o grupo. Caso algum integrante do grupo se sinta tocado para fazer uma produção individual, também poderá realizá-la.

Além dos sambas de cada grupo, antes da apresentação para todos, serão entregues imagens embaralhadas dos desfiles de cada samba, no qual os grupos deverão selecionar as que identificam como os do seu samba. Após essa seleção, o grupo deverá explicar os motivos das escolhas, sendo incentivados a descrever os signos e linguagem visualizadas que fizeram chegar a tais conclusões.

Após as apresentações, seleções de imagens e conclusões, os grupos são mediados para interagirem entre si, levantando suas opiniões e alguns questionamentos, verificando se os grupos conseguem identificar alguma semelhança entre os temas dos sambas, ou até mesmo diferenças, sempre com uma orientação para essas conversas não serem pautadas na hierarquização.

Ao final de toda interação dos grupos, será tocado o samba da Beija-Flor de 2022, que fala sobre empretecer o pensamento. Como apontamos anteriormente, o desfile propõe ouvir as vozes pretas e todos os seus saberes, sendo proposta uma reflexão sobre a mensagem do samba e quais são as correlações que se tem com os três sambas anteriores. Caso os alunos não percebam, o educador poderá fazer algumas observações que foram abordadas na análise deste trabalho. O educador agora pode despertar os sentimentos e atenção dos participantes, e os aspectos científicos, que estão no conteúdo programático exigido na base comum curricular, podem ser abordados, e comentados.

Considerações finais

O trabalho destaca alguns dos diversos conteúdos que uma escola de samba pode oferecer para contribuir com novas abordagens no ensino e divulgação das Ciências da Natureza, respeitando a diversidade sociocultural, além de tornar temas que podem ser vistos como densos e complicados em um formato mais acessível, ao falar dos conhecimentos pela abordagem Geopoética e por meio de Bionarrativas.

A Geopoética coloca como destaque nas análises a afetividade do ser humano com a Terra, pois preservar e cuidar do ambiente é cuidar de si, parte da Terra. A apresentação das nossas relações com elementos da Biodiversidade por meio das Bionarrativas traz um vínculo e interesse maior com o conteúdo abordado, conseguindo retratar as subjetividades dos sujeitos, que acabam sendo silenciadas, nos moldes atuais da educação, afastando os discentes do conteúdo das Ciências da Natureza.

Referências bibliográficas

ARAUJO, Danieli Barbosa De. Inexploradas entranhas: a geopoética enquanto um caminhar e (re)descobrir a terra. Anais do XIV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/77984 Acesso 13 de setembro de 2024

BEIJA-FLOR, "A criação do mundo na tradição Nagô", 1978. Disponível em: https://www.beija-flor.com.br/1978-1. Acesso 13 de setembro de 2024

BEIJA-FLOR, 'O mundo mistíco dos Caruanas na águas do Patu-Anu', 1998. Disponível em: https://www.beija-flor.com.br/1998. Acesso 13 de setembro de 2024

BOUVET, R. Como habitar o mundo de maneira Geopoética? Brasil/Canadá: Interfaces, 2012.

BRASIL, 'LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008'. Diário Oficial da União, 2008.

BRASIL. 'Parâmetros curriculares nacionais: Ciências Naturais. 1998. Secretaria de Educação Fundamental', MEC/SEF, Brasília. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf Acesso 13 de setembro de 2024

DANTAS, Luís Thiago Freire. 'Filosofias em diáspora: epistemologias de terreiro e transformações do eu.' Trans/Form/Ação, Marília, v. 45, p. 169-184, 2022, Edição Especial. Disponível em: https://www.scielo.br/j/trans/a/dQMrjdjMGRg4CbjGSJNtCcP/?format=pdf&lang=pt. Acesso 13 de setembro de 2024.

De Ecoa, 'Papo Preto #30: A conexão entre escolas de samba e terreiros' São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/05/08/papo-preto-30-a-conexao-entre-escolas-de-samba-e-terreiros.htm?cmpid=copiaecola. Acesso 13 de setembro de 2024

DELDUQUE, 'Versões de um Rio: Histórias geológica, sociais e culturais da cidade do Rio de Janeiro', Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Graduação em Ciências Da Natureza, 2022.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. 'Escolas de samba, identidade nacional e o direito à cidade.' Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de novembro de 2012.

JORGE JÚNIOR, S. 'E o Primeiro Tricampeonato da Beija Flor de Nilópolis veio com "A Criação do Mundo na Tradição Nagô', Redação CN1 Brasil, 2020. Disponível em: https://cn1brasil.com.br/e-o-primeiro-tricampeonato-da-beija-flor-de-nilopolis-veio-com-a-criacao-do-mundo-na-tradicao-nago/. Acesso em: 21 de novembro de 2023.

KATO, D. S. 'CARAVANA DA DIVERSIDADE: FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS DO CAMPO A PARTIR DE NARRATIVAS DIGITAIS.' Actas Electrónicas Del XI Congreso Internacional en Investigación Endidáctica de las Ciencias, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357775731. Acesso: 29 de Novembro de 2023 KRENAK, Ailton.. 'Ideias para adiar o fim do mundo'. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEME, G. F. P. 'GEOTALES: DIVULGAÇÃO DAS GEOCIÊNCIAS NO SETOR EDUCATIVO DO MUSEU DE CIÊNCIAS DA TERRA', Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

MEYER, 'O simbolismo dos animais iorubás (9 principais significados)', NATIONALLIST, 2023. Disponível em: https://nationallist.blog/o-simbolismo-dos-animais-iorubas-9-principais-significados. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

Pai Ronald de Oxossi, 'Do terreiro à avenida, o tempo e o templo dos orixás', Carta Capital, 2017. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/do-terreiro-a-avenida-o-tempo-e-o-templo-dos-orixas/ Acesso: 13 de setembro de 2024.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Geotales: narrando as histórias petrificadas pela Terra. Revista Sentidos da Cultura, Belém, 2018.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira; CARDOSO, Ilana Ribeiro; SANTOS, Lidiane

Barbosa. 2024. Geopoética e Base Comunitária: no encontro de nossas nascentes, as nossas bases na Terra. In: Turismo em quilombos [livro eletrônico): do fortalecimento da memória à luta antirracista / organização Maria Amália Silva Alves de Oliveira, Rodrigo Machado Vilani. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2024. p.82-107. Disponível em: https://www.unirio.br/ccbs/ecoturismo/publicacoes-ppgec/livro-turismo-em-quilombos

POULET, Régis. 'A Geopoética ou como abrir um mundo' Disponível em: https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/281-a-geopoetica-ou-como-abrir-um-mundo. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

POULET, Régis. 'Breve introducción a la Geopoética,' 2014. Disponível em: https://www.institut-geopoetique.org/es/articulos/214-breve-introduccion-a-la-geopoetica. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

REIS, Renata; MAIA, Cristina Oliveira; SILVA, Fábio. 'BIONARRATIVAS SOCIAIS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: um estudo sobre as percepções e vivências ambientais de estudantes de uma escola pública na cidade de Ouro Preto', 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/375637679_BIONARRATIVAS_SOCIAIS_E_A_EDUCACAO_AMBIENTAL_um_estudo_sobre_as_percepcoes_e_vivencias_ambientais_de_estudantes_de_uma_escola_publica_na_cidade_de_Ouro_Preto Acesso em: 13 de setembro de 2024.

SANTOS, B. A. 'A terra dá, a terra quer', Ubu editora, 2023.

SODRÉ, M. 'O Terreiro e a Cidade: a forma social negro-brasileira.' Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. 'A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais.' 1a ed. Rio de Janeiro, RJ, 2015.

VERRANGIA, A. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de ciências. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brazi, 2010

VERRANGIA, A. A educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências: diálogos possíveis entre Brasil e Estados Unidos. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brazi, 2009

VIEIRA, V. 'A criação do mundo aconteceu no Pará'. Desenredando, Medium, 2020. Disponível em: https://medium.com/desenredando/a-cria%C3%A7%C3%A3o-do-mundo-aconteceu-no-par%C3%A1-646d2645ef76. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

WHITE, Kenneth. Textos fundadores (O grande campo da Geopoética). 1989. Instituto Internacional de Geopoética. Disponível em: https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica. Acesso em: 23 out. 2020.

YOUTUBE, 'Mesa Principal- Produção de uma Filosofia Africana em solo brasileiro: Primeiros Passos - SOFiA XVI, 2023.' Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=puPM2dEItZs. Acesso em: 13 de setembro de 2024.

Ecoturismo & Conservação

Patrimônio Geológico Urbano e Geopoética: Memória da Terra, do imaginário ao concreto

Urban Geological Heritage and Geopoetics: Memory of the Earth, from the imaginary to the concrete.

Renan Gomes-Paiva da Silva
Departamento de Geologia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Grupo de Pesquisa Geodiversidade e Memória da Terra, Rio de Janeiro, Brasil. renan.gps8@gmail.com

Resumo

O conceito de patrimônio evoluiu ao longo do tempo, assumindo diferentes narrativas conforme a classificação e a apropriação dos bens materiais e imateriais. O patrimônio cultural é analisado através das lentes da história, arte e antropologia, enquanto o patrimônio natural foca na conservação ambiental e biodiversidade. O patrimônio geológico, emergente desde a década de 1990, é compreendido a partir das geociências e da geoconservação, enfatizando a importância dos elementos geológicos na memória da Terra. Essa memória é dinâmica e multifacetada, refletindo as relações entre patrimônio e identidade social. Com o reconhecimento do patrimônio geológico urbano, observa-se um movimento que valoriza elementos geológicos nas cidades, revelando narrativas que conectam cultura e história. A geopoética, enquanto campo de pensamento de natureza holística, enriquece essa discussão ao proporcionar a percepção de uma relação mais profunda entre os elementos naturais e a vivência humana, destacando a importância de integrar o patrimônio geológico na perspectiva urbana. Com o objetivo de estabelecer um entrelace conceitual entre patrimônio e geopoética, utiliza-se como estudo de caso os municípios do Rio de Janeiro e Niterói, exemplificando a interseção entre geologia e cultura. Nessas cidades, as paisagens transcendem o caráter meramente geológico, assumindo também significados simbólicos que influenciam profundamente a identidade local. Assim, a valorização do patrimônio geológico urbano, mediada pela geopoética, propõe uma nova compreensão das interações entre humanos e ambientes, fortalecendo a memória coletiva e a identidade urbana, essencial para um desenvolvimento sustentável e consciente.

Palavras-Chave: Memória da Terra, Identidade e memória coletiva, Patrimônio Geológico Urbano, Geopoética.

Abstract

The concept of heritage has evolved over time, taking on different narratives according to the classification and appropriation of tangible and intangible goods. Cultural heritage is analyzed through the lenses of history, art, and anthropology, while natural heritage focuses on environmental conservation and biodiversity. Geological heritage, emerging since the 1990s, is understood from the perspective of geosciences and geoconservation, emphasizing the importance of geological elements in the memory of the Earth. This memory is dynamic and multifaceted, reflecting the relationships between heritage and social identity. With the recognition of urban geological heritage, a movement is

observed that values geological elements in cities, revealing narratives that connect culture and history. Geopoetics, as a field of holistic thought, enriches this discussion by providing the perception of a deeper relationship between natural elements and human experience, highlighting the importance of integrating geological heritage into the urban perspective. With the aim of establishing a conceptual interweaving between heritage and geopoetics, the municipalities of Rio de Janeiro and Niterói are used as a case study, exemplifying the intersection between geology and culture. In these cities, the landscapes transcend a merely geological framework, also taking on symbolic meanings that deeply influence local identity. Thus, the valuation of urban geological heritage, mediated by geopoetics, proposes a new understanding of the interactions between humans and environments, strengthening collective memory and urban identity, which is essential for conscious and sustainable development.

Keywords: Memory of the Earth, Identity and Collective memory, Urban Geological Heritage, Geopoetics

Introdução

Ao longo do tempo o termo patrimônio assume diversas conceituações e é apropriado por diversas categorias de pensamento. A tipologia de patrimônio pela qual os bens de natureza material e imaterial são percebidos, depende da narrativa que lhe é atribuída e de quem os classifica. Ao assumir a tipologia cultural, tem-se a narrativa a partir da visão da história, antropologia e história da arte. Na tipologia natural, revela-se a narrativa da conservação de ambientes naturais e classificação da biodiversidade. A atribuição do adjetivo "geológico" ao patrimônio ganha destaque a partir da década de 1990, consolidando-se como uma narrativa fundamentada nas geociências, com ênfase particular na perspectiva geoconservacionista da natureza. Ao assumir essa última narrativa, adiciona-se uma nova categoria de pensamento patrimonial, consagrando a apropriação do valor geológico aos bens (Silva *et al.*, 2020).

O patrimônio, em suas diversas formas — material e imaterial — serve como um suporte para a memória, enquanto a memória, por sua vez, dá significado e contexto a esse patrimônio. No processo de construção do patrimônio, Choay (2001) afirma que o conceito de patrimônio é um conceito "nômade", onde, em sua origem, a palavra é apropriada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas e ao longo do tempo é requalificada e adjetivada (histórico, artístico, arqueológico, cultural, ambiental, geológico), possibilitando diferentes caminhos e atribuições para o termo patrimônio.

Sintetizando a ideia de proteção patrimonial, a categorização e classificação do bem é o passo inicial do processo de institucionalização do patrimônio. Entretanto, não somente o patrimônio institucionalizado tem atribuição de valor, essa atribuição de valor é feita a partir do repertório cultural de cada grupo social, assumindo assim, um papel identitário e de preservação da memória de quem o detém.

Desde o século XVIII, o patrimônio é pensado e ressignificado e no ato de institucionalização e assume um discurso de perda e resgate da memória coletiva, para legitimar sua categorização, classificação e ação de proteção (Marsh, 1864; Gonçalves, 1996; Choay, 2001; Silva *et al.*, 2020). Não obstante, o patrimônio geológico também revela o discurso de perda, onde a geodiversidade se extingue devido à ação antrópica, como exploração de recursos geológicos, desenvolvimento de obras e estruturas, gestão de bacias hidrográficas, florestação, deflorestação e agricultura, atividades militares, colheita de amostras geológicas para fins não científicos e ausência de alfabetização cultural e geocientífica (Brilha, 2005).

Desde o início da década de 1990, o conceito de patrimônio foi definido por diversos autores (Cendero-Uceda, 1996; Brilha, 2005, 2016; Ponciano *et al.*, 2011; García-Cortés e Carcavilla-Urquí, 2013). Para Kunzler *et al.* (2022), "um conceito amplo e atual de patrimônio geológico pode ser esboçado como o conjunto de elementos da geodiversidade (sítios geológicos, rochas, minerais, fósseis, paisagens, processos geológicos) que se quer garantir a preservação e a transmissão para as

gerações do futuro, ora por serem os melhores representantes da memória da Terra e das Geociências, ora por representarem de forma única as dinâmicas socioculturais e históricas de uma determinada população".

O conceito de patrimônio geológico urbano tem ganhado destaque nas discussões contemporâneas sobre a relação entre a natureza e o espaço urbano (Palacio-Prieto, 2014 Habibi *et al*., 2018; Kong *et al.,* 2020). A intersecção entre geologia e o meio urbano revela um universo rico em significados, onde as camadas da Terra se entrelaçam com a história das cidades e o imaginário coletivo. O patrimônio geológico urbano, frequentemente esquecido no frenesi das metrópoles, carrega não apenas vestígios de processos naturais, mas também narrativas que moldaram a identidade de comunidades e suas paisagens. Neste contexto, a geopoética emerge como um campo de pensamento teórico-prático poderoso para compreender esses legados, transformando rochas e solos em protagonistas de histórias que vão além da materialidade.

Nesse sentido, com o presente artigo, busca-se trazer reflexões sobre o reconhecimento do patrimônio geológico e suas diversas apropriações e percepções em áreas urbanas, levando em consideração a geopoética como uma das narrativas de valoração, além de contribuir para as discussões sobre patrimônio geológico e geonconservação.

Patrimônio Geológico, a Memória da Terra

Ao apresentarem um panorama de construção da geodiversidade como patrimônio, Silva *et al.* (2020) afirmam que a "natureza abiótica possui valores que vão desde o espectro material ao imaterial". Em 1991, foi publicado o primeiro documento a nível mundial dedicado à proteção dos bens de origem geológica, a Declaração Internacional de Direito à Memória da Terra. Este documento foi elaborado e apresentado após o 1º Simpósio Internacional sobre a Proteção do Patrimônio Geológico, que reuniu centenas de especialistas em Digne-les-Baines, na França.

Na declaração, especialistas do mundo inteiro afirmam que após anos de esforços em proteger o patrimônio cultural e natural, sobretudo a vertente biológica, é chegada a hora de proteger o passado da Terra. No documento, traduzido pelo IPHAN (1992), destaca-se os artigos 2, 4, 6 e 7, onde estão manifestados que:

> *"2 - A Terra, nossa Mãe, é base e suporte de nossas vidas. Somos todos ligados à Terra. A Terra é o elo de união entre todos nós.*
>
> 4 - *Nossa história e a história da Terra estão intimamente entrelaçadas. As origens de uma são as origens de outra. A história da Terra é nossa história, o futuro da Terra será nosso futuro.*
>
> 6 – *Da mesma forma como uma velha árvore registra em seu tronco a memória de seu crescimento e de sua vida, assim também a Terra guarda a memória do seu passado... Uma memória gravada em níveis profundos ou superficiais. Nas rochas, nos fósseis e nas paisagens, a Terra preserva uma memória passível de ser lida e decifrada.*
>
> *7 – Atualmente, o Homem sabe proteger sua memória: seu patrimônio cultural. O ser humano sempre se preocupou com a preservação da memória, do patrimônio cultural. Apenas agora começou a proteger seu patrimônio natural, o ambiente imediato. É chegado o tempo de aprender a proteger o passado da Terra e, por meio dessa proteção, aprender a conhecê-lo. Essa memória antecede a memória humana. É um novo patrimônio: o patrimônio geológico, um livro escrito muito antes de nosso aparecimento sobre o Planeta."* (IPHAN, 1992, pg. única).

Dessa maneira, é expressamente clara a necessidade de proteção do patrimônio geológico,

entendo que ele faz parte do ambiente imediato onde as diferentes sociedades estão inseridas. A partir daí os esforços em conceituar, classificar e inventariar esse tipo de patrimônio se torna algo latente a nível mundial.

O patrimônio geológico ou geopatrimônio, termos encontrados em literatura[31], tem seus esforços de conceituação inicialmente concentrados em identificar o bem geodiverso de natureza material a partir da atribuição de valor científico, onde, suas representações (rochas, fósseis, minerais, processos) "permitem conhecer, estudar e interpretar a origem e evolução da terra e da vida, processos que o modelaram e climas e paisagens passadas e presentes" (García-Cortés e Carcavilla-Urquí, 2013, pg. 7).

Essa atribuição de valor científico, é majoritariamente pautada em avaliações quantitativas, no discurso de diminuição da subjetividade (Silva, *et al.*, 2020). Diversos autores realizaram metodologias de avaliação quantitativa, tanto para patrimônio geológico *in situ* (encontrado em seu lugar de origem) (Garcia-Cortés, 1996; Brilha, 2005, 2016; García-Cortés e Carcavilla-Urquí, 2013, 2018; Reynard & Brilha, 2018), como no *ex situ* (encontrado fora do seu lugar de origem) (ASGMI, 2018; Silva, 2020; Silva *et al.*, 2023).

Entretanto, ao longo do processo de conceituação, o patrimônio geológico assume outras atribuições de valor, como, educativos, turísticos, estéticos, econômicos, culturais, favorecendo uma visão holística do geopatrimônio. A atribuição desses valores, é fortalecida por propostas de avaliação qualitativa e integrada do patrimônio geológico *in situ* e *ex situ* (Pena dos Reis e Henriques, 2009; Pombo, 2010; Henriques *et al.*, 2013; Henriques e Pena dos Reis, 2019; Schemm-Gregory & Henriques, 2013 e Haag & Henriques, 2016; Kunzler e Machado, 2019; Moura-Fé *et al.*, 2022).

A consolidação do patrimônio geológico como uma categoria de pensamento patrimonial é atribuída ao reconhecimento do valor geológico presente em diversos aspectos do cotidiano humano, bem como à apropriação desse patrimônio pela população (Silva *et al.*, 2020).

Nesse sentido, Chagas e Chagas, em 2004, publicam um ensaio sobre a geodiversidade presente no ambiente imediato e a memória cultural que ela representa para as sociedades, afirmando que:

> *"As pedras também são baús, ou arcas que guardam memórias. A memória do mundo, de algum modo, está presente nas pedras. Não estamos falando aqui da memória da natureza, mas da memória cultural do mundo; não estamos considerando as pedras como entes naturais, mas como entes do universo cultural. Na relação com as pedras não encontramos apenas pinturas, escrituras, esculturas e templos, encontramos também faíscas do imaginário e da memória social. Pensemos no Pão de Açúcar, no Corcovado, na Pedra da Gávea, na Pedra Branca, no Morro da Urca, no Pico do Papagaio, no Pico da Tijuca e no Morro dos Dois Irmãos, por exemplo. Todas essas são pedras que nos acompanham e que alcançaram, ao longo do tempo, um lugar proeminente na geografia de nossas memórias, nas nossas paisagens subjetivas. Sem elas, nós*

31 Os termos "patrimônio geológicos" e "geopatrimônio", são encontrados em literatura com diferentes proporções, com maior disseminação do termo patrimônio geológico (Mansur, 2018). Apesar dos termos em português apresentarem nuances conceituais que os diferenciem, os termos em inglês nos quais derivam, geological heritage (patrimônio geológico) e geoheritage (geopatrimônio), são utilizados no mesmo sentido (Brilha, 2016; Mansur, 2018). Entende-se que inicialmente os termos se diferenciavam pela abordagem e aplicação dos mesmos, "patrimônio geológico" se restringia ao bem geodiverso com atribuição de valor científico (García-Cortés, 1996; Brilha, 2005, 2016;), enquanto "geopatrimônio" apresentaria uma abordagem mais ampla, considerando atribuição de outros valores, como, cultural, turístico, econômico, entre outros (Borba, 2011; Borba e Sell, 2018; Guimarães et al., 2022). Em contraponto, Kunzler et al. (2022), ao proporem uma reflexão sobre a memória da Terra, questionam se as diferentes conceituações, definições e subdivisões do bem geodiverso de valor único, não levariam a uma verticalização do conhecimento e das políticas públicas de promoção e proteção do patrimônio. Dessa forma, no presente artigo, os termos "patrimônio geológico" e "geopatrimônio" são utilizados de forma sinônima.

> *não seríamos os mesmos. Elas também nos formam, informam e conformam, e até nos confortam com suas presenças culturais. Nesse sentido, podemos falar numa educação pela pedra. As pedras, essas companheiras de viagem, podem ser boas educadoras.*" (Chagas e Chagas, 2004, pg. única)

Os autores, dessa forma, apontam a natureza imaterial desse patrimônio tão duro e concreto, formado no tempo profundo da Terra, que está consagrado nas suas representações materiais. Permitindo uma conexão mais íntima do patrimônio geológico e cultura das sociedades ao longo da existência humana.

Patrimônio Geológico Urbano, o valor geológico nas cidades

O patrimônio geológico é principalmente classificado e inventariado em zonas rurais ou remotas, com a justificativa a respeito de suas características geológicas e geomorfológicas alegadamente mais preservadas e atrativas (Palacio-Prieto, 2014). Todavia, o autor aponta que locais valiosos de interesse geológico também podem ser encontrados em áreas urbanas.

Atualmente, é percebida uma produção progressiva e descentralizada do que é conhecido e conceituado como patrimônio geológico, ao qual diversos valores são atribuídos para seu reconhecimento, além de utilizar áreas urbanas como palco para essa tipologia de patrimônio (Figura 1). Alguns autores se dedicam a dar visibilidade ao patrimônio geológico em território urbano e o nomeiam como patrimônio geológico ou geopatrimônio urbano (Morra et al., 2010; Bandarin & Van Oers, 2012; Palacio-Prieto, 2014; Reynard et al., 2017; Tičar et al., 2017; AbdelMaksoud et al., 2018; Habibi et al., 2018; Kong et al., 2020; Wolniewicz, 2022).

O geopatrimônio urbano, segundo Kong et al. (2020), promove a percepção da natureza única na ocupação territorial de uma cidade e sua autenticidade geológica, identidade e integridade, além de contribuir para o melhor conhecimento geológico e conscientização sobre riscos geológicos e possibilidade de uso de geomateriais em construções, estradas e outras estruturas.

Dessa forma, o destaque do patrimônio geológico em áreas urbanas pode revelar-se, em diversas camadas de apropriação de valores e narrativas que o identificam. É perceptível que as grandes cidades possuem uma grande concentração de patrimônio geológico, revelados como suporte para a ocupação territorial ou como fonte para o desenvolvimento cultural e urbanístico.

Ainda na perspectiva de identificar o patrimônio geológico nas cidades, Kong et al. (2020) afirma que esse patrimônio é frequentemente apropriado seguindo diferentes "filosofias" ou "modos", que estão relacionados às tendências de crescimento, princípios de planejamento (ou ausência) e história cultural.

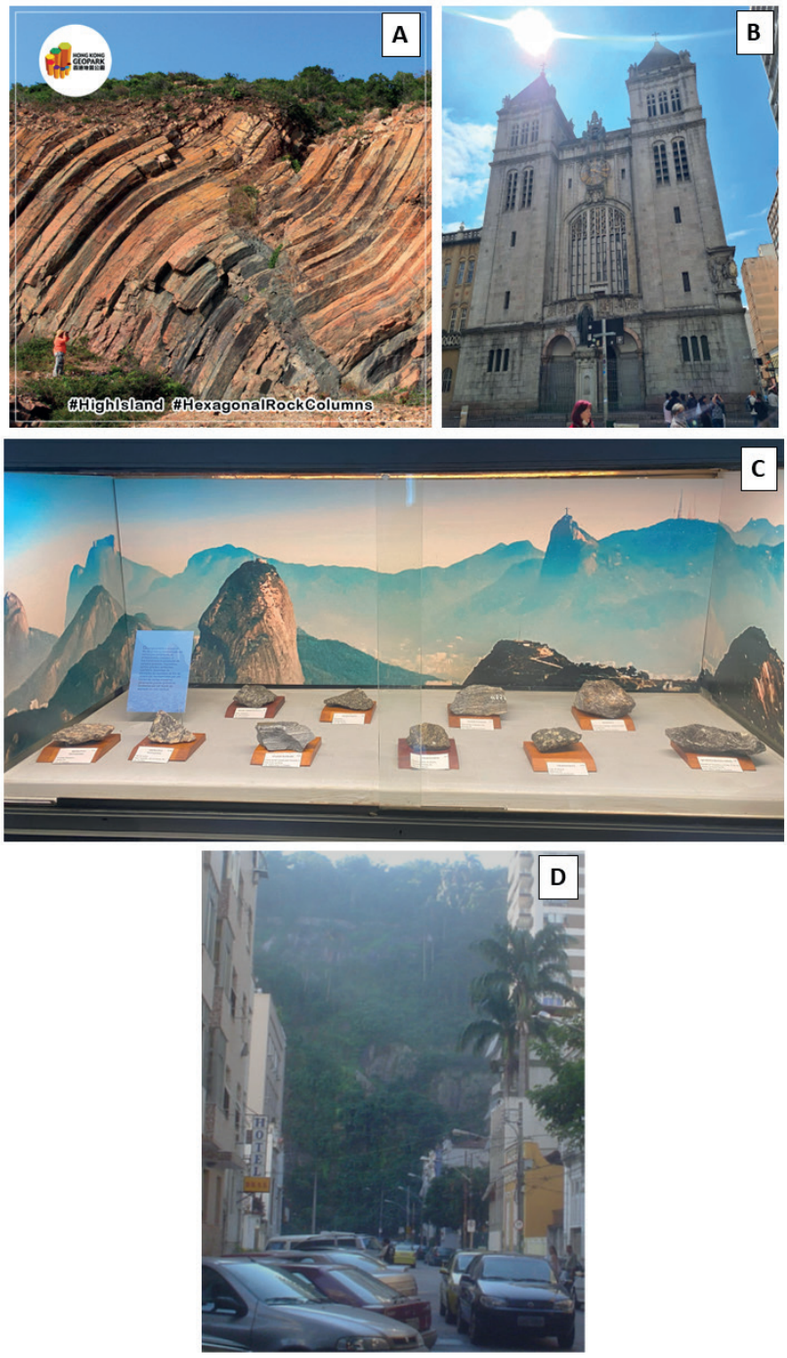


Figura 1. Exemplos de patrimônio geológico urbano e suas diferentes formas de ocorrência. (A) Colunas de Basalto no Hong Kong Geoparque Mundial da UNESCO (Fonte: Acervo Hong Kong Geoparque Mundial da UNESCO); (B) Mosteiro de São Bento, no centro histórico de São Paulo (SP), construído em pedra: (C) Coleção de rochas do Rio de Janeiro, exposta no Museu de Ciências da Terra (RJ); (D) Antiga Pedreira da Candelária no final da Rua Marquesa de Santos, Rio de Janeiro (RJ) (Fonte: Almeida e Rubem Porto Jr., 2012).

A inclusão de elementos geoculturais e geo-históricos na descrição da geodiversidade urbana envolve o reconhecimento dos elementos materiais (tangíveis) e imateriais (intangíveis) do patrimônio. O conceito de diversidade cultural intangível está bem estabelecido (Vecco 2010) e dentro das ciências da Terra, foi explorado em estudos de geomitologia (Vitaliano 2007), mas sua

relação com a identificação e avaliação de características da geodiversidade é um campo de estudo relativamente novo, reconhecido por Reynard (2009), entre outros, e desenvolvido em contribuições mais recentes, por exemplo, Gordon (2018), Szepesi *et al.* (2020) e Caetano e Ponciano (2021).

Incluir os aspectos do território relacionados às interações entre ambientes abióticos, bióticos e culturais (material e imaterial), segundo Kubalíková *et al.* (2020), é importante para registrar toda a gama da geodiversidade urbana, e assim, inventariar seu patrimônio geológico urbano.

Geopoética como narrativa de valoração

A atribuição de valor é um aspecto intrínseco ao processo de patrimonialização de qualquer bem, seja de forma institucional ou não. Nesse contexto, o patrimônio geológico também é submetido a um processo de valoração, no qual diversos valores já lhe foram atribuídos ao longo do tempo, e outros ainda o serão. É fundamental que a sobreposição de valores atribuídos não seja excludente ou segmentada, mas, ao contrário, que promova uma abordagem holística, considerando suas dimensões material e imaterial. Essa perspectiva contribui para a qualificação, classificação e valorização do patrimônio geológico, junto aos aspectos culturais da sociedade que o detém.

Dessa forma, a geopoética é aqui inserida na perspectiva de contribuição para a construção de valores do patrimônio geológico, ao longo dessa sessão, serão apresentados alguns exemplos, que corroboram para essa narrativa de valoração.

A geopoética é defendida por White (1994), como uma nova base teórica para a cultura contemporânea, que atualmente carece de fundamentos sólidos. O autor argumenta que a cultura deve ser fundamentada em um consenso social sobre o que é essencial, algo que a geopoética busca oferecer. Essa abordagem propõe um vínculo entre o pensamento e a Terra, promovendo uma dinâmica que conecta filosofia, ciência e poética.

Kenneth White (1994) compartilha sua trajetória pessoal e intelectual que culminou na formulação da geopoética, a partir de experiências de viagem e reflexão. Ele apresenta a geopoética como uma teoria-prática que enriquece a compreensão do mundo, capaz de dar fundamento e perspectiva a todos os tipos de prática (científica, artística, etc.), destacando a interação sensível entre o ser humano e o meio ambiente.

Nesse sentido, Poulet (2022), ao tratar da elaboração do paradigma geopoético, afirma que o projeto geopoético deve constituir, no campo do pensamento e da memória, uma nova ferramenta ou instrumento para compreender e expressar a relação do ser humano com a Terra. O autor também ressalta que o objetivo central da geopoética é o estudo das complexas relações entre o eu, a palavra e o mundo, orientado pela busca de uma nova expressividade e pela construção de uma poética do mundo, reconectando o pensamento à Terra de uma forma contemporânea.

A partir desse pressuposto, o conceito de geopoética pode contribuir significativamente para a percepção e a valoração do patrimônio geológico, inclusive o urbano, ao entrelaçar narrativas culturais com as características geológicas. Essa relação aprimora a compreensão das paisagens urbanas como entidades dinâmicas influenciadas por elementos naturais e humanos. A percepção do geopatrimônio urbano é influenciada por práticas culturais e narrativas históricas, que podem aumentar a importância dos sítios geológicos em ambientes urbanos (Reynard e Giusti, 2018).

A fim de exemplificar a atribuição de valores geopoéticos ao patrimônio geológico, tem-se como estudo de caso as cidades do Rio de Janeiro e Niterói. Os municípios estão ligados territorialmente pela Ponte Presidente Costa e Silva (Ponte Rio-Niterói), e margeiam a entrada da Baía de Guanabara, na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. As cidades são reconhecidas mundialmente, principalmente pelas paisagens que as compõem. Essas belezas naturais, juntamente com a forma de como as cidades foram construídas e sua interseção cultural, rendeu, em 2012, a nomeação pela UNESCO (2012) como Patrimônio Mundial na qualidade de Paisagem Cultural (“Rio de Janeiro: Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar”).

A título de patrimônio geológico, o Rio, possui designações internacionais, chanceladas pela União Internacional de Ciências Geológicas (IUGS), para o que a instituição nomeia de sítio do patrimônio geológico e patrimônio pétreo, sendo inseridos nessas listas o Pão de Açúcar e o Gnaisse Facoidal, respectivamente (Figura 2).



Figura 2 – Designações da Comissão Internacional de Patrimônio Geológico da IUGS (A) Pão de Açúcar como sítio do patrimônio geológico (Fonte: IUGS, 2022); (B) Gnaisse Facoidal como patrimônio pétreo (Fonte: IUGS, 2024).

O famoso Pão de Açúcar do Rio de Janeiro, é considerado referência mundial para o tipo de relevo que ele representa, além disso no seu topo encontra-se um mirante ideal para observar e perceber a geomorfologia única da cidade, além disso, também é um marco cultural e tem sido um símbolo do Brasil e do Rio de Janeiro em pinturas e relatos desde o período colonial (Castro *et al.*, 2021), além disso, está inserido dentro da área de um Patrimônio Mundial da UNESCO, por este

motivo está na lista dos primeiros 100 sítios do patrimônio geológico da IUGS (2022).

O gnaisse facoidal é considerada a mais carioca das rochas (Mansur *et al.*, 2008), pois é a litologia mais representativa do patrimônio natural e construído do Rio. Foi explorado em muitas pedreiras e continuamente usado para construir o Patrimônio Mundial do Rio desde a ocupação portuguesa (século XVI) até meados do século XX. Esta pedra também foi usada no 'Cais do Valongo' e na 'Casa de Burle Marx' (Patrimônio Mundial da UNESCO) e em algumas outras cidades brasileiras. Sua história geológica e características moldaram a famosa paisagem da Baía de Guanabara, incluindo o Geossítio IUGS do Pão de Açúcar, por este motivo recebe a designação internacional de Pedra Patrimonial (IUGS, 2024).

É indubitável que esse patrimônio geológico é valorado seguindo a perspectiva material e científica. Entretanto, esses reconhecimentos perpassam pela geopoética em diversos aspectos. As paisagens do Rio e de Niterói, são representadas por diversos artistas ao longo da construção das cidades (Figura 3), percebe-se que o encantamento com a beleza cênica das paisagens, são fonte de inspiração para pinturas.

Como contribuição a esse fato, cita-se Johan Georg Grimm, pintor alemão que ganhou notoriedade pelo seu trabalho de representação romântica da paisagem, fazendo representações mais realistas da natureza, antes utilizada apenas como pano de fundo das pinturas. Após seu rompimento com a Academia de Belas Artes, Grimm junto com seus discípulos, estabeleceram em Niterói o *Grupo Grimm*, que se caracterizou pela pintura da paisagem ao ar livre e utilizaram a cidade como fonte de inspiração para suas obras, devido a uma grande variedade de pontos de vista e horizontes distantes a seu dispor, relacionados a diversidade de aspectos da costa, a luminosidade intensa, as incríveis variações de cores tanto do mar quanto do céu e das pedras (Portela, 2008).

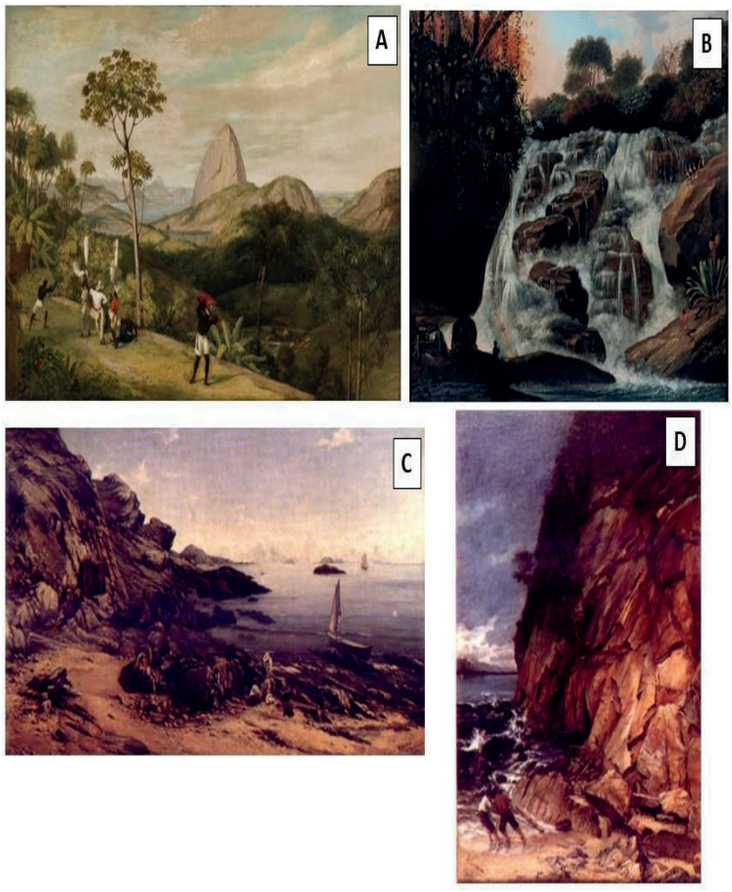


Figura 3 – Pinturas representativas da paisagem do Rio e de Niterói (A) Vista do Pão de Açúcar tomada da

Estrada do Silvestre, Charles Landsee, 1827 (Fonte: Brasiliana Iconográfica); (B) Grande cascata da Tijuca, Manuel de Araújo Porto-Alegre, 1833 (Fonte: Brasiliana Iconográfica); (C) Vista da ponta de Icaraí, Johann Georg Grimm, 1884 (Fonte: Portela, 2008); (D) Rochedo da Boa Viagem, Johann Georg Grimm, 1887 (Fonte: Portela, 2008).

Não somente para a pintura servem como fonte de inspiração, em outros campos da arte, os elementos da geodiversidade, também se destacam. Na música e poesia, por exemplo, as paisagens do Rio serviram para inspirar obras de Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Manoel Bandeira, Jards Macalé (Meinicke, 2014). Ao citar a música, vale ressaltar a relação que o patrimônio geológico da cidade do Rio tem com o samba.

A Pedra do Sal (Figura 4), patrimônio brasileiro tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), é conhecida como o berço do samba no Rio de Janeiro, manifestação artística registrada como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Foi ali, entre as escadas talhadas diretamente no gnaisse facoidal e a presença da memória cultural do povo negro, que até os dias de hoje o local é reconhecido como berço dessa manifestação cultural. A Pedra do Sal, além de ser um patrimônio material, é também um elemento essencial da memória social e cultural, que continua a reunir e inspirar a comunidade através de eventos como rodas de samba e festividades (Chagas e Chagas, 2004).



Figura 4 – Pedra do Sal no Rio de Janeiro (A) Foto demonstrando o entalhe da escada em gnaisse facoidal; (B) Foto do samba tradicional da Pedra do Sal.

Outra leitura geopoética da paisagem do Rio, foi apresentada por Gomes *et al.* (2019), que dissertam sobre o uso da geomitologia do Gigante Adormecido da Baía de Guanabara, mito histórico da cidade, onde é possível observar a figura de um gigante deitado na silhueta dos morros que compõem a paisagem da cidade, para prática de geoturismo urbano (Figura 5). Além disso, os autores reiteram o benefício de práticas geopoéticas no geoturismo, promovendo uma maior conexão entre a

população e o patrimônio da cidade.



Figura 5 – (A) Morros cariocas em uma das representações do gigante adormecido, visualizado a partir da entrada da Baía de Guanabara. (Fonte: Gomes *et al.* 2019); (B) Fotografia dos morros cariocas, visada da Praia do Sossego em Niterói, enfocando a silhueta do gigante adormecido.

Dessa forma, o valor geológico atribuído ao patrimônio urbano pode, também, ser apropriado a partir da narrativa da geopoética, na medida que o "maravilhar-se" com os elementos geodiversos que compõem as cidades, gera uma infinidade de apropriações na identidade e memória da população do território.

Conclusão

O patrimônio geológico, tradicionalmente associado a contextos rurais, está passando por uma transformação significativa ao ser reconhecido também em áreas urbanas. Essas regiões abrigam formações geológicas que, embora frequentemente ocultas pela urbanização, têm um papel crucial na compreensão da história da Terra e da evolução das cidades, assim como nas interações entre os seres humanos e o meio ambiente.

A diversidade de percepções sobre o patrimônio geológico urbano, que varia entre diferentes comunidades e contextos, reflete as histórias, culturas e experiências coletivas de cada grupo. Essa complexidade enriquece a discussão sobre o patrimônio, revelando a necessidade de um diálogo contínuo entre geopoética e a valorização desses bens muitas vezes subestimados. Ao integrar a narrativa geológica à memória coletiva das cidades, tem-se uma visão mais holística e inclusiva, que respeita tanto os aspectos científicos quanto os culturais e emocionais.

A abordagem geopoética enfatiza a experiência estética e simbólica dos ambientes naturais, oferecendo um caminho inovador para compreender os processos que moldam o imaginário urbano. Ao investigar como as estruturas geológicas influenciam a identidade das cidades, destaca-se a importância de integrar o reconhecimento do patrimônio geológico nas práticas de planejamento urbano. Essa integração permite que a memória da Terra seja ressignificada, contribuindo para a construção de um espaço urbano mais sustentável e consciente de suas raízes geológicas.

Assim, a valorização do patrimônio geológico urbano, mediada pela geopoética, propõe uma nova compreensão das interações entre os seres humanos e seu ambiente. A inclusão dessas abordagens nas práticas urbanas enriquece a construção coletiva do espaço urbano, promovendo uma relação mais profunda entre as comunidades e seu entorno. Essa perspectiva não apenas resgata a memória geológica, mas também fortalece a identidade urbana, celebrando a interconexão entre a Terra e a vida nas cidades.

REFERÊNCIAS

ABDELMAKSOUD, Kholoud Mohamed; AL-METWALY, Wale; RUBAN, Dmitry; YASHALOVA, Natalia. Geological heritage under strong urbanization pressure: El-Mokattam and Abu Roash as examples from Cairo, Egypt. Journal of African Earth Sciences 141, 86–93, 2018. https://doi.org/10.1016/j.jafrearsci.2018.02.008.

ASGMI, Associação de Serviços de Geologia e mineração Ibero-Americans. Metodología de valoración del patrimonio geológico. 1er Taller de Patrimonio de la ASGMI, 2018.

BANDARIN, Francesco; VAN OERS, Ron. The Historic Urban Landscape. In: The Historic Urban Landscape. John Wiley & Sons. 2012, p. 175-193. https://doi.org/10.1002/9781119968115

BORBA, André Weissheimer. Geodiversidade e geopatrimônio como bases para estratégias de geoconservação: conceitos, abordagens, métodos de avaliação e aplicabilidade no contexto do Estado do Rio Grande do Sul. Pesquisas em Geociências [Porto Alegre], v. 38, n. 1, p. 3-13, 2011. DOI: 10.22456/1807-9806.23832

BORBA, André Weissheimer; SELL, Jaciele Carine. Uma reflexão crítica sobre os conceitos e práticas da geoconservação. Geographia Meridionalis, [Pelotas], v. 4, n. 1, p. 2-28, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/article/view/13251/8580 Acessado em: 30/11/2024

BRILHA, José. Patrimônio Geológico e Geoconservação: a Conservação da Natureza na sua Vertente Geológica. 1. ed. Braga: Palimage Editores, 190f, 2005.

BRILHA, José. Inventory and quantitative assessment of geosites and geodiversity sites: a review. Geoheritage, 8(2):119-134, 2016. DOI: 10.1007/s12371-014-0139-3

CAETANO, João Marcus Vale; PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Cultural geology, cultural biology, cultural taxonomy, and the intangible geoheritage as new strategies for geoconservation. Geoheritage, 13, 1-21, 2021. DOI: 10.1007/s12371-021-00603-6

CASTRO, Núria Fernández; MANSUR Kátia Leite; FRASCÁ, Maria Heloísa Barros de Oliveira; SILVA Rosana Elisa Coppedê. A heritage stone of Rio de Janeiro (Brazil): the Facoidal gneiss. Episodes, v.44, n.1, p. 59-74, 2021. DOI: 10.18814/epiiugs/2020/0200s13

CENDERO-UCEDA, Antonio. Propuesta sobre critérios para la classificación y catalogación del patromonio geológico. In: Ministerio de obras públicas, transportes y medio ambiente, sociedad española de geologia ambiental y ordenación del territorio, comissión de patrimonio geológico de la sociedad geológica de españa (ed.), pp 29-38, 1996.

CHAGAS, Mário; CHAGAS, Viktor. Memória Rupestre ou do Caminho no Meio da Pedra. Revista Museu. 2004 Disponível em: https://revistamuseu.com.br/site/br/artigos/10732-memoria-rupestre-ou-do-caminho-no-meio-da-pedra.html. Acessado em: 24/09/2024

CHOAY, Françoise. A consagração do monumento histórico. In: CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, p 125-173, 2001.

GARCÍA-CORTÉS, Angél. Inventario del patrimonio geológico. In: Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente; Sociedad Española de Geología ambiental y Ordenación del Territorio; Comisión de Patrimonio Geológico de la sociedad Geológica de España (Ed.) El patrimonio geológico: bases para su valoración, protección, conservación y utilización. Madrid: Instituto Geológico y Minero de España, p. 53-60, 1996.

GARCÍA-CORTÉS, Angél; CARCAVILLA-URQUÍ, Luis. Documento Metodológico para la elaboracion del inventario espanñol de lugares de interés geológico (IELIG). Madrid: Instituto Geológico y Minero de España, 2013.

GARCÍA-CORTÉS, Angél; CARCAVILLA-URQUÍ, Luis. Documento Metodológico para la elaboracion del inventario espanñol de lugares de interés geológico (IELIG). Instituto Geológico y Minero de España, Madrid, 2018.

GOMES, Bernardo Perrota Legal; MANSUR, Kátia Leite; PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Geoturismo urbano na Urca: conhecendo o Rio de Janeiro pelo olhar geopoético do Gigante Adormecido. Revista Brasileira de Ecoturismo (RBEcotur), v.12, n.5, 2019. DOI: 10.34024/rbecotur.2019.v12.6759

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural do Brasil. 1ªed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 148p, 1996.

GORDON, John. Ewart. Geoheritage, geotourism and the cultural landscape: Enhancing the visitor experience and promoting geoconservation. Geosciences, v.8, n.4, 136, 2018. https://doi.org/10.3390/geosciences8040136

GUIMARÃES, Thaís Oliveira; MOURA-FÉ, Marcelo Martins; ALMEIDA, Regivania Rodrigues de. Geopatrimônio: por quê? Para quê? Para quem? PerCursos, Florianópolis, v. 23, n. 52, p. 332 – 362, 2022. http://dx.doi.org/10.5965/1984724623522022332

HAAG, Nei Ahrens; HENRIQUES, Maria Helena. The paleontological heritage of the acre (Amazonia, Brazil): contribution towards a national paleontological database. Geoheritage v.8, n.4, p. 381–391, 2016. https://doi.org/10.1007/s12371-015-0163-y

HABIBI, Tahereh; PONEDELNIK, Alena A., YASHALOVA, Natalia; RUBAN, Dimity. Urban geoheritage complexity: Evidence of a unique natural resource from Shiraz city in Iran. Resources Policy, v.59, p. 85–94, 2018. https://doi.org/10.1016/j.resourpol.2018.06.002

HENRIQUES, Maria Helena; PENA DOS REIS, Rui. A contemporary vision of nature through geoheritage. In: OOSTERBEEK, L., CARON, L. (Eds.), Resilience and Transformation inthe Territories of Low Demographic Density. Arkeos, v.8, n.1, p. 131-147, 2019.

IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Declaração Internacional do Direito à Memória da Terra. Tradução: DELPHIN, Carlos Fernando Moura. 1992. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/Declaracao_Internacional_dos_Direitos_a_Memoria_da_Terra.pdf. Acessado em: 24/09/2024

IUGS. The First 55 IUGS Heritage Stone. International Union of Geological Sciences. Backnang, 255p, 2024.

IUGS. The Fisrt 100 IUGS Geological Heritage Sites. International Union of Geological Sciences. Zumaia, 300p, 2022.

KONG, Weilun; LI, Yunhuai; LI, Kongliang; CHEN, Mo; PENG, Yan; WANG, Degao; CHEN, Lijun. Urban Geoheritage Sites Under Strong Anthropogenic Pressure: Example from the Chaohu Lake Region, Hefei, China. Geoheritage, v.12, 77, 2020. https://doi.org/10.1007/s12371-020-00490-3

KUBALÍKOVÁ, Lucie; KIRCHNER, Karel; KUDA, František; BAJER, Aleš. Assessment of urban geotourism resources: an example of two geocultural sites in Brno, Czech Republic. Geoheritage, v.12, 7, 2020. https://doi.org/10.1007/s12371-020-00434-x

KUNZLER, Josiane; MACHADO, Deusana Maria da Costa. Fósseis e patrimônio paleontológico: um retorno ao integral. Museologia e Patrimônio, v.12, p. 64-96, 2019.

KUNZLER, Josiane; CASTRO, Aline Rocha Souza Ferreira de; MACHADO, Deusana Maria da Costa. Por uma memória da terra: a geodiversidade como patrimônio único, multifacetado ou integrado? Museologia e Patrimônio, v.15, n.1, p 6-12, 2022.

MANSUR, Kátia Leite; CARVALHO, Ismar de Souza; DELPHIM, Carlos Fernando Moura; BARROSO, Emílio Velloso. O gnaisse facoidal: a mais carioca das rochas. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ, v.31, n.2, p. 9-22, 2008. https://doi.org/10.11137/2008_2_9-22

MANSUR, Kátia Leite. Patrimônio Geológico, Geoturismo e Geoconservação: uma Abordagem da Geodiversidade pela Vertente Geológica. In: GUERRA, Antônio José Teixeira; JORGE, Maria do Carmo Oliveira (Org.). Geoturismo, Geodiversidade e geoconservação: abordagens geográficas e geológicas. 1ed.São Paulo: Oficina dos Textos, v. Único, p. 1-49, 2018.

MARSH, George Perkins. Introductory. In: MARSH, George Perkins. Man and Nature; or, Physical Geography as modified by human action. New York: Scribner, p. 7-52, 1864.

MORRA, Vincenzo; CALCATERRA, Domenico; CAPPELLETTI, Piergiulio; COLELLA, Abner; FEDELE, Lorenzo; DE'GENNARO, Roberto; LANGELLA, Alessio; MERCURIO, Mariano; DE'GENNARO, Maurizio Urban geology: Relationships between geological setting and architectural heritage of the Neapolitan area. In: (Eds.) Marco Beltrando, Angelo Peccerillo, Massimo Mattei, Sandro Conticelli, and Carlo Doglioni, The Geology of Italy: tectonics and life along plate margins, Journal of the Virtual Explorer, Electronic Edition, v.36, 27, 2010. doi:10.3809/jvirtex.2010.00261

MOURA-FÉ, Marcelo Martins de; GUIMARÃES, Thaís de Oliveira; HOLANDA, Cristina Rodrigues; NASCIMENTO, Marcos Antônio Leite do; SILVA, João Victor Mariano da. Geocultura: proposta teórico-metodológica para o conhecimento, valorização e aplicação da geoconservação. Caminhos de Geografia, Uberlândia-MG, v.23, n.89, p. 57–76, 2022. http://doi.org/10.14393/RCG238960026

PALACIO-PRIETO, José Luis. Geoheritage Within Cities: Urban Geosites in Mexico City. Geoheritage, v.7, n.4, p. 365–373, 2014. https://doi.org/10.1007/s12371-014-0136-6

PENA DOS REIS, Rui; HENRIQUES, Maria Helena. Approaching integrated qualification and evaluation system for Geological Heritage. Geoheritage, v.1, p. 1-10, 2009. https://doi.org/10.1007/s12371-009-0002-0

POMBO, Heraclio Astudillo. Paleontología cultural y Etnopaleontología: dos nuevos enfoques sobre el registro fósil. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, v.18, n.3, p. 284-297, 2010.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira; CASTRO, Aline Rocha Souza Ferreira de; MACHADO, , Deusana Maria da Costa; FONSECA, Vera Maria Medina da; KUNZLER, Josiane. Patrimônio geológico-paleontológico in situ e ex situ: definições, vantagens, desvantagens e estratégias de conservação. In: CARVALHO, I.S.; SRIVASTAVA, N.K.; STROHCHOEN JR., O.; LANA, C.C. (Org.). Paleontologia: Cenários de vida. 1a. ed. Rio de Janeiro: Interciência, v.4, p 853-869, 2011.

PORTELA, Isabela Sanson. Paisagem: um conceito romântico na pintura brasileira-George Grimm. 19&20. Rio de Janeiro, v.3, n.3, 2008. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/artistas/jg_isabel.html. Acessado em: 24/09/2024

POULET, Régis. A geopoética ou como abrir um mundo. 2022. Diponível em: https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/281-a-geopoetica-ou-como-abrir-um-mundo. Acessado em: 24/09/2024

REYNARD, Emmanuel. Geomorphosites: definitions and characteristics. In: REYNARD, Emmanuel; CORATZA, Paola; REGOLINI-BISSIG, Géraldine (eds.). Geomorphosites, Verlag Dr. Friedrich Pfeil • München, p. 9-20, 2009.

REYNARD, Emmanuel; PICA, Alessia; CORATZA, Paola. Urban Geomorphological Heritage. An Overview. Quaestiones Geographicae, v.36, n.3, 7–20, 2017. https://doi.org/10.1515/quageo-2017-0022

REYNARD, Emmanuel; GIUSTI, Christian. The landscape and the cultural value of geoheritage. In: REYNARD, Emmanuel; BRILHA, José (eds.) Geoheritage: Assessment, Protection and Management. Elsevier, p. 147-166, 2018.

SCHEMM-GREGORY, Mena; HENRIQUES, Maria Helena. The Devonian Brachiopod Collections of Portugal — a Paleontological Heritage. Geoheritage v.5, p. 107–122, 2013. https://doi.org/10.1007/s12371-013-0080-x

SILVA, Renan Gomes Paiva da. Patrimônio geológico ex situ e seu potencial de divulgação científica no museu da geodiversidade (MGeo/IGEO/UFRJ). 2020. Dissertação (Mestrado em Geologia). Instituto de Geociências (IGEO/UFRJ). 146f, 2020.

SILVA, Renan Gomes Paiva da; MANSUR, Kátia Leite, CASTRO, Aline Rocha Souza Ferreira de. Consolidação da Geodiversidade como Patrimônio e o Valor Geológico dos Monumentos do Rio de Janeiro. Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ, v.43, p. 488-497, 2020. https://doi.org/10.11137/2020_3_488_497

SILVA, Renan Gomes Paiva da; MANSUR, Kátia Leite, CASTRO, Aline Rocha Souza Ferreira de.

Methodological Proposal for Inventory and Quantitative Valuation of ex situ Geological Heritage, a Case Study at the Museu da Geodiversidade (MGeo/IGEO/UFRJ). Geoheritage, v15, 46, 2023. https://doi.org/10.1007/s12371-023-00812-1

SZEPESI, János; ÉSIK, Zsuzsanna; SOÓS, Ildikó; NÉMETH, Boglárka; SÜTŐ, László; NOVÁK, Tibor József; LUKÁCS, Réka. Identification of geoheritage elements in a cultural landscape: a case study from Tokaj Mts, Hungary. Geoheritage, v.12, 89, 2020. https://doi.org/10.1007/s12371-020-00516-w

MEINICKE, Thaís. Rio em poemas: Dez poesias que têm a cidade como inspiração. Veja Rio, 2014. Disponível em: https://vejario.abril.com.br/cidade/rio-poemas. Acessado em: 24/09/2024.

TIČAR, Jure; KOMAC, Blaž; ZORN, Matija; FERK, Mateja; HRVATIN, Mauro; CIGLIČ, Rok. From Urban Geodiversity to Geoheritage: The Case of Ljubljana (Slovenia). Quaestiones Geographicae, v.36, n.3, p. 37–50, 2017. https://doi.org/10.1515/quageo-2017-0023

UNESCO. Nomeação Rio de Janeiro: Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar. 2012. Disponível em: https://whc.unesco.org/uploads/nominations/1100rev.pdf. Acessado em: 24/09/2024.

VECCO, Marilena. A definition of cultural heritage: From the tangible to the intangible. Journal of Cultural Heritage, v.11, n.3, p. 321-324, 2010. https://doi.org/10.1016/j.culher.2010.01.006

VITALIANO, Dorothy. Geomythology: Geological origins of myths and legends. Geological Society, London, Special Publications, v.273, p. 1-7, 2007. https://doi.org/10.1144/GSL.SP.2007.273.01.0

WHITE, Kenneth. O grande campo da geopoética. 1994. Disponível em: https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica. Acessado em: 24/09/2024

WOLNIEWICZ, Pawel. Classification and Quantification of Urban Geodiversity and Its Intersection with Cultural Heritage. Geoheritage, v.14, 63, 2022. https://doi.org/10.1007/s12371-022-00693-w

Geopoética e memória urbana na literatura de Zélia Gattai

Lorenna Lemos Cardoso.
Urbanista pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Integrante do Grupo de Pesquisa em Geopoética, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: lorennalemos.urb@gmail.com.

Lirandina Gomes.
Professora Plena dos cursos de Urbanismo e Turismo e Hotelaria e do Programa de Pós-graduação em Estudos Territoriais/ PROET, Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Geopoética, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: lsobrinho@uneb.br

Resumo

O presente artigo aborda os estudos urbanos por meio do olhar geopoético das leitoras e produtoras especiais da cidade, mulheres que habitam ou viajam por cidades e analisam, debatem e documentam as dinâmicas urbanas de forma artística. As trajetórias urbanas na literatura biográfica feminina, com frequência invisibilizadas e apagadas, nos possibilitam compreender o uso do espaço urbano pelas mulheres em determinado período histórico, especialmente quando documentam eventos políticos, econômicos e sociais. A partir das obras *Anarquistas, Graças a Deus* (1979) e *Città di Roma* (2000) da escritora brasileira Zélia Gattai, que registrou as imigrações italianas e o início da urbanização em São Paulo em seus livros de memórias, objetiva-se destacar a importância da literatura feminina como referência para os estudos urbanos. A proposta de uma cartografia afetiva é apresentada como uma ferramenta para mapear a relação dos indivíduos com seu ambiente, valorizando a memória urbana. O artigo conclui que a literatura feminina é crucial para enriquecer a compreensão do espaço urbano, reconhecendo a diversidade de experiências e promovendo uma narrativa mais representativa.

Palavras-chave: Urbanismo. Geopoética. Literatura feminina.

Geopoetics and urban memory in the literature of Zélia Gattai

Abstract

This article addresses urban studies through the geopoetic perspective of special female readers and producers of the city—women who inhabit or travel through urban spaces and analyze, debate, and document urban dynamics in an artistic manner. The urban trajectories found in women's biographical literature, often rendered invisible or erased, allow us to understand how women used urban space in a given historical period, especially when they document political, economic, and social events. Based on the works *Anarquistas, Graças a Deus* (1979) and *Città di Roma* (2000) by Brazilian writer Zélia Gattai, who recorded Italian immigration and the early stages of urbanization in São Paulo in her memoirs, the article aims to highlight the importance of women's literature as a reference for urban studies. The proposal of an affective cartography is presented as a tool for mapping individuals' relationship with their environment, emphasizing urban memory. The article concludes that women's literature is crucial for enriching the understanding of urban space, recognizing the diversity of experiences, and promoting a more representative narrative.

Keywords: Urbanism. Geopoetics. Women's literature.

Introdução

O estudo ocidental do espaço urbano tem suas raízes no século XIX, período de significativas transformações socioespaciais nas cidades europeias, impulsionadas por novas relações econômicas de produção. O crescimento populacional, resultado da industrialização, trouxe consigo desafios infraestruturais, habitacionais e ambientais, que passaram a ser debatidos por elites formadas por médicos sanitaristas, arquitetos, urbanistas, designers, geógrafos e economistas. Paralelamente, escritores, fotógrafos e artistas, caracterizados por Sandra Pesavento (2008) como "leitores e produtores especiais da cidade", começaram a documentar essas mudanças com contribuições valiosas para a compreensão da cidade sentida e vivida.

A investigação da produção e popularização do conhecimento urbano na literatura revela, no entanto, uma disparidade entre os sexos. Em um contexto de dominação masculina, as mulheres frequentemente enfrentam marginalização em ambientes profissionais e acadêmicos. O papel atribuído a elas limita suas oportunidades de participação na vida pública, restringindo o acesso ao conhecimento e à escrita. Contudo, a literatura feminina proporciona uma perspectiva única sobre a história urbana, evidenciando experiências e eventos que muitas vezes são silenciados.

Um exemplo notável é Zélia Gattai, paulista de origem italiana, cuja obra memorialística oferece uma visão abrangente das transformações urbanas em São Paulo. Este artigo busca evidenciar a relevância da literatura escrita por mulheres para os estudos urbanos, utilizando como base suas obras *Anarquistas, Graças a Deus* (1979) e *Città di Roma* (2000). A metodologia inclui a criação de uma cartografia afetiva, com o georreferenciamento de locais mencionados nos livros de Gattai, conectando, assim, memórias e histórias ao espaço urbano.

1 Memória Urbana e Geopoética na Literatura Feminina

O espaço urbano pode ser visto como uma representação da lógica econômica capitalista, onde os agentes sociais são divididos entre produtores e consumidores. Os produtores do espaço, conforme definido pela historiadora Sandra Pesavento (2008), são aqueles que detêm conhecimento técnico, poder social e econômico e ferramentas para transformar a cidade. Já os consumidores, que incluem a população em geral, interagem com o espaço urbano, embora frequentemente sejam excluídos das discussões sobre seu futuro:

> Quem foram estes, engenheiros, urbanistas, médicos higienistas, arquitetos, políticos e funcionários técnicos da urbe, que circularam de um espaço a outro, muitas vezes de cidade em cidade, de país a país, de um continente a outro, e que produziram os centros urbanos? Eles são, a rigor, detentores de um saber que lhes foi oportunizado por um conhecimento científico e especializado. É preciso perseguir suas trajetórias, revelar sua formação profissional, desvendar suas relações, para entender sua obra, que é a formação da cidade em que atuam e, sobretudo, o centro histórico de cada uma. Para além destes interventores, cabe resgatar os chamados consumidores do urbano: aqueles que no centro da cidade vivem, trabalham ou transitam. Homens comuns, cidadãos da urbe, eles não tem, contudo, o saber ou o poder de nela intervir para modificá-la dentro da ordem legal. (PESAVENTO, 2008)

Entre os consumidores do espaço urbano, a autora apresenta os leitores e produtores especiais da cidade: "fotógrafos, poetas, romancistas, pintores, desenhistas, [que] a seu modo (...) constroem

cidades possíveis ou improváveis, através de um conhecimento sensível, tanto em resposta às questões de seu tempo quanto antecipando sensibilidades" (Pesavento, 2008)[32]. Tal grupo registra, com um olhar geopoético, suas percepções sobre a paisagem urbana com a qual interagem. O conceito de geopoética, introduzido por Kenneth White, busca explorar essa relação entre o eu, a palavra e o mundo, promovendo uma nova forma de expressividade nas narrativas urbanas (POULET, 2022).[33]

Quando as mulheres se tornam leitoras e protagonistas da cidade, registrando histórias do cotidiano nos espaços públicos, elas acrescentam uma perspectiva única à construção da memória urbana. O olhar geopoético inserido em suas obras é permeado por vivências femininas, que a perspectiva hegemônica masculina costuma banalizar.

2 O Legado de Zélia Gattai

Zélia Gattai foi uma escritora, memorialista e fotógrafa brasileira, nascida em São Paulo em 2 de julho de 1916. Filha de imigrantes italianos, cresceu em meio ao efervescente movimento político-operário anarquista paulistano, o que influenciou sua formação intelectual e seu olhar atento às transformações sociais. Desde jovem, conviveu com importantes figuras da cena política, artística e literária, entre elas Jorge Amado, com quem se casou em 1945 e compartilhou uma trajetória de vida e de produção cultural.

Ao lado de Jorge Amado, Zélia Gattai viveu em diversos países, como França, Portugal e Tchecoslováquia, devido ao exílio político do marido durante a ditadura de Getúlio Vargas. No entanto, foi em Salvador, na famosa Casa do Rio Vermelho, que estabeleceram sua residência definitiva. Hoje, o local se tornou um patrimônio histórico e um museu cultural, preservando a memória do casal e de sua influente produção literária.

A carreira literária de Zélia começou tardiamente, aos 63 anos, com a publicação de ***Anarquistas, Graças a Deus*** (1979), um livro de memórias que narra sua infância e juventude no início da urbanização brasileira. A obra se destacou não apenas como um importante registro histórico e cultural, mas também por seu tom leve e envolvente, conquistando milhares de leitores. Seu sucesso impulsionou uma série de outros livros autobiográficos, nos quais compartilhou lembranças pessoais e histórias de sua convivência com intelectuais e artistas ao redor do mundo.

Em ***Città di Roma*** (2000), Zélia resgata a história de sua família de imigrantes italianos, costurando memórias individuais e coletivas em um Brasil que passava por intensas mudanças. Seu estilo narrativo memorialístico constrói uma ponte entre o passado e o presente, criando uma geopoética que ressignifica os espaços da infância e as lembranças familiares.

Sua contribuição à literatura nacional a levou a receber diversos prêmios e honrarias, como o Prêmio Paulista de Revelação Literária, em 1979, o Prêmio McKeen e o Troféu Dante Alighieri, em 1980, assim como a ocupação da cadeira 23 na Academia Brasileira de Letras, em 2001, e a integração

32 "Eles também elegem, para além dos produtores do espaço, construtores de monumentos e de ações de intervenção no urbano, os seus lugares de memória. Eles também erigem seus pontos de ancoragem da memória. Em um e outro caso, o centro urbano é um locus privilegiado de referência." (PESAVENTO, 2008)

33 "Inventado pelo poeta e pensador franco-escocês Kenneth White no final dos anos 70 (...). Trata-se de encontrar diferentes formas de ligar a poética ao geo, ou seja, de reconectar o pensamento à Terra de uma forma contemporânea. Para tal, devemos explorar um campo potencial de convergência que surgiu da ciência, filosofia e poesia: a geopoética. O método do nomadismo intelectual ('norte, sul, leste, oeste - mundo antigo e mundo moderno') e o objetivo da geopoética é o estudo das complexas relações entre o eu, a palavra e o mundo, a procura de uma nova expressividade, uma poética do mundo. Para este fim, 'a abordagem geopoética explora o caminho arcaico e a voz anárquica, antes de embarcar noutros caminhos sem nome'." (POULET, 2022)

na Academia de Letras da Bahia e na Academia Ilheense de Letras.

Zélia Gattai faleceu em 17 de maio de 2008, aos 91 anos, deixando um legado valioso para a literatura e para a preservação da memória histórica do Brasil. Seu trabalho continua a inspirar leitoras(es) e pesquisadora(es) interessadas(os) na conexão entre memória, história e literatura.

3 Mapa Afetivo de Anarquistas, Graças a Deus e Città di Roma

A cartografia afetiva é uma metodologia que permite representar a relação afetiva de indivíduos com seu ambiente. Viviani Ribeiro (2020) argumenta que essa abordagem promove um sentimento de pertencimento e aprendizagem cooperativa, sendo útil para a preservação do patrimônio cultural. Fazendo uso de mapas afetivos, é possível visualizar experiências emocionais ligadas a locais específicos, revelando interações e transformações no espaço urbano.

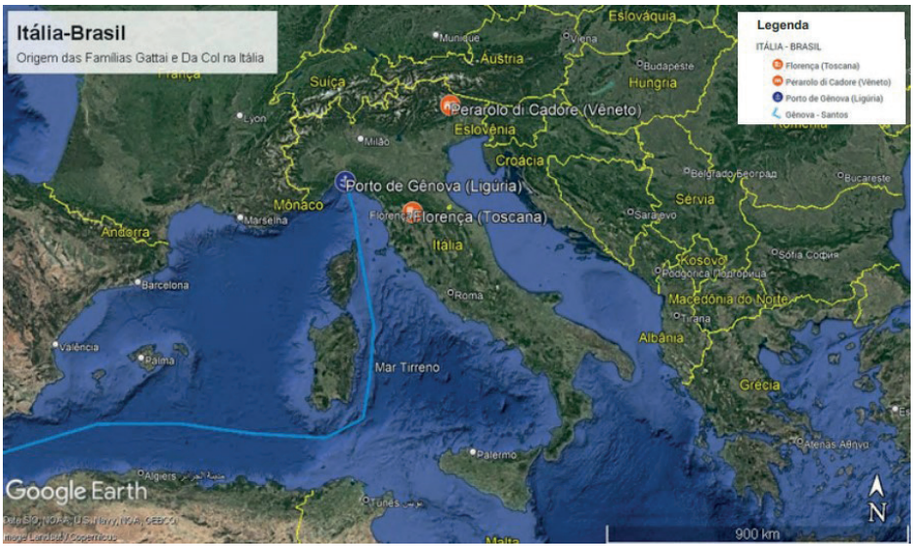
O Mapa Afetivo surgiu do desejo de mapear os lugares mencionados por Zélia Gattai em seus livros. Para sua elaboração, foram selecionados trechos de capítulos que incluíam informações sobre locais específicos. Utilizando-se a plataforma gratuita Google My Maps, que permite a visualização do mapa em Google Maps e Google Earth, o mapa foi estruturado em três camadas, com pontos e linhas georreferenciados de lugares e trajetos. Cada um desses pontos e linhas é enriquecido com imagens do passado e do presente, contexto histórico-geográfico e trechos dos textos da escritora.

[INSERIR IMAGEM 1]

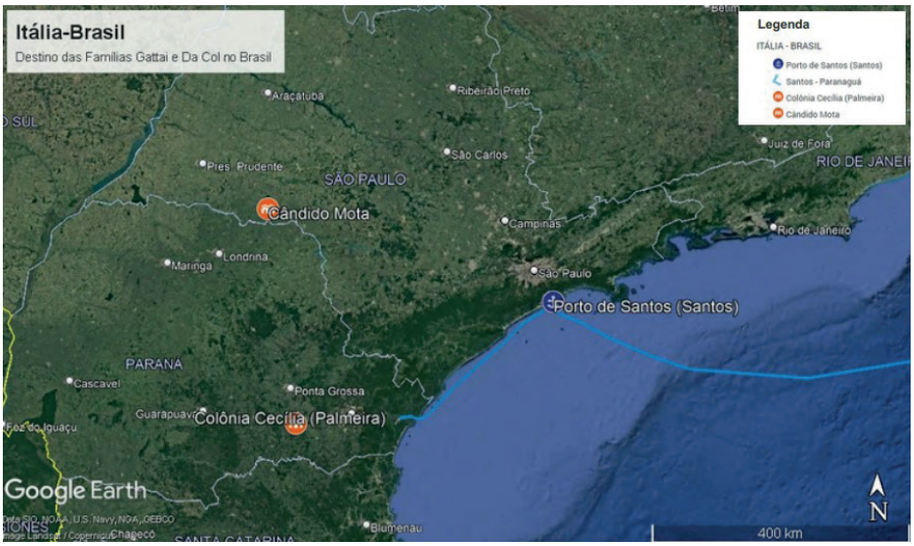
Imagem 1: QR Code do Mapa Afetivo de Zélia Gattai. 2023. Lorenna Lemos.

3.1 Camada 1: Itália-Brasil

A primeira camada se refere aos lugares de origem e destino percorridos no final do século XIX pelas famílias italianas Gattai, da Florença, e Da Col, de Perarolo di Cadore, antes do encontro do pai e da mãe de Zélia. As histórias narram a travessia Gênova-Santos, Santos-Paranaguá e as experiências das famílias no primeiro experimento anarquista do Brasil, na Colônia Cecília (PR), e na fazenda de café, em Cândido Mota (SP).



Mapa 1: Camada 1 (origem) do Mapa Afetivo de Zélia Gattai. 2023. Elaborado por Lorenna Lemos.



Mapa 2: Camada 1 (destino) do Mapa Afetivo de Zélia Gattai. 2023. Elaborado por Lorenna Lemos.

3.1.1 Florença, Toscana, Itália (origem dos Gattai)

No final do século XIX, Florença, capital da Toscana, era um importante centro cultural e artístico, herança da Renascença. No entanto, a industrialização trouxe pobreza, superpopulação e desemprego, que impulsionaram a formação de um movimento operário e sindical em busca de melhores condições de trabalho e distribuição de riquezas. No Brasil, esse movimento foi apoiado por D. Pedro II, que destinou terras do Sul para a criação da Colônia Cecília, a primeira colônia anarquista do país.

> A viagem da família Gattai começara, em realidade, dois anos antes de embarcarem no Città di Roma, em Genova. Meu avô [Francesco Gattai] tivera a oportunidade de ler um livreto intitulado: Il Comune in Riva al Mare [A Comuna à Beira-mar], escrito por um certo dr. Giovanni Rossi - que assinava com o pseudônimo de Cárdias -, misto de cientista, botânico e músico. No folheto que tanto fascinara meu avô, Cárdias idealizava a fundação de uma 'colônia socialista experimental', num país da América Latina - não especificava qual -, uma sociedade sem leis, sem religião, sem propriedade privada, onde a família fosse constituída de forma mais humana, assegurando às mulheres os mesmos direitos civis e políticos que aos homens. (GATTAI, 1979, p. 178)

3.1.2 Colônia Cecília, Palmeira, Brasil (destino dos Gattai)

A Colônia Cecília, localizada em Palmeira, Paraná, é considerada a primeira experiência anarquista no Brasil, fundada por imigrantes italianos em 1890, com cerca de 250 habitantes. Embora o imperador tivesse prometido terras, essas não foram reconhecidas pela nova República Brasileira. Os imigrantes, então, compraram as terras e criaram a Colônia sem regulamentos ou delegação de poder. Embora defendessem a autogestão, as condições de produção agrícola, habitação e saneamento eram precárias, resultando em desnutrição. Esses fatores levaram à dispersão e ao fim da colônia em 1894.

> Ao alto de uma colina, por entre os pinheirais, divisava-se, hasteada

> ao alto de uma palmeira, enorme bandeira vermelha e preta. Era a bandeira da Colônia Cecília saudando a chegada dos novos pioneiros. (...) Os Gattai foram alojados provisoriamente no barracão construído pela primeira leva. À chegada todos trabalharam para levantar o galpão onde se abrigarem. Nos dias que se seguiram cada família tratou de construir a sua própria morada. O barracão ficara para depósito e emergências como aquela. (GATTAI, 1979, p. 185-186)

3.1.3 Perarolo di Cadore, Vêneto, Itália (origem dos Da Col)

Perarolo di Cadore é uma comuna da província de Belluno, na região do Vêneto, norte da Itália, conhecida por suas paisagens montanhosas. No final do século XIX, com 1.800 habitantes, sua principal atividade econômica era a exportação de madeira mediante um pequeno porto fluvial. Assim como em outras regiões italianas, a migração dos vênetos foi incentivada pela propaganda brasileira de trabalho agrícola no sudeste e sul do país, visando obter mão-de-obra barata e promover o povoamento e o embranquecimento da população.

> A gente vivia uma vida tranquila, lá no Cadore. O nonno era serrador, vivia de cortar madeira. Trabalho muito pesado, mas ele ia aguentando. Saía muito cedo de casa e só voltava ao cair da tarde, depois de cortar não sei quantos troncos de árvores, que eram levados em balsas pelo Piave. A madeira de Perarolo do Cadore era de ótima qualidade, usada na Itália inteira. Os habitantes do lugar viviam de cortar árvores e preparar a madeira para ser exportada. A família Da Col ia aumentando. Começavam a surgir dificuldades financeiras. (...) Foi nessa ocasião que começaram a correr vozes de que representantes de fazendeiros de café, do Brasil, haviam chegado, prometendo mundos e fundos, contratando famílias inteiras para trabalhar nas fazendas. A América, diziam, é o paraíso! O Brasil, a terra da cuccagna! A terra da fartura, da riqueza! As promessas eram tantas que todo mundo se entusiasmou. Teriam passagens e receberiam dinheiro suficiente para chegar à tal fazenda, em Cândido Mota, no interior de São Paulo. (...) A grande decisão foi tomada: nonno Eugênio e nonna Pina, assim como muitas famílias, foram na onda, assinaram contratos. Aquela gente toda acreditou nas promessas que lhes faziam, sem nem de longe desconfiar que estavam sendo levados para um país onde a escravidão vinha de ser abolida e que eles, italianos de braços fortes, trabalhadores de primeira, iriam substituir a mão escrava. (DA COL apud GATTAI, 2000, p. 23-24).

3.1.4 Cândido Mota, São Paulo, Brasil (destino dos Da Col)

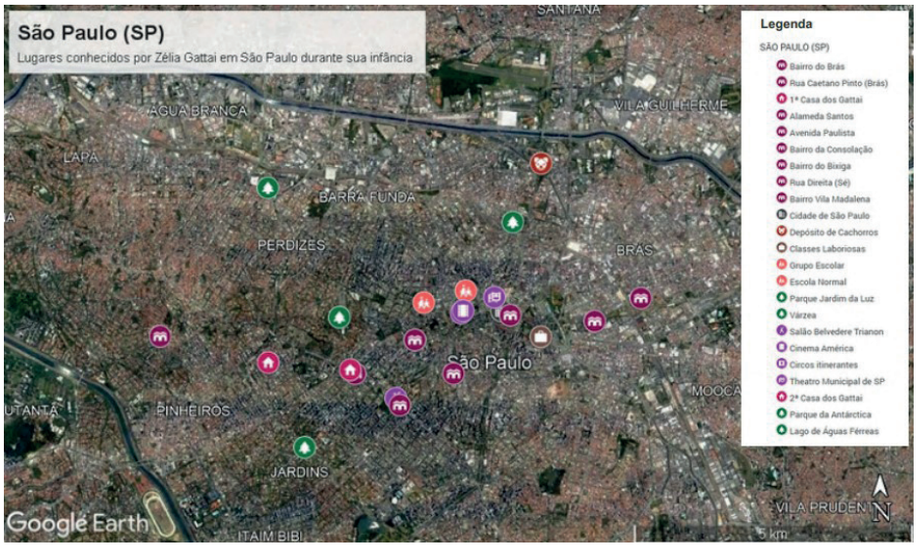
Cândido Mota, localizado na região de Marília, São Paulo, foi colonizado no fim do século XIX pelo coronel Valêncio Carneiro de Castro, a mando do governo estadual. Nesse período de abolição da escravatura, o município recebeu imigrantes italianos, que vieram em busca de trabalho nas lavouras de café. Contudo, as condições de trabalho eram exploratórias, com jornadas excessivas, violência física e normalização do trabalho infantil, em contraste com as expectativas dos imigrantes.

> Ao chegar à fazenda, Eugênio Da Col deu-se conta, em seguida, de que não existia ali aquela cuccagna, aquela fartura tão propalada. Tudo que ele idealizara não passava de fantasia; as informações recebidas não correspondiam à realidade: o que havia, isto sim, era trabalho árduo e estafante, começando antes do nascer do sol, homens e crianças cumpriam

> o mesmo horário de serviço. Colhiam café debaixo de sol ardente, os três filhos mais velhos os acompanhando, sob a vigilância de um capataz odioso. Vivendo em condições precárias, ganhavam o suficiente para não morrer de fome. A escravidão já fora abolida no Brasil, havia tempos, mas nas fazendas de café seu ranço perdurava. (GATTAI, 1979, p. 189-190)

3.2 Camada 2 - São Paulo (SP)

A segunda camada do texto aborda os lugares visitados por Zélia Gattai e sua família em São Paulo entre 1910 e 1930. Ela relembra ruas, bairros e espaços públicos como a Alameda Santos e o Parque da Luz, destacando eventos importantes da cidade. Zélia narra a formação de comunidades italianas, o processo de industrialização e urbanização, e o aumento populacional devido à imigração. Seus relatos refletem a movimentação social durante a revolta tenentista e a limitação do acesso das mulheres a espaços culturais e educacionais. Também menciona as mudanças urbanas que afetaram a cidade ao longo do tempo, incluindo o impacto da tecnologia e a chegada de automóveis.



Mapa 3: Camada 2 do Mapa Afetivo de Zélia Gattai. 2023. Elaborado por Lorenna Lemos.

3.2.1 São Paulo (SP)

Na década de 1920, São Paulo viveu uma intensa industrialização impulsionada pela produção de café, o principal produto de exportação da época. Esse crescimento atraiu investimentos e mão de obra de diversas regiões do Brasil, levando à expansão da infraestrutura urbana e ao surgimento de bairros operários, predominantemente habitados por imigrantes italianos. A cidade, então um polo de fabricação e comércio, começou a se modernizar com a verticalização das habitações e a construção de avenidas, como a Avenida Paulista, que se tornou um espaço para movimentos sindicais, artísticos e literários. No entanto, a desigualdade social era evidente, com concentração de riqueza em algumas áreas e infraestrutura precária, marcada pela falta de saneamento básico e habitação de qualidade em outras.

> Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem

para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de vinte quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o Prédio Martinelli - arranha-céu pioneiro de São Paulo, se não me engano do Brasil - fora ainda construído. Não existia rádio, e televisão, nem em sonhos. Não se curtia som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e 33 manivela. Havia tempo para tudo, ninguém se afobava, ninguém andava depressa. (GATTAI, 1979, p. 29-30)

Nova imigração italiana chegava a São Paulo. Essa, no entanto, bastante diferente daquela outra, do fim do século, agora homens e mulheres fugiam do regimen fascista de Mussolini, em busca de liberdade, dispostos a trabalhar e a lutar por uma vida mais digna. (GATTAI, 1979, p. 288)

3.2.2 Alameda Santos, São Paulo (SP)

Entre as décadas de 1910 e 1930, a família Gattai residiu em um casarão na Alameda Sanos, que servia como ponto estratégico para a oficina de Ernesto Gattai, pai de Zélia. A Alameda Santos foi construída no fim do século XIX, durante a abertura da Avenida Paulista e outras vias em São Paulo. Sua localização permitiu a realização de atividades que desafiavam o status quo, como enterros, comércio e serviços populares, além da exploração de animais para transporte, resultando na presença de dejetos usados como adubo. O crescimento econômico da alameda se intensificou na segunda metade do século XX, e hoje abriga escritórios, hotéis e estabelecimentos de luxo.

A alameda Santos, vizinha pobre da Paulista, herdava tudo aquilo que pudesse comprometer o conforto e o status dos habitantes da outra, da vizinha famosa. Os enterros, salvo raras exceções, (...) eram desviados para a alameda Santos, nela desfilavam todos os cortejos fúnebres que se dirigiam ao Cemitério do Araçá, não muito distante dali. Rodas de carroças e patas de burros jamais tocaram no bem cuidado calçamento da Paulista. (...) Nem as carrocinhas da entrega do pão, nem os burros da entrega do leite, com seus enormes latões pendurados em cangalhas, um de cada lado passando pela manhã muito cedo, tinham permissão de transitar pela avenida. Nossa rua era, pois, uma das mais movimentadas e estrumadas do bairro, com seu permanente desfile de animais. Em dias de enterros importantes, o adubo aumentava. (GATTAI, 1979, p. 53)

Ao voltar do Guarujá, encontrei minha alameda Santos diferente; ela já não era a mesma. Tornara-se sombria e estreita aos meus olhos, agora habituados a contemplar a imensa praia de areias alvas e o mar infinito. Inacreditáveis, as modificações ocorridas em nossa ausência, nesse curto espaço de tempo! As novidades eram muitas. Uma grande placa na fachada da farmácia de seu Adamastor chamou-me a atenção: farmácia ítalo-paulistana. (...) A Casa da Velha, nos fundos da garagem, fora demolida; pedreiros já trabalhavam na construção de outra casa. (GATTAI, 1979, p. 262)

3.2.3 Avenida Paulista, São Paulo (SP)

Inaugurada em 1891, a Avenida Paulista foi a primeira rua asfaltada e arborizada de São Paulo. Na

década de 1920, tornou-se uma das principais vias da cidade, sendo palco de eventos como corridas de charrete, desfiles de automóveis e festas de Carnaval. Inicialmente, era predominantemente residencial, com mansões de famílias ricas, mas gradualmente evoluiu para um centro financeiro e comercial, com grandes edifícios ocupados por escritórios e estabelecimentos de diferentes portes.

> Da praça Olavo Bilac até o largo do Paraíso, era aquele desparrame de ostentação! Palacetes rodeados de parques e jardins, construídos, em geral, de acordo com a nacionalidade do proprietário: os de estilo mourisco, em sua maioria, pertenciam a árabes, claro! Os de varandas de altas colunas, que imitavam os palazzos romanos antigos, denunciavam - logicamente - moradores italianos. Não era, pois, difícil, pela fachada da casa, identificar a nacionalidade do dono. (GATTAI, 1979, p. 13-14)

3.2.4 Parque Jardim da Luz, São Paulo (SP)

O Parque Jardim da Luz, fundado em 1798 no Bom Retiro, São Paulo, é o primeiro jardim público da cidade. Em 1860, parte de suas terras foi usada para construir a atual Estação da Luz do metrô. Na década de 1920, o parque passou por modificações que moldaram sua configuração atual. Integrado ao complexo do antigo Liceu de Artes e Ofícios, hoje abriga a Pinacoteca do Estado e o Museu da Língua Portuguesa, que foi reconstruído após um incêndio em 2015. O parque é um importante patrimônio histórico e cultural da cidade.

> Magro consolo, ela [dona Angelina] nos levava ao Jardim da Luz, menos divertido, porém muito mais econômico. Pra dizer a verdade, pouca coisa havia a fazer nesse bendito Jardim da Luz: correr atrás dos bichinhos soltos no parque - qual a graça? -, comer lanche trazido de casa numa cesta, laranjada ou limonada acondicionada em garrafas, também trazidas de casa. Para que nossos pais tivessem lembranças do crescimento dos filhos, de vez em quando tirávamos retrato num dos lambelambes estacionados em frente a uma gruta - de alvenaria - no meio do jardim. A volta era penosa. Cansada de tanto correr, tinha que ficar de pé no bonde, assim não pagaria passagem. Mesmo que houvesse lugar no banco, mamãe me punha sentada em seu colo ou mantinha-me de pé, caso o colo estivesse ocupado com sacolas e embrulhos, o que não era raro. (GATTAI, 1979, p. 48)

3.3 Camada 3 - Outros Lugares no Estado de São Paulo

A terceira camada aborda os lugares que Zélia visitou com sua família fora de São Paulo entre 1910 e 1930. Ela narra experiências em São Caetano do Sul e na Capela do Ribeirão, destacando o impacto da expansão infraestrutural e industrial no crescimento populacional, impulsionado pela atração de trabalhadores. Ao relatar suas viagens às praias de Gonzaga e Pitangueiras, Zélia compartilha seus primeiros contatos com o mar, em uma época em que a paisagem natural era pouco explorada. Com o tempo, houve um aumento na verticalização das edificações e na expansão do turismo, atraindo visitantes de maior poder aquisitivo.



Mapa 4: Camada 3 do Mapa Afetivo de Zélia Gattai. 2023. Elaborado por Lorenna Lemos.

3.3.1 São Caetano do Sul

O município de São Caetano do Sul, em São Paulo, foi fundado em 1670 com a construção da Fazenda do Tijucuçu, depois chamada de Fazenda São Caetano, por frades beneditinos. Em 1877, a fazenda se transformou no Núcleo Colonial, com a chegada dos primeiros imigrantes italianos. Na década de 1920, a cidade experimentou um crescimento acelerado devido à expansão da indústria automobilística, destacando-se também na educação. Hoje, São Caetano do Sul é reconhecida como um importante centro industrial, oferecendo uma ampla variedade de serviços, comércio e opções de lazer.

> Tomava-se dois bondes para chegar à Estação da Luz. Na Estação da Luz apanhava-se o trem parador que ia chegando e despejando passageiros em todas as estações: Brás, Mooca, Ipiranga, Vila Prudente e ainda outras, antes de alcançar o nosso destino: São Caetano. Mamãe só viajava de segunda classe. Nesse caso não era por economia e sim por ser 'muito mais divertido…'. Nos vagões de segunda, era permitido o transporte de volumes grandes e de animais. Viviam sempre apinhados de gente, de bichos e de mercadorias. Todo mundo se atropelava, ao entrar no trem, na ânsia de conseguir sentar - havia o costume de marcar lugar pela janela antes de subir ao vagão - tropeçando em jacás de frutas e de verduras, em trouxas de roupas, em bujões de leite, em cestas de ovos e em gente mesmo. (...) Em menos de uma hora de viagem chegávamos a São Caetano, sujos de fuligem, cheios de novidades e piadas para no regresso contar aos que não tinham sido escalados naquele dia. Caminhávamos ainda uns bons dois quilômetros antes de chegar à chácara de tio Angelim. (GATTAI, 1979, p. 66-67)

3.3.2 Praia de Gonzaga, Santos

A Praia de Gonzaga, em Santos, São Paulo, era frequentada pela elite na primeira metade do século XX. A infraestrutura urbana cresceu com a construção do primeiro calçadão, bondes e asfaltamento. Na década de 1960, intensas urbanizações trouxeram bares, restaurantes, hotéis e prédios, verticalizando a paisagem. Hoje, o calçadão foi ampliado e inclui ciclovias, praças, quiosques, parques infantis e quadras esportivas.

> Entramos em Santos pela praia do Gonzaga, cheia de hotéis. Depois vieram as de José Menino, Ilha Porchat, São Vicente, papai apresentando-as aos filhos, contente com as reações de admiração das crianças. Na praia do Gonzaga mudamos a roupa num hotel e, enquanto os pais ficaram bebericando no bar do terraço, na calçada, corremos para as ondas. (...) Sol ainda alto, papai aconselhou que regressássemos. Traiçoeira, a neblina na serra não tinha hora para baixar, e no escuro, à noite, as coisas se complicavam, a falta de visibilidade não era brincadeira.

3.3.3 Praia das Pitangueiras, Guarujá

A Praia das Pitangueiras, anteriormente chamada Praia das Laranjeiras, localiza-se no Guarujá, São Paulo. Na década de 1920, não havia saneamento básico, tinha poucas construções e o acesso era feito por embarcações e trilhas. Com o crescimento do turismo, a infraestrutura urbana se desenvolveu, incluindo comércio e serviços como hotéis e restaurantes. Em 1960, a construção do arranha-céu La Plage marcou a verticalização e o crescimento imobiliário da área. Atualmente, a praia oferece uma ampla gama de serviços voltados para uma população de alto poder aquisitivo.

> O anúncio dizia: 'Aluga-se, para temporada, lindo bungalow mobiliado, na praia do Guarujá, perto do restaurante Astúrias. Aluguel, 250$000 (duzentos e cinquenta mil-réis). Tratar avenida Rebouças número…'. (...) O 'lindo bungalow' não era tão lindo assim, mas tinha alpendre e ficava em frente ao mar, em plena praia. Era grande, muitos quartos, o suficiente para hospedar parentes e amigos. Em lugar de jardim, o mato circundava a casa, terreno pantanoso, poças de água parada por todo o lado. Lugar completamente deserto, duas outras casas apenas nas imediações, o Restaurante Astúrias, distante, isolado, no alto de umas pedreiras. Praia larga de areia alva, água de mar mais límpida jamais vi, verde 'como líquidas esmeraldas…', coisa mais linda, impossível! (GATTAI, 1979, p. 257-258)
>
> Ao anunciar o 'lindo bungalow' o proprietário se esquecera de avisar que a praia, linda, maravilhosa, não era saneada, que a malária andava solta por lá. (GATTAI, 1979, p. 260)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de analisar as obras de Zélia Gattai e as paisagens urbanas que a escritora retrata surgiu do anseio de reconhecer e valorizar a contribuição significativa das mulheres no estudo das cidades. Essa abordagem é fundamentada no conceito de Sandra Pesavento (2008), que considera escritoras não apenas como leitoras, mas como produtoras especiais do espaço urbano.

Com o Mapa Afetivo, temos acesso a um acervo de recordações, de valor artístico e urbanístico. Sua interação com o espaço, expressada com o olhar geopoético, marca sua escrita afetiva, carregada de emoções e sentimentos. Seus relatos, na medida em que apresentam experiências do cotidiano, eventos históricos e tradições culturais que emergiram ao longo dos séculos XIX e XX em São Paulo, permitem às leitoras e leitores viajarem no tempo pelos lugares, em um passeio também geopoético.

Dessa forma, o presente trabalho revela que meninas e mulheres desempenham um papel fundamental na construção da cultura nas cidades, moldando identidades e narrativas que muitas vezes são ignoradas. É essencial reconhecer essas contribuições, uma vez que elas oferecem perspectivas valiosas que desafiam a dominação masculina, que frequentemente impõe limitações sobre os corpos femininos nos espaços públicos e privados. Essa resistência é crucial para a criação de um ambiente urbano mais inclusivo e representativo.

Torna-se, portanto, imperativo que a voz, a memória, a história e a presença das mulheres sejam não apenas reconhecidas, mas amplificadas. Isso deve ocorrer tanto no âmbito acadêmico, onde suas histórias e contribuições podem enriquecer o conhecimento coletivo, quanto nas decisões políticas e sociais que moldam o futuro das cidades. A valorização das experiências femininas é vital para garantir que o urbanismo e as políticas públicas considerem a diversidade de vozes e realidades que compõem a vida urbana. Essa inclusão não apenas enriquece a narrativa urbana, mas também promove uma cidade mais justa e acolhedora para mulheres.

Referências

ANPUH. Resumo UNICAMP 2012. Disponível em: http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342564465_ARQUIVO_ResumoUNI CAMP2012.pdf. Acesso em: 27 mai. 2023.

BBC News Brasil. Entre amor livre e fome, a vida na colônia Cecília, uma malsucedida experiência anarquista do Brasil. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/geral-52973847. Acesso em: 20 mai. 2023.

Door of Perarolo. Perarolo Then and Now. Disponível em: https://doorofperarolo.blogspot.com/2014/06/perarolo-then-and-now.html. Acesso em: 20 mai. 2023.

IBGE - Cidades. Cândido Mota. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/candido-mota/historico. Acesso em: 21 mai. 2023.

Fundação Pró-Memória. Lista de Freguesias e Municípios. Disponível em: http://www.fpm.org.br/Tempo/List. Acesso em: 11 jun. 2023

GATTAI, Zélia. Anarquistas, Graças a Deus. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 1a Edição, p. 270, 1979. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1a edição, p. 344, 2009.

_____. Cittá di Roma. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record; 4ª edição, p. 172, 2000.

PEREIRA, Syrléa Marques. Entre Histórias, Fotografias e Objetos: imigração italiana e memórias de mulheres. Tese (Pós-graduação em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói - RJ, p. 280. 2008.

PESAVENTO, Sandra. História, Memória e Centralidade Urbana. Revista Mosaico: História, Cultura e Poder - Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiás. p. 10, 2008. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/225.

POULET, Regis. A geopoética ou como abrir um mundo. Instituto Internacional de Geopoética. Disponível em: https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/281-a-geopoetica-ou-como-abrir-um-mundo. Acesso em: 19 jun. 2021.

Prefeitura de São Paulo. Alameda Santos. Disponível em: https://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/historia-da-rua/alameda-santos/. Acesso em: 21 mai. 2023.

RIBEIRO, Viviani de Moraes Freitas. Educação Patrimonial e Cartografia Afetiva: uma possibilidade de metodologia de ensino. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais, Rio de Janeiro, 2020.

Ecoturismo & Conservação

Sessão Científica

Geopoética e racismo ambiental: pelas águas no Parque Estadual Cunhambebe, o que nos conta a microbiologia?

Elaine dos Santos Ramos Marinho
Bacharel em Ciências Ambientais pela UNIRIO/RJ; Mestre em Ecoturismo e Conservação pela UNIRIO; elaine85.marinho@edu.unirio.br

Luiza Corral Martins de Oliveira Ponciano
Docente do Mestrado Profissional em Ecoturismo e Conservação, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGEC / UNIRIO); Instituto de Biociências, Laboratório de Geociências e Geopoética.
luiza.ponciano@unirio.br

RESUMO

A abordagem geopoética realizada a partir da experiência microbiológica e envolvimento hidrológico com o Parque Estadual Cunhambebe analisou as possibilidades de estabelecimento de relações sensíveis e afetivas com esta região ao seguir o curso de suas águas. Os quatro pontos de análise foram no Vale do Sahy, em Mangaratiba, e em Muriqui, na Cachoeira Véu da Noiva, onde refletimos sobre os meios utilizados para realizar integrações entre Arte e Ciência, seres humanos e Natureza, pela instalação de uma "obra de arte" permanente e de grande porte no topo da Cachoeira Véu da Noiva, por uma artista japonesa. Nela, os resultados das coletas para análise da balneabilidade para as águas doces com fins recreativos foram considerados entre excelente e bom. Mas assim como as águas, o Racismo Ambiental também inundou a pesquisa. No Vale do Sahy as coletas se mostraram significativas, demonstrando um retrato de contaminação para coliformes fecais, *Escherichia coli*, acima do permitido. É necessário aprofundar a análise do Racismo Ambiental nesta área, além de identificar a real qualidade da água coletada para consumo e seu padrão de potabilidade. Por fim, pela integração dos temas apresentados vemos como a Geopoética pode auxiliar a até mesmo ressaltar a percepção do racismo ambiental numa região, ampliando o recorte da história que a análise da Microbiologia revelou.

Palavras-chave: Parque Estadual Cunhambebe, Geopoética, Racismo Ambiental.

ABSTRACT

The geopoetic approach based on microbiological experience and hydrological involvement with Cunhambebe State Park analyzed the possibilities of establishing sensitive and affective relationships with this region by following the course of its waters. The four points of analysis were in the Sahy Valley, in Mangaratiba, and in Muriqui, at Véu da Noiva Waterfall, where we reflected on the means used to integrate Art and Science, human beings and Nature, through the installation of a permanent, large-scale "work of art" at the top of Véu da Noiva Waterfall, by a Japanese artist. In it, the results of the collections for analysis of the bathing suitability of fresh waters for recreational purposes were considered between excellent and good. But just like the waters, Environmental Racism also flooded the research. In the Sahy Valley, the collections proved to be significant, showing a picture of contamination for fecal coliforms, *Escherichia coli*, above the permitted level. It is necessary to deepen the analysis of Environmental Racism in this area, in addition to identifying the actual quality of the water collected for consumption and its potability standard. Finally, by integrating the themes presented, we see how Geopoetics can help to highlight the perception of environmental racism in a region, expanding the historical context revealed by the microbiological analysis.

Keywords: Cunhambebe State Park, Geopoetics, Environmental Racism.

MERGULHANDO NA GEOPOÉTICA

Quem realiza a abordagem Geopoética tem a tendência de se abrir para deixar envolver-se pelos afetos com o meio, e isso será retratado aqui a partir da experiência microbiológica no processo de envolvimento hidrológico com o Parque Estadual Cunhambebe (PEC) amalgamado no corpo, mudando as relações estabelecidas seguindo o curso de suas águas, contornando novas paisagens, e definindo o Lugar com sentidos e significados (TUAN, 2013).

Todo Lugar que lhe refere sentido tem sua importância, e no PEC a água é central para esta formulação. Esta importância se dá tanto para a região da Costa Verde do Rio de Janeiro quanto para a região Metropolitana do Rio, que também se beneficia de sua imponência hídrica. Pela história, as pessoas constituíram seus espaços territoriais em habitats perto dos rios e de vales úmidos, facilitando o crescimento da comunidade e do comércio (DARDEL, 2011).

Quando trazemos para a nossa rotina diária a percepção e a importância da água, a encontramos desde o cuidado pessoal com o nosso corpo à utilização nas atividades domésticas (BRUNI, 1993). Essas práticas diárias saem do campo da higiene e pertencem ao campo do bem-estar, pois além de fazer parte de uma rotina de cuidado, proporcionam frescor e nos reconfortam diariamente (BRUNI, 1993).

No PEC não é diferente, a água tem um papel potencialmente de uso múltiplo, porém o principal uso é para o abastecimento público (INEA, 2011). Ao compreender a bacia hidrográfica do Rio Guandu, dentro das funcionalidades do uso múltiplo da água nesta bacia estão, além do uso público, consumo industrial, abastecimento rural, irrigação e pesca. A mesma bacia hidrográfica favorece a recreação, lazer, turismo e geração de energia hidrelétrica, cria condições para a biodiversidade fluvial, e para a mineração e diluição dos esgotos e efluentes (SEMADS, 2001).

Quando se adentra no PEC e se percebe a sua riqueza hídrica, temos o sentimento de que tudo ali tem vida, de que tudo está em movimento em prol de algo maior, cada espaço suspira e clama para brotar vida, tendo como contraste "Lá, onde não existe água, o espaço tem algo de incompleto, de anormal: o deserto, a superfície árida dos platôs calcários, sugerem naturalmente a ideia de morte" (DARDEL, 1990).

A presença da água em seus espaços é constante e a todo instante existe um convite a viver. A água percorre os seus espaços e completa tudo. Os atrativos geoturísticos hídricos no vale do Sahy e em Muriqui lhe convidam para sentir a vida e a contemplação (RANGEL, 2017).

A dificuldade de formatar um texto líquido para falar de suas águas é como o sentimento que permeia a obra de Manoel de Barros, o Guardador de Água, quando João Anzanello Carrascoza lhe entrevista, e se vê ali sem saber o que dialogar com o poeta… Como é difícil falar sobre algo tão natural como a água e os mistérios da vida que ela guarda. Falar de coisas simples pode complicar a vida. Mas mesmo se faltar as palavras para descrever as águas do Cunhambebe, é na prática das águas que se aprende sozinho (BARROS, 2017).

A fim de analisar a importância do PEC por meio das andanças e coletas das águas e seus resultados, a poesia de Manoel de Barros volta, na tentativa de te levar a compreender nossa análise microbiológica e a leitura hídrica:

> "Ele faz encurtamento de águas.
> Apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros
> Até que as águas se ajoelhem
> Do tamanho de uma lagarta nos vidros". (Barros, 2017).

Olhar as águas do PEC de forma microbiológica é tentar de certa forma encurtar as suas águas,

quando para a ciência dizemos que tiramos um retrato daquele momento. Assim como a água, todo o cenário pode mudar para melhor ou para pior, pois a qualidade da água sofre constantemente ameaças à sua integridade devido ao comportamento antrópico, além de fatores ambientais diversos.

Desse modo, partindo dessa percepção de encurtamento das águas pelo retrato microbiológico e hídrico do PEC, transcorreremos aqui uma perspectiva geopoética sobre o olhar da microbiologia de suas águas, pois acreditamos que a Arte e a Ciência podem ser integradas para tentar retratar o "domínio das águas, inseparável do espaço verde" (DARDEL, 1990), ainda mais nesta região, chamada de Costa verde.

Importante destacar que a Geopoética, essa análise das relações sensíveis e afetivas dos seres humanos com o planeta Terra aqui proposta é parte de uma linha de Geopoética originária realizada na UNIRIO e dentro do PPGEC desde 2015, pois "Quem costuma ter mais contato com a terra/Terra em diversas escalas, enquanto solo/base e planeta são as pessoas que elaboram suas atividades mais na prática, nas vivências, com seus corpos integrados" (Ponciano et al., 2024).

Os pontos de análise foram no Vale do Sahy, em Mangaratiba, e em Muriqui, na Cachoeira Véu da Noiva, por meio de uma perspectiva microbiológica e introspectiva. O belo do reino das bactérias nos levando para dentro de nós mesmos, pois elas naturalmente permeiam e habitam o intestino humano e de animais endotérmicos. E conforme são excretadas tanto pelo homem quanto por esses animais, podem facilmente impactar nas águas se houver mistura delas. Portanto, avaliações microbiológicas e sanitárias são necessárias para garantir a sua qualidade (WORLD, 2003).

No total, foram 07 pontos avaliados na dissertação de mestrado da primeira autora (MARINHO, 2023), mas aqui nesta abordagem correlacionada com a Geopoética, de forma bem sucinta, são apresentados os pontos 04, 05 e 06, todos em Muriqui, na Cachoeira Véu da Noiva, onde "As águas deslizam através do frescor dos bosques espessos, docemente agitados" (DARDEL, 1990).

2. A FLUIDEZ DAS ARTES NA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

A Cachoeira Véu da Noiva (Figura 01), é um encanto, através dela tudo flui e nada permanece como antes. Interessante o uso da água para expressar sobre como a sua presença abundante transforma o cenário e cria coisas novas. Se parar para contemplar o PEC, você perceberá que ele é todo moldado pelas águas, lapidado, contornado conforme o curso de suas águas, transformando cada espaço em um lugar de contemplação e refrigério. Na Cachoeira Véu da Noiva a água é densa e fluente, um rio que encanta, treme em estrondo por si mesmo. E depois do maravilhamento, suas águas correm e são coletadas para abastecer a bica de alguma residência.

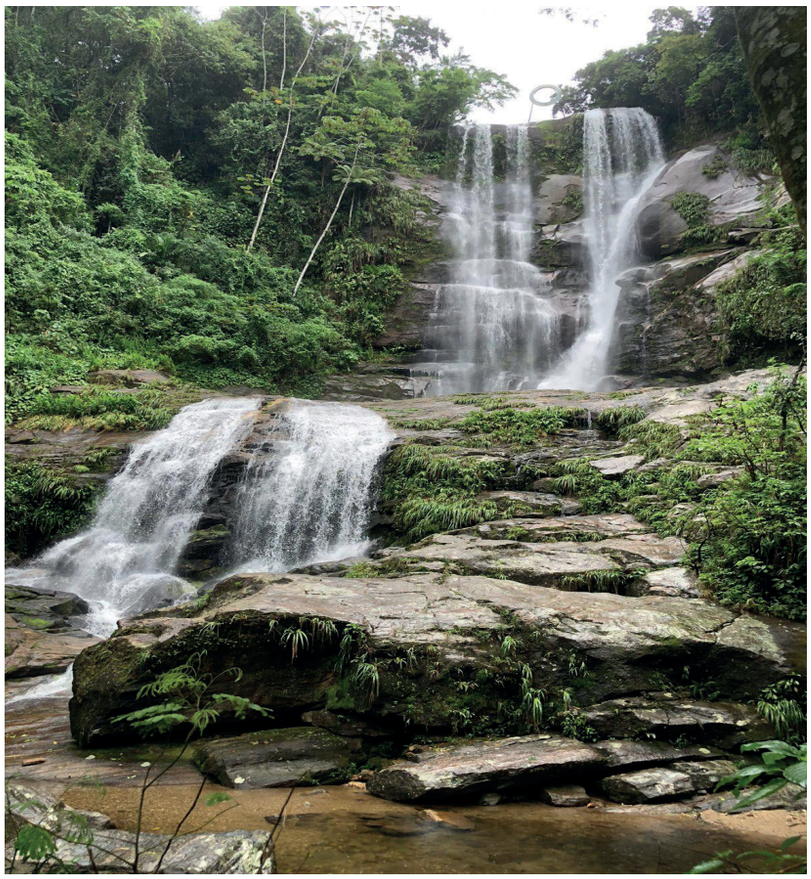


Figura 1 - Área de banho na Cachoeira Véu da Noiva-Muriqui-PEC. Fonte: Marinho, 2023.

No Véu da Noiva também fica o ponto 04 (Figura 02), acima da Cachoeira (da área de banho), nomeado como CVN-CEDAE. Para a CEDAE (Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro), é um ponto de captação da outorga autorizada para a companhia (INEA, 2015), mas segundo o plano de manejo, essa é uma atividade conflitante.

Apesar de ser um ponto proibido para banho, é de tamanha beleza e importância, pois ali a água ocupa generosamente o seu lugar, mas também está em movimento. Água corrente em movimento, aplainando o espaço, tem um quê de vida (DARDEL, 1990).



Figura 2 - Ponto de coleta CVN na captação da CEDAE. Fonte 2: Marinho, 2023.

O ponto 05 (Figura 03), nomeado como CVN-ANEL, é um espaço de criatividade, beleza e respeito, sendo a possibilidade de morte iminente. Esse lugar é tão único que atraiu a atenção internacional da artista Mariko Mori, que instalou este "monumento" olímpico nomeado "*Ring: one with nature*" (Anel: um com a natureza). Há uma inquietude nesta vastidão de paisagem, quem chega ali pode perceber. É um misto de medo e paz, mas também é um convite para ser único, um só com a floresta. É um convite para estar imerso no elo das águas, calar-se para se ouvir. Percebendo neste instante todas as sensações que o corpo possa experimentar face à natureza e sua grandeza. Onde o simbolismo das águas provoca uma regeneração para a vida, ao ser impossível não se sentir renovado depois do mergulho e da contemplação, onde a vista alcança o mar. É um certo distanciamento e integração de si para contemplar o todo, analisado também em outras pesquisas realizadas no PPGEC sobre Geopoética (CARVALHO, 2020; SANTOS et al., 2022).

Mas apesar da intenção da artista de despertar o sentimento de união com a natureza, as consequências da alteração para a instalação deste "monumento" no topo da cachoeira são mais complexas do que as na beleza cênica da paisagem ou aquelas realizadas na rocha para suportar o peso do anel em si, resultando numa consequência "invisível" muito mais impactante, que é a busca

por fotos com atrações turísticas que resultam em morte.

A água vem, por meio de um murmúrio, sussurrar que o perigo jaz à frente (DARDEL, 1990). Na borda do topo da cachoeira, onde a vista estende-se para o infinito e pode-se contemplar ao fundo o espelho d'água, também é o foco de grandes tragédias no Cunhambebe, pelas mortes de pessoas que não identificam o alto risco de chegar até o limite da queda d'água.

Ali as águas trazem um quê de perturbação, ao deslizarem e caírem de maneira que pode ser letal, brutalmente nos fazendo lembrar que "a vida é um soco no estômago" (LISPECTOR, 1998, p. 86). As histórias dos guias e moradores do entorno nos contam sobre as vidas perdidas neste local por visitantes que se debruçaram em sua borda, para tirar fotos com a escultura instalada ali, numa busca por "curtidas" em redes sociais.

O anel é famoso especialmente pelo efeito que causa no dia do solstício de inverno, quando "o Sol se alinha ao anel, visualmente passando por dentro dele e permanecendo por alguns instantes em seu interior. Tal acontecimento produz um halo de luz" (CRUZ, 2019). Esta tragédia infelizmente se repetiu periodicamente, sendo difícil encontrar registros dessas mortes para além de raros sites de notícias locais.

Concebida em 2009 após Mori ter um sonho no qual um anel celestial apareceu sobre uma cachoeira, essa instalação de um anel luminoso de três metros de diâmetro que paira sobre uma queda d'água de cinquenta e oito metros de altura foi inaugurada em 2016. Segundo Mori, o Brasil foi escolhido por ser um símbolo de riqueza e diversidade natural na América do Sul, e a simbologia do anel também foi aproveitada para se referir ao grande evento das Olimpíadas de 2016, realizadas no Rio de Janeiro (CRUZ, 2019).

Destacamos aqui a necessidade de refletirmos sobre os meios utilizados para realizar essas integrações entre Arte e Ciência, seres humanos e Natureza, pois este exemplo dos impactos negativos deste anel na cachoeira ilustra como a instalação de uma "obra de arte" de grande porte e que não pode ser retirada do local pode gerar problemas sérios para a Conservação da Natureza, incluindo as vidas humanas, especialmente quando isso ocorre dentro de Unidades de Conservação, como o PEC.

Apesar das intenções iniciais "de união e de transcendência" da artista, numa obra que "remete às teorias budistas de estarmos cercados neste plano terreno por véus de ilusão" (CRUZ, 2019), a contradição resultante das consequências que ela gerou no local, de aumento do perigo de mortes e da mega concentração de visitantes em um único dia especial do ano, não parecem compensar os possíveis benefícios da obra.

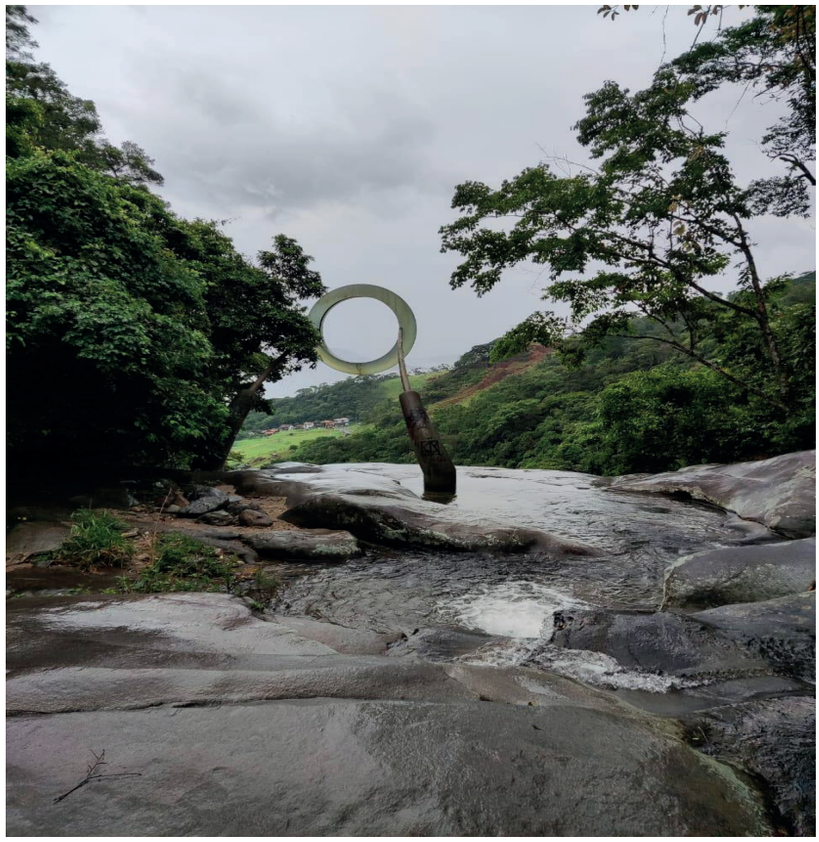


Figura 3- CVN-ANEL. Fonte 3: Marinho, 2023.

O último ponto (Figura 04), fica na parte de baixo da Cachoeira Véu da Noiva, nomeado CVN–Baixo, é a parte mais fácil de realizar a coleta, ou seja, o engarrafar ou encurtar das águas, pois a brisa refrescante que verte neste lugar é oriunda da queda d'água que cai ali, como se dissesse: vem brincar nas minhas águas! Vem ser criança, desaguar o seu choro em mim! Descansa, tira o fardo e vem. É um convite para ser feliz! Na visão de Dardel:

> "O registro afetivo da alegria propõe seu vocabulário para qualificar o mundo aquático. O riso das águas, o trinado ou a canção do riacho, sonoridades alegres da cascata, a amplidão feliz do grande rio. Apelo à alegria, vivacidade material do espaço, juventude transparente do mundo" (DARDEL, 1990).

Durante a coleta, podemos observar a alegria do momento presente vivido pelas pessoas ocupando aquele espaço. Não há dúvida, a felicidade mora ali.

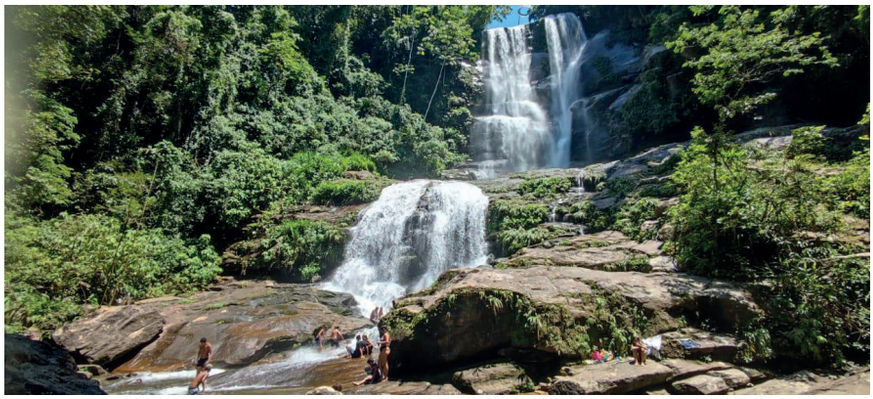


Figura 4 - CVN–Baixo. Fonte: Marinho, 2023.

3. CONTATOS: QUAIS ÁGUAS PASSAM POR NÓS?

As águas de contato primário podem estar tanto com boa qualidade quanto deterioradas, e podem causar grandes impactos na saúde humana. No Rio de Janeiro, o processo de urbanização descontrolado favorece a contaminação das águas (BRASIL, 2006). E toda água contaminada tem um quê de tumulto, de tristeza, de ausência de vida, de provocação com a morte, envelhecimento da alma. Além disso, o consumo de água com poluição fecal pode causar processos de infecção gastrointestinal devido aos microrganismos potencialmente patogênicos presentes na água de recreação primária (WORLD, 2003).

No Parque Estadual Cunhambebe, os resultados das coletas de verão nos pontos apresentados acima mostraram-se entre excelente e bom para as águas de recreação primária, segundo a resolução CONAMA 274, que define critérios de balneabilidade para as águas doces com fins recreativos. A recreação aquática envolve diferentes tipos de usuários, sendo de suma importância se ater à qualidade da água.

"Perto de muita água, tudo é feliz" (Rosa, 2019), e no retrato daquele momento da coleta, podemos dizer que estamos felizes de estar perto de águas tão importantes que ainda não foram tão entristecidas. Que, apesar dos impactos, tem se mantido com qualidade. A cachoeira Véu da Noiva apresentou valor < 02 tanto na parte superior quanto na parte inferior, sendo excelente consoante a norma para *Escherichia coli*.

Segundo o poeta João Guimarães Rosa (2019) "A água de boa qualidade é como a saúde ou a liberdade: só tem valor quando acaba". As águas do PEC ainda são de excelente qualidade, mas o seu múltiplo uso é um grande risco. A água é um serviço ecossistêmico de grande relevância mundial, e a confirmação disso é que cerca de um terço das maiores cidades do mundo usam uma proporção significativa de água potável extraída de áreas protegidas (DUDLEY E STOLTON, 2008).

Só quem adentra o PEC sabe a força de suas águas. "Mas a água só é limpa é nas cabeceiras. O mal ou o bem, estão é em quem faz; não é no efeito que dão" (Rosa, 2019). O PEC tem muitas nascentes, mas além da contaminação, o problema da extração em excesso pode diminuir a vazão da água no Cunhambebe (INEA, 2015).

Devido aos múltiplos usos da água no PEC, faz-se necessário o acompanhamento através da análise microbiológica da água periodicamente, visto que as características das águas podem rapidamente sofrer alterações de suas características físicas, químicas e biológicas.

Como vimos, um distanciar dos múltiplos sentidos e modos de análises das águas pode chegar a nos deixar de considerar o que vamos tocar e beber, mas como nos diz Manoel de Barros, "a água passa por uma frase e por mim" (BARROS, 2017). Portanto, quem adentra o PEC com disposição de criar uma relação sensível pode perceber que as suas águas também nos atravessam. Assim como o

racismo ambiental, abordado por meio de análises realizadas em outra região do PEC.

3. RACISMO AMBIENTAL NO PARQUE ESTADUAL CUNHAMBEBE?

Dentre as inúmeras desigualdades sociais que presenciamos também é evidente a ambiental, evidenciada na carência de acesso a serviços básicos como educação e saúde por negros e indígenas (ACOSTA, 2019).

O racismo ambiental é um conjunto de práticas das sociedades e seus governos que aceitam a deterioração socioambiental, justificando-se na busca pelo desenvolvimento e na naturalização implícita da inferioridade de determinados segmentos da população afetados — negros, indígenas, trabalhadores pobres, quilombolas, entre outros (DUTRA, 2021).

Essas desigualdades na distribuição espacial da deterioração socioambiental também podem ser vistas em Unidades de Conservação, com seu estabelecimento oriundo de um poder unilateral e verticalizado. No Parque Estadual Cunhambebe, agora vamos analisar o caso do Vale do Sahy, onde também foram realizadas coletas para o monitoramento da qualidade sanitária da água por avaliações microbiológicas. Ali podemos verificar esse conflito com a desigualdade social, poder hierárquico, colonialismo e descaso ambiental, diluídos nas águas que perpassam a região.

Ressignificar a relação com os espaços e sua utilização, através dos povos originários ou comunidades adjacentes, é uma alternativa para uma relação sadia com o meio ambiente. Povos tradicionais, quilombolas, ou comunidades pré-estabelecidas em áreas protegidas são quem tem não só o conhecimento, como o pertencimento do espaço. É preciso rever, até que ponto se faz necessário que o poder público domine determinada área sem promover o devido subsídio de necessidades básicas neste ambiente, como saneamento básico e a qualidade da água potável (DUTRA, 2021).

Considerando o Plano de Manejo do PEC, podemos verificar que:

> Deve-se considerar, também, que as populações locais que utilizam a captação em nascentes e/ou poços nem sempre realizam o tratamento da água que consomem, potencializando o surgimento de patologias. Nesse sentido, é fundamental entender como funciona a coleta de esgoto para que se possa traçar uma perspectiva da qualidade da água produzida pela UC e suas transformações ao longo do curso dos rios (INEA, 2015).

A UC em questão está classificada como Unidade de Proteção Integral, sendo a segunda maior do Rio de Janeiro nesta categoria. Divide-se entre quatro municípios do Estado (Rio Claro, Mangaratiba, Angra dos Reis e Itaguaí). Essas regiões, para o censo de 2010 do IBGE, revelam que 70% do esgotamento sanitário são canalizados e com assistência de coletas do poder público (IBGE, 2023). Porém, esses dados estão desatualizados ou não correspondem à realidade a ser tratada aqui.

Para o verão, as coletas se mostraram significativas, demonstrando um retrato de contaminação para coliformes fecais, *Escherichia coli,* acima do permitido para o Vale do Sahy (MARINHO, 2023).

A *E. coli* se apresenta nos ambientes aquáticos devido a despejos de esgotos com dejeto fecal de contaminação recente. A resolução CONAMA de nº 274/2000 determina que os valores considerados próprios para caráter de balneabilidade não ultrapassem o valor de 800 NMP (Número provável de *E. coli*). No Parque, segundo o Plano de Manejo, os dados para coleta de esgoto por rede geral têm duas lacunas: a ausência de uma estação de tratamento de efluentes para coleta de esgoto, que culmina no lançamento direto desses efluentes sem o devido tratamento nos corpos hídricos do PEC. Não se pode calcular dados do volume de carga lançada pelas atividades dos domicílios particulares permanentes. A segunda lacuna seria a da agropecuária e processos industriais e como essa carga compromete a

qualidade da água ali (INEA, 2015).

Já para a população residente e seus domicílios, assim como em toda Costa Verde, existe alguma forma de coleta de esgoto, porém com deficiências na destinação (INEA, 2015). Já as populações mais rurais ou mais afastadas do perímetro urbano não são beneficiadas com o serviço.

É preciso repensar de que forma o poder público pauta a criação das UC no Brasil e desconsidera as populações pretéritas. Como forma de estratégia de resolução de problemas ambientais, ocorrem massacres especialmente de negros e indígenas (ANTUNES, 2017).

No PEC, no Vale do Sahy, temos residências de moradores locais até certo ponto do percurso. No sistema hidrográfico do Rio Sahy existem poucos rios que contribuem com ele e têm sua vegetação bem preservada. Ainda a montante, em uma extensa planície fluvial, está localizado o assentamento da Fazenda Rubião, onde predomina a atividade de pastagens, plantação de banana e hortas domésticas, como fonte de renda da população local (INEA, 2015).

O foco da pesquisa não é determinar o impacto da poluição em relação à potabilidade, mas sim a balneabilidade. Porém, é impossível esbarrar nesses dados das primeiras análises para o verão e verificar o indício de um problema maior voltado para a saúde pública e ficar indiferente. Ainda mais quando é percebido como o racismo ambiental pode estar instaurado ali. Os dados encontrados refletem as desigualdades, pois:

> em relação aos aspectos socioeconômicos, esse sistema hidrográfico apresenta uma configuração que reflete certa complexidade. Isto devido às inúmeras diferenças locacionais existentes no próprio sistema em relação à distribuição (e consequente acessibilidade) dos serviços básicos (como coleta de lixo, abastecimento de água, entre outros) (INEA, 2015).

Na região de Mangaratiba, onde está situado o Vale do Sahy, podemos verificar desde grandes condomínios residenciais luxuosos até hotelarias diversas, que recebem o devido tratamento tanto de coleta como abastecimento hídrico. E indústrias de grande porte, como a Vale. Mas também se verificam comunidades que não recebem a devida atenção do poder público em questões de aplicação ou sequer remediação com políticas ambientais. Como diria o poeta e imortal Gilberto Gil: "Nos barracos da cidade, ninguém mais tem ilusão. No poder da autoridade, de tomar a decisão, e o poder da autoridade, se pode, não faz questão, se faz questão, não consegue enfrentar o tubarão."

Essa divergência evidencia o racismo ambiental no local. No Vale do Sahy, segundo o Plano de Manejo do PEC, temos um grande índice de analfabetismo na população de trabalhadores rurais e pequenos proprietários pobres. A infraestrutura básica da região hidrográfica se dá por fossas sépticas no destino do esgoto doméstico e carece de coleta do lixo. Embora grande parte seja atendida pelo serviço de coleta, uma parte deixa de ser contemplada, como a população da parte superior da bacia do Sahy (INEA, 2015).

"Apesar deste cenário, o abastecimento de água na região não se dá, preferencialmente, pela rede geral de água, e sim por técnicas alternativas como, por exemplo, acesso à nascentes, poços artesianos, entre outros." (INEA, 2015). Esta diferença do tratamento para a região pode resultar em possíveis surgimentos de patologias, como a gastroenterite, causada pela presença de *E. coli* na água.

Cabe ainda relembrar que a realidade do Rio de Janeiro não está atualizada, já que o censo é de 2010, e não retrata na atualidade o crescimento urbano já tão desassistido no Estado, bem como os serviços considerados básicos. O PEC está inserido na Bacia Hidrográfica do Guandu, que em diagnóstico da ANA para esta bacia em 2006, demonstrou que a qualidade da água em boa parte da bacia e seus afluentes não se encontram em boa qualidade (TUBBS FILHO, 2012). Inclusive no mesmo estudo do INEA, com a ANA, relacionado acima, alega que:

> A bacia do Rio Guandu apresenta índices muito baixos de atendimentos

> por sistemas de esgotamento sanitário. Menos de 10% da população urbana é beneficiada por algum tipo de serviço de coleta de esgoto, há carência generalizada de infraestrutura nesse setor e a maioria dos esgotos gerados é lançada *in natura* no ambiente aquático, estando a poluição concentrada em trechos do rio e seus tributários (TUBBS FILHO, 2012).

Como abordado, para a região da UC, o Plano de Manejo do parque ressalta a fragilidade da infraestrutura sanitária da área interna e de abrangência imediata do PEC. E que as águas dessa região são importantes para abastecimento local da região da Costa Verde e indiretamente da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (INEA, 2015). Inclusive, são águas relevantes por servirem às populações locais, diretamente, através da captação em nascentes ou poços, mesmo que sem tratamento dessas águas (INEA, 2015).

4. ÁGUAS PRÓPRIAS PARA... QUEM?

Usualmente a água em Unidades de conservação é considerada de "melhor qualidade, ou seja, mais preservadas" (DUDLEY, 2008). Porém, os resultados encontrados para o verão no Vale do Sahy revelam que o cenário pode mudar conforme as circunstâncias do impacto causado pela ação antrópica. Que, consecutivamente, age desta forma mediante a ausência do poder público, que não fornece as condições para um devido descarte dos seus resíduos, como esgoto residencial e coleta de lixo.

Portanto, é necessário que sejam realizadas mais pesquisas sobre a temática do Racismo Ambiental na área do entorno do PEC, como no Vale do Sahy, além de identificar a real qualidade da água coletada para consumo e seu padrão de potabilidade.

Por fim, vemos como uma Geopoética originária, que realmente analisa os impactos ainda presentes da colonização num contexto mais amplo e profundo da nossa história local, destacando os conhecimentos indígenas e afrodiaspóricos nas relações com as Naturezas, pode auxiliar a até mesmo ressaltar a percepção do racismo ambiental numa região.

Como vimos pela história que a análise da Microbiologia revelou, quando esta abordagem geopoética não é romantizada nem eurocentrada, ela pode nos acolher na realização de pesquisas que envolvem resultados que muitas vezes nem chegam a ser analisados ou publicados, pelas complexidades que os envolvem. Mas a integração efetiva de formas de análises e expressões de diversas áreas que foram separadas na academia, como as Artes, Biologia e o Turismo, podem resultar em pesquisas que superem dificuldades que isoladamente seriam mais difíceis de serem consideradas.

5. REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Editora Elefante, 2019.

ANTUNES, E.P. Conflitos Territoriais em Áreas Protegidas do Sul Fluminense: o caso dos pequenos produtores familiares assentados no Parque Estadual Cunhambebe, Mangaratiba (RJ). Orientador: Augusto César Pinheiro da Silva; 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Departamento de Geografia e Meio Ambiente PUC-Rio, 2017.

BARROS, Manoel de. O guardador de águas. Alfaguara, 2017.

BRASIL. Resolução CONAMA nº. 274, de 29 de novembro de 2000.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Vigilância e controle da qualidade da água para consumo humano/ Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRUNI, José Carlos. A água e a vida. Tempo social, v. 5, p. 53-65, 1993.

CARVALHO, FRANCISCO. VARANDARANA, UMA ARQUITETURA GEOPOÉTICA: A importância da Arte para a gestão das áreas protegidas. 2020. 346 f. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) - Unirio, [*S. l.*], 2020.

CRUZ, Esther Corrêa. Estamos todos conectados: meditações sobre a obra de Mariko Mori. 2019. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

DARDEL, Éric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: ed. Perspectiva, 2011.

DUDLEY, N.; STOLTON, S. Drinking Water and Protected Areas. In: Secretariat of the Convention on Biological Diversity. Protected Areas in Today's World: Their Values and Benefits for the Welfare of the Planet. Montreal: Secretariat of the Convention on Biological Diversity, 2008. p. 37-41.

DUTRA, Andressa. O ENFRENTAMENTO DO RACISMO AMBIENTAL A PARTIR DA GEOPOÉTICA: UM OLHAR PARA AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS. **10º Simpósio de Gestão Ambiental e Biodiversidade**, [*S. l.*], p. 1, 11 nov. 2021.

INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE (INEA). O Estado do Ambiente: indicadores ambientais do Rio de Janeiro. Júlia Bastos & Patrícia Napoleão (Orgs.). Rio de Janeiro: SEA; INEA. 160p. 2011.

IBGE, GOV. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico**. [*S. l.*], 18 jul. 2023. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/pesquisa/30/84366. Acesso em: 18 jul. 2023.

INEA, 2015. Plano de Manejo Parque Estadual Cunhambebe. Brasil: [s. n.], 2015. Plano de Manejo.

Jobim, Antonio Carlos; Moraes, Vinícius de. Água de beber. In: Tom, Jobim. Ao Vivo em Montreal. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 1961. Disponível em:https://www.youtube.com/watch?v=zkCkIGqGyAI. Acesso em: 16 março 2023.

LISPECTOR, Clarice. Água viva. U of Minnesota Press, 1989.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998. 86 p.

MARINHO, Elaine da Silva. ECOTURISMO NO CUNHAMBEBE - UMA BREVE ANÁLISE DA MICROBIOLOGIA DOS RECURSOS HÍDRICOS DO PARQUE ESTADUAL CUNHAMBEBE. 2023. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ecoturismo e Conservação) - Unirio, [*S. l.*], 2023.

RANGEL, Luana DE ALMEIDA; GUERRA, Antonio José Teixeira; BOTELHO, Rosangela Garrido Machado. POTENCIAL GEOTURÍSTICO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA COSTA VERDE (ESTADO DO RIO DE JANEIRO): O PARQUE NACIONAL DA SERRA DA BOCAINA E O PARQUE ESTADUAL CUNHAMBEBE. In: 1º Workshop ARTE & Ciência: Reflexão Integrada na Paisagem. 2017.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Editora Companhia das Letras, 2019.

PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira; CARDOSO, Ilana Ribeiro; SANTOS, Lidiane Barbosa. 2024. Geopoética e Base Comunitária: no encontro de nossas nascentes, as nossas bases na Terra. *In:* **Turismo em quilombos [livro eletrônico): do fortalecimento da memória à luta antirracista** / organização Maria Amália Silva Alves de Oliveira, Rodrigo Machado Vilani. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2024. p.82-107.

SANTOS, Lidiane Barbosa; REIS, Camila Tomaz; PONCIANO, Luiza Corral Martins de Oliveira. Geopoética na Conservação da Natureza de Base Comunitária: Valão é racismo e canal não sustenta não, num Rio que é caminho Favela tem solução. **Anais do II Seminário Tecnologia para Edificações e Cidades Inteligentes, Saudáveis e Sustentáveis**. Salvador, Bahia. Set. 2022.

SEMADS (a) Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Bacias Hidrográficas e Rios Fluminenses: síntese informativa por macrorregião ambiental. Cooperação Técnica Brasil-Alemanha, Projeto PLANAGUA-SEMADS/GTZ. Rio de Janeiro:2001.

SOUSA, Annelise Martins de et al. CARACTERIZAÇÃO DA QUALIDADE DA ÁGUA DA LAGOA DE CIMA–CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ, ATRAVÉS DE PARÂMETROS FÍSICO-

QUÍMICOS, MICROBIOLÓGICOS E ANÁLISE ESTATÍSTICA MULTIVARIADA. Revista de Ciências Ambientais, v. 15, n. 3, p. 1-17, 2021.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUBBS FILHO, Décio; ANTUNES, Julio Cesar Oliveira; SILVA VETTORAZZI, Janaina. Bacia Hidrográfica dos Rios Guandu, da Guarda e Guandu-Mirim: Experiências para a gestão dos recursos hídricos. In: **Bacia hidrográfica dos Rios Guandu, da Guarda e Guandu-Mirim: experiências para a gestão dos recursos hídricos**. 2012. p. 339-339.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Guidelines for safe recreational water environments: Coastal and fresh waters. World Health Organization, 2003.

Ecoturismo & Conservação

Marinhas e a Geopoética de Myriam Fraga

Tessa Pisconti
POETA, MESTRA EM ENGENHARIA DA PRODUÇÃO (UFSC); GRADUADA EM LETRAS VERNÁCULAS (UFBA)
MEMBRO DO GRUPO DE PESQUISA EM GEOPOÉTICA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
E-mail: tessapisconti01@gmail.com

Resumo

A geopoética de Myriam Fraga tem como referência a obra *Marinhas*, que dá título ao livro homônimo da autora, em 1964, pela histórica editora Macunaíma. Nessa incursão pelo mar e outros elementos que compõem o espaço geográfico da poeta, evidencia-se a sua relação com o ambiente marinho. Nascida na capital baiana, Myriam Fraga é escritora reconhecida, com vasta obra que abrange poesia, prosa, crônicas, biografias, antologias, literatura infantil e dramaturgia. Neste trabalho, a análise direciona-se aos elementos da geopoética, contidos na temática fragueana, observando-se como eles se relacionam em *Marinhas*. No percurso poético de Fraga, ficou evidenciado que sua escrita e memória afetiva estão interligadas ao espaço e aos elementos geográficos. Mar, porto, arrecifes são alguns dos componentes geográficos recorrentes na obra investigada, elementos estes que dão sentido à escrita da poeta e dialogam com o mesmo tecido formador da teoria-prática elaborada por Kenneth White. Nessa construção de cenários, Myriam Fraga cria imagens, a partir da subjetividade e das memórias, visando uma convivência mais justa entre os seres humanos e o espaço circundante.

Palavras-chave: Geopoética. Poesia, Marinhas.

Considerações Iniciais

Os primeiros passos para o estudo sistemático da geopoética foram dados por Kenneth White, entre 1978 e 1979, quando o estudioso percebeu a necessidade de fazer uma leitura mais atenta e profunda de uma Terra cada vez mais ameaçada. Para ele, geopoética não se trata de variedade cultural, nem de uma escola literária, tampouco de uma poesia considerada como arte íntima, mas de um movimento maior, relacionado à existência do Homem na Terra. Tais estudos e reflexões levaram Kenneth White à época professor titular da cátedra de Poética do século XX em Paris-Sorbonne, a fundar, mais tarde, em 1989, o Instituto Internacional de Geopoética.

De acordo com White [1989], a geopoética é uma teoria embasada num espaço de cultura e de uma nova mentalidade de mundo, isto é, um movimento ligado à própria existência humana. Em *O grande campo da geopoética*, um dos textos fundadores desta teoria, este autor considera a geopoética uma teoria-prática que pode fundamentar práticas científicas, artísticas, entre outras, "que ainda não encontraram uma base e, logo, uma dinâmica durável". Ainda conforme o fundador do Instituto de Geopoética, são evidentes as relações da geopoética com a geografia, entretanto há também uma interdisciplinaridade com as demais ciências e outros campos do conhecimento. White [1989], em seus estudos, faz um convite a todo tipo de conhecimento humano – a exemplo da poesia, do pensamento e da ciência –, para interagir num espaço global. Na visão do estudioso, a ideia de geopoética está latente em vários indivíduos por meio do espaço e do tempo.

Ao tratar da linguagem no âmbito da poesia, o filósofo e poeta francês Gaston Bachelard (2003) postula que a linguagem é colocada em estado de emergência pela poesia, ao pontuar que "a imagem poética é uma emergência da linguagem, está sempre um pouco acima da linguagem significante" (p. 11). Dessa forma, a imagem revela-se como texto, como memória presente na concepção de mundo criado pelo poeta.

Ainda de acordo com Bachelard, a poesia contemporânea surge como um fenômeno da liberdade. Em seu livro *A poética do espaço*, Bachelard (2003, p. 26) ressalta que "pelos poemas, talvez mais que pelas lembranças, chegamos ao fundo poético do espaço da casa". A casa, para o estudioso, é o lugar de abrigo, onde o sonhador se sente em paz para o devaneio, protegido das eventualidades do mundo.

A casa é, portanto, o reduto sagrado, legítimo e íntimo, é o ambiente no qual o indivíduo normalmente se sente pleno, seguro e à vontade. Logo, a casa, enquanto espaço, integra sonhos, pensamentos, lembranças e, nesse sentido, constitui-se num espaço protetor, fornecendo ao sonhador condições de criar seus devaneios. É nesse espaço de convivências, de vivências, intimidades e fantasias que o poeta constrói suas verdades, seus cenários, seu mundo imaginário.

No âmbito dos estudos sobre a geopoética, vale destacar o artigo *A geopoética sob o olhar de Sophia de Mello Breyner Andresen*, escrito por Lirandina Gomes, professora, doutora e pesquisadora da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). O estudo sobre a poeta portuguesa revela que as imagens poéticas de Breyner são marcadas por conteúdos geográficos e que são relacionados à sua existência e às memórias afetivas. Conforme Gomes (2019), "a geopoética propõe uma ampla e profunda reflexão sobre a espacialidade humana, o "ser- e -estar no mundo", sobre a vida na terra em consciência e essência. Isso pressupõe uma percepção integrada de si, da natureza e do mundo". É sob esse prisma que a obra *Marinhas*, da poeta baiana Myriam Fraga, apresenta elementos da geopoética. Tanto o espaço físico quanto o espaço íntimo da voz poética compõem a lírica, a memória, a casa e o refúgio da poeta. São imagens constituídas de recursos geográficos, de modo que os devaneios do eu lírico em Myriam Fraga utilizam-se de fortes traços geográficos . Ao se apropriarem da linguagem poética, tais devaneios buscam extrair dos elementos geográficos uma visão integrada de mundo. Nesse sentido, a poesia de Fraga reflete o caráter geopoético defendido por Kenneth White.

O geógrafo francês Eric Dardel (2011), em seu livro *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, a isso denomina de geograficidade, conceito fundamental de seu pensamento, que versa sobre a relação concreta entre o Homem e a Terra. De forma pioneira e poética, Dardel (2011) traz em seu estudo uma abordagem fenomenológica da geografia, com lentes de aumento para a relação profunda entre o ser humano e o meio que o circunda. O autor defende que os estudos geográficos deveriam focalizar a realidade circundante cotidiana do comportamento humano. Dessa maneira, vislumbrar o mundo pela ótica da geopoética é conjugar espaço, ciência, consciência e poesia num mesmo universo. É assim configurada a proposta de Myriam Fraga, em *Marinhas,* na medida em que a poeta entrelaça a sua poesia com as vivências na Ilha de Itaparica.

O enfoque deste estudo está apoiado nos elementos da geopoética, enquanto *corpus* da temática fragueana, observando-se como eles interagem nos poemas analisados.

No que concerne à escolha metodológica, este artigo, inserido no campo de estudo da geopoética, é de caráter descritivo-explicativo, pelo qual se realizou uma abordagem qualitativa, para o estudo crítico e interpretativo. Quanto ao procedimento, adotou-se pesquisa bibliográfica, lançando mão dos conceitos apresentados por Kenneth White [1989] e com as contribuições do poeta, filósofo e teórico francês Gaston Bachelard (2003), além de autores como Dardel (2011), Gomes (2019, 2021) e Hoisel (2011), os quais subsidiaram a base teórica deste estudo.

A poeta Myriam Fraga e a sua trajetória

Como iniciar a fala sobre a poeta que fez da palavra e da escrita a sua expressão de mundo e seu ofício? Atrevo-me a começar contando que foi com as águas do mar, já aquecidas, com o chão fecundo e vestido de flores e com a chegada das chuvas. Foi, portanto, sob as estações coloridas da primavera e da poesia, que nasceu, em Salvador, em 09 de novembro de 1937, a poeta Myriam Fraga. O contato com o universo literário, e com a poesia, ocorreu ainda na sua infância. A paixão pela leitura começou mesmo antes de ela aprender a ler e a escrever. Implorava a quem pudesse emprestar-lhe os olhos e o entendimento, para decodificar a linguagem cifrada dos livros. Aos dezoito

anos, Myriam foi impactada pela leitura de Memórias de uma moça bem comportada, de Simone de Beauvoir. Daí sucederam encontros com muitos escritores e intelectuais estrangeiros, como Balzac, Flaubert, Tolstoi, Dostoievski, Sartre, Edgar Allan Poe, Thomas Mann, Marcel Proust, entre outros.

A escritora iniciou sua incursão poética publicando em revistas e suplementos culturais no final da década de 1950. Desde então destacou-se na cena literária e cultural de Salvador. Dona de uma escrita enigmática e sofisticada, já em Marinhas, seu livro de estreia, soube desvelar e cartografar o ambiente que gravita em seu entorno. Ao olhar com lentes ampliadas para o mundo que conheceu e o mundo que buscou delinear, captou o que há de mais essencial e significativo, revelando sua percepção e experiência do mundo com olhar geopoético. A natureza e seus pontos geográficos, o ser humano e seus feitos sociais são os seus maiores motivos.

Myriam Fraga e outros escritores, pintores, cineastas, atores e jornalistas da Bahia fizeram parte do movimento geração Mapa, iniciado na segunda metade da década de 1950, época do surgimento das Escolas de Arte, da Universidade Federal da Bahia (Ufba), do Museu de Arte Moderna, pela lendária arquiteta italiana Lina Bo Bardi, e do Teatro Castro Alves.

Foi na atmosfera de efervescência cultural de 1964 que Myriam Fraga publica o seu primeiro livro, Marinhas, pela lendária editora Edições Macunaíma. Depois da publicação de Marinhas, seguem-se os lançamentos dos livros Sesmaria, com edições em 1969 e em 2000 e O livro dos Adynata (1975). No ano de 1979 Fraga publicou A ilha e O risco na pele. Em seguida, As purificações ou O sinal de talião, em 1981. Outras publicações se seguiram, como o disco-livro A lenda do pássaro que roubou o fogo, em 1983. Femina chega em 1996 com toda potência da natureza feminina e daí tantos outros títulos se seguiram. Uma publicação a ser destacada é Poesia reunida, lançada em 2008 numa parceria entre a Academia de Letras da Bahia e a Assembleia Legislativa da Bahia. De acordo com o site oficial da escritora, o último livro lançado, em vida, pela poeta, foi a peça teatral Rainha Vashti, pela Roda Edições. Com vasta obra que abrange poesia, prosa, crônicas, biografias, antologias, literatura infantil e dramaturgia, Myriam Fraga colecionou títulos e prêmios literários. Em 1985 disputou a cadeira de número 13 da Academia de Letras da Bahia, sendo eleita por unanimidade.

Procederemos à análise da obra selecionada – Marinhas –, com a finalidade de observar a maneira pela qual se mesclam e se convergem os aspectos da geopoética no processo de criação de Myriam Fraga.

A memória afetiva da poeta traduzida em marinhas

Conforme assinala Cunha (2011), Myriam Fraga desponta na arte literária no mesmo período em que há um recrudescimento da literatura feminina no Brasil, de modo que, àquela época, inúmeras escritoras brasileiras começam a ter suas obras publicadas. O forte traço de sua escrita é possível de ser contemplado já em seu livro de estreia. Em entrevista ao jornal Indústria e Comércio, de 11 de novembro de 1984, Myriam relata que o seu primeiro livro não era propriamente um livro, mas uma "plaquete", isto é, um pequeno livro, de poucas páginas. Mesmo com tiragem de apenas 100 exemplares, Marinhas teve boa recepção da crítica e de leitores. De acordo com o jornalista e crítico literário Manuel da Costa Pinto (2011), Marinhas "surpreende pela maturidade poética". Foi, por assim dizer, a porta aberta para Myriam Fraga começar a ser reconhecida no círculo das artes e da cultura. Nesse livro, com a certeza de quem também usufrui o ambiente marinho e praieiro, é clara a vivência da poeta nos veraneios na Ilha de Itaparica.

O livro Marinhas traz ilustrações do artista Calazans Neto e compõe-se de oito poemas nos quais Myriam rende-se às águas salgadas e a tudo o que circunda esse elemento. A poeta toma a palavra e mergulha no universo da criação. A imagem poética é o seu timão e a sua bússola. A imagem, à qual alude o ensaísta e poeta Octávio Paz (1982), "cifra da condição humana", aproxima ou conjuga realidades díspares. A imagem, nessa perspectiva, configura-se como "toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz e que, unidas, compõem um poema". (PAZ, p.119).

O sujeito enunciador em Marinhas evoca elementos geográficos que revelam ideias de espaço e imagens, conforme pode ser visto no poema III:

Alvarengas inventam
praias, porto,
Talude de cristais,
Clariclorado mar
E os arrecifes.
Verde trilha (quilha)
Reconstruindo naufrágios
Em ternuras submersas. (p.25)
Estilhaços de tempo, (p.26)
Fragmentado azul
A l u c i n a d a m e n t e.

É sob esse olhar imagético que as paisagens poéticas da autora são constituídas de recursos geográficos. A poesia de Myriam Fraga é o seu contexto, na medida em que suas memórias, vivências e leituras prévias forjam um mundo real tecido em linhas oníricas. Ainda conforme Paz (1982), "o poema não diz o que é e sim o que poderia ser" (p.120). A atmosfera plácida dos mares de Myriam Fraga, dos céus, dos portos e dos horizontes é capaz de reter quem nela aporta. Com maestria, Fraga consegue, pelos seus versos curtos e potentes, eternizar instantes esculpidos, tal qual o trabalho de um artesão paciente e atento ao seu ofício.

De acordo com Silva (2009), a poeta, em depoimento num evento realizado no ano de 2000, reconhece que o mar é um dos componentes temáticos da sua lírica. Além do mar, integram o mote de sua produção poética a cidade, o mito e a memória. Neste caso, elegemos o mar, os elementos costeiros e seu contexto como espaços geográficos e imagéticos que juntos consubstanciam o tecido lírico da poeta para este percurso analítico.

A trama de fios construída por Fraga em *Marinhas* é sublinhada por elementos geográficos – vento, porto, mar, arrecifes, arquipélagos, horizontes –, todos eles imbricados com sensações, produzindo imagens e sentidos poéticos. Recursos geográficos fundem-se ao sentimento e à memória. O poema I, narrado em primeira pessoa, remete-nos, na primeira estrofe, ao tempo presente, dando vida ao que é inanimado:

Trago o metal e a linha
Anzóis dormindo no cesto,
Sonhando auroras e peixes
Com a enxada dos remos
Planto a semente dos dias. (p.25)

Aqui, a imagem "a enxada dos remos" alude ao labor da vida, mas também ao labor poético, em que os remos são correferidos à enxada do trabalhador rural e à caneta do poeta, marcando a transitoriedade do tempo:

Planto redes e esperança,
Colho naufrágios e peixes
Sargaço
Búzios
Algemas. (p.25)

O eu lírico demonstra incerteza quanto ao ato da pesca: "planto redes e esperança". Os versos expressam a diversidade da colheita ao revelarem, num jogo de palavras e numa imagem poética, o que se inscreve no ditado popular: "o que cai na rede é peixe". Vale lembrar que o ambiente marinho fez parte da vida da poeta. Mar Grande, na Ilha de Itaparica, local em que a sua família veraneava, é também *locus* da poesia de Myriam em grande parte de sua obra. Tal ambiente configura-se, para a poeta, como sua casa, lugar seguro e sagrado, conforme postulado por Bachelard (2003), ao dizer que o devaneio se ancora buscando abrigo. É na geografia da Ilha que a poética de Fraga encontra inquietação, asas, pouso e repouso. No poema II de *Marinhas* estão presentes velas, mastros, ventos, maresias e porto. Emerge do poema a evidência do sentimento de ausência do sujeito que se inscreve. Percebe-se aí um laivo de saudade do ambiente, do crepúsculo esculpido em "tardes de ouro". Ausência que também é preenchida com elementos de navegação.

Com velas, cordame e mastros
Costurei minha ausência.
Das tardes de ouro e vento
Ficou-me a face tatuada
De ternuras impossíveis.
Destino de maresias
Tecido com a mão do vento.
Naufrágio de muitas vidas,
Vazio porto sem nome,
Restou-me uma flor de pedra;
Papoula, estrela do mar. (p.25)

Na perspectiva desse navegar, elementos geográficos integram a arte poética, destacando-se a reflexão de Dardel (2011), ao afirmar que a terra se configura como um texto em que as imagens são interpretadas pelo geógrafo. Nesse caso, coube ao eu lírico tecer imagens a partir da sensibilidade e da criação poética. Myriam recorre à linguagem para a elaboração do espaço poético e, nessa logicidade, o pensamento de Dardel converge com o de Bachelard (2003), quando declara que o poeta faz uma reflexão de imagens construídas a partir da relação entre homem e espaço. Nesse sentido, o espaço geográfico-poético edificado em metáforas cria um mundo ideal e desejado, posto e eternizado pela poeta. Os componentes geográficos, ao mesmo tempo em que embasam o vazio da alma lírica, representando a sua ausência, doam-se para reforçar o lamento pelas vidas perdidas em embates e encontros históricos, fazendo-se percuciente ao grito de inquietação da poeta:

Naufrágio de muitas vidas,
Vazio porto sem nome. (p.25)

Navegando pelo espaço poético de Myriam Fraga, verifica-se, no poema III, que os elementos geográficos se inscrevem com mais intensidade, revelando o instante consagrado numa esfera praiana e marinha do início ao fim. Arrecifes, pedras postas revelam força intrépida, demarcando o porto e a praia:

Alvarengas inventam praias, portos,
Taludes de cristal,
Clariclorado mar
E os arrecifes. (p.25)

A transitoriedade do tempo e dos acontecimentos são representados pelo mar e pelo navegar,

pelo barco que corre sem apagar as marcas profundas de um passado impiedoso, do labor do mar inquieto. "Máquina intranquila", que compõe o mundo real e histórico, mas, sobretudo, o mundo imaginário da poeta, conforme demonstrado no poema IV:

O que te dorna é o casco
(Em dilacero)
Adegas que separam
Rastro
Espuma
Na profundeza, no entanto,
Permaneces.
Vela dormida
Ou máquina intranquila,
Que dente mastiga
A carne de teus peixes?
E que metais corrompe
A língua do salitre? (p.26)

No poema V, os recursos geográficos são dimensionados e postos no domínio da dicção poética.

Astrolábio quebrei, e o sol é morto.
Reinventando o caminho, solta a vela.
Reconstruí o sal e o horizonte.
Eis o barco
E os mapas que tracei.
Arquipélagos futuros,
Promontórios,
Sonhada travessia malograda.

Convés despovoado (HOJE),
Âncora dormindo o sono dos naufrágios,
E na gávea partida,
O marinheiro cego. (p.26)

Como bem afirmou Bachelard (2003. p.192), "mesmo quando um poeta menciona uma dimensão geográfica, sabe por instinto que essa dimensão é lida localmente porque enraizada num valor onírico particular". Dessa forma, quando Fraga (1964) diz "Astrolábios quebrei e o sol é morto", ou mesmo "Reconstruí o sal e o horizonte", a alma lírica nos revela que seus sentimentos são refeitos no âmbito cabível. Aqui, a imagem advém do sabor da vida. O sal, reconstruído pela voz poética, denota o sentido da vida, o sal da Terra, o que faz a diferença. A vela sugere devaneios de efluir. Vida que segue, barco que navega, vento que sopra, vela que impulsiona, que indica a direção de um novo rumo, de um mundo novo, um *kósmos* fenomenal concebido de signos, de palavras e edificado pelos fios da memória e pelos sinais que elaboram o universo imagético. Desse modo, o eu lírico sugere um caminho crível. Esse caminhar praticável é o que também propõe a geopoética do pensador Kenneth White [1989]. O estudioso nos alerta sobre os sinais da crise evocada por Paul Valéry, em 1919: "Nós ouvimos falar sobre mundos completamente desaparecidos, de impérios naufragados com todos seus homens e todas as suas engenharias, rebaixados ao fundo inexplorável dos séculos com seus deuses e suas leis...". Aqui, o pensamento do poeta e filósofo francês, exposto por White, se entrecruza com a lírica da poeta baiana.

Em *Marinhas*, o eu lírico se submerge com os componentes paisagísticos e marinhos, destacando o fazer humano, suas vicissitudes e a possibilidade da reinvenção do caminhar. Nessa perspectiva, no poema VI a voz poética cria imagens que remetem à calmaria, ao agouro, a uma marca de esperança e, por fim, à sucessão dos dias.

E adormeceram barcos
Pelas angras
Mastros espetados como espigas,
A alimentá-los a raiz das âncoras.
Pela manhã, florescerão mezenas.
E as velas, inchadas como ventres,
Trarão sementes de manhãs futuras. (p.27)

A esperança é retratada pela metáfora das velas "inchadas como ventres" que, no mundo da poeta, farão nascer novas realidades, apesar do mau tempo.

No poema VII, a voz lírica volta a refletir sobre o tempo. Dessa vez, um tempo estático, comparado ao "azul silêncio" e à morte "dos afogados".

Cativo o tempo,
Relógios mortos
E o sol castrado.
Só claridades
Filtravam os olhos
(Tão enganados).
Azul silêncio
Calando o grito
Na morte-espanto
Dos afogados. (p.27)

Evelina Hoisel (2011), no ensaio *A memória nas paisagens líricas*, diz que a tarefa do poeta é "estilhaçar o mundo, pois esse se constitui através da palavra, está nas palavras, e a palavra torna-se o mundo". A palavra que despedaça e que forma o mundo é, portanto, a mesma palavra capaz de tocar o mais íntimo e profundo do ser. A reflexão de Hoisel encontra eco no pensamento do poeta e filósofo francês Gaston Bachelard, ao descrever que "a palavra de um poeta, tocando o ponto exato, abala as camadas profundas do nosso ser" (BACHELARD, 2003, p.32).

No último poema de *Marinhas*, o VIII, a poeta constrói imagens que imprimem movimento, inércia dos naufragados, desilusão, amargor e beleza:

O poço verde
Na funda queda.
A alga e o peixe
Multiplicados.
Sono esquecido
Dos naufragados.
Rosa-dos-ventos partida,
Barco fantasma, amarugem.
No fundo a espada,
Rastro de nada.
(...)

No corpo azul do afogado
Brilhavam estrelas-do-mar. (p.27)

Em *Marinhas* habita o mundo estilhaçado, constituído de palavras, no ato criativo de Myriam Fraga. A poeta conclui sua incursão lírica e geopoética num mergulho profundo da criação artística, capaz de abalar as camadas mais íntimas de quem adentra os seus espaços. A obra é composta por elementos geográficos que não somente forjam as imagens poéticas, mas também configuram a criação de um mundo integrado, sendo a geopoética o componente unificante. Nessa análise, elementos como mar, porto, arrecifes, mapas, ventos, monte, horizonte são alguns dos constituintes geográficos mais utilizados na linguagem impressa pela poeta.

Em suma, navegar pelos mares líricos de *Marinhas* é transportar-se, ao mesmo tempo, para espaços de acolhimento e inquietação. É vislumbrar horizontes de possibilidades infinitas orientados pela bússola da palavra tecida e marcada. Palavra esta preparada com água e pedra, com arte e afetividade, com memórias e fatos. O fazer poético de Myriam Fraga, de olhos ardentes e mãos firmes, anelou e esculpiu uma condição justa e inabalável para abrigar o ser e o seu espaço em instantes eternizados.

Considerações finais

Poesia e espaço podem estar alinhados. Essa é uma das conclusões a que chegamos, após o decorrer deste trabalho no qual discutimos acerca da geopoética e a sua relação com a poesia de Myriam Fraga. A geopoética trata-se de uma nova mentalidade de mundo que valoriza a relação harmônica entre o homem e o espaço no qual ele habita.

O estudo permitiu verificar que a teoria de Kenneth White coaduna com a essência poética, a qual consiste em ressignificar a vida, recriando um mundo mais justo. Constatamos também que a obra supracitada está intimamente relacionada ao sentido geopoético da vida e da existência humana. Sob essa ótica, é como se a terra verdadeiramente fosse um texto tecido com fios de imagens difusas a partir do jogo de palavras impresso pelo eu lírico.

A obra *Marinhas*, analisada nesta pesquisa, é urdida com fios da memória afetiva e da vivência de Myriam Fraga. Memórias e vivências que entrelaçam espaços geográficos, fontes de água viva para os devaneios da poeta. No trânsito entre o real e o mítico, o eu lírico, posto como guardião desses espaços, decifra marcas e reconstrói paisagens poéticas com elementos que compõem os ambientes marinhos. Nesse sentido, espaços físicos e cosmológicos são criados e recriados, por meio da palavra e da linguagem cifrada, em que se aglutinam sujeito e objeto, num anelo de evocar um pleno convívio telúrico: Homem e Terra.

Ficou evidenciado que, no percurso poético de Fraga, a sua escrita e memória afetiva estão interligadas ao espaço e aos elementos geográficos. Mar, porto, arrecifes, mapas, ventos, monte, horizonte, são alguns dos componentes geográficos recorrentes na obra investigada. Tais elementos dão sentido à escrita de Fraga e são costurados com o mesmo tecido formador da teoria-prática elaborada por Kenneth White. Nessa conformidade, a poeta constrói imagens, a partir da palavra, da subjetividade e das memórias indeléveis, com vistas a conceber uma convivência mais justa entre os seres humanos e o espaço circundante.

Ao consagrar espaços e elementos geográficos, no orbe poético, Myriam Fraga imprime com majestosos signos uma escrita sinestésica e potente. Nesse lugar de abrigo, a poeta sente-se ancorada para o devaneio lírico, levando o leitor a ser abduzido por múltiplas sensações.

É sob esse mesmo prisma que a obra *Marinhas* integra o universo geopoético e revela que a poesia e a ciência interagem, no mesmo cosmos, ainda que a lírica transcenda o espaço físico. Dessa maneira, o presente estudo revela que a poesia e a geopoética são tendências entrecruzadas para a redefinição de um mundo melhor e de um relacionamento pleno entre o Homem e a Terra.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CUNHA, Helena Parente. A polifonia poética de Myriam Fraga na dissonância pós-moderna. In: HOISEL, Evelina; LOPES, Cássia. (Orgs.) **Poesia e Memória**: a poética de Myriam Fraga. Salvador: Edufba, 2011. p. 95-115.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra***:* natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FRAGA, Myriam. Marinhas. In: HOISEL, Evelina (Org.). **Poesia reunida**. Salvador: Assembleia Legislativa Estado da Bahia, 2008, p.25-27.

FRAGA, Myriam. **Biografia**. Disponível em: <https://myriamfraga.com.br/biografia/>. Acesso em: 12 maio. 2021.

FRAGA, Myriam. **Meu cavalo por um reino**. Indústria e Comércio. Salvador, 11 de novembro de 1984.

FRAGA, Myriam. [Entrevista concedida a Jorge Portugal]. Entrevista com Myriam Fraga. Programa **Aprovado**. TV Bahia. Salvador, 2013. Disponível em: http://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Aprovado/videos/t/edicoes/v/entrevista-com-miriam-fraga/3165206. Acessado em: 24 ago. 2021.

FRAGA, Myriam. [Entrevista concedida a Geovanni Ricciard]. In: HOISEL, Evelina; LOPES, Cássia. (Orgs.) **Poesia e Memória***:* a poética de Myriam Fraga. Salvador: Edufba, 2011 p.301-318.

GOMES, Lirandina. ***Lisboa sob a lente da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen*.**

Disponível em: <http://www.paginasmovimento.com.br/lisboa-sob-a-lente-da-poesia-de-sophia-de-mello.html> Acessado em: 05 set. 2021.

GOMES, Lirandina. A geopoética sob o olhar de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Pontes de Vista**, vol. 4, p. 83-87. Bairro dos Livros, Porto, 2019.

HERRERA, Antonia Torreão. Um olhar lírico sobre o mito e estudo de caso. In: HOISEL, Evelina; LOPES, Cássia. (Orgs.) **Poesia e Memória***:* a poética de Myriam Fraga. Salvador: Edufba, 2011.p.39-54.

HOISEL, Evelina. **Poesia reunida**. Salvador: Assembleia Legislativa Estado da Bahia, 2008.

HOISEL, Evelina; LOPES, Cássia. (Orgs.) **Poesia e Memória***:* a poética de Myriam Fraga. Salvador: Edufba, 2011.

PAZ, Octávio. **O Arco e a Lira**. Tradução de Olga de Savary, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PINTO, Manuel da Costa. Nomeação de origem. In: HOISEL, Evelina; LOPES, Cássia. (Orgs.) **Poesia e Memória**: a poética de Myriam Fraga. Salvador: Edufba, 2011. p. 295-297.

SILVA, Ricardo Nonato de Abreu. **Nas tramas do existir***:* o mítico e o feminino na poesia de Miryam Fraga. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia – Instituto de Letras, Salvador, 2009.

WHITE, Keneth. **O grande campo da Geopoética**. Tradução de Márcia Marques-Rambourg. [S.l.: s. n., [1989]. Disponível em: <https://www.institut-geopoetique.org/pt/textos-fundadores/56-o-grande-campo-da-geopoetica>. Acesso em: 21 jan. 2020.